

ATÉ O CASAMENTO PERFEITO
TEM O SEU LADO NEGRO...

A ÚLTIMA

MENTIRA

KIMBERLY BELLE

*O suspense cresce rapidamente... Uma aventura
empolgante. KIRKUS REVIEWS*



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ATÉ O CASAMENTO PERFEITO
TEM O SEU LADO NEGRO...

A ÚLTIMA

MENTIRA

KIMBERLY BELLE

*O suspense cresce rapidamente... Uma aventura
empolgante. KIRKUS REVIEWS*



FICHA TÉCNICA



CHÁ DAS CINCO

livros com senso sentido

Título: *A Última Mentira*

Autoria: *Kimberly Belle*

Editor: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2020 Edições Saída de Emergência

Título original The Marriage Lie © 2017 Kimberle Swaak-Maleski.

Publicado originalmente nos EUA por Mira Books, 2017

Tradução: *Ester Cortegano*

Revisão: *Idalina Morgado*

Design da capa: ©2017 Harlequin Books, S.A

Design da capa utilizado com autorização de Harlequin Books S.A.

Data de Edição E-Book: *maio, 2020*

isbn: 978-989-710-424-4

Chá das Cinco é uma chancela do Grupo Saída de Emergência

Taguspark - Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva,

Edifício Qualidade - Bloco B3, Piso 0, Porta B

2740-296 Porto Salvo, Portugal

Tel e Fax: 214 583 770

Acompanhe as nossas novidades em

www.sde.pt

[facebook](#)

[instagram](#)

e [twitter](#)

DEDICATÓRIA

Este é para Kristy Barrett, linda por dentro e por fora.

Acordo quando uma mão serpenteia em volta da minha cintura, puxando-me e encostando-me de cabeça aos pés contra pele aquecida pelo sono. Suspiro e encosto-me à forma familiar do meu marido, encaixando a parte de trás do meu corpo à parte da frente do dele e absorvendo o seu calor. Will é uma fornalha, quando dorme, e há sempre um pedaço de mim que está frio. Esta manhã são os meus pés, e enfio-os entre dois gémeos quentes.

— Tens os dedos dos pés gelados. — A voz dele ressoa no quarto escuro, os sons a vibrarem pelo meu corpo. Do outro lado das cortinas do nosso quarto ainda não é bem manhã; é aquele momento, tingido de violeta, entre noite e dia, ainda uma boa meia hora antes de o despertador tocar. — Tinhas os pés de fora da cama, ou coisa do género?

Estamos no início de abril, e as frias mãos de março ainda se recusam a abdicar do seu poder. Nos três últimos dias, céus carregados de chumbo têm despejado uma chuva interminável, e um vento frígido tem feito as temperaturas descerem bem abaixo da média. Os meteorologistas previram pelo menos mais uma semana deste frio, e Will é a única criatura em Atlanta que o recebe abrindo as janelas de par em par. O seu termostato interno está sempre ligado no máximo.

— É porque tu insistes em dormir num iglu. Acho que tenho queimaduras de gelo em todas as extremidades.

— Chega aqui. — Os dedos dele deslizam pelo lado do meu corpo, a mão a puxar-me mais contra si. — Vamos lá aquecer-te.

Ficamos ali deitados mais um pouco, num silêncio confortável, o braço dele a envolver-me a cintura, o queixo na dobra do meu ombro. Will está pegajoso e húmido do sono, mas não me importo. Estes são os momentos que mais aprecio, momentos em que os nossos corações e movimentos respiratórios se encontram em sincronia. Momentos tão íntimos como fazer amor.

— És a minha pessoa preferida no planeta — murmura-me ao ouvido, e sorrio. Estas são as palavras que escolhemos no lugar do mais comum *Amo-te*, e para mim significam muito mais. Sempre que saem da sua boca, atingem-me como uma promessa. És a pessoa de quem mais gosto, e sempre serás.

— Tu também és a minha pessoa preferida.

As minhas amigas garantem-me que isto não vai durar para sempre, esta

ligação que sinto com o meu próprio marido. Em alguma altura, a familiaridade há de atenuar as chamas e, de repente, vou dar por mim a reparar noutros homens. Vou pintar as faces e dar brilho aos meus lábios por desconhecidos sem nome e sem rosto que não são o meu marido, e vou imaginá-los a tocar-me em sítios a que apenas um marido devia ter acesso. A tentação dos sete anos, chamam-lhe as minhas amigas, e eu nem sequer consigo imaginar tal coisa, porque, hoje — sete anos e um dia —, a mão de Will desliza pela minha pele e a única tentação que sinto é por ele.

As minhas pálpebras fecham-se, o toque da mão dele a convocar um formigueiro que me diz que provavelmente vou chegar atrasada ao emprego.

— Iris? — sussurra ele.

— Hummm?

— Esqueci-me de mudar os filtros do ar condicionado.

Abro os olhos.

— O quê?

— Eu disse que me esqueci de mudar os filtros do ar condicionado.

Rio-me.

— Bem me parecia que tinhas dito isso. — Will é um brilhante cientista informático com traços de PHDA₁, e o seu cérebro está sempre tão atulhado de factos e informação que se esquece com frequência de pequenas coisas... só não costuma acontecer durante o sexo. Atribuo esta exceção a um período invulgarmente atarefado no trabalho, combinado com o facto de ele estar a caminho de uma conferência de três dias na Florida, fazendo com que a sua lista de coisas-para-fazer desse dia seja mais comprida do que o habitual. — Podes mudá-los no fim de semana, quando voltares.

— E se ficar calor antes disso?

— Não há previsões de aumento da temperatura. E, mesmo que aconteça, de certeza que os filtros podem esperar mais um par de dias.

— E o teu carro também precisa de uma mudança de óleo. Quando foi a última vez que o levaste à oficina?

— Não sei.

Will e eu dividimos as obrigações domésticas em torno das linhas de género. Os carros e a manutenção da casa são o seu departamento, cozinhar e limpar são o meu. Nenhum de nós se importa muito com esta divisão do trabalho. A universidade ajudou-me a ser feminista, mas o casamento ensinou-me a ser prática. Fazer lasanha é muito mais agradável do que limpar as caleiras.

— Vai ver as faturas, está bem? Estão no porta-luvas.

— Tudo bem. Mas porquê esta súbita preocupação com as tarefas? Já te fartaste de mim?

Sinto o que sei ser o sorriso de Will a desenhar-se contra as costas da minha cabeça.

— Talvez seja a isto que todos os livros sobre a gravidez se referem por «fazer o ninho».

A felicidade dispara no meu peito ao lembrar-me do que estamos a fazer — o que talvez já tenhamos feito — e viro-me para o fitar.

— Não posso estar já grávida. Ainda só estamos oficialmente a tentar há menos de vinte e quatro horas.

Ontem, uma vez antes do jantar, duas a seguir. Talvez tenhamos exagerado um pouco na nossa primeira sessão oficial de fazer-bebés, mas há que dizer em nossa defesa que fazíamos anos de casados e que Will é um clássico superador de objetivos.

Vejo os seus olhos cintilar de autossatisfação. Se houvesse espaço entre os nossos corpos para ele bater no peito, era possível que o tivesse feito.

— Tenho a certeza absoluta que os meus homenzinhos são bons nadadores. Provavelmente já estás grávida.

— Duvido — digo, embora aquelas palavras me deixem com uma pequena tontura. Will é o membro mais prático deste relacionamento, aquele que mantém a cabeça fria perante o meu otimismo de tipo Labrador. Não lhe digo que já fiz as contas. Já fiz um estudo do meu ciclo, contando os dias desde o meu último período, cartografando-o numa aplicação no meu telemóvel, e Will tem razão. Posso muito bem ter já engravidado. — A maior parte das pessoas oferece lã ou cobre pelo seu sétimo aniversário. Tu dás-me esperma.

Ele sorri, mas de uma forma nervosa, aquele olhar com que costuma ficar quando fez alguma coisa que talvez não devesse ter feito.

— Não é a única coisa.

— Will...

No ano anterior, por insistência dele, enterrámos todas as nossas poupanças e uma significativa parcela do nosso rendimento mensal numa hipoteca que nos deixaria, essencialmente, sem dinheiro para mais nada. Mas, oh, que casa aquela. A nossa casa de sonho, uma vitoriana de três quartos numa rua sossegada de Inman Park, com um grande alpendre na frente e madeiramentos originais. Entrámos pela porta e Will teve de a comprar, mesmo que isso significasse que metade das divisões ficariam vazias durante o futuro previsível. Aquele teria de ser um aniversário sem presentes.

— Eu sei, eu sei, mas não consegui evitar. Queria comprar-te uma coisa especial. Uma coisa para recordares para sempre este momento, em que somos só nós os dois. — Ele vira-se, acende o candeeiro, puxa uma pequena caixa vermelha da gaveta da mesa de cabeceira e oferece-ma com um sorriso

tímido. — Feliz aniversário.

Até eu conheço *Cartier* quando o vejo. Não há um grão de pó naquela loja que não custe mais do que aquilo que podemos pagar. Quando não faço um gesto para abrir a caixa, Will puxa o fecho com um polegar e levanta a tampa para revelar três aros unidos, um deles a cintilar com fileiras e fileiras de minúsculos diamantes.

— É um anel triplo. Rosa para o amor, amarelo para a fidelidade e branco para a amizade. Gostei do simbolismo dos três: tu, eu e o futuro bebé. — Pestanejo para conter as lágrimas, e Will ergue-me o queixo com um dedo, fazendo-me olhá-lo de frente. — O que foi? Não gostas?

Passo um dedo sobre as brilhantes pedras brancas que cintilam contra a pele vermelha. A verdade é que Will não podia ter escolhido uma peça melhor. O anel é simples, sofisticado, arrebatador. Exatamente aquilo que eu teria escolhido, se tivéssemos todo o dinheiro do mundo para gastar, coisa que não temos.

E, no entanto, quero este anel muito mais do que deveria — não porque é belo e caro, mas porque Will o escolheu com tanto cuidado para mim.

— Adoro-o, mas... — Abano a cabeça. — É demasiado. Não temos dinheiro para isto.

— Não é demasiado. Não para a mãe do meu futuro bebé. — Ele retira o anel da caixa e coloca-mo no dedo. É fresco e pesado e cabe perfeitamente, abraçando-me a pele como se tivesse sido feito para a minha mão. — Dá-me uma menina que seja igualzinha a ti.

O meu olhar perde-se pelos planos e ângulos do rosto do meu marido, prendendo-se em todas as minhas partes favoritas. A fina cicatriz que lhe corta a sobranalha esquerda. Aquele alto na cana do nariz. O queixo largo e quadrado e os lábios grossos e beijáveis. Os seus olhos estão ensonados, o cabelo despenteado e o queixo áspero com a barba por fazer. De todos os seus hábitos e disposições de espírito, de todos os seus lados que vim a conhecer, amo-o mais quando está como naquele momento: doce, de coração mole, despenteado.

Sorrio-lhe por entre as lágrimas.

— E se for um rapaz?

— Nesse caso, vamos ter de continuar até eu ganhar a minha menina. — Conclui isto com um beijo, uma longa e demorada pressão dos lábios sobre os meus. — Gostas do anel?

— Adoro. — Envolver-lhe o pescoço com o braço, os diamantes a cintilar por cima do seu ombro. — É perfeito, e tu também és perfeito.

Ele sorri.

— Talvez fosse melhor fazermos mais um ensaio antes de eu me ir

embora, só pelo sim, pelo não.

— O teu voo é daqui a três horas.

Mas os lábios dele já estão a desenhar um rasto de beijos pelo meu pescoço abaixo, a mão a deslizar cada vez mais para baixo.

— E então?

— E está a chover. O trânsito vai ficar um inferno.

Ele deita-me de costas, prendendo-me o corpo à cama com o seu.

— Então é melhor despacharmo-nos.

CAPÍTULO DOIS

As propinas na Lake Forrest Academy, a exclusiva escola básica e secundária num frondoso subúrbio de Atlanta onde trabalho como psicóloga, são de uns impressionantes 24 435 dólares por ano. Assumindo uma inflação de cinco por cento, treze anos nestes sagrados corredores custam mais de quatrocentos mil por criança, e isto é antes de terem posto sequer um pé num campus universitário. Os nossos alunos são os filhos e filhas de cirurgiões e diretores executivos, banqueiros e empresários, pivots de noticiários de cadeias televisivas e atletas profissionais. São uma tribo privilegiada, uma elite, e o mais complexo grupo de miúdos que se poderia imaginar.

Entro pelas portas duplas um pouco depois das dez — umas boas duas horas atrasada, graças à não-assim-tão-rapidinha de Will e a um prego no pneu pelo caminho — e percorro o corredor atapetado. O edifício está em silêncio, o tipo de silêncio que apenas pode existir quando os alunos estão nas salas de aula, escudados por detrás dos seus *MacBooks* novos em folha.

Quando dobro a esquina, não fico muito surpreendida ao encontrar alguns alunos do décimo primeiro ano reunidos à porta do meu gabinete, as cabeças inclinadas sobre os seus aparelhos eletrónicos. Os alunos sabem que tenho uma política de porta aberta e usam-na com frequência.

Mas depois outros saem da sala de aulas em frente, com as vozes erguidas de excitação, e o alarme que ouço nelas cola-me as solas dos sapatos à alcatifa.

— O que se passa? Porque é que não estão na aula?

Ben Wheeler ergue o olhar do seu *iPhone*.

— Acabou de cair um avião. Dizem que levantou voo de Hartsfield.

O terror comprime-me o peito, e o meu coração para de bater. Apoio-me a um cacifo.

— Que avião? Onde?

Ele encolhe um ombro escanzelado.

— Não há muitos pormenores.

Abro caminho por entre o aglomerado de alunos e salto para detrás da minha secretária, estendendo as mãos a tremer para o rato.

— Vá lá, vá lá — sussurro, acordando o computador do seu estado de hibernação. A minha mente anda às voltas com o que consigo recordar dos detalhes do voo de Will. Já passavam trinta minutos da hora da descolagem, e

ele devia estar neste momento a passar algures perto da fronteira da Florida. De certeza — de certeza — que o avião que caíra não podia ser aquele que o levava. Por favor, quais eram as probabilidades de isso acontecer? Milhares de aviões descolam do aeroporto de Atlanta todos os dias e não caem do céu sem mais nem menos. De certeza que está toda a gente bem.

— Doutora Griffith, sente-se bem? — pergunta Ava, uma delgada aluna do décimo ano, à minha porta, e as suas palavras mal conseguem rasgar o rugido nos meus ouvidos.

Ao fim de uma eternidade, o meu *browser* abre-se e eu escrevo CNN, no motor de pesquisa, com os dedos rígidos e desajeitados. E depois rezo. *Por favor, Deus, por favor, não deixes que seja o do Will.*

As imagens que me enchem o ecrã alguns segundos mais tarde são horríveis. Pedacos arrancados de um avião despedaçado por uma explosão, um campo queimado salpicado com detritos fumegantes. O pior tipo de acidente, daqueles em que ninguém sobrevive.

— Coitadas das pessoas — sussurra Ava por cima da minha cabeça.

A náusea forma-se, queimando-me o fundo da garganta, e vou passando a página para baixo até encontrar os detalhes do voo. Liberty Airlines Voo 23. O ar abandona-me com um ruidoso sopro, e o alívio transforma-me os ossos numa papa.

Ava passa uma mão hesitante pelos meus ombros.

— Doutora Griffith, o que se passa? Posso ajudá-la em alguma coisa?

— Eu estou bem. — As palavras saem-me da boca semiformadas e ofegantes, como se os meus pulmões ainda não tivessem sido notificados. Sei que me devia sentir mal pelos passageiros do Voo 23 e as suas famílias, por aquelas pobres pessoas desfeitas em pedaços sobre um campo de milho no Missouri, pelas famílias e amigos que iam descobrir como eu, pelas redes sociais e aquelas horríveis imagens nos seus ecrãs, mas, em vez disso, sinto apenas alívio. O alívio percorreu-me como um *Valium*, forte, rápido e sublime.

— Não era o avião do Will.

— Quem é o Will?

Passo ambas as mãos pelas faces e tento respirar para dissipar o pânico, mas ele resiste, quer ficar por perto.

— O meu marido. — Ainda tenho os dedos a tremer, o coração acelerado, por mais vezes que me diga que não foi o avião do Will. — Ele vai a caminho de Orlando.

Os olhos da rapariga dilatam-se.

— Pensou que o seu marido ia naquele avião? Bolas, não admira que se tivesse ido abaixo.

— Eu não me fui abaixo, só... — Encosto uma palma ao peito e inspiro profundamente. — Para que fique registado, a minha reação não era desproporcional com a situação. O medo tremendo como aquele que experimentei produz um forte pico de adrenalina e o corpo reage. Mas já estou bem. Vou ficar bem.

Falar disto em voz alta, pôr a minha resposta fisiológica em termos científicos, solta qualquer coisa no meu peito, e o palpitar na minha cabeça abranda para um ocasional pulsar. *Graças a Deus que não foi o avião do Will.*

— Ei, não a estou a criticar. Já vi o seu marido. Grande brasa. — Atira a mochila para o chão, afunda-se na poltrona do canto e cruza as pernas demasiado nuas para o regulamento da farda. Como todas as outras raparigas naquela escola, Ava dobra a cintura da saia até a bainha atingir alturas de prostituta. O seu olhar desce para a minha mão direita, ainda encostada ao peito em alvoroço. — Esse anel é mesmo bonito, já agora. É novo?

Baixo a mão para o colo. Claro que Ava tinha de reparar no anel. É possível até que saiba exatamente quanto custa. Ignoro o elogio, concentrando-me antes na primeira metade da sua resposta.

— Quando é que viu o meu marido?

— Na sua página de Facebook. — Ela sorri. — Se eu acordasse ao lado dele todas as manhãs, também chegava atrasada ao emprego.

Faço-lhe um olhar de repreensão.

— Por muito que esteja a gostar desta conversa, não devia voltar para a aula?

Os seus bonitos lábios cor de rosa curvam-se numa careta. Até de sobrolho franzido, Ava é uma rapariga espantosa. Dolorosa, assombrosamente bonita. Grandes olhos azuis. Pele cor de pêssegos e creme. Longos e brilhantes caracóis acobreados. E é inteligente, e tremendamente engraçada, quando quer. Podia ter qualquer rapaz naquela escola... e tem. Ava não é esquisita e, a acreditar no Twitter, é uma conquista fácil.

— Baldei-me a Literatura — diz, cuspidando as palavras num tom usualmente reservado às crianças pequenas.

Faço-lhe o meu sorriso de psicóloga, amigável e não crítico.

— Porquê?

Ela suspira e revira os olhos.

— Porque estou a evitar quaisquer espaços fechados onde tenha de respirar o mesmo ar que a Charlotte Wilbanks. Ela odeia-me e, deixe-me que lhe diga, o sentimento é mútuo.

— Porque é que acha que ela a odeia? — pergunto, embora já saiba a resposta. Anteriormente as melhores amigas, a zanga entre Charlotte e Ava era longa e bem documentada. O que quer que tenha desencadeado o seu ódio

há tantos anos foi há muito esquecido, enterrado por baixo de um milhão de *tweets* ofensivos e de mau gosto que levavam a expressão «rapariga malvada» a todo um novo nível. Segundo o que tinha visto pelas publicações da véspera, a última disputa tinha a ver com o colega de ambas, Adam Nightingale, filho da lenda da música *country* de nome Toby Nightingale. No último fim de semana, tinham vindo a lume fotografias de Ava e Adam agarrados num bar de sumos ali próximo.

— Sei lá. Porque sou mais bonita, se calhar. — Brinca com uma unha perfeitamente tratada, um gel amarelo-vivo que parece ter sido pintado no dia anterior.

Como a maior parte dos miúdos daquela escola, os pais de Ava dão-lhe tudo o que o seu coração possa desejar. Um descapotável novo em folha, viagens em primeira classe para destinos exóticos, um cartão Platinum AmEx e a sua bênção. Mas prodigalizarem estes presentes não é o mesmo que dar atenção à filha, e, se fossem eles a estar sentados na minha frente, eu encorajá-los-ia a estabelecer um melhor exemplo. A mãe de Ava é uma socialite de Atlanta com a notável capacidade de assobiar para o lado de cada vez que o pai de Ava, um cirurgião plástico conhecido pela cidade como «O Tipo das Mamas», é apanhado a apalpar uma rapariga com metade da sua idade, o que acontece com frequência.

A minha formação ensinou-me a ver natureza e educação como fatores iguais, mas este emprego ensinou-me que a educação vence sempre. Em especial a falta dela. Quanto mais insuportável for o pai, mais insuportável é o miúdo. É mesmo tão simples quanto isto.

Mas também acredito que toda a gente, até os piores pais e os miúdos mais desajustados, possui alguma qualidade redentora. A de Ava é que ela não consegue, simplesmente, ser de outra forma. Os pais fizeram-na assim.

— De certeza que, se pensares um pouco mais, consegues lembrar-te de uma razão melhor para a Charlotte...

— Toc, toc. — O diretor da escola secundária, Ted Rawlings, preenche a ombreira da minha porta. Alto e magricela, com uma coroa de apertados caracóis escuros, Ted faz-me lembrar um caniche, um caniche que é sério em tudo exceto na escolha das gravatas. Deve ter centenas de peças horríveis, sempre com um tema escolar e sempre ridículas, mas nele, de alguma forma, conseguem apenas parecer encantadoras. A versão de hoje é um poliéster amarelo-vivo coberto com equações de física.

— Calculo que já saibas do desastre de avião.

Faço um aceno com a cabeça, o meu olhar a dardejear para as imagens no monitor do computador. Aquelas pobres pessoas. Pobres famílias.

— Alguém nesta escola há de conhecer alguém naquele avião — diz Ava.

— Esperem só para ver.

As palavras provocam-me um arrepio na espinha, porque ela tem razão. Atlanta é uma cidade grande mas uma pequena aldeia, um sítio onde os graus de separação entre as pessoas tendem a ser curtos. As hipóteses de alguém ali ter alguma relação com uma das vítimas não é pequena. Suponho que o melhor que possa esperar é que não seja um membro da família ou amigo próximo.

— Os alunos estão ansiosos — diz Ted. — O que é compreensível, claro, mas não me parece que alguma turma esteja a conseguir trabalhar como deve ser. Estava a pensar que, com a tua ajuda, talvez se pudesse transformar esta tragédia num tipo diferente de oportunidade de aprendizagem. Criar um lugar seguro para os nossos alunos falarem do que aconteceu e fazerem as perguntas que quiserem. E, se aqui a menina Campbell tiver razão, se alguém de Lake Forrest tiver perdido um ente querido no acidente, estaremos já a postos para oferecer qualquer apoio moral de que precisem.

— Parece-me uma ótima ideia.

— Excelente. Ainda bem que podemos contar contigo. Vou convocar uma reunião no auditório e nós os dois podemos dirigir a discussão.

— Com certeza. Dá-me só um minuto ou dois para me preparar e já vou lá ter.

Ted tamborila rapidamente com os nós dos dedos na porta e volta a sair. Com a aula de Literatura oficialmente cancelada, Ava pega na mochila e revista-a por uns segundos enquanto eu procuro um pó compacto na gaveta da minha secretária.

— Tome — diz ela, despejando uma mão cheia de produtos de maquilhagem de marca na minha secretária. *Chanel, Nars, YSL, Mac*. — Sem ofensa, mas parece-me estar a precisar disto bem mais do que eu. — A rapariga suaviza as suas palavras com um sorriso ofuscante.

— Obrigada, Ava. Mas eu tenho a minha maquilhagem.

Mas Ava não recolhe os seus produtos. Fica a passar o peso do corpo de um pé para o outro, uma mão a contorcer a alça da sua mochila. Morde o lábio e olha para os seus sapatos, e penso que, por baixo de toda aquela fanfarronice e bravata, ela pode ser, na verdade, tímida.

— Estou mesmo contente por não ser o avião do seu marido.

O alívio, desta vez, é de crescimento lento, e envolve-me de calor, como o corpo adormecido de Will naquela mesma manhã. Instala-se como a luz do Sol sobre pele nua.

— Eu também.

Assim que ela desaparece, pego no meu telefone e ligo o número de telemóvel de Will. Sei que ele não pode atender ainda na próxima hora, mas

preciso de ouvir a sua voz, mesmo que seja apenas uma gravação. Os meus músculos relaxam ao ouvir o som suave, familiar.

Olá, ligou para Will Griffith. Neste momento...

Espero pelo *bip*, recostando-me na minha cadeira.

— Olá, amor, sou eu. Sei que ainda estás a voar, mas acabou de se despenhar um avião logo depois de levantar voo de Hartsfield. Passei quinze segundos de terror a pensar que podia ter sido o teu, e só precisava de... Sei lá, de ouvir de viva voz que estás bem. Sei que é um disparate, mas liga-me assim que aterrares, sim? Os miúdos estão-se a passar um bocado, por isso vou estar no auditório, mas prometo que atendo logo. Bom, tenho de ir, mas falo contigo daqui a pouco. És a minha pessoa preferida, e já estou com saudades tuas.

Enfio o telefone no bolso e dirijo-me para a porta, deixando a maquilhagem de Ava onde ela a despejara, numa pilha sobre a minha secretária.

CAPÍTULO TRÊS

Sentado ao meu lado no palco do auditório, Ted alisa a gravata com uma mão e fala para a sala cheia com os alunos da secundária.

— Como todos vocês sabem, o Voo 23 da Liberty Air, que partiu do aeroporto internacional de Hartsfield-Jackson com destino a Seattle, Washington, despenhou-se há pouco mais de uma hora. Presume-se que todas as cento e setenta e nove pessoas a bordo faleceram. Homens, mulheres e crianças, pessoas como vocês e eu. Convoquei-vos aqui para podermos conversar sobre o tema em grupo, aberta e honestamente, sem criticar ninguém. Tragédias como esta podem deixar-nos demasiado conscientes dos perigos do nosso mundo. Das nossas próprias vulnerabilidades, de como a vida pode ser frágil. Esta sala é um lugar seguro para fazermos todas as perguntas, e chorarmos, e fazermos o que quer que precisem para processar o que aconteceu. Vamos todos combinar que aquilo que acontecer neste auditório fica neste auditório.

Qualquer outro diretor de escola secundária apelaria a um minuto de silêncio e mandaria os miúdos voltarem ao trabalho. Ted sabe que, para os adolescentes, a catástrofe tem precedência sobre Cálculo, e é porque ele vê tudo, o bom e o mau, como uma oportunidade de aprendizagem que os estudantes o seguem sem questionar.

Olho para os cerca de trezentos miúdos que constituem o corpo de alunos da secundária de Lake Forrest, e, tanto quanto consigo intuir, estão solidamente divididos ao meio — metade dos estudantes parece assustada com as imagens de um avião cheio com os talvez-vizinhos a cair do céu, os outros, agitados com uma tarde inteira de aulas canceladas. As suas conversas excitadas ecoam pelo espaço cavernoso.

A voz de uma rapariga ergue-se do meio do público.

— Então, isto é assim uma espécie de terapia de grupo?

— Bem... — Ted lança-me um olhar interrogativo, e eu baixo a cabeça num aceno afirmativo. Se há um espaço por onde os alunos de Lake Forrest se sentem à vontade para circular, é o da terapia, de grupo ou não. Os nossos alunos são daqueles que têm os números de telemóvel dos psicólogos nas suas telas de marcação rápida. — Sim. Exatamente como terapia de grupo.

Agora que sabem o que aí vem, os alunos parecem descontrair, cruzando os braços e recostando-se melhor nas suas cadeiras confortáveis.

— Ouvi dizer que foi um ataque terrorista — diz alguém do fundo do auditório. — Que o ISIS já veio dizer que foram eles.

Jonathan Vanderbeek, um finalista que está por uma unha negra para conseguir formar-se, virou-se no seu assento na primeira fila.

— Quem é que te disse isso, a Sarah Palin?

— Li num *retweet* da Kylie Jenner.

— Brilhante — comenta Jonathan com um ronco de troça. — Porque as Kardashians são especialistas na segurança da nação.

— Bom, bom — diz Ted, apelando à ordem com alguns toques no microfone. — Não vamos fazer escalar a situação repetindo boatos e conjecturas. Tenho estado a assistir às notícias com toda a atenção e, para além do facto de ter caído um avião, não há, na realidade, nenhuma notícia. Ainda ninguém disse a *razão* por que o avião caiu nem quem ia a bordo. Isso só vai acontecer depois de contactarem com os familiares próximos. — As suas três últimas palavras, os familiares próximos, atingiram a sala como uma bomba. Ficam a pairar no ar, quentes e pesadas, durante um ou dois segundos. — Adiante, vamos todos concordar que existem fontes noticiosas mais credíveis do que o Twitter, certo?

Um pequeno fungo de troça ergueu-se da fila da frente.

Ted abanou a cabeça numa reprimenda muda.

— Muito bem. A doutora Griffith tem algumas coisas que gostaria de dizer e depois irá conduzir-nos numa discussão. Entretanto, vou estar a ver o *site* da CNN no meu portátil e, assim que a companhia aérea der mais informações, faço uma pausa na conversa e leio-a em voz alta para termos todos a mesma informação atualizada. Parece-vos um bom plano?

Acenos de cabeça pela sala. Ted passa-me o microfone.

Gostava de poder dizer que passei as horas seguintes de olhos fixos no meu telefone, à espera da chamada de Will, mas, setenta e seis minutos após o desastre, apenas ao fim de dez minutos de discussão e uns bons quinze antes da hora estabelecida para a primeira declaração oficial da parte da companhia aérea, a CNN anuncia que a equipa de lacrosse da escola secundária Wells Academy, todos os membros mais os treinadores, estavam entre as 179 vítimas. Aparentemente, iam a caminho de um torneio.

— Oh, meu Deus. Como é possível? Jogámos com elas mesmo na semana passada.

— Na semana passada, idiota. Foi o que acabaste de dizer. O que significa que tiveram tempo suficiente entre essa altura e esta manhã para irem apanhar um avião.

— Tu é que és idiota, ó idiota. Estou a dizer que perdemos o jogo que deu a Wells um lugar no torneio. Faz as contas.

— Só um momento — digo, as palavras a cortarem o ar no auditório antes que a discussão pudesse escalar ainda mais. — A incredulidade é uma reação normal à notícia da morte de um amigo, mas a fúria e o sarcasmo não são bons mecanismos para se lidar com a perda, e tenho a certeza que toda a gente aqui o sabe.

Os miúdos trocam olhares contritos e descaem ainda mais nos seus assentos.

— Ouçam, eu sei que é fácil escondermo-nos por detrás de emoções negativas, em vez de confrontarmos esta noção do azar que recaiu sobre os nossos amigos e colegas — digo, o meu tom a suavizar-se. — Mas é normal que estejam confusos ou tristes ou chocados ou até vulneráveis. Estas são todas reações normais a uma notícia tão chocante, e ter uma conversa aberta e honesta vai ajudar-nos a todos a superar os nossos sentimentos. *Okay?* Bom. Aposto que a Carolina não é a única aqui a pensar na última vez que viu uma das jogadoras da Wells. Mais alguém esteve no jogo?

Uma por uma, mãos erguem-se, e os alunos começam a falar. A maior parte dos relatos não é mais relevante do que «mesmo campo, mesma hora», mas é evidente que os miúdos estão assombrados com a proximidade, em especial as jogadoras de lacrosse. Se tivessem vencido aquele jogo, se Lake Forrest tivesse sido a escola a conquistar um lugar no torneio, podiam facilmente ter sido as nossas jogadoras a seguir naquele avião. Controlar a conversa ocupa cada pedaço da minha concentração até pouco depois da uma, quando fazemos uma pausa para um almoço tardio.

Os alunos saem e eu puxo o meu telemóvel do bolso, franzindo o sobrolho para o ecrã ainda vazio. Will aterrou há mais de uma hora, e ainda não ligou, não enviou nenhuma mensagem, não *nada*. Onde raio se meteu?

Ted passa uma mão pelo meu braço.

— Tudo bem?

— O quê? Ah, sim. Estou só à espera que o Will me ligue. Ele voou para Orlando esta manhã.

Os olhos de Ted tornam-se enormes, e as suas faces estremecem de compaixão.

— Bem, isso explica a tua cara quando fui ao teu escritório esta manhã. Deves ter apanhado um enorme susto.

— Sim, e foi a pobre Ava que apanhou comigo. — Agito o telemóvel no ar entre nós. — Vou só ver se o consigo apanhar.

— Claro, claro. Vai lá.

Salto do palco e percorro a ala central, ligando o número de Will ainda

antes de ter passado pelas portas duplas. Lake Forrest está construído como um campus universitário, com meia dúzia de edifícios cobertos de hera espalhados por um campus de um acre, e eu sigo o caminho de pedra que conduz ao edifício da escola secundária. A chuva parou, mas nuvens baixas cor de chumbo ainda enchem o céu e um vento gelado provoca-me arrepios na pele. Aperto mais a camisola contra o peito e apresso-me a subir as escadas para as portas duplas, entrando para o calor no preciso momento em que sou atendida pelo *voicemail* de Will.

Raios.

Enquanto espero pelo *bip*, faço-me um pequeno discurso de encorajamento. Digo-me para não me preocupar. Que há alguma explicação muito simples para ele não ter ligado. Os últimos meses têm sido particularmente tensos no emprego e ele não tem dormido bem. Talvez esteja a dormir uma sesta. E é verdade que aquele homem se distrai facilmente, o típico cromo das tecnologias que nunca parece concentrar-se numa coisa de cada vez. Imagino-o a marcar o meu número e depois a esquecer-se de carregar em ligar. Imagino-o a socializar com os manda-chuvas da conferência junto à piscina do hotel, alheio ao telefone a vibrar na sua mão. Ou talvez seja uma coisa tão simples como ter ficado sem bateria, ou ter-se esquecido do telemóvel no avião. Penso em todas estas coisas e quase sinto o gosto da alegria.

— Olá, querido — digo para o telefone, tentando não deixar que a preocupação se infiltre no meu tom de voz. — Só queria saber como estás, confirmar se está tudo bem. Já deves estar no hotel, por esta altura, mas suponho que tenhas pouca rede, ou coisa do género. Seja como for, liga-me assim que tiveres um segundo. Este desastre deixou-me um bocado nervosa, e quero mesmo ouvir a tua voz. *Okay*, falamos em breve. És a minha pessoa preferida.

No meu gabinete, dirijo-me de imediato para o computador e abro o meu *email*. Will enviou-me os detalhes da conferência há meses, mas tenho mais de três mil *mails* na minha caixa de correio e nenhum bom sistema para os organizar. Ao fim de algum tempo de busca, encontro aquele que estava à procura.

De: w.griffith@appsec-consulting.com

Para: irisgriffith@lakeforrestacademy.org

Assunto: FW: Cibersegurança para Ativos Críticos:

Uma Cimeira de Informação

Olha só! Sou o orador principal de quinta-feira.

**Só espero que eles não adormeçam, como
tu fazes sempre que eu falo de trabalho. Bjs**

**Will M. Griffith
Engenheiro de Software
AppSec Consulting, Inc.**

A minha pele arrepia-se de alívio, e sinto-me justificada. As palavras estão aqui, preto no branco. Will está em Orlando, são e salvo.

Clico no anexo e abre-se um prospeto de uma conferência. A fotografia de Will surge mais ou menos a meio, ao lado de uma caixa onde se publicita o seu currículo no que diz respeito à gestão do risco. Carrego em imprimir e escrevo o nome do hotel da conferência num *post-it*, depois volto ao meu *browser* para procurar o número de telefone. Estou a copiá-lo quando o meu telefone toca e a cara da minha mãe ilumina o ecrã.

Uma punhalada de desconforto atinge-me o peito. Terapeuta da fala, a minha mãe sabe o que é trabalhar num ambiente escolar. Sabe que os meus dias são uma loucura, e nunca me liga para o trabalho a não ser que se trate de uma situação de vida ou morte. Como a altura em que o meu pai acertou num buraco com o pneu da frente da bicicleta e descreveu um mortal, aterrando com tanta força no asfalto que rachou a clavícula e partiu o capacete ao meio.

Razão pela qual atendo agora a chamada com um «O que se passa?».

— Oh, querida. Acabei de ver a notícia.

— Sobre o acidente? Eu sei. Temos estado a lidar com isto toda a manhã aqui na escola. Os miúdos estão bastante perturbados.

— Não, não era isso que queria dizer. Bem, não propriamente... Estava a falar do Will, querida.

Alguma coisa na forma como ela disse isto, a maneira cuidadosa e cheia de rodeios com que está a perguntar mas sem perguntar pelo Will, faz com que todos os pelos no meu corpo se ponham em sentido.

— O que é que tem o Will?

— Bem, para começar, onde é que ele está?

— Em Orlando, numa conferência. Porquê?

A força do suspiro da minha mãe para o microfone perfura-me o tímpano, e sei como ela se devia estar a esforçar para se conter.

— Oh, graças a Deus. Eu sabia que não podia ser o teu Will.

— De que é que estás a falar? Quem é que não podia ser o meu Will?

A resposta dela é abafada pela ruidosa interrupção de uma aluna.

— O senhor Rawlings disse-me para lhe dizer que acabaram de emitir uma lista de nomes. — Ela grita as palavras para dentro do meu escritório,

como se eu não estivesse mesmo ali sentada, a um metro de distância, e ao telefone. Faça-lhe um chiu e enxoto-a com uma mão.

— Mãe, começa do princípio. Quem é que não é o meu Will?

— O William Matthew Griffith que estão a dizer que estava no avião.

Não é o meu marido borbulha desde o mais fundo de mim, desde algum local profundo e primitivo. O meu Will estava noutra avião, noutra companhia aérea, até. E, mesmo que não estivesse, a Liberty Airlines já teria ligado. Não iriam emitir o nome sem me notificarem — a sua esposa, a sua pessoa preferida no planeta — primeiro.

Mas, antes que possa dizer à minha mãe qualquer uma destas coisas, o meu telefone toca com outra chamada, e as palavras no ecrã fazem parar o meu coração.

Liberty Airlines.

CAPÍTULO QUATRO

Com uma mão a tremer, desligo a chamada da minha mãe e atendo a da Liberty Airlines.

— Estou? — Tenho a garganta presa, e a minha voz sai rouca e desmaiada.

— Estou, poderia falar com Iris Griffith, por favor?

Sei porque esta mulher está a ligar. Percebo-o pela maneira como diz o meu nome, pelo tom cuidadosamente neutro e a formalidade profissional, e a minha respiração prende-se.

Mas ela está enganada. Will está em Orlando.

— O Will está em Orlando — ouço-me dizer.

— Perdão... Estou a falar para o número de Iris Griffith?

O que aconteceria se eu dissesse que não? Iria isso impedir que esta mulher dissesse as palavras que eu sabia que ela ligara para dizer? Iria ela desligar e ligar à mulher do outro William Matthew Griffith?

— É a própria.

— Senhora Griffith, o meu nome é Carol Manning e estou a falar da Liberty Airlines. O senhor William Matthew Griffith indicou-a como o seu contacto de emergência.

O Will está em Orlando. O Will está em Orlando. O Will está em Orlando.

— Sim. — Agarro a barriga com um braço. — Sou a esposa. — *Sou a esposa. Sou.*

— Minha senhora, lamento informar que o seu marido era um dos passageiros no Voo 23 desta manhã, que se despenhou na rota de Atlanta para Seattle. Presume-se que não haja sobreviventes. — Ela soa como um robô, como se estivesse a ler de um guião. Soa como a Siri a ligar para me dizer que o meu marido morreu.

Os meus músculos deixam de funcionar. O meu tronco cai para a frente, sobre o colo, o meu corpo a dobrar-se ao meio como um ramo partido. O impacto tira-me o ar, que sai de mim com um enorme gemido.

— Sei que isto deve ser um choque, e asseguro-lhe que a Liberty Airlines estará ao seu lado para a apoiar como e sempre que necessitar. Estabelecemos uma linha de apoio e um endereço de *email* para nos contactar a qualquer hora do dia ou da noite. Também haverá atualizações regulares disponíveis no

nosso *site*, www.libertyairlines.com.

Se diz mais alguma coisa, não a ouço. O telefone cai no chão e, mesmo ali, no meio do meu gabinete atulhado, com a porta a encher-se de alunos de olhos esbugalhados, descaio da minha cadeira e soluço, pressionando ambas as mãos contra a boca para abafar o som.

Dois sapatos grandes entram no meu campo de visão.

— Oh, Iris. Acabei de saber. Tenho tanta, tanta pena.

Olho por entre o meu cabelo para Ted, a sua testa preocupada por baixo dos caracóis caninos, e choro de alívio. Ted é uma pessoa que resolve coisas. Ele saberá o que fazer. Vai ligar a alguém que lhe dirá que é o Will errado, o avião errado, a esposa errada.

Tento recompor-me mas não consigo, e é então que reparo que o meu gabinete está cheio de adolescentes. Já os ouvi reunirem-se no corredor à minha porta, a falar em tom baixo e palavras sussurradas que não deveria ouvir. Palavras como *marido*, *avião*, *morreu*, e sei que devem ter sabido a novidade.

Não. Ainda esta manhã, enquanto eu estava a encher as nossas chávenas com café, Will foi verificar o tempo em Orlando no seu telefone.

— Mais de trinta graus, hoje — disse, a abanar a cabeça. — E ainda nem sequer é verão. É por isso que nunca vamos viver para a Florida.

Ava observa-me com lágrimas nos olhos.

— O Will está em Orlando — digo-lhe, e o rosto da rapariga emite compaixão.

Fico envergonhada por ela me ver desta maneira, por qualquer um deles me ver desta maneira, um farrapo enxovalhado e ranhoso no meio do chão. Cubro o rosto com as mãos e desejo que se vão embora. Só queria que me deixassem em paz, todos eles. Que se lixe a minha política de porta aberta.

— Anda cá, deixa-me ajudar-te. — Ted ergue-me do chão e deposita-me na minha cadeira.

— Onde está o meu telefone? Quero tentar outra vez ligar para o Will.

Ele baixa-se, apanha o meu telefone do chão, passa-mo. Nove chamadas perdidas. Sinto o gosto da bÍlis quando vejo que são todas da minha mãe. Nenhuma, nem uma única, do Will.

— Pessoal, precisamos de um pouco privacidade, pode ser? — Ted olha de relance por cima do ombro. — Fechem a porta quando saírem.

Um por um, os miúdos vão saindo, balbuciando as suas condolências. Ava desliza um dedo muito leve pelo meu braço ao passar, e eu estremeço. Não quero a sua compaixão. Não quero a compaixão de ninguém. Compaixão

significaria que o que aquela mulher me disse é verdade. Compaixão significaria que Will está morto.

Quando todos saíram e estamos sozinhos, Ted envolve-me o ombro com uma mão.

— Há alguém a quem possa ligar?

Ligar! Eu ia ligar para o hotel. O meu olhar aterra no prospeto da conferência, e arranco-o da minha impressora, acenando-o na frente da cara de Ted.

— Isto! Isto prova que o Will está em Orlando. É o orador principal de amanhã. Ele não estava no avião para Seattle; estava num avião para Orlando. — A esperança desabrocha no meu peito.

— Ele deu entrada no hotel? — diz Ted, mas num tom que me diz que está apenas a fazer-me a vontade.

Com os dedos a tremer, encontro o *post-it* onde escrevi o número e insiro-o no meu telefone. Percebo que Ted não tem muita esperança, que julga que este exercício é uma fútil perda de tempo, e a flagrante tranquilização que lhe reveste a face é-me insuportável. Olho antes para a minha secretária, concentrando-me nas marcas e arranhões que cruzam a sua superfície. O telefone toca, depois toca outra vez.

Ao fim de uma eternidade, uma animada voz feminina atende.

— Westin Universal Boulevard, boa-tarde. Como posso ajudar?

— Quarto de Will Griffith, por favor. — As palavras escapam-se de mim, ásperas e cruas e demasiado rápidas, como um leiloeiro pedrado com *crack*.

— Com certeza — gorjeia a rececionista ao meu ouvido. Tenho a certeza que ela passa a vida a ouvir esposas malucas ao telefone, mulheres atrás de namorados ou maridos transviados. Westin provavelmente tem todo um manual de formação dedicado à maneira de lidar com chamadas como a minha. — Griffith, foi o que disse?

— Sim, Will. Ou pode estar como William, com M. como inicial do nome do meio. — Inspiro fundo e tento acalmar-me, mas a minha perna está aos saltos e não consigo parar de tremer.

Ted despe o casaco e envolve-me os ombros com ele. Sei que é bem-intencionado, mas o gesto parece-me demasiado pessoal, e o tecido cheira a Ted, perfumado e estranho. Quero arrancá-lo de cima de mim e atirá-lo pela janela. Não quero a roupa de homem nenhum a tocar o meu corpo, só a de Will.

A mulher mexe num teclado durante mais alguns segundos.

— Humm. Peço desculpa, mas não encontro nenhuma reserva em nome de Griffith.

Contenho um soluço.

— Verifique de novo. Por favor.

Há uma longa pausa e mais cliques de teclas, mais condescendência. O medo começa a escavar-se pela minha pele a dentro como um parasita, lenta e firmemente, corroendo a minha certeza.

— Tem a certeza que é este hotel Westin? Temos outro em Lake Mary, mesmo a norte da cidade. Posso dar-lhe o número, se desejar.

Abano a cabeça, pestanejando para dissipar as novas lágrimas e conseguir ler a informação do hotel ao fundo do prospecto.

— Estou agora a ver o prospecto da conferência. Diz Universal Boulevard. A voz dela anima-se.

— Ah, bom, se ele está aqui para uma conferência, talvez eu possa passar a mensagem ao ponto de contacto do organizador. Qual é a conferência?

— Ciber-segurança para Ativos Críticos: Uma Cimeira de Informação.

Ela hesita apenas um ou dois segundos, mas foi tempo suficiente para a bôlis se acumular na minha garganta.

— Lamento muito, minha senhora, mas não há nenhuma conferência com esse nome neste hotel.

Largo o telefone e vomito para o meu cesto do lixo.

Claire Masters, uma colega do gabinete de admissões, do outro lado do corredor, leva-me de carro para casa. Claire e eu damo-nos razoavelmente bem, mas não somos amigas, apesar de eu não ter de me perguntar porque estou aqui, no banco do pendura do seu *Ford Explorer* e não no carro de outra pessoa qualquer. No início do ano anterior, Claire perdeu o marido para um linfoma de Hodgkin's, e agora, quer tenha sido ela a oferecer-se para me levar a casa ou Ted a pedir-lhe, a razão é clara. Se alguém pode compreender aquilo por que estou a passar, esse alguém é outra viúva.

Viúva. Vomitaria de novo, se não tivesse o estômago vazio.

Viro-me e olho pela janela, a observar os familiares bairros comerciais de Buckhead a passar lá fora. Claire conduz devagar, com as mãos na posição regulamentar, e não diz uma palavra. Mantém a boca fechada e o olhar no trânsito na sua frente, e, por muito que deteste ver-me empurrada para a sua trágica categoria, pelo menos ela sabe que a única coisa que quero é que me deixem em paz.

O telefone vibra no meu colo. A minha mãe, a ligar pelo que deve ser a centésima vez. A culpa perfura-me por dentro. Sei que não é justo continuar a evitá-la, mas não consigo falar com ela, não agora.

— Não quer atender? — A voz de Claire é aguda e juvenil, e corta o silêncio como uma faca serrilhada.

— Não. — Exige toda a minha energia, falar por cima do pedregulho que sinto no peito.

O olhar da minha colega ressalta entre mim, o meu telefone e o trânsito na nossa frente.

— Acredite em mim, a sua mãe deve estar a enlouquecer, neste momento.

Estremeço com o seu tom de experiência, com a maneira como nos está a pôr às duas no pior tipo de equipa.

— Não consigo. — A minha voz parte-se na última palavra, porque falar com a minha mãe significaria dizer aquelas palavras horríveis em voz alta. *O Will morreu. O Will está morto.* Dizer as palavras tornaria esta coisa real.

O telefone para, e depois, dois segundos mais tarde, recomeça.

Desta vez, Claire apanha o telefone de cima do meu colo e atende.

— Estou? Fala Claire Masters. Sou uma das colegas da Iris na Lake Forrest. Ela está aqui sentada ao meu lado, mas ainda não está pronta para conversar. — Uma pausa. — Sim, minha senhora. Infelizmente, é verdade. — Outra pausa, desta vez mais comprida. — Tudo bem. Eu digo-lhe. — Ela desliga e volta a colocar o telefone suavemente em cima das minhas pernas. — Os seus pais vêm a caminho. Chegam antes do anoitecer.

Queria agradecer-lhe, mas não consigo convocar energia para isso. Fico de olhos fixos na janela e tento imaginar a cena, o meu Will num fumarento campo de detritos, com bagagem, destroços e pedaços de metal contorcido e queimado espalhados por todo o lado, mas não consigo. Parece-me incompreensível, tão abstrato, para mim, como um conceito da aula de Física Avançada do doutor Drukker. Will ia para Orlando, não para Seattle. Não pode estar morto. Não é, simplesmente, possível.

Claire vira para a rampa de acesso à Georgia 400 e carrega no acelerador, e viajamos para sul num abençoado silêncio.

Por mais que lhe garanta que não é necessário, Claire acompanha-me pelo caminho de pedra até à porta. Procuro a chave na minha mala e enfio-a na fechadura.

— Obrigada pela boleia. Eu fico bem.

Abro a porta e entro, mas, quando a vou fechar, Claire detém-me com uma mão no painel de vidro fumado.

— Querida, eu vou ficar consigo. Só até os seus pais chegarem.

— Sem ofensa, Claire, mas eu quero ficar sozinha.

— Sem ofensa, Iris, mas eu não me vou embora. — A sua voz aguda é surpreendentemente firme, mas ela suaviza as palavras com um sorriso. — Não tem de falar comigo, se não quiser, mas fico consigo, está decidido.

Dou um passo atrás e deixo-a passar.

Claire lança um olhar em volta do átrio de entrada, observando as paredes cor de manteiga, o soalho de pinheiro polido, o corrimão entalhado da escadaria original. Inclina a cabeça para espreitar a saleta da frente, vazia com exceção de um sofá bege que ainda estamos a pagar — o nosso presente de Natal de um para o outro, da Room and Board —, depois aponta para o fundo da casa.

— Assumo que a cozinha seja por ali...

Anuo.

Ela deixa a mala junto à porta e segue pelo corredor.

— Vou fazer chá. — Claire desaparece na esquina para a cozinha.

Assim que desaparece, agarro-me a uma coluna, as memórias desta manhã a assaltarem-me. O peso do corpo de Will sobre o meu, a aquecer-me com as mãos e a quente pele nua. Os seus lábios na dobra do meu pescoço e a descerem, a aspereza da barba matinal contra os meus seios, a minha barriga e mais abaixo. Os meus dedos a entrelaçarem-se no seu cabelo. A água a escorrer do corpo musculado de Will quando ele saiu do duche, o roçar dos seus dedos contra os meus quando lhe passei uma toalha. Os lábios macios e quentes a virem pedir só mais um beijo, por mais que o avisasse que corria o sério risco de perder o avião. Aquele último vislumbre da sua mão enquanto ele puxava a mala pela porta, a aliança a cintilar à luz da manhã, antes de se ir embora no seu carro.

Ele tem de voltar. Ainda temos jantares marcados, e reservas de hotel, e

festas de aniversário para planejar. No próximo mês vamos a Seaside, uma escapadinha no Memorial Day, só nós os dois, e temos uma viagem a Hilton Head, este verão, com a minha família. Foi apenas ontem que ele me depositou um beijo na barriga e me disse que mal podia esperar para eu ficar tão gorda com o seu bebé lá dentro que os seus braços não conseguiriam envolver-me. Will não pode ter morrido. Este carácter definitivo é demasiado irreal, demasiado indigerível. Preciso de provas.

Largo as minhas coisas no chão e dirijo-me para o fundo da casa, uma cozinha aberta para uma área de jantar e outra com sofás. Retiro o comando do cesto da fruta e, carregando em alguns botões, a CNN ilumina o ecrã. Uma jornalista morena, com o cabelo chicoteado pelo vento à volta do rosto, encontra-se diante de um campo de milho a entrevistar um homem grisalho de casaco acolchoado. O texto que vai passando no fundo do ecrã identifica-o como o dono do campo de milho agora juncado com partes de um avião e restos humanos.

Claire aparece à esquina com uma caixa de saquinhos de chá, os olhos muito abertos.

— Não devia estar a ver isso.

— Chh. — Mantenho premido o botão do volume até as vozes me magoarem os ouvidos quase tanto como as palavras. A jornalista faz perguntas ao homem enquanto eu procuro por algum sinal de Will no cenário. Um vislumbre de cabelo castanho, a manga do seu casaco azul-marinho. Contenho a respiração e esforço-me para ver, mas não há nada senão fumo e pés de milho a ondular com a brisa.

A jornalista pede que o velho senhor conte para a câmara o que viu.

— Eu estava a trabalhar na ponta oeste do campo quando o ouvi aproximar — diz o homem, acenando para as infinitas fileiras de milho atrás de si. — O avião, quero eu dizer. Ouvi-o antes de o ver. Era óbvio que estava com problemas.

A jornalista faz uma pausa na história do homem.

— Como é que sabia que o avião estava com problemas?

— Bem, os motores estavam a guinchar, mas não vi fogo nem fumo. Só quando aquela coisa caiu no chão e explodiu. A maior bola de fogo que alguma vez vi. Eu devia estar a um bom quilómetro e meio, mais ou menos, mas senti o chão tremer e depois uma grande onda de calor tão quente que me chamuscou o cabelo.

Quanto tempo leva um avião a cair do céu? Um minuto? Cinco? Penso em como deve ter sido para Will; debruço-me sobre o lavatório e vomito.

Claire pega no comando e carrega no *Mute*. Agarro-me à bancada, olho para o fundo riscado do lavatório, à espera que o meu estômago acalme, e

penso, *E agora? Que raio vou fazer agora?* Atrás de mim, ouço-a mover-se pela minha cozinha, a abrir armários e a procurar lá dentro, ouço o silvo da porta do frigorífico a abrir e fechar. Ela volta com um pacote de bolachas de água e sal e uma garrafa de água.

— Aqui tem. A água está fria, por isso beba goles pequenos.

Ignorando as duas coisas, dou a volta ao balcão para o outro lado e deixo-me cair num banco.

— Negação, raiva, negociação, depressão, aceitação. — Claire faz-me um olhar interrogativo. — As fases do luto de acordo com Kübler-Ross. Estou claramente na fase da negação, porque isto não faz qualquer sentido. Como é que um homem que vai para Orlando acaba num avião para Oeste? Será que a conferência passou para Seattle, ou coisa do género?

Ela encolhe ambos os ombros, mas a sua expressão não parece nada dúbia. Eu posso estar em negação, mas Claire não o está, claramente. Embora possa não o dizer em voz alta, ela aceita as alegações da Liberty Airlines de que Will é um dos 179 cadáveres despedaçados sobre um campo de milho no Missouri.

— Não é possível. O Will tinha-me dito alguma coisa, e de certeza que não ia continuar com a conversa sobre ir para Orlando. Ainda esta manhã, estava aí mesmo onde a Claire está neste momento, a dizer-me como odiava aquela cidade. O calor, o trânsito, aqueles malditos parques temáticos por todo o lado.

Abano a cabeça, o desespero a erguer a minha voz como uma sirene.

— Ele tem estado tão stressado, se calhar nem sabia que a conferência tinha mudado de sítio. Talvez seja aí que ele tem andado este tempo todo, a vaguear pelas ruas de Orlando, a tentar perceber qual é a nova localização. Mas, então, porque é que não devolve as minhas chamadas?

Claire comprime os lábios e não responde.

Fecho os olhos por alguns erráticos batimentos cardíacos, as emoções a explodirem como bombas no meu peito. O que é que eu faço? A quem posso ligar? O meu primeiro instinto é ligar ao Will, como faço sempre que tenho um problema que não consigo resolver sozinha. A sua mente metódica vê as coisas de forma diferente da minha, consegue quase sempre discernir um caminho para a solução.

— Devias criar uma aplicação — disse-lhe, uma vez, depois de ele me ajudar a cartografar um semestre inteiro de programas de consciencialização contra as drogas e o álcool. — Fazias uma fortuna. Podias chamar-lhe *O Que Diria o Will?*

Ele deu uma palmadinha no colo, sorrindo o meu sorriso preferido.

— Neste momento, diria que és adorável e para vires cá dar-me um beijo.

Agora pressiono os dedos contra os lábios e digo-me para me acalmar, para pensar. Tem de haver alguém a quem possa ligar, alguém que me diga que isto não passa tudo de um enorme mal-entendido.

— Jessica! — Salto do banco e corro para o telefone, que está a descansar na sua base por cima do micro-ondas. — Ela há de saber onde é que ele está. Há de saber para onde foi transferida a conferência.

— Quem é a Jessica?

— A assistente do Will. — Marco o número que sei de cor, virando as costas a Claire para não ver a sua testa franzida, o olhar baixo, a forma como está a morder o lábio. Está a fazer-me a vontade, como Ted.

— AppSec Consulting, fala a Jessica.

— Jessica, daqui fala Iris Griffith. Sabe...

— Iris? Pensei que vocês estavam de férias.

O comentário dela parece-me tão deslocado que preciso de uns segundos para me orientar. Jessica pode ser uma barra a atender telefones e a coordenar os horários de um bando de desorganizados cromos de informática, mas não tem o mais rápido processador do mundo.

— Hum, não. Porque é que diz isso?

— Então não iam fazer bebés numas férias com tudo incluído na Riviera Maia? O Will mostrou-me fotografias do *resort*, e parecia fant... — Ela engole o resto da palavra, depois contém a respiração. — Oh, meu Deus. Iris, devo ter feito alguma confusão. Devo ter confundido as semanas, ou coisa do género.

Sei o que Jessica está a pensar. Está a pensar que ele está com outra mulher, e nem sequer me importo, porque, e se ela tiver razão? E se Will estiver vivo e de boa saúde e estendido numa praia no México? A esperança paira dentro de mim durante um segundo ou dois, depois desvanece-se quando percebo que ele não seria capaz disso. O Will nunca me trairia, e, mesmo que o fizesse, o México seria o último destino na lista do meu marido odiador-de-calor. Um cruzeiro ao Alasca seria mais plausível.

— Ele não pode estar no México — digo, e a única coisa que consigo fazer é manter a voz baixa, abafar a minha frustração numa camada de civismo. — Ele é um dos oradores principais na conferência sobre cibersegurança, lembra-se?

— Qual conferência?

Os meus olhos abrem-se ainda mais. Porque é que alguém na AppSec teria contratado esta mulher?

— Aquela em Orlando.

— Espere. Estou confusa. Então ele não está no México?

E, Deus me ajude, é aqui que me descontrolo. Inspiro e grito para o

telefone com força suficiente para queimar o fundo da garganta.

— Não sei, Jessica! Não faço porra de ideia de onde está o Will! É esse o problema, foda-se!

Um silêncio chocado ganha forma, de Claire atrás de mim e de Jessica no outro lado da linha. É como silêncio em estéreo, a vibrar nos meus dois ouvidos. Devia pedir desculpa, sei que devia, mas um soluço rouba-me o fôlego, e engasgo-me com as palavras horríveis que vêm a seguir. — Eles... Eles estão a dizer que o Will ia naquele voo que caiu esta manhã, mas não pode ser. Ele ia no avião para Orlando. Diga-me que ele está em Orlando.

— Oh, meu Deus. Eu vi as notícias, mas não fazia ideia, Iris. Não sabia.

— Por favor. Ajude-me a encontrar o Will.

— Claro. — Ela fica em silêncio por um momento, e ouço-a clicar num teclado de computador. — Tenho a certeza que não fui eu que lhe marquei o voo para hoje, mas tenho as credenciais para entrada nas contas dele das companhias de aviação. Qual era a companhia do avião que caiu?

— Liberty Airlines, Voo 23.

Outra longa pausa seguida de mais cliques.

— Muito bem, já entrei. Vejamos... Voo 23, foi o que disse?

Apoio ambos os cotovelos na bancada, apoio a cabeça numa mão, fecho os olhos com força e rezo.

— Sim.

Contenho a respiração, e ouço a resposta na forma como Jessica arfa do outro lado.

— Oh, Iris... — diz, e a sala começa a andar à roda. — Lamento muito, mas está aqui. Voo 23, com partida de Atlanta esta manhã às 8:55, com destino a Seattle e regresso em... Hum. Parece que só comprou bilhete de ida.

As minhas pernas cedem, e escorrego para o chão.

— Verifique a Delta.

— Iris, eu não sei...

— Verifique a Delta!

— Tudo bem, dê-me só um ou dois segundos... Está a carregar... Espere, isto é muito estranho, também está aqui. Voo 2069 para Orlando, com partida hoje às nove e regresso na sexta às oito da noite. Porque é que ele haveria de marcar dois bilhetes em direções opostas?

O alívio transforma-me os ossos em papa, e sento-me muito direita.

— Onde é a conferência? Liguei para o hotel na Universal Boulevard, mas parece que mudou de lugar.

— Desculpe, Iris. Não sei nada acerca de uma conferência.

— Então, pergunte a alguém! De certeza que alguém aí sabe da conferência que a vossa própria empresa organizou.

— Não, o que eu queria dizer é que a AppSec não tem nenhuma conferência agendada antes de novembro.

Preciso de três tentativas para fazer sair as minhas palavras seguintes:

— E o México?

— Os bilhetes não são na Delta nem na Liberty Air, mas posso verificar nas outras, se quiser.

Há agora pena na voz dela, e não a consigo ouvir nem mais um segundo. Desligo e procuro o número de telefone da Delta. Levo nove etéreos minutos à espera na fila e depois explico a minha situação a uma procissão de representantes do serviço de clientes antes de finalmente me calhar Carrie, a representante da assistência à família.

— Olá, Carrie, o meu nome é Iris Griffith. O meu marido Will tinha um voo marcado no Voo 2069 desta manhã, de Atlanta para Orlando, e ainda não tive notícias dele desde que aterrou. Podia verificar se correu tudo bem com o voo dele?

— Com certeza, minha senhora. Só preciso do número do bilhete.

O que significaria desligar e voltar a ligar a Jessica, e nem pensar em perder o meu lugar na fila telefónica. Preciso de respostas já.

— Não o pode procurar pelo nome? Preciso mesmo de saber se ele estava no voo.

— Receio que isso seja impossível. — A voz dela é cantada e animada, transmitindo as más notícias como se eu tivesse acabado de ganhar uma refeição grátis. — As restrições de privacidade não nos permitem dar itinerários dos passageiros pelo telefone.

— Mas ele é meu marido. Sou a mulher dele.

— Compreendo, minha senhora, e se pudesse verificar o seu estado civil ao telefone, era diferente. Talvez pudesse passar pelo balcão Delta mais próximo com uma identificação válida para o colega...

— Não tenho tempo para ir a um balcão Delta! — As palavras irrompem do mais profundo das minhas entranhas, surpreendendo-me com a sua brusquidão e força, e a mulher do outro lado da linha fica absolutamente calada. Se não fossem os ruídos de fundo, cliques de computadores e conversa humana, pensaria que ela me tinha desligado o telefone na cara.

E depois ouço um guincho agudo, como interferência num microfone, e preciso de um segundo ou dois para identificar o som como meu. Estou a quebrar sob o peso do meu desespero.

— É só que ele também tinha um bilhete no Voo 23 da Liberty Air, sabe? Mas não devia estar nesse avião. Devia estar no vosso. E agora não atende o telefone e o hotel não tem qualquer registo dele, nem da conferência, e a assistente dele também não, embora ela pensasse que ele estava no México,

sítio onde, definitivamente, não está. E agora, a cada segundo que passa, *segundos em que não sei onde está o meu marido*, vou perdendo cada vez mais o juízo, por isso, por favor. Espreite aí no seu computador e diga-me se ele estava nesse voo. Suplico-lhe.

Ela pigarreia.

— Senhora Griffith, eu...

— *Por favor*. — A minha voz quebra-se com a última palavra, e preciso de algumas tentativas antes de a reencontrar. As lágrimas caem agora com força e rapidamente, tirando-me o ar, prendendo-me a garganta. — Por favor, ajude-me a encontrar o meu marido.

Há uma longa, longa pausa, e agarro o telefone com tanta força que me doem os dedos.

— Lamento — diz ela após uma eternidade, a voz pouco mais que um murmúrio —, mas o seu marido não fez o *check-in* no Voo 2069.

Grito e atiro com o telefone para o outro lado da sala. O aparelho bate contra o louceiro e aterra nos ladrilhos, e não preciso de o ver para saber que se partiu.

Passo o resto da tarde na cama, totalmente vestida e agarrada ao roupão de banho de Will, a fumar debaixo do meu edredão. Will mentiu. *Mentiu*, porra. Não, ele não se limitou a mentir, mentiu e depois sustentou a sua mentira com uma conferência falsa, que corroborou com mais mentiras e um falso prospeto a cores que é uma obra-prima de paginação eletrônica. A fúria inflama-se na minha garganta e comprime-me as entranhas, sobrepondo-se a qualquer outro pensamento. Como pode ter feito uma coisa destas? Para que se teria dado a tanto trabalho? Estou a tremer tanto que os meus ossos vibram, principalmente porque agora não há qualquer razão para ele estar num avião para Orlando.

Os meus pais chegam mesmo antes do anoitecer, como tinham dito. De debaixo das minhas camadas de algodão e penas, ouço as suas vozes abafadas a falar com Claire no andar de baixo. Imagino a expressão horrorizada da minha mãe quando Claire lhes fala a respeito da minha crise na escola e da chamada com Jessica e a agente da Delta. Vejo a minha mãe a virar a cabeça para a escadaria com óbvia ansiedade no rosto, a forma como conclui rapidamente a conversa com Claire para poder apressar-se a subir ao meu encontro. Dois segundos depois de o motor de um carro ser ligado lá fora, um corpo afunda-se na berma da minha cama.

— Oh, querida. Minha doce, doce Iris. — A sua voz é suave, mas as consoantes são duras e pontiagudas: juntamente com o seu amor por carne e

batatas, mais um obstinado sinal da herança holandesa.

Por mais horrível que possa parecer, não consigo encarar a minha mãe. Não neste momento. Sei o que vou ver, se afastar os cobertores: os olhos da minha mãe, vermelhos e inchados e cheios de compaixão, e sei o que essa visão me vai fazer.

— O teu pai e eu estamos destroçados. Nós amávamos o Will e vamos sentir terrivelmente a sua falta, mas tenho o coração partido principalmente por ti. Minha menina querida.

As lágrimas queimam-me os olhos. Não estou preparada para falar do Will no passado, e não suporto que alguém o faça, também.

— Mãe, por favor. Preciso de um minuto.

— Todo o tempo que precisares, *lieverd*. — Sei que a minha mãe está devastada quando os termos carinhosos revertem para a sua língua materna.

A cama move-se, e ela está de pé.

— O teu irmão chega por volta das nove. O James estava numa cirurgia quando soube, por isso só saíram de Savannah há uma hora. — Faz uma pausa, como se esperasse por uma resposta, mas, quando não ouve nada, acrescenta: — Oh, *schatje*, há alguma coisa que eu possa fazer?

Sim. Podes trazer-me o Will. Preciso de lhe torcer o pescoço.

CAPÍTULO SEIS

Acordo e a primeira coisa que penso é *Onde está o Will? Onde está o meu marido?*

O meu relógio diz que passam dezassete minutos da meia-noite. Procuro ouvir o som de água a correr na casa de banho, o toque de pés nus no soalho do *closet*, mas, para além do ar quente a assobiar pelos ventiladores, o quarto está em silêncio.

O dia regressa com o estrondo de uma colisão de frente. Will. Avião. Morto. A dor rouba-me o fôlego, estendendo-se desde a minha testa até aos calcanhares.

Sou esmagada pelo terror, e soergo-me de um pulo, acendendo a luz e inspirando avidamente até as paredes pararem de me comprimir. Empurro as cobertas para baixo e estendo o braço para o espaço no colchão onde o corpo de Will estivera deitado na véspera. Sem Will ali, a nossa cama *king-size* cresceu para o tamanho de um transatlântico, engolindo-me com todo o seu vazio. Passo uma mão por cima da sua fronha, recolho um par de cabelos escuros presos no algodão fresco. Fecho os olhos e ainda o sinto, sinto fisicamente o calor da sua pele, a aspereza da sua barba a deslizar pela minha clavícula, o seu peso em cima de mim, o meu arfar quando ele me penetra. Num minuto, está ali, no minuto seguinte foi-se, como um mórbido número de magia.

E agora tenho de acreditar que ele está desfeito num campo de milho do Missouri? Não consigo assimilar o conceito. É a mais pura insanidade.

Sair da cama é como nadar contra a corrente. O meu corpo está pesado, os membros lentos e rígidos, e há um torno a comprimir-me os pulmões e a tornar difícil respirar. Ainda tenho o roupão de Will vestido, e está todo revirado e emaranhado em volta do meu corpo. Desaperto o cinto, volto a instalar o tecido turco à volta do meu tronco e ato de novo o cordão em redor da minha cintura. Continua demasiado largo, mas é quente e confortável e cheira a Will — o que significa que sou capaz de nunca mais o tirar.

Em baixo, a televisão da cozinha projeta relâmpagos azuis e brancos na escuridão. Imagens mudas do acidente. Fico ali por um longo momento, a olhar para um jornalista diante de um campo de terra queimada e pedaços de metal a fumegar, e ocorre-me que ele pode estar a gostar um pouco de mais daquilo. Os seus olhos estão demasiado grandes, a testa demasiado franzida,

tudo nele é demasiado teatral. Esperou toda a sua carreira por uma história como aquela, mais vale aproveitar.

Atrás de mim, o volume no sofá move-se — o meu irmão gémeo, Dave, com camisola dos Georgia Bulldogs e calças de pijama axadrezadas.

— Já me perguntava quando é que descerias — diz na sua profunda e rouca voz de baixo que o faz soar como um locutor desportivo, em vez do agente imobiliário que é. Acende uma ganza do tamanho de um cigarro e dá uma passa longa, com uma palmadinha na almofada do sofá ao seu lado.

— Vou dizer à mãe. — Para além do choro, é a primeira vez que uso a minha voz em quase sete horas, e sinto a garganta áspera e dorida. Deixo-me cair no sofá.

— O meu marido é médico — diz Dave por entre o ar contido. — É medicinal.

Solto um ronco de troça.

— Pois, pois.

Oferece-me o cigarro, mas abano a cabeça. Já estou um farrapo. Provavelmente não será a melhor ideia atirar marijuana, medicinal ou não, para a confusão.

Ficamos sentados por baixo do fumo de cheiro doce durante um longo momento, em silêncio, a observar as imagens mudas no ecrã. A carnificina é demasiado pesada, por isso concentro-me antes no rosto solene do jornalista. Vejo-o acenar ao operador de câmara para o seguir até um gigantesco troço de fuselagem, depois a apontar para um sapato de criança abandonado, e tento ler-lhe os lábios. *Que autocolante faminto. Doce de queijo. Uma cabra e três gnomos.* Como é que as pessoas surdas conseguem fazer isto?

A testa do repórter enruga-se em filas e filas de rabiscos, e Dave abana a cabeça.

— Esse filho da mãe está a divertir-se demasiado.

Tudo o que já se ouviu dizer sobre os gémeos é verdade; Dave e eu somos a prova viva disso. Somos parecidos, agimos de forma parecida, partilhamos os mesmos hábitos e gestos. Temos ambos os lábios grossos e os nós dos dedos salientes, assistimos a qualquer desporto mas detestamos jogá-los, e recusamo-nos a comer qualquer coisa que tenha a mais pequena ponta de vinagre. Temos até telepatia de gémeos, esta inexplicável ligação que nos permite saber o que o outro está a pensar sem ser preciso qualquer um de nós dizer uma palavra. Um exemplo claro? Soube que o meu irmão era *gay* mesmo antes de ele o ter percebido.

Dave apaga a ganza num pires de chá já juncado de cinzas e pousa-o na mesa de apoio.

— Só para que saibas, a mãe está de rastos. Já trouxe para casa um

supermercado inteiro e tem uma lista de um quilómetro com todas as coisas com que vai encher o teu frigorífico. Se não a deixas abraçar-te rapidamente, vais ter comida suficiente para abrir aqui uma sopa dos pobres.

— Abraçar-me ia tornar isto tudo real. — Suspiro e encosto-me a ele, apoiando a cabeça no seu ombro. — E estou sempre a dizer a mim mesma que não é. Que o Will vai voltar a entrar por essa porta na sexta à noite, a esquentar, e amarrado e rabugento, e eu vou poder gritar a toda a gente eu bem disse. Eu bem *disse* que o Will não estava naquele avião. Estou sempre à espera que alguém me belisque, que me agarre pelos ombros e me abane para eu acordar, mas, até agora, nada. Estou presa num maldito pesadelo.

— Realmente, é o que parece. — Ele agarra na minha mão, entrelaça os dedos nos meus e faz rodar o anel com um polegar. — Belo *Cartier*.

Contenho novas lágrimas.

— Eu e o Will estamos a tentar engravidar. Podes já ser tio.

Dave olha para mim por uns bons trinta longos e silenciosos segundos. Não diz uma palavra, mas também não precisa. *Quanto tempo vamos continuar com isto?*, dizem os seus olhos. *Esta conversa sobre o Will como se ele ainda aqui estivesse?*

Enquanto for humanamente possível, é a minha resposta.

Mas, no que diz respeito à gravidez, ele não parece nada surpreendido.

— Porque é que demoraram tanto? Eu e o James imaginávamos que já teriam uma enorme prole, por esta altura.

— O Will queria esperar. Dizia que me queria só para si durante algum tempo.

— O que é que o fez mudar de ideias?

Tenho de pensar nisto por um momento.

— Não sei, e, honestamente, nunca me lembrei de perguntar. Estava tão entusiasmada por ele ter finalmente decidido. Diz que quer uma menina que seja igual a mim, mas se isto for tudo verdade, se eu estiver mesmo presa neste pesadelo, espero que seja um menino igual a ele.

— Mesmo depois da conferência que não existia.

Claro, Dave já sabe da conferência inventada. De certeza que a minha mãe o arrancou a Claire e depois passou horas a dissecar aquela mentira dele com quem quer que a quisesse ouvir. De certeza que arranjou uma longa lista de teorias para os motivos de Will para fazer uma coisa destas, porque se daria ao trabalho de criar um prospeto para a conferência, porque marcaria dois voos para lugares opostos do país.

Mas claro que eu já sabia a resposta. Para eu não saber para onde ele ia, o que ia lá fazer, quem ia ver. Qualquer uma ou todas as respostas acima.

A fúria impotente que me deixara a tremer por baixo do meu edredão

ameaça regressar a borbulhar à superfície, e tento reprimi-la. Amo o meu marido. Sinto a sua falta e quero-o de volta. As emoções são tão vastas que não deixam espaço para a raiva. Regateio com um Deus no qual nem tenho a certeza absoluta de acreditar: *Traz-me o Will de volta e nem sequer vou perguntar onde ele esteve. Prometo que nem me vou importar.*

— Uma mentira não anula sete anos de casamento, Dave. Deixa-me lixada? Talvez. Mas não consegue apagar o amor que sinto pelo meu marido.

Ele admite a minha razão neste ponto com o encolher de um ombro.

— Claro que não. Mas posso perguntar-te outra coisa sem correr o risco de me arrancares a cabeça? — Faz uma pausa e eu anuo, relutante. — O que é que há em Seattle? Para além de chuva e Starbucks e demasiadas camisas de xadrez, quero eu dizer.

Ergo ambas as mãos.

— Não faço a menor ideia. O Will foi criado em Memphis e mudou-se para Atlanta assim que saiu da Universidade do Tennessee. Passou toda a vida aqui na Costa Leste. Nunca o ouvi sequer a falar de Seattle. Tanto quanto sei, nunca lá esteve. — Viro-me no sofá e fixo os olhos de gato do mesmo tom de azeitona que os meus. — Mas o que me estás mesmo a perguntar é se acho que o Will tem uma amante.

Dave faz-me um lento aceno com a cabeça.

— Achas?

O meu estômago revira-se — não por pensar que o meu marido me andava a enganar mas porque todas as outras pessoas o vão pensar, de certeza.

— Não. Mas também não penso que ele estava naquele avião, por isso, claramente, não estou ainda bem em contacto com a realidade. O que é que *tu* achas?

Dave fica calado por um longo momento, a ponderar na sua resposta.

— Tenho muitas perguntas por responder, no que diz respeito ao meu cunhado. Não me interpretes mal, eu adoro o gajo, principalmente por te amar tão intensamente. Não é possível fingir esse tipo de amor, do tipo que, sempre que entras numa sala, a cara dele enche-se de uma tão grande felicidade que eu tenho de me virar para outro lado... E olha que eu sou *gay*. Vivo para merdas dessas. Assim, para responder à tua pergunta, não. Não acho que o teu marido estivesse a ter um caso.

O meu coração, que estava já preso por um fio, racha-se ao meio. Não apenas pela crença do Dave no meu marido, ou por falar dele como se ainda aqui estivesse, mas ainda mais por o amor do meu irmão por mim ser tão intenso que se estende por defeito a outra pessoa. Fecho a mão em volta do seu bíceps e deito a cabeça no seu ombro, a pensar que nunca o amei mais do que neste momento.

— Seja como for, o que estou a tentar dizer é que o Will entrou na tua vida a solo. Os pais morreram, não tem irmãos, nunca fala de qualquer outra família, nem amigos. Toda a gente tem um passado, mas é como se a vida dele tivesse começado quando te conheceu.

Dave tem alguma razão, se bem que apenas em parte. Will tem montes de colegas e conhecidos, mas não muitos amigos. Mas isso é porque, para *geeks* como ele, não é fácil abrir-se com os outros.

Endireito-me e viro-me no sofá para olhar para o meu irmão.

— Porque perdeu o rasto a todos os amigos da secundária exceto um, e esse mudou-se para a Costa Rica. Tem lá uma escola de surf, ou coisa do género. Sei que ainda trocam *emails* regularmente.

— Então e todas as outras pessoas? Amigos, antigos vizinhos, colegas de trabalho, companheiros de copos?

— Os homens não colecionam amigos como as mulheres. — Dave faz-me um olhar significativo e eu emendo. — Os homens heterossexuais não colecionam amigos. Não sentem necessidade de andar com uma matilha enorme, e, além disso, sabes como é o Will. Prefere estar em casa com o seu portátil do que num bar cheio e barulhento. — É parte da razão por que fugimos para as montanhas da Carolina do Norte para casar, há sete anos, apenas com os meus pais, e Dave e James como testemunhas. Will não gosta de multidões, e detesta ter pessoas à sua volta a apapará-lo.

— Até os introvertidos têm um melhor amigo — diz Dave. — Quem é o melhor amigo do Will?

Esta é fácil. Abro a boca para responder, mas Dave é mais rápido.

— Para além de ti, quero eu dizer.

Comprimo os lábios. Agora que o meu nome está fora da mesa, a pergunta de Dave deixa-me perplexa. Will fala muito das pessoas que conhece, mas nunca as define propriamente como amigas.

Dave boceja e afunda-se mais no sofá, e não passa muito tempo até se esquecer da pergunta e começar a dormir. Fico ali sentada ao lado do meu irmão, que ressona, a olhar para as imagens horríveis que passam pelo ecrã da televisão mas sem as ver realmente.

Estou a pensar no nosso primeiro aniversário, quando o surpreendi com uma viagem de carro até Memphis. Passei semanas a planeá-la, a minha versão de uma visita à antiga vida dele, com todos os sítios que o tinham marcado, reunindo os fragmentos das poucas histórias que me tinha contado. A sua escola secundária, a rua onde tinha vivido até à morte da mãe, o Pizza Hut onde trabalhara aos fins de semana e noites.

Mas, quanto mais nos aproximávamos da cidade, mais ele se agitava no seu assento e mais calado ia ficando. Por fim, numa estéril extensão da I-40,

ele admitiu a verdade. A infância de Will não fora agradável e as suas recordações de Memphis não eram propriamente algo que quisesse revisitar. Uma vez já fora duro o suficiente. Fizemos inversão de marcha e passámos antes o fim de semana a explorar os bares de música *country* de Nashville.

Por isso, não, Will não gostava de falar do seu passado.

Mas Seattle? O que é que há em Seattle? *Quem é que está em Seattle?*

Observo o meu irmão adormecido, o seu peito que sobe e desce na escuridão. Por muito que queira reprimir as suas suspeitas, barricar as suas dúvidas a respeito de Will, as perguntas regressam à socapa como pequenas nuvens de fumo, silenciosas e tóxicas.

Até que ponto conheço o meu marido?

Quando desço as escadas, são perto das dez da manhã. A minha família está espalhada pela cozinha, a beber café e a ouvir James ler em voz alta as notícias de um *site* no seu *iPad*. De onde está sentado à mesa, o meu pai tem um ataque de tosse. James interrompe-se a meio de uma frase e todos olham para mim com uma combinação de culpa e preocupação, como quatro miúdos apanhados a roubar do meu frasco das bolachas.

— Encontraram a caixa negra? — pergunto sem preâmbulos.

A minha mãe larga a espátula numa frigideira de ovos meio cozinhados e vira-se, parecendo não ter tido uma noite muito melhor do que a minha, no departamento do sono. As olheiras cresceram por baixo dos seus olhos como equimoses, e o cabelo, normalmente uma inspirada obra de feitiçaria de ferro quente, pende molemente em volta da sua face inchada.

— Oh, querida. — Atravessa a correr os ladrilhos da cozinha para me arrebatrar num abraço feroz. — Dói-me o coração por ti. Posso fazer alguma coisa? Qualquer coisa de que precisas?

Há um milhão de coisas de que preciso. Preciso de saber o que fez o Will embarcar naquele avião. Preciso de saber o que aconteceu para o fazer cair do céu. Preciso de saber como foram os seus últimos momentos, se ele caiu a gritar ou sem aviso, se num momento estava a tentar decidir se havia de comer amendoins ou *pretzels* e, no momento seguinte, estava transformado em pó. Preciso de saber onde ele está — literal e exatamente. Haverá um corpo para enterrar?

Mas, acima de tudo, preciso que o Will esteja onde disse que ia estar. Em Orlando.

Solto-me dos braços da minha mãe. Olho para James, uma vez que era ele que estava a ler as notícias.

— Já sabem porque o avião caiu?

— Vai levar meses até terem a certeza — diz James, numa voz cuidadosa. Observa-me com os seus olhos azuis de médico, de forma metódica e completa, como se estivesse a tentar tomar-me o pulso desde o outro lado do balcão da cozinha. — Conseguiste dormir?

Abano a cabeça numa negativa. Não me escapou a forma como toda a gente trocou olhares quando perguntei pelo acidente, e a última coisa que quero é estar a falar da minha falta de sono.

— Diz-me de uma vez, James.

Ele suspira, o olhar a passar por cima do meu ombro direito na direção de Dave, como que a pedir permissão. O meu irmão deve ter anuído, porque o olhar de James regressa ao meu.

— Não te esqueças que isto é só uma teoria, neste momento, mas os meios de comunicação estão a especular que tenha sido um problema mecânico seguido por erro de pilotagem.

— Erro humano. — As palavras saem entarameladas, como se tivesse a língua revestida de melaço.

James faz um aceno de assentimento.

— Erro humano. Ou seja, alguém fez merda e agora o meu marido está morto.

James faz uma careta.

— Lamento, Iris, mas é o que parece.

Sinto a bílis subir-me à garganta, a sala a oscilar — ou talvez seja apenas eu.

James salta do seu banco e dá a volta ao balcão, agarrando-me pelo cotovelo.

— Queres que te dê alguma coisa? Não há medicação que faça desaparecer a tua dor, mas um comprimido pode ajudar a apará-la, pelo menos durante os primeiros dias.

Abano a cabeça. A minha dor, por mais agreste que seja, parece-me a única coisa a ligar-me a Will. A ideia de perder essa ligação, mesmo as suas mais cruas e aguçadas arestas, enche-me de pânico.

— Eu não diria que não a um *Xanax* — comenta Dave.

James faz-me um olhar que diz *o maluco do teu irmão* e depois dá-me uma palmadinha no braço.

— Pensa nisso, está bem? Posso passar-te uma receita para o que quer que precisas.

Ofereço-lhe a minha melhor tentativa de sorriso.

— Anda. — A minha mãe conduz-me para a ilha da cozinha, que está a transbordar de comida. Um prato de ovos mexidos, uma pequena montanha de bacon e salsichas a nadar em gordura, um pão inteiro em torradas. Para a minha mãe, não há melhor maneira de demonstrar amor do que com comida pesada, e esta manhã o seu amor é suficientemente grande para alimentar um exército. — O que é que preferes?

Olho para a comida e sou atingida pelo cheiro, ovos mal passados e gordura de porco frita, e o meu estômago revolve-se.

— Nada.

— Não podes ficar sem comer. E se eu te fizer umas panquecas? Posso

fazer das holandesas, com maçã e bacon, como tu gostas.

Dave ergue o olhar da cafeteira, onde está a inserir o café.

— Deixa-a, mãe. Ela come quando tiver fome.

— Anda cá, pequenina — chama-me o meu pai do seu lugar à mesa, dando uma palmadinha na cadeira ao seu lado. — Guardei-te um lugar.

O meu pai é um antigo *Marine* e um engenheiro brilhante com um sorriso fácil e uma razoável pontaria ao cesto de basquetebol, mas o seu maior talento é em exercer interferência entre o meu irmão e eu e a nossa mãe.

Enterro-me na cadeira e encosto-me a ele, e o meu pai passa-me um braço carnudo em volta dos ombros. A minha família não é um clã demonstrativo. Os abraços só acontecem com os olás e os adeus. Os beijos são raros, e normalmente terminam a alguns milímetros da pele. Hoje, até agora, já segurei a mão do meu irmão, caí nos braços da minha mãe e enrosquei-me no meu pai. É isto que a morte provoca. Força a intimidade ao mesmo tempo que a arrebatava.

O meu olhar recai no bloco coberto com a letra em maiúsculas do meu pai. Páginas e páginas de listas, agrupadas em categorias e hierarquizadas por nível de importância. Se Will aqui estivesse, ele e o meu pai iriam unir-se perante a beleza desta lista, uma obra-prima de brilhantismo de cérebro esquerdo. Afasto os óculos do meu pai de cima do bloco e observo os papéis, sentindo uma corrente de nós a pressionar-me as clavículas. Parece-me injusto que haja tantas tarefas para levar a cabo quando a única coisa que quero fazer neste momento é voltar para a cama e esquecer que o dia de ontem alguma vez aconteceu.

E depois reparo num grupo de quatro ou cinco tabulações ao fundo.

— Compensação? — digo, e há peçonha no meu tom.

— As companhias aéreas atribuem uma quantia em dinheiro às famílias das vítimas, Iris. Sei que parece horrível, mas estou só a olhar pela minha menina. Vou garantir que recebes aquilo a que tens direito.

Como se a Liberty Airlines pudesse compensar os seus aviões rascas e maus pilotos distribuindo dinheiro. *Oh, matámos o seu marido? Tome lá, vá comprar alguma coisa bonita com isto.*

— Preferia morrer à fome a tocar num cêntimo do seu dinheiro de sangue.

— Tudo bem, não lhe toques. Podes pô-lo no banco e esquecer-lo. Mas vou garantir que o recebes.

Agarro na caneta e acrescento um artigo à lista: *pesquisar instituições de caridade para famílias de vítimas*. Alguém podia beneficiar do dinheiro da Liberty Airlines, mas de certeza que não haveria de ser eu.

A página seguinte é a continuação da primeira, e, após uma breve vista de

olhos, passo para a outra, e a outra, interrompendo-me com o que leio no topo: MEDIA. Por baixo, o meu pai criou um longo e extenso registo de chamadas recebidas, juntamente com data, hora, nome de quem ligou e empresa. Não reconheço todos os nomes, mas mais do que um me salta à vista. Revista *People*. O *Today Show*. *The Atlanta Journal-Constitution*. Diane Sawyer. *USA Today*.

— Como é que me encontraram? Não temos o número na lista.

Dave instala-se à cabeceira da mesa com uma sanduíche de ovo e bacon.

— Não sei, mas o telefone tem estado a tocar ininterruptamente. Tivemos de o desligar há uma hora. E, na última vez que espertei, havia três carrinhas de noticiários estacionadas aqui na frente.

— A sério?

— A sério. E sabes aquela fotografia tua com o Will na passagem de ano? Está espalhada pela Internet.

Podiam ter escolhido uma fotografia pior, penso. Eu e Will no nosso melhor, os rostos iluminados com sorrisos idiotas enquanto ele me faz descair sobre um braço. Amei tanto aquela fotografia que a tornei minha foto de perfil no Facebook, e, agora que penso nisso, foi provavelmente assim que a obtiveram.

A minha mãe empurra-me um prato com uma minimontanha de comida para a frente.

— Toma, *lieffe*. Tenta comer pelo menos algumas garfadas.

Pego no garfo, corto uma pequena fatia de salsicha e brinco com ela pelo meu prato até a minha mãe voltar para a cozinha.

O meu pai passa para a página seguinte da lista.

— A Liberty Airlines estabeleceu um Centro de Assistência à Família no terminal internacional em Hartsfield. Uma senhora chamada — coloca os óculos e consulta o papel — Ann Margaret Myers é o teu contacto.

Dave solta um ronco de troça com a boca cheia de comida.

— Que espécie de idiota planeia um encontro para os familiares de um desastre de avião no aeroporto?

— A Liberty Airlines, ao que parece — diz o meu pai. — Eles querem-nos lá para poderem, estou a citar, *oferecer conforto e aconselhamento, discutir planos e responder a quaisquer perguntas*.

— Planos? — Estranho. — Que espécie de planos?

— Bem, para começar, estão a falar de uma cerimónia fúnebre já neste fim de semana.

O tom suave do meu pai não consegue impedir que uma já familiar raiva se espalhe como um incêndio. Uma cerimónia fúnebre organizada pela Liberty Airlines parece-me um insulto, como um vizinho a oferecer flores

depois de nos atropelar o cão. Não vou aceitar aquela demonstração pública de penitência e não consigo perdoar o erro deles.

— Então agora estão à espera que aceite ajuda das pessoas responsáveis pela morte do meu marido? Isso é absurdo. — Empurro o meu prato para o centro da mesa, e a pirâmide de ovos mexidos transborda pelo rebordo.

— Eu sei que é isso que parece, fofinha, mas não vai ser só a Liberty Air. A Cruz Vermelha também vai lá estar, tal como as pessoas cujo único trabalho é reunir informações sobre o acidente. Quero ouvir o que eles já descobriram que não se soube pela televisão ou os jornais.

— Talvez lhes possas perguntar quem foi que alertou os *media* antes de a minha filha saber — diz a minha mãe, batendo com o saleiro na mesa. — Porque isso é um erro indesculpável, e gostava de dizer a essa pessoa o que penso deles.

— Quem quer que tenha cometido esse erro vai ficar sem emprego, vou garantir isso mesmo. — O meu pai usa a sua voz de instrutor militar: contundente, poderosa e inequívoca. Vira-se, e a sua expressão passa de feroz a ferozmente preocupada. — Querida, quer gostes disso quer não, vamos ter de interagir com a Liberty Air em algum momento. Posso servir-te de intermediário, se quiseses, ou posso ficar por trás e deixar-te tratar disso pessoalmente. É contigo. Seja como for, no mínimo, devíamos lá ir e ver o que a senhora Myers tem para dizer, não te parece?

Não, não parece. Já vi essas imagens — desolados membros das famílias a abrir caminho por um mar de câmaras ansiosas por captar o seu desespero para o mundo inteiro assistir. E agora o meu pai está a sugerir que participe nisto?

Mas, por outro lado, tenho tantas perguntas, e a maior delas todas é o que fizeram ao meu marido. Se esta Ann Margaret Myers tiver resposta para esta pergunta, até pode estampar a minha cara lacrimosa e cheia de ranho em ecrãs LED de alta definição no SunTrust Field², que não me importo.

Afasto-me da mesa e volto para cima para me vestir.

Na última noite da vida de Will, foi ele a cozinhar. Não qualquer coisa saída de uma caixa ou da secção de congelados, mas uma verdadeira refeição caseira. Para alguém que não sabia cortar um tomate quando o conheci, preparar o jantar não devia ser um feito simples, e provavelmente levou-lhe todo o dia. Talvez alguma coisa dentro dele soubesse o que estava para vir, alguma sobrenatural consciência de que o seu relógio cósmico estava prestes a atingir o zero, mas, nessa noite — o nosso sétimo aniversário —, ele surpreendeu-me com comida verdadeira e, pela primeira vez, feita pelas suas

próprias mãos.

Encontrei-o debruçado sobre um dos meus livros de culinária na cozinha, e pairava o cheiro mais fantástico no ar.

— O que se passa?

Ele virou-se, com um pezinho de tomilho num caracol do cabelo e uma mistura de orgulho e culpa no rosto.

— Hum, estou a cozinhar.

Isso estava eu a ver. Qualquer pessoa veria. Ele tinha usado todas as panelas e tachos que possuíamos e coberto a bancada inteira, cada centímetro, com comida e ingredientes, e utensílios de cozinha. Will estava coberto de farinha e gordura.

Sorri.

— O que estás a fazer?

— Costeletas de vitela no forno, batatinhas novas com manteiga e salsa e aquelas coisas fininhas verdes embrulhadas em bacon, não me lembro como se chamam.

— Feijão-verde?

Ele anuiu.

— E também tenho sobremesa. — Acenou para dois *petits gâteaux* em ramequins brancos, a arrefecer numa rede ao lado do forno. Até os polvilhara com açúcar em pó. Quando não respondi, ele disse: — Ainda podemos ir jantar fora, se quiseres, só pensei...

— Está perfeito — disse eu, de coração. Não me interessava que a cozinha estivesse num caos, ou que fôssemos perder as nossas reservas no novo restaurante de sushi em Buckhead. Will tinha cozinhado, e para mim. Sorri e aproximei-me para um beijo.

— Tu és perfeito.

A refeição, no entanto, não o foi. A carne estava demasiado passada, as batatas estavam moles e o feijão-verde frio, mas nunca comida nenhuma me tinha sabido melhor. Comi até à última migalha. A seguir, levámos os bolos para cima e devorámos-os na cama, beijando-nos, lambendo-nos, inebriados de chocolate e sexo, amando-nos como se não houvesse amanhã.

Mas o amanhã chegou.

— Senhora Griffith, deixe-me começar por expressar as minhas mais profundas condolências pela morte do seu marido.

Eu, Dave e o meu pai estamos sentados ombro com ombro, uma frente unida diante do nosso contacto na Liberty Airlines, Ann Margaret Myers, uma mulher magra e loura com um rabo de cavalo castigador. A placa que traz pendurada ao pescoço identifica-a como Especialista de Cuidados, e odeio-a no primeiro momento. Odeio a sua blusa cor de rosa e a forma como a abotoou até ao pescoço. Odeio as suas longas unhas com pontas francesas e a maneira como comprime as mãos com tanta força que a pele se torna branca. Odeio os seus lábios finos e os olhos de poça de lama e a máscara de empatia tão exagerada, e tenho de me sentar em cima das mãos para não lhe dar um murro na cara.

O meu pai apoia ambos os braços na mesa de madeira.

— Por acaso, senhora Myers, gostaríamos que comesse por nos explicar como foi que os *media* obtiveram o nome do Will antes de a própria esposa saber que ele estava no avião.

As costas de Ann Margaret ficaram direitas como um fusel.

— Perdão?

O meu pai encolhe um ombro, mas o gesto é tudo menos causal.

— Seria de imaginar que uma companhia aérea teria melhores maneiras de informar os parentes mais próximos do que emitir uma lista dos nomes dos passageiros pela comunicação social, mas, que sei eu? Se calhar, vocês, na Liberty Airlines, têm uma forma diferente de fazer as coisas. O que lhe posso dizer é que a vossa política é muito bera.

— Eu... — Os lábios da mulher abriram-se e fecharam-se como um peixe fora de água, e o seu olhar salta entre mim e o meu pai. — Souberam do senhor Griffith pelas notícias?

Nós os três anuímos em uníssono.

— Oh, meu Deus, não fazia ideia. Garanto-lhe, senhora Griffith, senhor Stafford, esta *não é*, definitivamente, a política da Liberty Air. Alguém ali cometeu um enorme e grave erro, e lamento mesmo muito.

Sei o que ela está a fazer. Está a distanciar-se da companhia aérea e do seu erro, mas eu não vou cair nessa. Nem um bocadinho.

E a julgar pela cara dele, o meu pai também não.

— Agradeço-lhe, senhora Myers, mas de certeza que compreende que não é um pedido de desculpas da sua parte que vai resolver a questão. Gostaríamos de ter uma explicação, e queremos ouvi-la da pessoa responsável. — Recosta-se na cadeira e cruza os braços, poderoso, autoritário. Num dia bom, o meu pai é alguém a quem se presta atenção. Hoje, é o comando supremo.

Ann Margaret está claramente abalada.

— Compreendo perfeitamente. Assim que terminarmos, vou descobrir o que correu mal e depois coordenar um encontro cara a cara entre essa pessoa e a sua família. Parece-vos uma solução aceitável?

O meu pai fez um curto aceno com a cabeça, mas eu não me mexi. Para mim, isto soa-me como se me tivessem atirado um osso, mas estou demasiado cansada, demasiado abalada e destroçada para dizer alguma coisa sem voar por cima da secretária e fechar as mãos à volta do seu pescoço.

A sala onde a Liberty Airlines nos instalou é um *lounge* de executiva no novo terminal internacional de Hartsfield. É confortável e acolhedor, decorado com tons de rubi-escuro, e abrange zonas de sofás e um bar e toda uma parede de janelas com vista para as pistas. Aviões passam para trás e para a frente no outro lado do vidro como mísseis gigantes, a provocar-me com intenção assassina.

— A imprensa já vos descobriu? — quer saber Ann Margaret, e eu viro-me de novo para a mesa.

Dave anui.

— Têm estado a ligar para nossa casa durante toda a manhã, e temos um par de carrinhas acampadas à porta. Alguns dos jornalistas até tiveram a lata de tocar à campainha e pedir uma entrevista.

Ela abana a cabeça, repugnada.

— Pedimos especificamente aos *media* para respeitarem a privacidade das nossas famílias, mas nem todos os jornalistas nos ouvem. O que posso fazer é garantir que saem daqui sem terem de interagir com eles. E posso sugerir que designe um amigo da família para ser o contacto da comunicação social? Assim não vai ter de falar com eles enquanto não estiver preparada.

O meu pai acrescenta outro elemento à lista, que já cresceu para uma mão-cheia de páginas.

À nossa volta, há pessoas a chorar. Um homem de cabelo cor de prata com as faces por barbear, uma indiana de sari azul-petróleo e prata, um adolescente negro com diamantes nos dedos maiores do que o meu solitário de noivado. Lágrimas rolam livremente pelas suas faces, e o ar na sala pulsa de desespero. Observar a sua dor é como estar a ver alguém a bocejar, incontrolável e contagioso. De súbito e sem aviso, também eu estou a chorar.

Ann Margaret passa-me um pacote de lenços de papel.

— Senhora Myers — diz o meu pai —, talvez nos pudesse fazer uma breve atualização a respeito do acidente. Há alguma informação nova?

— Por favor, trate-me por Ann Margaret, e claro. Como deve ter ouvido pelas notícias, ambas as caixas negras, o registador de parâmetros de voo e o gravador de voz na cabine, foram já recuperadas e enviadas para a Comissão Nacional de Segurança dos Transportes para serem analisadas. Mas quero deixar um aviso. O relatório final vai, provavelmente, demorar meses a sair, se não mesmo anos.

Estremeço. Um mês parece-me uma eternidade, mas anos?

— Entretanto... — Ela passa-me sobre a mesa um maço de papéis com dois centímetros de grossura e indica com a ponta de um dedo um endereço de *email* impresso no topo. — Este é um *site* oculto, o que significa que não é para o público em geral. Não há *links* que remetam para ele, e só as pessoas que escrevem o endereço exato lhe conseguem aceder. A Liberty Airlines usa-o para emitir declarações e fornecer atualizações aos amigos e família dos passageiros assim que a informação fica disponível. Também vai encontrar uma lista de nomes de contacto, números de telefone e endereços de *email* para cada funcionário na equipa da gestão do acidente. Estão disponíveis vinte e quatro horas por dia, tal como eu. Vocês são a minha família e, como tal, a minha primeiríssima prioridade.

Ergo o olhar.

— O que quer dizer com «a sua família»?

Ela sorri-me, com bondade.

— A família de cada passageiro recebe o seu próprio Especialista de Cuidado. Eu sou a vossa. Vocês são a minha família. Se houver alguma coisa de que qualquer um de vocês precise, só têm de dizer e eu resolvo.

— Excelente. Pode começar por me devolver o meu marido.

Os ombros da mulher descaem uns bons centímetros, e ela inclina a cabeça, voltando a formar a sua máscara de empatia.

— Gostava de poder fazer isso, senhora Griffith. Gostava mesmo.

Odeio esta mulher. Odeio-a com uma tal intensidade que, durante um segundo ou dois, a chego a culpar pelo acidente. Sei que não foi Ann Margaret que executou a deficiente verificação de segurança, ou que inclinou à esquerda quando devia ter inclinado à direita, mas também não acredito na sua atitude de eu-estou-do-vosso-lado. Se esta mulher tivesse mesmo o meu melhor interesse em vista, como alega, dir-me-ia aquilo que quero mesmo ouvir.

— Como é que o meu marido entrou naquele avião?

Ann Margaret leva um ou dois segundos a registar a minha mudança de

assunto, e depois faz-me um sorriso apologetico.

— Lamento, não sei a que se refere.

— O que quero dizer é: alguém o viu mesmo entrar? Porque ele saiu tarde de casa e, mesmo que não tivesse apanhado a hora de ponta, e provavelmente apanhou, teria de passar a correr pela segurança e pelo terminal. Provavelmente teria sido a última pessoa a entrar no avião, se tivesse chegado a tempo.

Ela muda de posição na cadeira e olha de relance para o meu pai, como que para pedir alguma ajuda. Quando não a obtém, o seu olhar regressa ao meu.

— Está a perguntar como é que a Liberty Airlines sabe que o seu marido embarcou?

— Sim. É exatamente isso que estou a perguntar.

— Tudo bem. Porque é que não recuamos só um pouco? Todas as companhias aéreas têm procedimentos instituídos para que erros como aquele que está a sugerir nunca possam acontecer. Os bilhetes dos passageiros passam por um *scanner* na segurança e depois de novo na porta de embarque. A tecnologia não mente. Ela garante que não existam falsos positivos.

Ouço o trejeito de troça de Will tão clara e seguramente como se ele estivesse sentado mesmo ao meu lado. Se aqui estivesse, Will diria a esta senhora que a tecnologia mente por conceção, porque é criada e controlada por humanos. Há *bugs*. Há *crashes*. Há falsos positivos e há falsos negativos. Por isso, Ann Margaret bem pode tentar convencer-me a desistir de bater neste ceguinho em particular, mas, para mim, este ceguinho está longe de estar morto.

A minha vaga de fúria acalma para dar lugar a uma de autossatisfação. Se a Liberty Air consegue cometer um erro tão grave como não me ligar antes de contactar os *media*, quem pode garantir que o facto de o nome de Will constar daquele manifesto de passageiros não pode ser outro erro? Um erro gigantesco, um erro capaz de alterar vidas, mas não deixava de ser um erro.

— E se, a meio da manga, ele deu meia-volta e saiu? Podia ter passado pela agente na porta de embarque enquanto ela estava a ver o bilhete de outra pessoa. Talvez ela nem reparasse.

— Suponho que fosse possível... — Ann Margaret desvia o olhar e não se dá ao trabalho de ocultar a sua dúvida. Também não faz a pergunta mais óbvia: porque é que alguém haveria de dar meia-volta e sair? Mas se ela perguntasse, eu dir-lhe-ia que era porque se tratava do voo errado, que ia na direção errada. — Talvez gostasse de falar com alguém...

Assim é que é falar. Já estou a acenar com a cabeça, assumindo que ela se refere ao seu chefe ou, melhor ainda, ao diretor de segurança de Hartsfield.

— Religioso ou secular? Temos ajuda psicológica da Cruz Vermelha e também clérigos de todas as religiões principais. O que é que prefere?

A irritação cresce no meu peito, fazendo-me debruçar para a frente na minha cadeira.

— Não preciso de falar com nenhum psicólogo. Eu *sou* psicóloga. O que preciso é que alguém me diga onde está o meu marido.

Ann Margaret fica em silêncio. Morde o lábio inferior e olha de relance para os colegas destacados em mesas próximas a consolar os seus inconsoláveis, como que a dizer *E agora? Não nos ensinaram esta na formação de Especialista de Cuidados*. Deixei-a sem fala.

— Então, o que é que acontece agora? — pergunta o meu pai, o eterno planificador. — O que fazemos a seguir?

Ann Margaret parece aliviada por poder voltar ao seu guião.

— Bom, vai haver um serviço fúnebre este fim de semana aqui na cidade. A Liberty Airlines ainda está a trabalhar na logística, mas, assim que soubermos a hora e o local, serão informados. Estou disponível para vos ir buscar à vossa casa e escoltar ao serviço, se desejarem. Claro que a opção é vossa, mas vai haver jornalistas por lá, e eu saberei como os contornar. E, se estiverem interessados, posso ajudar a planejar uma visita ao local do acidente.

A minha garganta bloqueia com as duas últimas palavras. *Local do acidente*. Mal suporto ver as imagens na televisão. A ideia de andar a caminhar pelo meio dos destroços, de pisar o solo onde o 179 se despenhou, parece-me um perverso murro no estômago.

— Não há pressa — diz Ann Margaret, preenchendo o silêncio. — Quando e se estiver pronta. — Quando continuo sem responder, ela consulta os seus papéis para ver o item seguinte na agenda. — Ah, sim. A Liberty Airlines está a trabalhar com um terceiro para gerir o processo de devolução dos artigos pessoais aos membros de família de direito. Vai encontrar o impresso na página 23 do seu pacote. Quanto mais pormenores puder fornecer, melhor. Fotografias, textos de inscrições, características distintivas. Coisas do género.

Will não liga a joalheria, mas usa a sua aliança de casamento e um relógio. Ambos foram presentes que gravei com as nossas iniciais, e eu queria ambos de volta.

— Mais uma vez, está a assumir que ele estava naquele avião.

Sei que a minha negação é típica. Não acredito, logo, não pode ser verdade. Will não está enterrado no solo do Missouri. Está em Orlando, a ofuscar participantes de uma conferência com a sua apresentação sobre análise preditiva e a queixar-se do calor no bar do hotel. Ou talvez já esteja em casa, todo amarrotado e cansado de onde quer que tenha estado este tempo

todo, a perguntar-se o que será o jantar. Imagino-me a entrar pela porta para o encontrar ali, e uma bolha de alegria sobe pelo meu peito acima.

— Senhora Griffith, compreendo como isto deve ser difícil, mas...

— Compreende? A sério? Porque o seu marido ia no avião? Foi a sua mãe ou pai ou filha ou filho que ficou despedaçado num campo de milho? Não? Bem, então, a senhora *não* sabe e *não* consegue compreender como é difícil para mim. Para qualquer pessoa nesta sala.

Ann Margaret apoia-se na secretária, e a sua testa enrugase.

— Não, não perdi nenhum membro de família no Voo 23, mas consigo sentir uma profunda tristeza e compaixão por si como por todas as outras pessoas aqui hoje. Partilho da sua ansiedade e perturbação, e estou do seu lado. Diga-me o que quer que eu faça, que eu faço-o.

— *Devolva-me o meu marido!* — berro.

À nossa volta, por todas as mesas, tudo se silencia, e as cabeças viram-se na minha direção. *Solidariedade*, dizem os seus rostos. Também eles querem os seus entes queridos de volta. Se estivéssemos sentados mais perto uns dos outros, teríamos unido os nossos punhos fechados. É uma sociedade lixada, uma sociedade de merda, mas pelo menos não estou ali sozinha.

Dave pressiona a mão no meu ombro direito, uma mostra de apoio fraternal. Sabe que estou à beira do esgotamento e eu sei que o seu mais novo e mais urgente objetivo é tirar-me daqui.

— Há mais alguma coisa?

— Sim. Seria muito útil se nos fornecesse o nome e morada do médico e do dentista do seu marido. Pode ter a certeza de que toda a informação reunida é confidencial e será usada apenas pelo pessoal forense sob a orientação do médico-legista. E lamento muito por ter de pedir, mas, hum, também vamos precisar de uma amostra de ADN.

O meu pai segura-me a mão.

— Mais alguma coisa? — diz por entre os dentes cerrados.

Ann Margaret pega num envelope e passa-o por cima da secretária.

— Isto é uma primeira parcela da parte da Liberty Airlines, para cobrir quaisquer despesas relacionadas com o acidente. Sei que este é um momento muito difícil e estes fundos destinam-se a, bem, retirar um pouco da pressão de cima de si e da sua família.

Pego no envelope e espreito o papel impresso lá dentro. Aparentemente, a morte tem um preço e, a acreditar na Liberty Airlines, é de 54 378 dólares.

A fúria que tem estado a ferver abaixo da superfície desde que entrei pela porta incendeia-se numa raiva escaldante. Chamas lambem-me os órgãos e disparam lava para as minhas veias, queimando-me por dentro. As minhas mãos fecham-se, e estou muito direita na minha cadeira.

- Deixe-me perguntar-lhe uma coisa, Margaret Ann.
- É Ann... — Ela interrompe-se e plasma um sorriso de compreensão.
- Com certeza. O que quiser.
- Para quem é que trabalha?
- Uma pausa. Ela franze a testa como que para dizer *De que é que está a falar?*
- Senhora Griffith, já lhe disse. Eu trabalho para si.
- Não. Referia-me à pessoa que lhe paga os ordenados.
- Ela abre a boca, depois fecha-a, inspira pelo nariz e tenta de novo.
- A Liberty Airlines.
- Rasgo o cheque em dois, pego na minha mala e levanto-me.
- Era o que eu pensava.

Ann Margaret cumpre a sua palavra pelo menos numa coisa. Quando saímos pela porta do Centro de Assistência à Família, uma mão-cheia de agentes fardados da Liberty Air conduz-nos pelo terminal até uma porta lateral. Se alguns jornalistas nos veem a caminho do carro, não damos por isso. Os agentes agem como um escudo humano.

Enfiam-nos no *Cherokee* do meu pai e fecham as portas com força, recuando assim que o meu pai liga o motor. Ele põe a mudança em marcha-atrás mas não retira o pé do travão. Tal como eu, o meu pai ainda está em choque, a tentar processar tudo o que ficámos a saber na última hora. Perco a noção do tempo que fico ali sentada, com o motor a ronronar, a olhar em silêncio, pela janela, para a barreira de cimento do parque de estacionamento, e só quando sinto a palma quente da mão dele no meu joelho e a de Dave no meu ombro é que percebo que, durante todo este tempo, tenho estado a chorar.

P

asso toda a noite a sonhar que sou o Will. Estou a voar nas nuvens, segura, com o cinto apertado no meu lugar na coxia, quando, de repente, o fundo desaparece debaixo dos meus pés. O avião dá uma guinada e começa a rolar, e os gritos dos motores são tão ensurdecedores como os meus, tão aterrados como os dos outros passageiros que estão por baixo de mim, e por cima, e à minha volta. Mergulhamos numa queda frontal, precipitando-nos para a terra com uma velocidade irreversível. Acordo no momento em que explodimos numa bola de fogo, o terror de Will a deixar-me a boca áspera. Terá sabido o que estava a acontecer? Terá gritado, chorado e rezado? Nos seus últimos momentos, terá pensado em mim?

As perguntas não me deixam em paz. Marcham pela minha mente como um exército em ataque, bombardeando-me o cérebro e fazendo-me sentar na cama de súbito. Porque me teria dito o meu marido que ia para um sítio e depois entrado num avião para outro? Porque teria criado uma falsa conferência com um falso prospeto como prova falsa? Quantas outras vezes não teria estado no sítio onde dissera que ia estar? O meu coração desfere-me um pontapé no peito com esta última pergunta, e a resposta óbvia era como tentar encaixar uma peça quadrada num buraco redondo. Will não me trairia. *Nunca.*

E então? Porquê mentir?

Viro-me na cama e procuro com uma mão, à primeira luz da manhã, a sua almofada vazia. Puxo o algodão fresco contra o rosto e inspiro o odor do meu marido, e as recordações invadem-me em clarões de lucidez, afiados como lâminas. O queixo quadrado de Will, iluminado por baixo pelo ecrã do seu portátil. A maneira como o seu cabelo estava sempre despenteado de um dos lados, das vezes que o passara com a mão, um hábito inconsciente quando estava a pensar nalguma coisa. Aquele seu sorriso sempre que eu entrava na mesma divisão, aquele que mais ninguém percebia exceto eu. Mais do que tudo, a recordação de como me sentia inteira pertencendo-lhe, de sentir que éramos um nós.

Preciso do meu marido. Preciso do seu corpo aquecido pelo sono, e do seu toque térmico, e da sua voz a sussurrar ao meu ouvido, a chamar-me a sua pessoa preferida no mundo. Fecho os olhos e ele está ali, deitado na cama ao meu lado, de peito nu e um dedo a curvar-se num convite, e um peso vazio

enche-me o peito. Will está morto. Morreu, e agora eu também.

A ferida recente reabre-se com uma dor cauterizante, e não consigo ficar nesta cama — na nossa cama — nem por mais um segundo. Atiro com os cobertores, visto o roupão de Will e dirijo-me para as escadas.

Na sala, carrego no interruptor na parede e faço uma pausa enquanto os meus olhos se ajustam à súbita luz. Depois, é como olhar para uma fotografia da minha vida com Will, imobilizada no momento antes de ele partir para o aeroporto. O seu livro de bolso de ficção científica, com as páginas dobradas e a encaracolar nos cantos, encontra-se na mesinha de apoio junto à sua poltrona preferida, ao lado de uma minimontanha de invólucros de celofane dos seus rebuçados. Estou sempre a implicar com ele por não os levar para o lixo. Sorrio ao mesmo tempo que sinto as lágrimas formarem-se, mas pestanejo para as conter, porque uma pequena palavra corta as minhas memórias como um machado.

Porquê?

Afasto-me da parede e dirijo-me para as estantes dos livros.

Quando nos mudámos para aquela casa, no ano anterior, Will rejeitou a ideia de um escritório em casa. «Um informático não precisa de uma secretária», disse na altura, «só precisa de um portátil com um processador multinúcleo e um lugar para abancar. Mas, se tu quiseses um, força.» Eu não queria. Gostava de me instalar onde quer que Will estivesse instalado, ao balcão da cozinha, no sofá, num espaço à sombra do alpendre das traseiras. A secretária da sala tornou-se um espaço para se ver o correio, guardar canetas e cliques e exibir as nossas fotografias preferidas — instantâneos de tempos mais felizes. Viro as costas à secretária para não os ver.

Mas, inevitavelmente, a posse de uma casa resulta num rasto de papelada, e Will guardava a nossa nos armários encastrados da sala. Ajoelho-me no chão, abro as portas e maravilho-me com um espetáculo digno de um catálogo da Container Store. Fileiras coloridas de dossiers, os seus conteúdos marcados com rótulos impressos. Tudo está ordenado e agrupado por ano. Puxo-os para fora, espalhando-os pelo soalho por prioridade. Qual seria o sítio mais evidente para procurar outra mentira?

Um trio de bandejas de correio está arrumado no lado esquerdo do armário, e vasculho rapidamente o seu conteúdo. Brochuras relacionadas com o trabalho, um amarelecido *Atlanta Business Chronicle* com um artigo sobre a AppSec na primeira página, bilhetes para o concerto dos Rolling Stones para este verão. Um maço de contas por pagar no topo, unidas por um clipe e etiquetadas com um *post-it* escrito com a letra de Will: *Para pagar ASAP*. O meu coração descreve uma pirueta, bombeando demasiado sangue de uma vez, e começo a suar, apesar do frio na sala. Will não morreu. Ele vai voltar.

A prova está aqui mesmo, nesta letra inconfundível. Uma pessoa morta não pode ir a concertos nem cumprir listas de tarefas, e o meu meticuloso marido nunca deixa uma tarefa por terminar.

Sento-me de pernas cruzadas entre os papéis, percorrendo os dossiers um por um. Extratos bancários. Cartões de crédito. Empréstimos, contratos e declarações de impostos. Estou à procura de... não sei de quê. Um vislumbre do marido que julgava conhecer tão bem, alguma pista para a razão por que se metamorfoseou subitamente no tipo de homem que mente.

Hora e meia mais tarde, encontro uma. Uma cópia recente do seu testamento, uma versão que nunca tinha visto, atualizada apenas um mês antes, e a descoberta atinge-me como um murro no estômago. Ele mudou o testamento sem me dizer? Não é como se tivéssemos muitos bens. Uma casa com uma pesada hipoteca, um par de empréstimos para compra de carro, e não muito mais. Will não tem membros de família vivos, e não temos filhos. Por enquanto. Provavelmente. Excetuando o talvez-bebé, a nossa situação é bastante simples. Vou passando as páginas, à procura de uma razão.

Encontro-a na página sete: dois novos seguros de vida que Will adquiriu ao início deste ano. Juntamente com o que já tinha, o prémio ascende ao total de... tenho de olhar duas vezes para ter a certeza... dois milhões e meio? Deixo cair os papéis sobre as minhas coxas, com a cabeça a andar à roda com todos aqueles zeros. A quantia é espantosa, e completamente desproporcional com o seu salário de nível médio. Sei que devia estar contente pela sua previdência, mas não consigo evitar as novas perguntas que me atormentam. Porquê dois novos seguros? Porquê tanto?

— Devo perguntar? — Ergo o olhar para encontrar Dave parado na ombreira da porta. Está com a *t-shirt* de Harvard do marido e umas calças de pijama, o tecido amarrotado da cama, e boceja com força suficiente para partir o maxilar. Ainda nem são sete, e Dave nunca foi uma pessoa madrugadora.

— Estou à procura de pistas.

— Foi o que calculei. — Estende os longos braços para o teto e ouço um ruidoso estalar da sua espinha que me faz pensar em bolhas de plástico. — Mas o que queria dizer é se devo perguntar se encontraste provas de outra vida em Seattle?

— O oposto, na verdade. nenhuns pagamentos estranhos, nenhuns nomes que não reconheço. Apenas mais provas de que, no que diz respeito à organização, o meu marido é completamente obcecado. — Pego no testamento, abro-o na página sete. — Tens algum seguro de vida?

— Tenho.

— De quanto?

Ele passa uma mão pelo cabelo escuro, fazendo-o espetar-se em tufo

desordenados. — Não me lembro. Qualquer coisa abaixo de um milhão, ou coisa do género.

— E o James?

— Mais ou menos o mesmo, acho eu. Porquê?

— Dois milhões e meio de dólares. — Abano o papel no ar entre nós. —

Milhões, Dave. Não parece extraordinariamente alto?

Ele encolhe os ombros.

— Assumo que és a beneficiária.

— Claro — digo, ao mesmo tempo que outra pergunta vai abrindo caminho pela minha consciência. Quem saberia dizer se ele não tinha adquirido outros, em benefício de quem quer que estivesse em Seattle?

— Então, sim e não. Tanto quanto me lembro, o cálculo é qualquer coisa como dez vezes o teu salário anual, por isso, sim, a quantia é alta. Mas ele amava-te. Provavelmente só queria garantir que ficavas bem provida.

As palavras de Dave dão início a um lento escorrer de dor, mas engulo-a inteira. Sim, o meu marido amava-me, mas também mentiu.

— Dois dos seguros foram comprados há três meses.

A cabeça dele ergue-se bruscamente, e as sobrancelhas franzem-se num V aguçado.

— Ou é uma incrível coincidência ou incrivelmente sinistro. Não consigo decidir.

— Eu aposto no sinistro.

Ele afunda-se mais na poltrona e esfrega o rosto.

— Muito bem, vamos pensar nisto como deve ser. Um seguro de vida não é gratuito, e uma quantia destas teria de lhe custar uns cem dólares ou mais por mês.

Aponto para a pilha de dossiers, um deles contendo os extratos bancários do ano.

— Bem, não o pagou com a nossa conta conjunta. Já verifiquei todos os extratos e não encontrei nada senão uma chocante quantidade de despesas no Starbucks.

— Ele podia ter outra conta?

— É possível, suponho eu. Mas, se não estiver aqui, como é que a encontro?

— Pelo computador. *Emails*, favoritos, histórico.

— O Will nunca vai a lado nenhum sem o portátil. Nem o telemóvel e o *iPad*.

— Consegues entrar no seu *email*?

Abano a cabeça.

— Nem pensar. O Will não é como nós, que usamos o nome do cão da

infância como palavra-passe. Usa aqueles *logins* gerados por computador que são impossíveis de decifrar, e um diferente para cada coisa.

— Até para o Facebook?

— *Em especial* para o Facebook. Sabes a frequência com que as páginas das redes sociais são pirateadas? A toda a hora. Quando dás por ti, todos os teus mil e quinhentos seguidores no Twitter estão a receber MP tuas a fazer publicidade a Ray-Bans falsos.

Will ficaria tão orgulhoso. Estas são palavras dele, aquelas com que me censurou quando lhe disse que rocky321 é a minha palavra-passe para tudo. Agora saem-me facilmente da boca.

Suspiro, olhando para as pilhas de papéis e dossiers à minha volta. Já não há aqui mais respostas, isto é certo. Começo a voltar a enfiar tudo no armário.

— Sabes onde é que procuraria a seguir, se quisesse descobrir os segredos do meu marido? E digo-te isto correndo o risco de confirmar todos os estereótipos que já ouviste a respeito dos gays.

Pego noutro dossier, olhando de relance por cima do ombro para o meu irmão, e ambos dizemos em uníssono:

— No *closet*.

O *closet* de Will é um mundo arrumado e ordenado onde cada artigo está organizado por cor e agrupado por categoria. Camisas do trabalho, passadas a ferro, engomadas e abotoadas. Uma fileira de calças com o vinco tão aguçado que daria para cortar pão. Calças de ganga, *t-shirts* e polos, cada cabide a condizer e perfeitamente espaçado. Puxo a gaveta de cima, que se abre para revelar as suas boxers, dobradas em rolos apertados e arrumadas em filas iguais.

Este é o domínio de Will, e ele está em todo o lado para onde olho. Fico ali parada por um momento, a bebê-lo como um vinho, sentindo uma dor trémula a tomar conta do meu estômago. Sinto-o na ordem, na sua preferência pelos tecidos macios e tons de joias, no odor a sabonete de especiarias e menta. Como se pudesse virar-me e encontrá-lo ali, a mostrar aquele sorriso que o faz parecer mais novo e mais velho ao mesmo tempo. Na primeira vez que o vi naquele chuvoso parque de estacionamento da Kroger, gostei tanto desse sorriso que aceitei o seu convite para um café, embora ele tivesse acabado de ir com o carro contra o meu para-choques.

— Podias ter-te limitado a pedir-me o número, sabes? — provoquei-o alguns dias depois, quando me acompanhou à porta no nosso primeiro encontro oficial. — Os nossos para-choques não precisavam de ter chocado primeiro.

— Como é que havia de te chamar a atenção? Estavas a ir-te embora. Ri-me.

— Pobres para-choques inocentes.

— Um sacrifício que valeu a pena. — Então beijou-me, e eu soube que ele tinha razão.

— Estás bem? — pergunta-me Dave agora, com o tom suave.

Anuo, não confiando na minha voz.

— Tens a certeza de que queres fazer isto? — Ele estuda-me o rosto com um olhar preocupado. — Não precisas de ajudar, sabes?

— Eu sei, mas quero. — Ele não parece muito convencido, por isso acrescento: — Preciso de o fazer.

— Então, está bem. — Aponta na direção do princípio, onde as camisolas de Will estão arrumadas em perfeitas pilhas nos cubículos. — Vou começar por aquela ponta e tu pela outra. Encontramo-nos ao meio.

Trabalhámos maioritariamente em silêncio. Revistamos cada bolso em cada par de calças e calções. Dave sacode cada camisola e eu despejo cada gaveta. Espreitamos para dentro de cada sapato, viramos cada meia. Foi uma boa hora de trabalho, e, no final, não encontrámos nada senão cotão.

— Sei que o teu marido é meticoloso, mas isto é de loucos. Pelo menos devíamos ter encontrado alguns trocos. Há algum sítio onde ele esvaziasse os bolsos?

— Temos um frasco para os trocos na lavandaria, mas as outras coisas...

— Encolho os ombros suficientemente alto para me roçarem as orelhas.

O meu irmão e eu estamos sentados de pernas cruzadas no chão do *closet*, rodeados pelas pilhas de roupas e sapatos de Will. O espaço parece ter sido varrido por um tornado, com roupas caídas dos cabides, espalhadas por cima de caixas e a transbordar para o chão. Pego numa das camisolas de Will, uma de caxemira macia como a pele de um bebé que lhe comprei no ano passado pelo seu aniversário, e levo-a ao nariz, inspirando o seu odor familiar.

Nesse momento, sinto Will tão fortemente que fico sem respirar e os pelos da minha nuca arrepiam-se. *Olá, querida*, diz ele na minha cabeça, tão claramente como se o tivesse mesmo ao meu lado. *Que estás a fazer?*

Disperso a imagem e largo o tecido no colo.

— E agora?

Dave faz uma pausa para pensar.

— O carro?

— Está no aeroporto.

Ele faz um aceno com a cabeça.

— Eu e o pai vamos tentar saber como o podemos recuperar. Entretanto, como é com as redes sociais? Quando foi a última vez que verificaste a conta

de Facebook do Will?

A pergunta de Dave deixa-me perplexa. Will e eu partilhamos uma casa, uma vida, um passado. A nossa relação sempre foi construída com base na confiança e na honestidade. Ele dá-me espaço de manobra, eu faço o mesmo.

— Nunca, e para de olhar assim para mim. Bisbilhotar não é coisa que nós façamos, nunca. Nunca houve qualquer razão para qualquer um de nós ter ciúmes ou desconfianças.

Dave inspirou fundo, mas não diz as palavras que ambos estamos a pensar.

Até agora.

A voz de James ouve-se lá fora.

— Ei, Dave?

— No armário — chama Dave.

A gargalhada de James chega primeiro à porta, mas depois ele aparece vestido dos pés à cabeça de Lululemon e agarrado a um saco de presente. O seu cabelo alourado está colado à testa com chuva e suor, e a respiração sai-lhe em movimentos rápidos e duros.

— Tantas piadas que eu podia fazer neste momento.

Dave revira os olhos.

— Passaste pelo centro comercial?

James baixa o olhar para o saco como se tivesse acabado de se lembrar de que o tinha na mão.

— Ah, sim. É para a Iris, suponho. Encontrei-o pendurado na maçaneta da porta de entrada. Não tem bilhete.

Pego no saco e retiro um *iPhone 6* novinho em folha, um dos grandes, com mais *gigabytes* do que aqueles que alguma vez conseguiria usar, ainda dentro da caixa selada.

— Porque é que alguém te havia de dar um *iPhone*? — pergunta James.

— Porque ela tem pena de mim e sabe que parti o meu. — Coloco a caixa no interior do saco e devolvo tudo.

— Queres que to parametrize? — diz Dave.

— Não, quero que o devolvas à loja, peças o reembolso e depois me compres outro com o meu dinheiro.

— Não seria mais eficiente limitares-te a passar um cheque a esta pessoa?

Como de costume, o meu irmão tem razão. Eu preciso, de facto, de um telefone novo, mas diabos me levem se vou deixar que alguém mo pague.

— Tudo bem, mas vais precisar do meu portátil para o instalares. Acho que está numa gaveta na cozinha, algures. E, enquanto isso, vê quanto custa essa coisa, pode ser? Vou entrar na rede da escola para descobrir a morada da Claire e depois mando-lhe o cheque pelo correio.

— Tudo bem.

Com isto resolvido, James encosta um ombro à porta, a ver a confusão em que deixámos o *closet*. As fileiras de cabides tortos, a montanha de camisolas e camisas no chão, as roupas saídas das gavetas como uma liquidação geral de uma loja.

— Não sei se deva perguntar.

— Estamos a bisbilhotar — diz Dave.

— E?

— Nada. Nem sequer um recibo de combustível.

O tom de Dave é pesado de significado, bem como a sua expressão. Um nó duro desabrocha no meu estômago com a conversa muda que passa entre os dois homens. *Que espécie de pessoa não deixa nada, nem sequer um invólucro de pastilha elástica ou um cêntimo esquecido? A espécie de homem que não quer que a mulher saiba o que ele anda a tramar.* As suas palavras destacam-se tão claramente no ar que é como se tivessem sido ditas em voz alta.

— Ele não me andava a trair — digo, a minha voz tão inabalável como me sinto. Há coisas que sabemos no mais íntimo do nosso ser, coisas em que apostaríamos a nossa vida e cada cêntimo. Esta é uma delas. — Não andava.

Dave indica com um gesto o que o rodeia, as pilhas de roupas e sapatos.

— Querida, nenhum homem é tão vigilante. Tem de haver qualquer coisa a passar-se aqui.

— Claro que há qualquer coisa a passar-se aqui. O Will entrou no avião errado, voou na direção errada. Mas não por causa de outra mulher. Foi por causa de outra coisa qualquer.

James abre a boca para oferecer uma opinião e Dave faz-lhe um olhar duro, um olhar que diz *Esquece*. Sei que, assim que estiverem atrás da porta fechada do quarto de hóspedes, do outro lado do corredor, vão começar a enumerar factos e a discutir teorias, e suponho que tenha de me habituar a isso. A minha família não será a única a pensar o pior de Will, que ele tem outra mulher — uma namorada, uma esposa, a mãe dos seus filhos — escondida algures num subúrbio de Seattle.

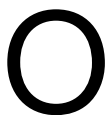
Uma punhalada de fúria rouba-me o fôlego. Como pôde Will fazer-me isto? Como pôde deixar-me aqui sozinha, desarmada e confusa, para lutar esta batalha? Quero defendê-lo, quero defender-nos, mas não sei como. Ele deixou-me sem nada senão perguntas. Como posso provar que os outros estão errados?

Dave poussa-me uma mão no joelho.

— Vamos continuar a procurar, está bem? Podemos apanhar um avião e ir a Seattle, se for preciso. Havemos de descobrir esta outra coisa qualquer.

Faço um aceno de assentimento, o meu coração a transbordar de amor pelo meu irmão gémeo. A sua oferta não vem de uma obstinada crença no meu marido, mas unicamente na sua crença em mim. É o único disposto a procurar outra explicação porque eu estou tão convencida de que existe outra explicação.

— És a minha segunda pessoa preferida do planeta — digo, mesmo antes de me dissolver em lágrimas, porque isto já não é verdade. Sem Will aqui, Dave acabou de passar para o primeiro lugar.



domingo acorda luminoso e belo, um daqueles perfeitos dias de primavera por que Atlanta é famosa. Céu azul. Sol quente. Uma brisa fresca que transporta sopros de erva e madressilva. O tipo de dia que Will e eu adorávamos passar em ociosos passeios em Piedmont Park ou a explorar a Atlanta BeltLine. O tipo de dia que é demasiado luminoso e soalheiro para um funeral.

A Liberty Airlines reservou os Jardins Botânicos de Atlanta para a cerimónia fúnebre, e, quando entro de roupas escuras e óculos ainda mais escuros, admito renitentemente que a escolha foi brilhante. Com as suas pontes ondulantes, os reflexos dos lagos e as coloridas esculturas de Chihuly por todo o lado, o parque é simplesmente espetacular. Acima de tudo, nenhum jornalista foi autorizado a passar o portão, e não há uma lente telescópica no planeta que nos consiga alcançar por entre a cobertura de folhas. Imagino Ann Margaret na reunião com os colegas, a anuir entusiasticamente perante a sugestão do local. Quem pode sentir-se mal quando as tulipas estão em flor?

A minha mãe enlaça o braço no meu e encosta a têmpora ao meu ombro.

— Como estás?

— Estou bem.

Felizmente, não é uma mentira. Assim que chegámos ao parque de estacionamento do jardim, tudo dentro de mim ficou completamente dormente, como se alguém me tivesse injetado Novocaína. O meu corpo entrou em modo de sobrevivência, suponho, e sinto-me grata por esta trégua. É, decerto, melhor do que chorar, ou vomitar, ambas as coisas que passei todo o dia de ontem a fazer, depois de o meu pai entregar a um solene representante da Liberty Airlines os artigos que recolheu do lado de Will da casa de banho — a escova de dentes, uma unha esquecida no corta-unhas, alguns cabelos soltos. Um desfecho — é isto que a genética, supostamente, fornecerá às famílias. Mas eu não quero um desfecho. Quero que alguém me diga que não encontraram nenhum pedaço, nem uma única minúscula partícula, do meu marido naquele campo de milho no Missouri.

Funcionários do parque fardados conduzem-nos ao longo dos caminhos empedrados até ao Rose Garden, um vasto campo de erva baixa recortado contra o cenário do horizonte da baixa de Atlanta. Sentamo-nos em cadeiras articuladas almofadadas numa fileira ao meio, o meu olhar a identificar alguns

rostos conhecidos do Centro de Assistência à Família. A mulher indiana com outro sari, desta vez branco. O adolescente negro sem os anéis, o rosto riscado de lágrimas não contidas. O sol reflete as suas faces molhadas como um farol, deixando-me grata pelos meus óculos escuros. Em especial quando vejo Ann Margaret, a observar de uma lateral. O seu olhar de óbvia ansiedade transporta-me de volta para os corredores da Lake Forrest, as raparigas cheias de borbulhas desesperadas por fazerem parte do grupo dos populares. Nós somos a «sua» família e estamos a excluí-la. Faço-lhe a minha melhor mostra de frieza de rapariga-má e viro-lhe as costas.

A cerimónia consiste em hora e meia de enfurecedora, excruciante tortura preenchida com canções lamechas e uma longa procissão de oradores, pessoas que nunca vi e que provavelmente nunca voltarei a ver. Embrulham as suas condolências com ridículos lugares-comuns, coisas como *Que o vosso amor seja mais forte do que o vosso desespero e mágoa* e *Concentremo-nos em preencher os vazios com amor e esperança*. Esperança de quê? Contenho a respiração e ranjo os dentes para não gritar as palavras. *Esperança de quê, foda-se?* Graças à Liberty Air, não faço a mínima ideia.

Liberty Airlines. Duas palavras que não consigo proferir sem tremer de fúria. Odeio-os pelos seus mecânicos negligentes, a sua falsa preocupação, os seus incompetentes gestores de desastre e a tripulação desastrada. Se aquele piloto não tivesse morrido no acidente, eu queria matá-lo pessoalmente.

E onde está a família do piloto? Estará aqui? Estudo os perfis das pessoas que choram baixinho à minha volta, tentando encontrar a sua mulher ou marido, os seus dois-vírgula-cinco extremosos filhos. Atrever-se-iam a aparecer? Conseguiriam encarar as 178 outras famílias, sabendo que foi o seu ente querido que cometeu o erro que fez cair o avião?

Depois da cerimónia, reunimo-nos para tomar refrescos num caramanchão de rosas mais adequado a um casamento do que a um funeral. As flores não vão desabrochar senão daqui a algumas semanas, os seus apertados botões não passam de minúsculos nós, mas as trepadeiras, com os seus rebentos verdes-pálidos, troçam de mim com o seu otimismo. *Vivos, vivos, vivos*, gritam, enquanto o meu Will está morto.

— Posso ir buscar-te alguma coisa para beber? — pergunta o meu pai, acenando para o outro lado da multidão, onde um empregado fardado segura uma bandeja de bebidas geladas.

— Uma *Cola* — digo-lhe, embora não tenha sede. Penso que, se tiver um copo na mão, pelo menos não vou poder esmurrar ninguém na barriga. Mas, assim que o meu pai desapareceu entre a multidão, reconsidero. — Pensando melhor, não nos podemos ir embora? Quero mesmo ir para casa.

A minha mãe e Dave trocam um olhar.

— Não queres aproveitar para falar com algumas das outras famílias? — diz a mãe.

— Não. Na verdade, não quero, não. — Como psicóloga, sou grande apologista da terapia de grupo, em encontrar consolo com outros que passaram por uma tragédia semelhante. Mas fazer isto com estas pessoas significa que aceitei que Will estava naquele avião e, até o ADN me dizer o contrário, vou agarrar-me à minha negação com as duas mãos.

O meu patrão, Ted Rawlings, aparece na minha frente. Embora não esperasse vê-lo ali, não fico surpreendida. Ele trata toda a gente em Lake Forrest, pessoal e estudantes, como uma grande família alargada. Claro que estaria presente num dos nossos funerais.

Estende-me uma mão e depois segura a minha entre as dele.

— Em nome de toda a gente na Lake Forrest Academy, ofereço-te as minhas mais profundas, mais sinceras condolências. Lamento muito, muito a tua perda. Se houver alguma coisa que eu possa fazer, que algum de nós possa fazer, por favor, por favor, diz-me.

Lágrimas desabrocham nos meus olhos, não com as suas palavras mas principalmente com a gravata — uma solene e séria gravata preta, tão diferente das coloridas que ele leva para a escola. Uma verdadeira gravata de funeral. Aposto que a comprou para a ocasião, e a ideia deixa-me incrivelmente, inexplicavelmente triste.

— Obrigada, Ted.

— Tira o tempo que precisares, está bem? Voltas para a escola quando te sentires preparada. — Aperta-me a mão e depois passa para a minha mãe, tornando-se o primeiro numa fila que se forma espontaneamente. Mais colegas e as esposas, um homem que reconheço tardiamente como o patrão de Will, alguns dos seus colegas. Eles vão passando, repetindo mais ou menos o mesmo que Ted acabou de dizer. A seguir vem toda a equipa de lacrosse de Lake Forrest, de rostos solenes e a dizer as coisas certas, mas uma comichão espalha-se pela minha pele com cada mão que aperto. Não quero a sua compaixão. Não quero as suas palavras de bondade. Só quero o meu marido de volta.

— Oh, Iris — diz uma voz conhecida, e sou rodeada pelas minhas três melhores amigas, os olhos inchados e raiados de sangue. Elizabeth, Lisa e Christy rodeiam-me, envolvendo-me num abraço que cheira a flores, mel e lágrimas.

— Ele não devia estar naquele avião — digo, encostando a testa à delas. — Devia estar em Orlando.

Não há nada que elas possam dizer, nenhuma esperança que possam oferecer, por isso limitam-se a apertar-me mais sem dizer absolutamente nada.

A ideia de que me conhecem o suficiente para não preencherem o silêncio com lugares-comuns enche-me de amor ao mesmo tempo que me contorce o coração com uma nova vaga de dor.

— Obrigada por terem vindo — sussurro, mesmo antes de a minha mãe intervir. Ela fez isto quando celebrou os 40 anos de casamento com o meu pai, fazendo avançar a fila quando alguém se deixava ficar demasiado tempo. Agora vejo-a apertar algumas mãos entre as suas, o seu sorriso tão genuíno e o gesto tão natural que ninguém senão eu o percebe.

Um homem louro com fato listrado apresenta-se a seguir.

— Não a vi no Centro de Assistência à Família?

— Estive lá, sim — digo, e deixo o assunto por ali. Teria reconhecido este homem só pela altura. É chocantemente alto, do tipo de altura que se vê a correr de um lado para o outro num campo de basquetebol.

Mas, por outro lado, eu estava num farrapo e ele podia estar sentado. Fosse como fosse, o homem perdeu alguém naquele avião, tenho a certeza disso. O seu rosto está moldado em algo educado e agradável, mas os olhos verdes denunciavam-no. Estão assombrados, e nada nisto é agradável.

Estende-me uma mão.

— Evan Sheffield. A minha mulher e bebé estavam no avião.

Estremeço, ao mesmo tempo que sou percorrida por um arrepio de qualquer coisa que se parece muito com alívio. Este pobre tipo perdeu duas pessoas naquele avião. Ao que parece, há quem esteja ainda pior do que eu.

— Iris Griffith. O meu marido Will... — Engulo em seco. Ainda não consigo fazer passar aquelas horríveis palavras pelos meus lábios.

Evan faz-me um aceno com a cabeça, a sua careta a dizer-me que compreende. Claro que compreende.

— Queria que soubesse, estou a organizar uma associação de amigos e família dos passageiros e tripulantes. Se nos unirmos, talvez consigamos muito mais.

— Como o quê?

— Como perceber o que devíamos estar a fazer e quem deveríamos estar a ouvir, para começar. Não sei o que pensa fazer, mas eu não tenciono seguir cegamente o caminho que o meu Especialista de Cuidados estipulou para mim. Não tenho a certeza de que um funcionário da Liberty Air seja o nosso melhor defensor, neste momento.

— Concorde.

— Ótimo. — Ele retira um cartão do casaco e passa-mo. Aponta para o seu nome em ondulantes letras azuis. — Envie-me um *email* com as suas informações de contacto e eu junto-a à lista. A primeira reunião vai ser no início da próxima semana na minha empresa, a Rogers, Sheffield e Shea, em

Midtown. A morada e instruções de estacionamento estarão incluídos no *email*.

Conheço a Rogers, Sheffield e Shea. Toda a gente no Sul conhece a Rogers, Sheffield e Shea, depois de reverterem, em 2001 a condenação de Troy Coles, um homem de Savannah sentenciado à morte por um assassinio que não cometeu. Volto a olhar para o seu nome, um nome que agora recordo como o do advogado principal no caso.

— Então é esse Evan Sheffield?

— Sim, e não sou o único advogado no grupo, se é isso que está a perguntar. Também temos alguns enfermeiros, uma terapeuta do sono e uma mão-cheia de médicos. Se tiver algum talento ou conhecimento específico que queira oferecer, diga-me no *email*. Não é obrigatório, claro. Pode sempre ir apenas e ouvir.

— A minha filha é psicóloga — diz a minha mãe, não conseguindo conter-se. — Formada na Agnes Scott e na Emory.

— Não creio que consiga fazer algum bem a quem quer que seja — apresso-me a acrescentar. — Eu própria mal me estou a sustentar por um fio.

Evan tenta forçar um sorriso, mas mais parece uma careta.

— Bem-vinda ao clube. Toda a gente me diz que vou sobreviver a isto, mas, se me perguntar, ainda não tenho a certeza disso. — Ele inspira fundo, recompondo-se. — Seja como for, prazer em conhecer e vou ficar à espera do seu *email*.

O homem avança e fico a vê-lo fazer o seu discurso para a pessoa seguinte, os ombros descaídos num cansaço que sinto quase até aos ossos. A dor é extenuante, e este homem perdeu duas pessoas. Onde vai ele buscar a energia? O meu olhar viaja para um maciço de erva densa e fofa, e pergunto-me se me poderia deitar ali, só por um minuto.

Dave dá um passo para se colocar ao meu lado, envolve-me a cintura com um braço e eu encosto-me a ele. Eu falava a sério quando disse a Evan que me estava a sustentar por um fio — um fio suficientemente esgarçado para poder ceder a qualquer momento. Também falava a sério quando disse à minha mãe que queria ir para casa. De súbito, sair dali é o meu mais novo e mais urgente objetivo. Não aguento nem mais uma pessoa neste desfile de enlutados.

— Vamo-nos embora.

Dave aponta para a outra ponta do relvado, onde estão a dispor bandejas gigantes sobre uma mesa de bufê.

— Mas...

— Não estou a brincar, Dave. Preciso que me tires daqui.

Dave olha por cima do ombro, inclinando o pescoço.

— Tudo bem, mas a mãe foi agora mesmo à procura de uma casa de

banho, e não sei para onde foi o James. — Vira-se, apertando-me rapidamente a mão. — Aguenta um pouco. Vou reunir as tropas.

— Isso era ótimo, obrigada.

Assim que ele se afasta, sinto outro puxão na minha manga. Antes que me consiga conter, viro-me de chofre, o meu rosto a franzir-se, carrancudo.

— O que foi?

Se o homem fica ofendido com a minha falta de maneiras, não o demonstra. Sorri, um clarão de brancura contra uma pele grão-de-café, e estende-me um copo com um líquido límpido e gasoso.

— *San Pellegrino*. Pareceu-me estar a precisar de qualquer coisa fresca.

— Ah. — A culpa invade-me, e estico os lábios no que espero ser um sorriso arrependido. — Desculpe, não costumo ser tão idiota, mas... — Aceito o copo da sua mão, inclinando-o na sua direção. — Obrigada. A sério.

— Corban Hayes — diz. — Sou amigo do Will, do ginásio.

Bebo um gole de água, observando-o sobre a borda do copo. Que este tipo passe algum tempo no ginásio não é propriamente novidade. Alto e magro, com músculos tão claramente definidos que as veias sobressaem da pele, como corda preta a projetar-se dos seus braços castanhos. O tipo de homem que faz flexões de um braço enquanto canta ao mesmo tempo. Will fazia exercício, mas não era um rato de ginásio. Pesos e passadeiras eram males necessários, mas apenas para poder comer todos os *burritos* que lhe apetecesse. Poderiam ter sido assim tão amigos?

— O Will deu-me na cabeça por pôr os pesos no sítio errado. Eu dei-lhe na cabeça por ser tão rígido. Ficámos amigos a partir daí.

Não consigo conter o sorriso.

— É mesmo típico do Will. Ele gosta de ordem.

— É verdade. — A expressão de Corban torna-se mais sóbria e ele abana a cabeça. — Vou ter saudades daquele tipo a dar ordens, a massacrar-me para mudar as minhas palavras-passes todos os meses. A minha empresa migrou para o programa de segurança da AppSec no ano passado, e foi a migração mais limpa e rápida que alguma vez experimentámos. O Will encarregou-se disso pessoalmente e não me cobrou todas as horas extra que passou a deixar-nos operacionais. Sei que a AppSec teve pena quando ele saiu.

Já estou a acenar com a cabeça, já a murmurar os meus agradecimentos pelas suas palavras simpáticas quando assimilo o último comentário.

— Quando ele saiu como?

— Para o novo emprego? Como é que se chama a empresa? EPM? TPM? Qualquer coisa do género. Assumo que seja por isso que ele ia para Seattle, para finalizar o contrato, não?

O copo escapa-se dos meus dedos, estilhaçando-se no chão com um

sonoro estampido. Cabeças viram-se na minha direção, e qualquer coisa molhada pica-me uma perna.

Mas, em vez de recuar para evitar a água, Corban precipita-se para a frente e fecha uma mão em volta do meu braço no preciso momento em que me sinto vacilar.

— Calma.

Abro a boca para lhe dizer para me soltar, mas não consigo recuperar o fôlego. O ar fica entalado a meio da minha garganta.

— Sente-se bem? Está branca como a cal.

Os meus pulmões transformaram-se em pedra. Não consigo fazê-los expandir nem contrair. Aspiro pequenos fluxos de ar enquanto pintas pretas dançam em volta da periferia da minha visão.

— Não consigo... respirar.

— Está a hiperventilar. Venha cá. — Conduz-me para um banco à sombra e instala-me ali. — Contenha a respiração. Sei que lhe pode parecer errado, mas prometo que vai ajudar. Aguarde o máximo que conseguir, depois respire pelo nariz o mais devagar possível. — Ele ajuda-me a fazer isto algumas vezes, sentando-se ao meu lado para demonstrar o movimento, enchendo as bochechas de ar e soprando exageradamente pelas narinas dilatadas, até os meus pulmões se soltarem e a tontura diminuir. — Melhor?

Ligeiramente. Faço um aceno de assentimento.

Corban debruça-se para a frente, olhando para as minhas pernas.

— Se lhe disser que está a sangrar, vai começar a hiperventilar outra vez? — Não espera pela minha resposta e limita-se a arrancar do bolso do casaco um lenço às cornucópias e a agachar-se na erva, colando-o à minha pele.

— Não me parece que os cortes sejam fundos, mas talvez seja melhor pedir a alguém que os limpe assim que chegar a casa.

Estou vagamente consciente de Corban a tratar de mim, de um grupo de pessoas a juntar-se à nossa volta, desconhecidos a observar com curiosidade e alarme. Alguém me descalça e verte água gelada no meu gémeo, e eu mal reparo em nada disto.

Durante todo este tempo, tenho estado à espera que alguém me diga que estes últimos dias foram um engano, que Will está são e salvo onde devia estar, em Orlando. Mas a conferência era uma mentira, a sua forma de esconder uma difícil verdade: que se dirigia para Seattle para desenraizar as nossas vidas e para dar início ao processo de começar uma nova na costa oposta. Cubro a boca com uma mão, a verdade a atingir-me no estômago. Will tinha uma razão para estar naquele avião.

O que significa que eu tenho uma razão para desistir da esperança.

Will tinha um emprego novo em Seattle?

Devo ter dito as palavras em voz alta, porque Corban ergue o olhar.

— Não sabia?

Os meus olhos crescem.

— Claro que não sabia. — As palavras saem como setas, rápidas e furiosas. Por que outra razão estaria a fazer uma cena daquelas?

Corban soergue-se e volta a instalar-se no banco ao meu lado, a estudar-me com os olhos pretos como a noite.

— Não sabia que ele ainda não lhe tinha dito. Se isso a fizer sentir melhor, sei que o ia fazer. Estava só à espera do momento certo.

— E quando é que seria o momento certo, quando eu chegasse do emprego e descobrisse um letreiro de Vende-se na frente da casa e um camião de mudanças com as nossas coisas lá dentro?

— Não seja maluca. Sabe que o Will nunca ia deixar desconhecidos mexerem nas suas coisas.

Sei que está a brincar, mas as palavras de Corban atingem-me como uma bola de fogo, súbita e escaldante. Este tipo alega que Will era seu amigo, mas ele era o *meu* marido. Sinto-me uma amante ciumenta e isto parece-me uma intrusão, como uma terceira pessoa a intrometer-se na minha relação com Will, a tentar abrir um espaço na cama entre nós. Um calor cresce no meu peito.

— Conhece bem o Will? — replico, mais uma acusação do que uma pergunta.

As sobrancelhas de Corban arqueiam-se, depois caem num V.

— Já lhe disse, conhecemo-nos no ginásio.

— Não perguntei como. Perguntei se o conhece *bem*. Não pode ser assim tão bem, tendo em conta que ele nunca, nem uma única vez, mencionou o seu nome. Como é que eu sei que me está a dizer verdade, sequer?

Corban não parece minimamente ofendido. Recosta-se para trás, estendendo os braços volumosos ao longo das costas do banco.

— Bem, sei que o pai desapareceu quando ele tinha sete anos, que a mãe morreu quando ele estava a terminar o secundário. Sei que andou a dormir em casas de amigos até fazer dezoito anos, com os serviços sociais atrás dele o tempo todo. Sei que fez a faculdade e uma pós-graduação e que tem qualificações a mais para o trabalho que estava a fazer na AppSec. E sei que tinha um enorme coração e era ultrabrilhante, que era, de forma geral, um homem bom que se apaixonou pelo amor da sua vida num parque de estacionamento da Kroger.

Fico em silêncio. Levei anos a arrancar tudo isto a Will. Ele não gostava de falar do seu passado difícil e detestava gabar-se. O facto de ter partilhado tudo isto com Corban diz alguma coisa não só da extensão mas também da

profundidade daquela amizade.

— Não o conhece assim tão bem, portanto — balbucio, e ele ri-se, provando de novo como conhecia bem o meu marido.

E agora estou de novo a chorar, tanto pelo óbvio afeto de Corban por Will, como pela ideia de ele ter tido um amigo, um amigo de quem gostava e em quem confiava o suficiente para partilhar as partes mais privadas da sua vida mas, por alguma razão que nunca conhecerei, decidiu ocultar de mim. Porque haveria de fazer uma tal coisa?

Corban pressiona uma mão contra a minha por um rápido momento, retirando-a antes que o gesto se pudesse transformar noutra coisa para além de amigável.

— O Will ia falar-lhe da oferta de emprego, Iris. A sério. Só queria que ficasse tão entusiasmada como ele. Este emprego era a oportunidade de uma vida. Mas queria esperar até ao próximo fim de semana, no Optimist, porque não queria que a conversa marcasse o vosso aniversário.

O Optimist — outro facto que Corban acerta. Will e eu tínhamos reservado mesa para jantar no restaurante de Westside no sábado seguinte, uma rara noite de saída só para os dois.

— Ele disse-me que ia para Orlando. A uma conferência. Até fez um prospeto onde figurava como um dos oradores principais.

— Orlando, hã? — Corban abana a cabeça. — Isso já não sabia, embora não possa dizer que me espante muito. Este novo emprego envolvia uma promoção e um enorme aumento de salário, mas o Will sabia que, mesmo assim, não ia ser uma decisão fácil para si. Quatro mil, seiscentos e quarenta quilómetros de estrada entre si e o seu irmão. Era o que ele estava sempre a dizer.

— Não estava enganado. — Respiro fundo, trémula, e limpo as faces. — Eu teria ido, mas não sem discutir primeiro.

— E, quem sabe? Era possível que ele a tivesse deixado ganhar.

Corban sorri e os meus lábios comprimem-se em resposta, como numa reação pavloviana. Fazem-no sem a minha permissão.

— Estás pronta? — diz Dave mesmo atrás de mim, e eu viro-me. Os meus pais e James flanqueiam-no. Faço-lhes um rápido aceno e depois volto-me de novo para Corban.

Ele enfia a mão no bolso, passa-me um cartão e reconheço o logotipo de uma cadeia de bancos local.

— Ligue-me a qualquer hora, está bem? Do dia ou da noite. Se se lembrar de mais alguma coisa que queira perguntar, ou se quiser apenas conversar. E, vale o que vale, mas o Will tinha razão.

— Em quê?

— O que havia entre vocês os dois valia um milhão de para-choques amolgados.

De acordo com o Google, EPS significa Enterprise Security Platform, um dos 25 Melhores Empregos de Seattle e o principal concorrente da AppSec. A sua lista de clientes é longa e variada, uma impressionante lista de grandes nomes e principais marcas das indústrias financeira, farmacêutica, aeronáutica e fabril. Os consultores da ESP falam vinte e quatro línguas, trabalham em cinquenta e sete países e passam o tempo livre a esquiar, a andar de bicicleta e a mergulhar de cabeça do alto de penhascos e montanhas. Era exatamente o tipo de sítio em que Will gostaria de trabalhar, se tivesse a oportunidade — bem-sucedido e moderno de uma forma aventureira e natural. Tudo na empresa lhe parecia perfeito, exceto o pequeno, minúsculo pormenor de se situar na outra ponta do país.

Ando a abrir páginas no *site* deles durante algum tempo, vendo perfis de empregados e vagas de posições. A maior parte das que encontro são de nível inferior ou localizadas nalgum dos escritórios na Costa Leste, e pergunto-me se já teriam retirado o anúncio para o lugar que Will iria preencher. A diretora de Recursos Humanos é uma mulher chamada Shefali Majumdar. Clico no seu perfil e anoto o seu contacto num *post-it*. Ela não deve estar a trabalhar num domingo à tarde, e a minha pergunta não é propriamente algo que se possa deixar numa mensagem. *Estou sim, por acaso contratou o meu marido? Sim? Lamento, mas infelizmente ele não pode ir.*

— Querida? — chama a minha mãe, e ergo o olhar para a encontrar parada junto ao sofá. — O jantar está pronto.

Abro o Facebook no meu portátil, pensando dar uma vista de olhos na lista de amigos do Will. Talvez algum dos seus perfis me possa dar uma indicação do que fazer, onde procurar a seguir.

— Vão comendo. Não tenho fome.

— Fiz puré de batata.

Minha querida mãe. Ela sabe como adoro puré de batata, e não tenho coragem de lhe dizer que o seu cheiro me está a dar vontade de vomitar.

Ela senta-se no braço do sofá.

— Pelo menos vem sentar-te connosco e tenta, sim? Só uma garfada ou duas.

Por muito que eu queira discutir, ela provavelmente tem razão em estar preocupada. Para além da tigela de cereais instantâneos que engoli no balcão

na manhã do acidente e da mão-cheia de bolachas de água e sal que ela me obrigou a comer na véspera, quase não comi nos últimos cinco dias. A terapeuta em mim sabe que a minha falta de apetite é resultado do choque e da depressão, que existe uma razão psicológica para o facto de tudo o que toca a minha boca me saber a cartão, mas mesmo assim. A última coisa que quero neste momento é comida. Assim que a minha mãe virou as costas, aquelas bolachas voltaram-me todas à boca.

Mas agora vejo-a estudar-me com uma expressão que conheço demasiado bem, preocupação misturada com determinação, um ar que diz que esta é uma luta de que não vai desistir. Com um sonoro suspiro, deixo o portátil em cima do sofá e sigo-a para a cozinha, onde já está toda a gente reunida.

A minha mãe manda-nos para a mesa.

— Sentem-se, sentem-se. Os pratos estão prontos num minuto. Meninos, deem-me uma ajuda, pode ser?

Eles vão ajudar e o meu pai envolve-me os ombros com um braço e puxa-me para o seu lado, depositando um beijo na minha têmpora.

— Como estás, pequenina?

— A aguentar-me — minto.

A verdade é que liguei para o atendedor de Will, mais vezes do que consigo contar, só para ouvir a sua voz, embora o som me mate mais do que me conforta. E não posso deixar de pensar no que soube de Corban na cerimónia — não tanto a respeito da oferta de emprego em Seattle mas mais na amizade dos dois homens. Por que razão haveria Will de me esconder aquilo? Dave tinha razão; Will era um solitário, mas conhecia pessoas suficientes para encherem uma mesa no KR Steakbar quando fizera trinta anos. É certo que alguns eram casados com as minhas amigas, mas mesmo assim. O ponto é que ele falava daqueles homens, incluindo-os em celebrações, como se fossem amigos.

Então porquê tanto secretismo a respeito de Corban? Estaria Will com medo de que não gostasse dele por alguma razão? Ou significaria tão pouco, aquela amizade, que Will nem pensara em me falar do assunto? Não, não podia ser isto. Tinham de ser amigos, para Will contar a Corban coisas tão pessoais, coisas que demorara séculos a partilhar com a própria esposa. Tento encaixar todas as peças do puzzle, recapitular as ligações entre aquilo que sei — o emprego, a amizade, Seattle — mas estou demasiado exausta emocionalmente. Nada disto faz qualquer sentido.

O meu olhar detém-se no lugar de Will, na outra ponta da mesa. Alguém — a minha mãe, talvez — colocou um cesto de verga a transbordar de cartões de condolências no local onde estaria o prato do meu marido. Os cartões estão a chegar há dias, cartões floridos com mensagens ainda mais floridas, e não

me consigo obrigar a ler nenhum deles. Escolho uma cadeira no extremo oposto e sento-me.

— Parece-te bem assim? — diz o meu pai, e é apenas quando mais ninguém responde que percebo que está a falar comigo.

Olho para ele e vejo-o virado para mim.

— O que é que me parece bem?

— Que nós fiquemos aqui até ao próximo fim de semana. — Ele inclina a cabeça na direção de Dave e James, que estão a colocar os pratos quentes sobre a mesa, e para a minha mãe, atrás deles na cozinha. — Já tratámos tudo nos nossos empregos para te ajudarmos a passar a primeira semana. A seguir, vamo-nos revezando, enquanto precisares de ter algum de nós aqui.

— Não vos posso pedir que façam isso.

— Não sejas tonta — diz a mãe, e o seu tom é uma resoluta mistura de suprema autoridade e preocupação de mãe-galinha. — Vamos ficar e pronto.

Empurra para a minha frente um prato com uma dose tão gigante que transborda das pontas, comida suficiente para três pessoas. Faz-me um sorriso encorajador e eu tento não me encolher quando o cheiro me atinge o nariz, por isso engulo a minha náusea e espeto um pedaço com o garfo.

— Quem era aquele homem com quem estavas a falar na cerimónia? Aquele negro que tinha corpo de porteiro de bar? — diz Dave quando estou a levar o garfo à boca.

Apetece-me dar-lhe um beijo. Sim, ele está a perguntar, em parte, por curiosidade, mas quer, acima de tudo, distrair a nossa persistente mãe. A sua estratégia funciona. Assim que ela lhe lança um olhar interrogativo, eu solto a comida do meu garfo.

— Chama-se Corban. É amigo do Will, do ginásio. Um bom amigo, tanto quanto parece.

Dave é o único que capta o sentido por detrás da última palavra.

— Nunca o tinhas conhecido?

— Não. Também me informou de que o Will tinha recebido uma oferta de emprego de um dos maiores concorrentes da AppSec. — Faço uma pausa, um peso já conhecido a pressionar-me o peito. — No escritório de Seattle.

Todas as cabeças na mesa se viram para mim.

— Vocês iam-se mudar? — diz a minha mãe, afundando-se na cadeira na minha frente. — Desde quando?

— Desde nunca. Will e eu nunca tínhamos falado deste assunto. Só soube da oferta de emprego esta tarde, por Corban.

— O Will não te disse que tinha um novo emprego? — A voz de Dave tem uma contundência, uma ponta defensiva que já ouvi muitas vezes, mas nunca dirigida a Will.

— Não sei se a oferta chegou a ser concretizada. De facto, agora que penso nisso, tenho a certeza que foi por isso que ele não me contou. O Will sabia que uma mudança para o outro lado do país seria difícil de vender, e não queria iniciar a discussão comigo enquanto não estivesse certo dela. O ponto é que este emprego dá-lhe uma razão convincente para estar naquele avião, e também uma razão para não me dizer aonde ia. Este emprego é a outra coisa qualquer.

Dave e James trocam um olhar.

— Alguém me pode dizer de que é que estão a falar? — reclama o meu pai da outra ponta da mesa, o seu olhar a saltar de mim para Dave e para James e depois de novo para mim.

Faço aos meus pais uma rápida recapitulação da minha busca no *closet* de Will e como não resultou em nada senão cotão.

— Mas, se eu tiver razão, se o Will estava mesmo a adiar a conversa comigo sobre o novo emprego, isso explicaria porque não encontrámos nada nos bolsos. Ele não queria que eu desse com um cartão profissional ou um recibo e ficasse a pensar no assunto.

A minha mãe abana a cabeça.

— Mesmo assim, não é nada do Will ser tão dissimulado. Porque é que se candidataria a um emprego sem te dizer nada?

— Concorro. Por isso, aposto que ele foi abordado através do LinkedIn ou por um *headhunter*. Seja como for, a diretora de Recursos Humanos da ESP vai poder dizer-me alguma coisa. Vou ligar-lhe amanhã de manhã.

— Porquê? — diz a minha mãe. Faço-lhe um olhar confuso, e ela corrige-se imediatamente. — O que quero dizer é que a resposta dela não vai alterar nada. Há assuntos mais urgentes com que te devias preocupar neste momento.

— A tua mãe tem razão — diz o meu pai. — Há um funeral para planear e uma tonelada de documentos para tratar. Os bancos vão provavelmente trabalhar mais depressa se lá passarmos pessoalmente.

— Não, Stephen, eu referia-me ao luto. A Iris precisa de se concentrar no processo do luto. — Ela vira-se para mim, estendendo-me a mão por cima da mesa. — Com ou sem emprego novo, querida, o Will entrou naquele avião. E morreu, seja como for. E, por mais desagradável que seja, tens de passar pela tua dor agora, não empurrá-la para o lado para lidares com ela mais tarde. Sabes isto melhor do que ninguém.

As palavras queimam-me os cantos dos olhos. Logicamente, eu sei que isto é verdade. Mas também sei que as mentiras do Will estão a atormentar-me. Sinto o seu hálito azedo no meu pescoço, as suas mãos gordurosas nas minhas espáduas, a empurrar-me para a frente, a forçar-me a procurar os porquês. Talvez a minha mãe tenha razão. Talvez a minha necessidade de

mapear os últimos momentos do Will seja um mecanismo de defesa para adiar o ter de lidar com a dor. Mas não interessa. Não poderei seguir em frente enquanto não preencher os mais urgentes espaços em branco.

Que mais coisas não sei do meu marido?

Que mais coisas não me disse?

Quantas mentiras mais?

Mais tarde nessa noite, quando a cozinha estava limpa e os meus pais já tinham subido para se deitarem, levei o portátil para o sofá e abri a página de Facebook do Will.

O meu marido não era um grande fã de redes sociais. «Para que é que me vou dar a esse trabalho?», dizia sempre. «É só um sítio para as pessoas se gabarem e mentirem a respeito das suas vidas. Como se fosse mesmo acreditar que o maior parvalhão da escola secundária agora namora com uma supermodelo. Desculpem lá, mas, para mim, é treta.» Mas, como quase basicamente toda a gente no planeta, Will tinha uma conta no Facebook; apenas a ignorava grandemente.

Dave atira-se para o sofá ao meu lado, pousando os pés descalços na mesinha de centro e desviando um arranjo de flores com o dedo de um pé. Agora sei porque tantos obituários incluem a frase *no lugar de flores...* Elas estão literalmente em todo o lado, solenes arranjos primaveris alinhados por todas as superfícies horizontais, a transbordar das bancadas da cozinha e prateleiras das lareiras, adensando o ar com o seu odor estonteante.

— Talvez devêssemos doar algumas destas flores. O que achas?

Olho em volta.

— Por mim tudo bem. Há uma igreja à esquina e uma dúzia de abrigos num raio de oito quilómetros.

— Fixe. Vou pedir ao James para me dar uma ajuda.

— Uma ajuda para quê? — diz James, entrando na sala com uma garrafa e três copos. Segura os copos pelo pé numa mão e serve com a outra com a firmeza de um cirurgião, sem entornar uma gota. Dave fala-lhe das flores e ambos concordam em distribuir a primeira ronda de manhã.

— Obrigada — digo, aceitando um dos copos. Com a minha outra mão, aceno para o ecrã do meu portátil e para o mar de publicações de chocadas condolências que enchia a cronologia de Will. — Quando é que as pessoas começaram a usar o Facebook como uma ferramenta para comunicar com os mortos? Como este. *Will, meu, tão triste por saber do teu falecimento. RIP, companheiro.* Acham mesmo que ele vai ver isto? O Will nunca ia ver a página quando estava vivo, quanto mais... — Sem conseguir terminar, enterro o nariz no meu vinho.

Dave fecha uma mão no meu pulso.

— Para de te torturar, querida, e desliga o computador.

— Não consigo. Estou à procura de pistas. — Abro a lista de amigos de Will. São 78, e mais de 60 deles são mútuos. Desço para o fim, para os amigos que não temos em comum, e encontro uma mão-cheia de colegas, o ex-namorado de uma das minhas amigas, um vizinho da rua, o barista do café do nosso bairro.

Dave aproxima-se mais, a ler por cima do meu ombro.

— Que espécie de pistas procura, Inspetor Gadget?

— Pistas como Corban Hayes. — Dave franze o sobrolho, e acrescento: — Tu sabes. O banqueiro-barra-senhor-músculos que conheci na cerimónia hoje. O que me contou aquelas coisas todas sobre o Will.

— Por curiosidade ou por desconfiança? — pergunta James.

Faço uma pausa para considerar a minha resposta, mas não demoro muito tempo. Sim, sou impelida pela curiosidade, mas, depois de conhecer Corban, não consigo afastar a sensação de que há mais coisas que desconheço. Se houver por aí mais pessoas como Corban Hayes, quero falar com elas.

— As duas coisas.

Mas não vou encontrar nada ali. Will detestava o Facebook, e não encontro ninguém que eu não reconheça ou consiga justificar. Fecho o portátil com força, frustrada.

James recosta-se para trás no sofá, pousando o copo de vinho no estômago liso.

— Já viste nos cartões?

— Que cartões?

Indica com uma mão o arranjo sobre a mesa e depois os vasos dispostos como soldados em sentido por cima do balcão da cozinha.

— Deves ter recebido flores de todas as pessoas que conheces. Talvez haja ali alguns de pessoas que *não* conheces.

Claro, os cartões. Os que a mãe dispôs no cesto no lugar de Will à mesa, os que não suportei ler. Salto do sofá e vou buscar o cesto à mesa.

James volta a encher os copos de vinho e bebemos enquanto vamos percorrendo as palavras de condolências, parando apenas para mostrar uma ilustração dolorosamente feia ou um texto extralamechas, e há muito de ambas as coisas. Deve haver ali perto de cem cartões, mensagens sacarinas e missivas religiosas dos colegas, velhos amigos e vizinhos, tios e primos e colegas de faculdade, tanto meus como de Will, pessoas que não via ou de quem não sabia nada há anos.

Dave ergue um cartão coberto de purpurinas verdes.

— Quem são o Terry e a Melinda Phillips?

— Anteriormente conhecida por Melinda Leigh — digo. — A nossa

prima.

Os olhos dele dilatam-se e o rosto abre-se num sorriso.

— A que veio ao teu casamento com um vestido de baile de finalistas?

Sorriso ao lembrar-me da cara do meu irmão quando Melinda subiu os degraus da igreja com o seu frondoso vestido azul.

— O Terry é o terceiro marido. Ou será o quarto? Perdi a conta. E não era um vestido de baile de finalistas.

— Era, definitivamente, um vestido de baile de finalistas, e horroroso, para não mencionar que era dois tamanhos abaixo do dela. — Começa a descrever o vestido a James, a renda e os folhos e as costuras a rebentar, enquanto eu regresso à pilha.

Alguns cartões depois, encontro qualquer coisa — um nome que nunca ouvi, impresso por baixo do cartão genérico da florista. Viro-me para James.

— Andaste em Hancock?

Ele faz-me um olhar estranho.

— Este cartão diz, *Profundas condolências pela vossa perda, Escola Secundária de Hancock, Classe de 1999*. Foi aqui que andaste?

Ele abana a cabeça.

— Nunca ouvi falar. Talvez seja a escola do Will...

— Não, o Will andou na Central. Sei porque lho arranquei para aquela viagem surpresa que planeei a Memphis, no nosso primeiro aniversário. Lembras-te?

— A viagem que nunca aconteceu. — Dave sabe que Will e eu nunca chegámos a ir a Memphis, e conhece a razão. E agora percebo pela expressão do meu irmão que eu e ele estamos a pensar a mesma coisa. Quem é que andou em Hancock?

E depois os seus olhos abrem-se muito e ele salta do sofá.

— Já venho. — Sai para o corredor e sobe as escadas, os seus passos a ouvirem-se no andar de cima. Ao meu lado no sofá, James pousa o copo na mesa lateral, retira o telefone do bolso e começa a escrever com os polegares.

Quando Dave regressa, alguns momentos depois, com uma *t-shirt* na mão, reconheço-a do *closet* de Will. É a sua esfiapada *t-shirt* de trabalho, aquela que ele usa quando está a tratar do jardim e a pintar, uma coisa antiga que está rasgada, manchada e a esgarçar nas pontas. As letras estão desvanecidas, mas sei o que dizem ainda antes de ele a erguer à minha vista. *Hancock Wildcats*. Sempre pensei que era apenas uma *t-shirt vintage*, daquelas genéricas como as que vendem na Old Navy, mas agora faço a ligação.

Porque me teria dito o Will que andara na Central se tinha estudado em Hancock?

— Nunca pesquisaste o nome do teu marido no Google? — pergunta Dave.

— Claro que não. Vocês já?

— Sim — dizem Dave e James em uníssono.

— Talvez isto tenha alguma coisa a ver com a mãe ter morrido — digo, ainda a tentar dar a Will o benefício da dúvida. — Eu sei que ele teve de se mudar. Talvez tenha também mudado de distrito escolar.

— Hum, pessoal? — James cresceu no Connecticut, e, embora viva em Savannah há quase uma década, ainda usa as expressões do Norte. — Disseram que o Will era de Memphis?

Faço um aceno de assentimento, mas Dave está mais preocupado com o cartão preso entre os meus dedos.

— Essa coisa vem com o nome de alguém? Ou o nome da florista?

Consulto-o de novo e abano a cabeça.

— FTD.com. Mas acho que isto é alguma espécie de número de referência. Podemos tentar ver a encomenda *online*.

James tenta de novo, desta vez mais insistentemente.

— Pessoal, eu...

— Ou então podemos ligar-lhes — diz Dave. — E se lhes dissermos que precisamos de um contacto para escrevermos os nossos agradecimentos? Não sei se o dão, mas vale a pena tentar.

— Também podemos tentar na escola. Eles podem pôr-nos em contacto com alguém da Classe de 1999.

— Iris. — O meu nome sai como um tiro, e se o seu tom insistente não me atrai a atenção, o telemóvel na frente dos meus olhos fá-lo. — Olha.

Fico a olhar para a página do Google, os resultados da busca pela Escola Secundária de Hancock. Mesmo no topo, na primeira linha da primeira lista, está uma morada. Um arrepio desabrocha no meu peito e espalha-se pelos meus braços e pernas como o início de uma gripe. *23rd Avenue, 600, Seattle, Washington*.

Passo o telefone ao meu irmão e pego no meu portátil.

— Se a tua oferta ainda está de pé, vou comprar bilhetes para o primeiro voo de amanhã.

Milagrosamente, durmo durante todo o voo de cinco horas. Desde que levantamos voo em Atlanta até o comandante fazer a descida a apontar para Seattle. O corpo a vencer finalmente o cérebro, suponho eu, e a ceder à exaustão. Apanhamos uma violenta bolsa de ar na descida e os meus olhos abrem-se de súbito — não assustada mas consciente. Teria sido isto que Will sentiu em primeiro lugar, também? À nossa volta, todos os passageiros se agarram aos braços dos assentos, com os nós dos dedos brancos, Dave incluído. Sei que está a pensar no Voo 23, a calcular as probabilidades de dois aviões com destino a Seattle caírem na mesma semana, e espanto-me com a minha própria calma. Porque não estou assustada como os outros? Estarão os meus sentidos embotados pela dor? O avião abana, guincha, depois estabiliza, e os passageiros voltam a fundir-se com os seus assentos.

Dave passa a mão por cima de mim para erguer a persiana da janela e a luz forte queima-me os olhos.

— Bem-vinda de volta. Estava com medo de ter de te levar ao colo.

— Não seria a primeira vez — digo, ao lembrar-me de quando estava no segundo ano e Joey Mackintosh me ensinara a beber cerveja por um funil até eu desmaiar no jardim da entrada. Dave içara-me no seu ombro e carregara-me pelas escadas acima até à minha cama antes de os nossos pais regressarem do cinema. Dei-lhe um beijo no ombro. — Obrigada por estares aqui. Não me consigo imaginar a fazer isto tudo sozinha.

— Por favor. Como se eu te deixasse. — Aperta-me brevemente o braço e depois começa a revistar o bolso do assento, atirando-me um saco de *Chex Mix* que comprou no terminal de Atlanta. — Toma. A mãe disse-me que, se eu te levo para casa ainda mais magra, fico de castigo.

Sorrio, embora tenha a certeza de que está a falar a sério. A mãe era mesmo capaz de lhe dizer isto e eu perdi mesmo algum peso. Ao fim de alguns dias quase sem qualquer comida, as calças de ganga caem-me das ancas, a minha barriga está esticada e lisa e o meu rabo — que nunca foi gordo, mas também nunca foi escanzelado — parece uma versão encolhida do seu anterior formato redondo. Tornar-me viúva já me fez perder uns bons três quilos e meio, e não me parece que vá ficar por aqui.

Abro o saco e mordisco um, e, quando o meu estômago não se revolta com o sabor salgado, como outro, ao mesmo tempo que vejo pela janela a

primeira imagem de Seattle. Não é sem razão que lhe chamam a Cidade Esmeralda. Quilómetros e quilómetros de erva ondulante, florestas densas e lagos cor de abacate que se estendem como longos dedos sobre vales de musgo, tornados ainda mais verdes com a famosa chuva. Por cima de nós, as nuvens estão baixas e carregadas.

Quinze minutos mais tarde, estamos a atravessar o aeroporto de Seattle com as nossas malas e a abrir caminho para o balcão da Hertz. Uma vez que não sabemos exatamente o que procuramos nem de quanto tempo vamos precisar para o encontrar, Dave e eu decidimos improvisar nesta viagem. Sem reservas de carro nem de hotel, sem nenhum plano, sem um bilhete de volta, sequer. A cabeça de Will explodiria com a ideia, mas o *site* de viagens garantiu-nos que a propensão para chuviscos constantes e ventos árticos em Abril significaria que os turistas se manteriam à distância e que os quartos de hotel abundariam.

Instalamo-nos no carro alugado e Dave liga o motor e gira um botão até os ventiladores soprarem ar quente para as nossas cabeças. Os naturais de Atlanta não são feitos para este tipo de frio, aquele que nos chicoteia a pele e nos morde até aos ossos, fazendo com que nos sintamos molhados mesmo que não o estejamos. Tremo, gelada, no banco do passageiro enquanto Dave remexe no rádio. Escolhe uma estação de música *country*, daquelas onde se ouve Willie Nelson e montes de sotaque nasalado, e eu abro a aplicação de mapas no meu *iPhone*.

— Temos de apanhar a I-5 e depois seguir para norte. — Quando Dave não carrega no acelerador, viro-me para dar com ele a observar-me. — O que foi?

— É só que... — Ele suspira, olhando-me diretamente nos olhos. — Tens a certeza absoluta de que queres fazer isto?

— Fazes-me essa pergunta agora?

Ele ergue as duas mãos e depois deixa-as cair no volante.

— Sei que não é a melhor altura, é certo, mas sim. Pergunto-te agora, quando ainda há uma hipótese de voltar atrás. Ainda há tempo para voltar para casa e esquecer o que quer que exista aqui em Seattle, antes que isso interfira com a memória do teu marido. Porque é o que vai acontecer, sabes? Em especial se o que descobirmos for mau. Já consideraste essa hipótese?

— Claro que considereei a hipótese de que seja mau. De facto, já o assumi, mais ou menos. Nenhum homem reescreve partes da sua vida porque esses anos foram imaculados.

Ele faz-me um olhar que diz *touché*.

— Muito bem, deixa-me então perguntar-te uma coisa: e se o que quer que encontrarmos não for apenas mau? E se for horrível? Não, e se for

horrível a um nível alerta vermelho? Sem o Will aqui para se defender ou explicar, ainda vais querer saber?

Olho para o parque de estacionamento e o que existe do outro lado, vejo um avião levantar voo com um rugido enquanto pondero a pergunta do meu irmão. Dave tem razão; ainda podia voltar atrás. Podia sair deste carro, voltar a entrar no aeroporto e tentar esquecer tudo a respeito do passado de Will em Seattle. Podia concentrar-me em recordar as partes boas do meu marido — que ninguém conseguia fazer-me rir tanto, que ele achava que as manhãs de domingo eram feitas para o café na cama, que aquele ponto macio por baixo da sua orelha esquerda parecia feito para o meu nariz — e tentar ignorar o resto. As partes sobre as quais mentira. As partes de si que escondera. Podia voltar para casa e começar a chorar o meu marido.

Mas como se chora uma pessoa que já não se tem a certeza de conhecer?

Penso em possíveis descobertas que mereceriam um nível de alerta vermelho. Que Will tem outra família, uma bonita esposa e duas adoráveis crianças pequenas, com o seu queixo quadrado e os seus olhos azuis, enfiados nalgum bangaló em Seattle. Que é um criminoso procurado, um assassino em sério ou um violador ou terrorista com uma longa lista de homicídios para trás. Cada teoria que invento é ridícula. Qualquer pessoa que se queira esconder de uma mulher secreta ou da lei não abre uma conta no Facebook.

Então porquê todas as mentiras?

Não faço a mínima ideia. Mas sei que tenho de descobrir.

Viro-me no meu assento para encarar Dave.

— Sim. Ainda quero saber.

— Tens a certeza?

Anuo, rápida e decidida.

— Absoluta.

Sem outra palavra, ele introduz a mudança, carrega no acelerador e partimos.

Quando Dave entra na autoestrada, introduzo o número da diretora dos Recursos Humanos da ESP e carrego no botão de altifalante.

— Bom-dia, fala Shefali Majumdar.

Tirando o nome, Shefali soa tão americana como tarte de maçã. A sua voz é suave e agradável, sem o mais pequeno vestígio de pronúncia que consiga detetar, embora, depois de eu explicar a razão da minha chamada, o seu desconforto seja difícil de me escapar.

— Então, basicamente — diz ela quando termino, e há hesitação no seu tom de voz —, está a perguntar-me se contratei o meu marido?

— Exato.

— Que era também um dos passageiros no Voo 23 da semana passada?

— Infelizmente, sim.

— E ele nunca lhe disse que vinha à entrevista, nem que andava à procura de um novo emprego?

— Não. Só soube porque ele disse a um amigo que lhe tinha sido oferecida uma posição na ESP. E o amigo contou-me agora.

Shefali fica em silêncio e Dave e eu trocamos um olhar preocupado. Recosto-me no banco do pendura e dou-lhe um momento para pensar no meu pedido, sentindo o coração martelar-me as costelas. Preparo-me para suplicar, estou já a reunir as palavras na minha cabeça, quando ela começa:

— Todos os manuais de recursos humanos alguma vez escritos diriam que não lhe posso responder a isso. Que os candidatos a qualquer vaga têm o direito indisputável à privacidade, quer sejam contratados quer não. Se o seu marido não achou adequado contar-lhe desta busca de emprego, então, em termos éticos, eu também não posso confirmar nem negar que a sua busca o pudesse ter trazido até aqui.

A desilusão atinge-me como um seta. Abro a boca para discutir, mas ainda mal fiz um som antes de Shefali continuar:

— O que lhe posso dizer é que a ESP não tem nenhuma vaga para nenhuma posição sénior há mais de oito meses, e a última foi para vice-presidente de marketing. Para quaisquer posições técnicas que preenchamos neste último ano, um engenheiro de *software* teria sido vastamente sobrequalificado.

Dave olha para mim, com os olhos muito abertos. Eu fecho os meus, a mensagem dela a atingir-me como uma locomotiva.

— Então, não o contratou.

A sua única resposta é o silêncio.

— Falou com ele, recentemente, sobre algum emprego?

Shefali faz uma pausa, mas só por um ou dois segundos.

— Senhora Griffith, até há quinze minutos, nunca tinha ouvido falar do seu marido.

Dave e eu passamos o resto da viagem a discutir sobre o significado das palavras de Shefali.

— Porque é que o Will haveria de mentir? — pergunta Dave pela que já deve ser a quinta vez. — Porque haveria de falar com Corban sobre um emprego para o qual ele não se tinha candidatado? Um emprego que nem sequer existia?

Dou-lhe a mesma resposta que dei na última vez que ele perguntou.

— Talvez não tenha sido o Will a mentir. Talvez tenha sido Corban.

— Isso não faz qualquer sentido. O que teria Corban a ganhar em mentir?

— Não sei. — As palavras saem mais bruscamente do que tencionara porque estamos a ter esta mesma conversa durante os últimos quinze minutos. Não tenho respostas para as suas intermináveis perguntas. Não sei, não compreendo, não consigo imaginar nenhuma razão para qualquer um deles ter de mentir.

Sou poupada a outra ronda quando o telefone de Dave solta um *bip*, indicando que chegámos ao nosso destino. Ele trava mesmo a meio da estrada, fazendo-me sinal para ver o que está do outro lado do vidro.

A Escola Secundária de Hancock é um gigantesco complexo de tijolo e argamassa no distrito central de Seattle, um bairro na baixa da cidade, no confuso extremo da gentrificação. É um bairro com transtorno de personalidade múltipla — habitação social num quarteirão, imponentes casas vitorianas renovadas noutro, lojas de conveniência entaipadas no seguinte. Estacionamos na rua em frente à entrada principal e subimos os degraus de cimento.

Como qualquer outra escola do país, Hancock tem tido de responder à vaga de tiroteios e esfaqueamentos com protocolos de segurança cada vez mais drásticos, em especial num bairro como aquele. Aqui, isso inclui portas trancadas, uma câmara a zumbir por cima das nossas cabeças e um guarda fardado mesmo à entrada, a mirar-nos de alto a baixo. Aceno e ele carrega num botão para abrir a porta.

— Posso ajudar? — diz, levantando-se para vermos que está armado.

Mostro-lhe o meu cartão da Lake Forrest, carimbado com o emblema da escola e com uma fotografia minha a cores, mesmo por cima do meu título como Psicóloga Escolar. Lake Forrest é uma escola suficientemente pequena para o pessoal não ser obrigado a usá-lo nas suas instalações, mas de repente sinto-me grata por guardar o meu sempre na mala.

— Chamo-me Iris Griffith e sou membro do corpo docente da Lake Forrest Academy, em Atlanta, Geórgia. Ando à procura dos antecedentes de um dos vossos antigos alunos e gostava de dar uma espreitadela na vossa biblioteca. Assumo que é onde poderei encontrar cópias dos vossos antigos anuários...

O homem aponta para o balcão principal do outro lado do átrio.

— Primeiro vão precisar de um passe de visitantes. A biblioteca é ao fundo do corredor à vossa esquerda. Não há como enganar.

Agradeço-lhe e, uns minutos mais tarde, Dave e eu estamos a chegar ao balcão de informações da biblioteca. A mulher do outro lado mal se vê por

entre as pilhas de livros e papéis, uma torre inclinada de caixas castanhas e um ecrã de computador tão velho que devia estar num museu.

Também não parece nada uma bibliotecária. O cabelo é uma louca nuvem de caracóis densos como saca-rolhas, está coberta de cabedal e tatuagens, e ainda bem que a escola não tem detetores de metais, porque ela nunca teria hipóteses de passar com todos aqueles *piercings*. Percorrem-lhe os lóbulos e as narinas e as sobrancelhas, e, quando nos sorri, duas minúsculas bolas prateadas espreitam de debaixo do seu lábio superior.

— Vocês não são estudantes — diz, fitando-nos de alto a baixo. — Deixem-me adivinhar. Jornalistas? Recrutadores de universidades? Ativistas de bairro?

Mostro-lhe o meu cartão da Lake Forrest e lanço-me na minha conversa, mas ela interrompe-me com um aceno de desinteresse a meio da primeira frase.

— Bolas, estava mesmo com esperança de que fossem recrutadores. Os nossos finalistas têm sessenta e dois por cento de taxa de admissão na faculdade, e, se não subirmos uns dez por cento por cada graduação, vou passar o verão a cortar relva. Não interessa, em que é que vos posso ajudar?

— Estamos à procura de uma cópia dos vossos antigos anuários. De 1999, talvez um ou dois anos antes.

— Quem é que procura?

— O meu marido. — Engulo uma dor cauterizante que sei que deve contorcer-me as feições. — Chamava-se Will Griffith.

Uma das sobrancelhas da rapariga arqueia-se com o uso do pretérito, mas ela não me pede pormenores. Levanta-se e faz-nos sinal para a seguirmos para a direita, onde a zona de leitura, aberta e luminosa, escurece entre as estantes. — Chamo-me Índia, já agora.

— Sou a Iris, e este é o meu irmão Dave. Obrigada pela ajuda, Índia.

— Na boa. — Ela anda depressa, com as botas de motoqueira a desferir pancadas secas na carpete esfiapada, sempre a falar por cima do ombro. — Hancock abriu as portas nos anos vinte, mas o primeiro anuário não apareceu senão em 1937. Devem ter levado algum tempo a organizar-se. Nessa altura, não passávamos de um edifício de doze salas e um par de centenas de alunos, maioritariamente judeus, japoneses ou italianos. — Aponta para uma parede de fotografias emolduradas, dúzias e dúzias de mais recentes turmas de finalistas, um mar de rostos castanhos e bronzeados pontuados pelo ocasional mais claro.

Paro e estudo a Turma de 1999. A fotografia está demasiado alta para distinguir Will, mas é a mesma moldura racial, mais escura do que clara.

Índia vira à direita e para numa prateleira cheia com pastas duras cor de

vinho, muitas delas presas por fita-cola.

— Qual foi o ano que disseram?

— Turma de finalistas de 1999.

— Ah, pois é. O ano em que recebemos o nosso primeiro National Merit Scholar, a nossa equipa futebol subiu e um cano rebentou e inundou o ginásio mesmo a meio de um jogo de basquetebol. — Ao ver as nossas sobranceiras arqueadas, ela encolhe um ombro. — Sou a historiadora não-oficial da escola. Parte de se gerir uma biblioteca, acho eu. Mas, bem... — Passa uma unha pintada de preto ao longo das lombadas até encontrar o volume certo, depois puxa-o para fora e passa-mo. — Aqui tem. Há algumas mesas aí no canto. Leve o tempo que precisar. Eu fico a aguentar o forte ali atrás.

Dave agradece-lhe e eu levo o livro, com as mãos a tremer, para uma mesa no final das prateleiras. O *design* é o típico dos anos noventa. Gordas letras douradas e o contorno de um gato selvagem em castanho acetinado, e os poucos *Chex Mix* na minha barriga sobem-me de novo à garganta. Empurro o livro na direção do meu irmão.

— Não consigo. Vê tu.

Sentamo-nos e eu estudo os *graffiti* a esferográfica no tampo da mesa enquanto Dave folheia as páginas do anuário. Para numa foto dos finalistas, fotografias a cores de miúdos com chapéus e vestidos cor de vinho, as borlas douradas penduradas sobre as faces sorridentes.

Apenas Will, o único rosto branco na página, não está a sorrir.

— Lamento, Iris. É ele. — Dave vira o livro para me deixar ver. — William Matthew Griffith.

É Will, de facto. Tem o cabelo mais claro e o rosto mais magro, mas os olhos são-me tão familiares como os meus. A visão dele aqui — *aqui*, num anuário de Seattle — atinge-me como um murro visceral.

Pressiono o estômago agitado com uma mão e tento pensar no que sei.

— *Okay*, então, claramente, a parte sobre ter crescido em Memphis era mentira.

— Não sabemos isso. Talvez só tenha sido transferido para cá no último ano — diz Dave, fazendo de advogado do diabo. — Espera aí, deixa-me ir buscar os anos anteriores. — Ele salta da cadeira e volta para as estantes.

Mas a fotografia de Will também lá está, e, nas três, com uma expressão carrancuda de uma forma que nunca vi, nem sequer quando o nosso voo de regresso de Cancun foi adiado cinco vezes em doze horas.

Dave pousa uma mão nas costas da minha cadeira e debruça-se para a frente para inspecionar as fotografias.

— Porque é que ele parece tão zangado?

— Porque estava zangado. O pai tinha morrido e a mãe estava doente.

Morreu no verão antes do décimo primeiro ano. Para além da escola e de cuidar da mãe, ele tinha dois empregos, para pagar as contas todas. — Enquanto digo as palavras, ocorre-me que tudo isto pode também ser mentira. — Pelo menos, era o que ele dizia sempre.

Dave afunda-se na sua cadeira e pega no anuário de 1999, aquele em que Will era finalista. Aponta para o espaço em branco por baixo da sua fotografia.

— Porque é que todos os outros têm uma citação preferida e uma lista de extracurriculares mas não há nada por baixo do nome do Will? Ele não era uma espécie de campeão de luta livre? — Dave passa para a página da luta livre, e Will não está ali.

Nunca me ocorrera questioná-lo, mas, agora que penso nisso, como teria Will tido tempo para a equipa de luta livre? Comprimos ambas as mãos contra o estômago e engulo uma vaga de vômito. Quem é este homem com quem casei?

Dave recosta-se para trás, passando uma mão pelo cabelo escuro.

— Muito bem, vamos pensar nisto como deve ser. O ano de 1999 não foi assim há tanto tempo. Aposto que pelo menos um dos seus professores ainda aqui trabalha. Talvez se lembrem dele.

— Se calhar a India conhece alguém a quem possamos perguntar. — Pego na minha mala e levanto-me.

Dave reúne os anuários.

— Vai andando. Eu vou guardar isto e já vou ter contigo.

Encontro-a atrás do balcão das informações, a arrumar livros devolvidos num carrinho desconjuntado. Ela ergue o olhar quando me ouve aproximar.

— Encontrou o que precisava?

— Mais ou menos. Estava a pensar se algum dos professores que cá estavam em 1999 ainda continuam na escola.

— Oh, claro. Um monte deles. Queria ver se algum deles se lembrava do seu marido?

Faço um aceno de assentimento.

— Bem. — Ela encosta-se ao carrinho e pensa por um momento, e depois o seu rosto ilumina-se. — Tenho quase a certeza que o treinador de basebol se formou aqui em 1999. Não sei se ele conhecia o seu marido, mas deve ser o melhor sítio para se começar. — Olha para o relógio e tamborila com um dedo no rosto. — Tem cerca de uma hora antes do início do treino, o que significa que deve poder encontrá-lo no ginásio.

Dave e eu encontramos um homem que corresponde à descrição do treinador Miller numa arrecadação pouco iluminada ao fundo do ginásio da escola secundária de Hancock, a tirar um cesto de metal com bolas de baseball. Por cima da sua cabeça, uma única lâmpada zumbe e pisca.

— É o treinador Miller? — pergunto, aproximando-me o suficiente para receber no nariz uma boa baforada do seu perfume. O homem deve ter-se banhado nele, um odor avassalador que me queima o fundo da garganta, em especial quando combinado com os outros odores que pairam no ar, a pomada para as dores e meias suadas.

Ele levanta a cabeça, os olhos meio escondidos por baixo da pala de um boné da equipa de baseball.

— Sim.

India não estava a brincar quando dissera que ele parecia um bisonte. O treinador Miller é enorme, com mais de um metro e oitenta e cinco, ossos volumosos e músculos redondos por baixo das roupas de rua largas, calças de ganga e um polo de mangas compridas. Ele volta a enfiar-se na arrecadação, reaparecendo dois segundos mais tarde com outro cesto, este cheio de luvas.

— A bibliotecária disse-nos que se graduou em Hancock em 1999.

— Sim, é verdade. — Ele tranca a porta com uma chave que enfia depois no bolso de trás das calças de ganga. — Quem é que quer saber?

— Eu chamo-me Iris e este é o meu irmão Dave. Tínhamos esperança de que nos pudesse dizer o que se recorda de um antigo colega seu. Will Griffith.

— Não. Não conheço. — Ele baixa-se e pega num dos cestos.

Retiro o telemóvel do bolso e ligo-o, revelando uma fotografia minha com Will.

— É este. William Matthew Griffith. Reconhece-o?

Com um forte suspiro, ele olha de relance para o meu ecrã e depois solta o cesto e olha de novo.

— Este? Este é o Billy Griffith.

O meu coração dá um pulo.

— Lembra-se dele?

— Toda a gente que andou em Hancock nessa altura se lembra do Billy Griffith. — Ele inclina a cabeça e os seus olhos semicerram-se, desconfiados. — Quem é que a senhora disse que era?

— Iris Griffith. A mulher.

O treinador solta um sopro de surpresa, rápido e forte o suficiente para me agitar o cabelo no lado esquerdo do rosto.

— Não acredito.

— Como?

— É só porque... — Ele olha para mim lentamente de alto a baixo, demorando-se nos meus pontos mais curvilíneos de uma forma que torna difícil ficar quieta, e depois faz um sorriso, e estou confusa com a incongruência. O seu olhar era apreciativo, mas o sorriso não era absolutamente nada amigável. — Não me parece nada o tipo dele.

Talvez não, mas eu sei qual é o tipo deste homem. O tipo que, em tempos, era o que cada rapaz queria ser e com quem cada rapariga queria namorar. O tipo que andava a bambolear-se pelos corredores com uma bola debaixo do braço e uma mochila vazia, sem nunca pensar para além do jogo da semana seguinte. O tipo que alerto os meus alunos na Lake Forrest Academy para não se tornarem.

Ajusto a minha voz num tom neutro.

— Em que sentido?

— Tem uma arma na carteira ou no bolso de trás? Ouve vozes na sua cabeça a dizerem-lhe para, sei lá, para incendiar coisas e cortar pneus?

A indignação acende-se, quente e súbita, com a pergunta dele, mas controlo a minha expressão.

— Claro que não.

— Está a ver? Não é o tipo dele. — Baixa-se de novo e apanha o cesto de bolas do chão. — Agora, se me dão licença, tenho de me ir preparar para o treino. — Sem esperar por uma resposta, vira-se e começa a atravessar o ginásio.

Lanço um olhar confuso a Dave, que encolhe os ombros. Juntos, disparamos atrás do treinador.

— Professor Miller, espere. — Ele não espera, nem sequer abrandar o passo. As suas pernas compridas avançam o dobro das minhas, e tenho de correr para o alcançar. — Por favor. Só preciso de dez minutos do seu tempo. Não sei se soube, mas o meu marido era um dos passageiros daquele avião que caiu há pouco tempo, e eu...

— Ouça, minha senhora — diz o homem, virando-se tão depressa que quase choco com ele —, eu sou a última pessoa a quem devia estar a fazer perguntas sobre o Billy Griffith. Não gosto de falar mal dos mortos, o que significa que não vou dizer nada. Faça as contas.

— Não lhe estou a pedir que doure as suas recordações. Só estou à procura da verdade.

Ele abana a cabeça, lento e teimoso.

— Nós não éramos amigos. Não frequentávamos os mesmos círculos e não nos dávamos bem. Não sei que mais lhe possa dizer.

— Diga-me como ele era. Diga-me há quanto tempo o conhecia, quem eram os amigos dele e onde é que ele vivia. Diga-me tudo o que sabe porque... — Ainda a abanar a cabeça, o treinador Miller dá um passo atrás e depois outro, o seu corpo grande a preparar-se para a retirada, e percebo que estou prestes a perdê-lo. Respiro fundo e obrigo-me a continuar, a dizer a este desconhecido o que lhe estou mesmo a pedir. — Porque o meu marido mentiu-me, *okay*? Mentiu-me sobre muitas coisas. Disse-me que ia para Orlando, não para Seattle, quando o avião caiu. Eu nem fazia ideia que ele alguma vez tinha estado nesta cidade. Sempre pensei que era de Memphis.

Como será um sotaque do Memphis? A pergunta abre caminho pela minha mente como uma faca, repentina e inesperada. O Will não tinha muita pronúncia do Sul, em especial em comparação comigo, e nunca usava nenhuma da gíria de que todos os sulistas tanto gostam. Talvez não falassem assim em Memphis... Não faço ideia.

O treinador Miller para de recuar e as suas sobrancelhas desaparecem por baixo da pala do boné.

— O Billy disse-lhe que cresceu em Memphis?

— Sim.

O treinador inclina a cabeça para trás, a olhar para mim sobre o seu nariz.

— Bem, *isso* já me parece típico dele. — Solta um suspiro de derrota, enfia o cesto de bolas no peito de Dave, volta a baixar-se para apanhar as luvas e faz-nos sinal para o seguirmos. — O treino começa dentro de meia hora, por isso têm de me acompanhar.

Conduz-nos para o labirinto de corredores atrás do ginásio, a falar por cima do ombro.

— Como já lhe disse, lembro-me do Billy Griffith, mas não porque era um gajo espetacular. Ele era do tipo de pessoa que, quando vinha a andar pelo corredor, toda a gente, de repente, tinha alguma coisa muito importante para tirar dos cacifos. Percebe o que lhe estou a dizer? Quem quer que o olhasse de frente era notado, e ninguém queria ser notado pelo Billy Griffith. Nem sequer os professores.

— Porquê? — pergunta Dave. — O que é que acontecia?

— Umas vezes era um empurrão, ou um lábio rebentado, outras vezes não era nada senão dias mais tarde. Isso era a coisa mais assustadora no Billy, a sua imprevisibilidade. A única coisa com que se podia contar era que ele ia acabar por cair em cima de nós. Era um tipo mau e zangado, e os pais estavam demasiado ocupados a irem aos cornos um do outro para se preocuparem com

isso.

Os pais. O pai, dizia Will, morrera quando ele tinha dois anos. A mãe, alegava, criara-o sozinho.

— De que idades estamos aqui a falar? — pergunto enquanto viramos a esquina para uma fileira de gabinetes com janelas. — Há quanto tempo conhecia o Will... o Billy?

O treinador Miller pensa por um momento.

— Bem, mudei-me para Rainier Vista no verão antes da segunda classe, por isso são o quê? Sete anos?

A resposta dele ata um nó na minha garganta, porque é aí que a verdade me atinge por completo. Memphis era mentira. Tudo aquilo. Não era um exagero. Não uma pequena mentira inocente ou uma meia-verdade. Uma declaração intencionalmente falsa concebida para enganar. Will nunca tinha vivido em Memphis. Nem sequer sei se alguma vez lá pôs os pés. Não admirava que tivéssemos passado o nosso primeiro aniversário em Nashville.

A raiva rola no meu estômago, contorcendo-se apenas um segundo ou dois antes de explodir à superfície com a memória do silêncio de Will naquela viagem surpresa a Memphis. Penso no pânico que ele deve ter sentido perante a minha acidental escavação da sua mentira, como se deve ter debatido para encontrar uma desculpa, decidindo-se por fim por dizer que as suas recordações de Memphis eram «demasiado dolorosas para serem revividas». Aceitei aquilo sem duvidar, virando o carro sem pensar duas vezes. E agora, enquanto percorro um sujo e malcheiroso corredor na verdadeira escola secundária de Will, sinto-me uma idiota.

Paramos à porta de um gabinete e o treinador Miller abre-a com uma pata gigante. Faz-nos entrar numa divisão minúscula e atulhada, com papéis e tabelas e caixas de equipamento desportivo empilhadas em colunas ordenadas ao longo da parede. Retira o cesto dos braços de Dave, pouso-o no chão junto à porta e oferece-nos um par de cadeiras escavadas diante da sua secretária para nos sentarmos. Caio na minha e tento respirar por entre a bola de fogo no meu peito.

O treinador Miller senta-se, enterra os calcanhares no tapete e rola com a cadeira até à secretária, as rodas a guincharem como unhas num quadro negro. Observa-me com mais atenção quando repara na minha expressão.

— Sente-se bem?

Não sei como, a minha voz consegue encontrar o caminho para fora da minha cabeça, e soa apenas ligeiramente estrangulada.

— Estou bem. Por favor, continue.

— Está bem — diz ele, mas de uma forma que me revela que não está totalmente convencido. Retira o boné, passa uma mão sobre os caracóis

apertados e volta a colocá-lo. — Como eu estava a dizer, ninguém em casa o disciplinava, o que significa que ele fazia o que bem lhe apetecia e safava-se com isso, tanto na escola como fora dela. Lutava. Roubava coisas. Vendia drogas nos corredores e nas esquinas das ruas. Baldava-se a muitas aulas, nem sei como é que conseguiu acabar o secundário. Foi só porque os professores o queriam daqui para fora, provavelmente.

As revelações do treinador Miller são como uma corrente de minieplosões na minha cabeça, uma por cima da outra, deixando-me sem fôlego e com tonturas.

— O Will disse-me que o pai tinha morrido quando ele era bebé — digo.
— Disse que não tinha qualquer memória dele.

— Provavelmente, era o que gostaria que tivesse acontecido. O senhor Griffith era um velho bêbado maldoso. Mas foi a mãe dele que morreu, julgo que durante o nosso décimo primeiro ano.

Recordo a primeira vez que Will me falou da sua morte, a única vez que o vi chorar. Melanoma maligno, disse-me, diagnosticado depois de já ter criado metástases no cérebro, fígado e pulmões. Uma morte horrível, dolorosa.

— Cancro?

Assim que o disse, desejei poder voltar atrás e corrigir o meu tom, tornando-o menos o da esposa ingénua, mais seguro. De certeza que Will não poderia ter fingido uma história tão emotiva. Ninguém era tão bom ator.

Mas o treinador solta uma gargalhada.

— Não. Ela morreu num incêndio.

— Oh, meu Deus — diz Dave. — Aquela pobre mulher. Pobre Will.

O treinador Miller recosta-se para trás na cadeira, o peso a fazê-la balouçar algumas vezes antes de se imobilizar.

— Pobre Billy, hã? Deixe que lhe diga uma coisa. Todos os miúdos no nosso bairro tinham de lidar com algum tipo de porcaria em casa: havia vícios, prisões, pais que batiam por todo o lado, mas arranjavamos maneira de lidar com isso. O Billy nem sequer tentava. Ficava só zangado e mau.

Dave e eu trocamos um olhar, de sobrolho franzido, e percebo que ele está a pensar o mesmo que eu. Como é possível que um rebelde vendedor de drogas se tenha tornado um marido amoroso e educado?

Pigarreio para dissipar uma súbita avalanche de emoções aos pulos no meu peito. Tristeza pela infância solitária de Will e a morte violenta da mãe. Ressentimento por pais que não conseguiam parar de se agredir tempo suficiente para amar o seu filho. Indignação contra qualquer que fosse o poder superior que concedera a Will uma tão lixada sorte. Fúria por só agora o ter descoberto.

— E o que foi que aconteceu ao pai dele? — consigo dizer por fim.

— Ouvi dizer que está doente, qualquer coisa que o faz precisar de cuidados permanentes, mas... — O treinador Miller ergue as duas mãos e deixa-as cair com um baque na secretária. — A minha mãe costumava manter-me atualizado com os mexericos do bairro, mas já morreu há alguns anos.

Dave e eu ficamos em silêncio. Quando éramos novos, a minha mãe costumava dizer-nos que havia sempre três lados em cada discussão. O nosso lado, o outro lado e, algures pelo meio, a verdade. Talvez fosse a isto que Dave se referia quando me perguntou se tinha a certeza que queria saber a respeito de Will. Sem ele aqui para se defender da história do treinador Miller, não posso avaliar onde fica o meio.

Mas isso não significa que vá engolir esta história toda. O treinador está claramente agarrado ao seu rancor com ambos os punhos gigantescos, e por eventos que tiveram lugar há quase duas décadas.

Ele repara nas nossas expressões de dúvida e grunhidos, e afasta-se da secretária.

— Acreditem ou não. Isso não muda o facto de o Billy Griffith ser um bandido maldoso e dissimulado, que era capaz de aparecer atrás de si, espetar-lhe uma faca nas costas e desaparecer antes sequer de reparar no sangue. Podem perguntar por aí. De certeza que vão ter dificuldade em encontrar alguém que diga o contrário. Agora tenho de ir para o treino, antes que aqueles malandros me destruam o campo. — Levanta-se e passa por nós, esquecendo-se dos cestos de equipamento, na sua pressa de chegar à porta. Detém-se quando estava mesmo a sair para o corredor, a mão grande a agarrar na ombreira da porta. — Acreditam em karma? Porque foi a primeira coisa em que pensei quando soube o que aconteceu ao Billy.

Dave e eu refazemos os nossos passos pelos corredores da escola de Hancock, ambos a tentar dar um sentido à história do treinador Miller. Eu queria pôr a ponta de um pé na vida do meu marido. O que recebi foi mais um mergulho total em águas árticas, que me deixou em choque e atordoada.

— Acreditaste nele? — pergunto, quando viramos a esquina para uma parede de cacifos velhos e amolgados por baixo de uma faixa gigante. *Força Wildcats! Sempre Ferozes!*

Dave encolhe um ombro e a sua boca torce-se numa careta tensa que conheço demasiado bem. Ele não quer, mas acredita pelo menos em parte do que ouvimos.

— Podíamos confirmar junto da esquadra de polícia local. Se o Will

andava mesmo a vender drogas, talvez se tivesse metido em sarilhos. A polícia pode ter algum registo.

— Talvez tenhas razão. — Suspiro, e os meus ombros descaem na direção do chão sujo. — E percebo que o Will não quisesse falar da morte da mãe. Percebo *mesmo*. Mas aquela história que me contou sobre ela ter morrido de cancro? Eu chorei, Dave. Lágrimas verdadeiras. Ele até tinha todo o jargão médico. Conhecia todos os sintomas e pormenores de como o cancro progredia. Não se inventa uma coisa dessas de um momento para o outro. Ele tem de ter passado semanas a pesquisar melanomas na internet. Quero dizer, é mesmo preciso estar empenhado numa mentira como essa.

Nas escadas, Dave abre a porta e desvia-se para o lado para me deixar passar.

— Imagino que sim.

— E, tudo bem, o pai não era a pessoa mais simpática. Isso também não devia ser uma coisa de que ele gostasse de falar. Mas porque não dizer apenas que estavam afastados? Para quê inventar uma mentira e dizer que nunca o tinha conhecido?

— Tu é que és a psicóloga. O que faria uma pessoa ficcionar os primeiros dezoito anos da sua vida?

— Ou mais. Depois destes últimos dias, já não assumo nada do tempo antes de o conhecer. Não estou a dizer que acredito em tudo o que o treinador Miller disse, mas ele descreveu um miúdo profundamente perturbado, e, mesmo que apenas parte da sua história fosse verdadeira, não se sai de algo assim sem fazer séria terapia, se é que se sai de todo. Razão pela qual preciso de mais do que o relato de uma testemunha ocular. Preciso de falar com os antigos vizinhos, encontrar mais professores e colegas de turma. O treinador Miller não pode ser o único que se lembra dele.

Dave faz um aceno de assentimento e emergimos da escadaria na frente do edifício. Do seu lugar na entrada, o guarda acena-nos com o queixo.

— Encontraram o que precisavam?

— Sim — diz Dave, ao mesmo tempo que faço sinal com um dedo para o interior do edifício, na direção da biblioteca.

— Vamos dar mais uma vista de olhos àquele anuário. Melhor ainda, vamos tirar umas cópias.

— Não é preciso.

— O quê? Porquê?

Ele faz-me um olhar de *esquece*, aproximando-se mais de mim e dizendo entre os dentes cerrados:

— Digo-te no carro.

O guarda grunhe como se não quisesse saber o que decidíamos.

— Entreguem os cartões à saída.

Dave foi fazer isso e depois dirigimo-nos para a porta e saímos para um frio cortante. Durante o tempo que tínhamos estado lá dentro, nuvens cor de aço haviam-se aglomerado numa frente que baixara a temperatura uns bons dez graus. Estremeço e aperto mais o casaco em volta do pescoço, mas Dave abre o dele, retirando o anuário de 1999 de detrás das costas com um sorriso vaidoso.

Os meus olhos dilatam-se.

— Roubaste-o?

Ele franze os lábios.

— Prefiro pensar nisto como um empréstimo.

— A India não o vai ver dessa maneira. E, quando reparar que desapareceu, também vai saber exatamente quem o levou. Os nossos nomes estão no registo de visitantes, Dave.

— Para de te preocupar. Um empréstimo implica uma devolução, assim que tivermos feito uma cópia. Devolvemo-lo antes de a India reparar sequer que desapareceu.

— Não sabes. E se reparar? E se seguir o meu rasto até à Lake Forrest?

Ele revira os olhos.

— Não é difícil andar por aí sempre com as cuecas enfiadas no rabo?

Adoro o meu irmão, mas é nisto que somos diferentes. Eu vivo num mundo onde as regras são feitas para serem cumpridas, enquanto ele pensa nas regras como, basicamente, uma inconveniência. Em especial aquelas que lhe são inconvenientes. Dave põe os pés em cima das cadeiras, corta caminho por parques de estacionamento e leva os seus próprios snacks para o cinema, e tudo isto sem nunca ser apanhado. Tem tudo a ver com atitude, explica-me, e não está errado. Dave tem dentro de si uma ousadia que atrai as pessoas, fazendo-as esquecer que ele acabou de lhes pisar os dedos dos pés para conseguir passar para a frente da fila.

Ao cima das escadas, a porta da escola abre-se e uma massa de adolescentes derrama-se para fora. Chegam aos degraus e dispersam, passando por nós com uma velocidade e energia que só pode existir depois de se estar fechado numa sala de aulas durante mais de oito horas.

Dave agarra-me no pulso e arrasta-me na direção da rua.

— Anda, senão somos esmagados.

Estamos a um quarteirão de distância, a entrar no carro alugado, quando o meu telefone toca com um número que não reconheço. Levo-o ao ouvido.

— Estou?

— Iris Griffith? — Uma voz de mulher, aguda e rápida.

— Sim.

— O meu nome é Leslie Thomas. Estou a ligar do Centro de Assistência à Família...

— O que aconteceu à Margaret Ann?

— Ann Margaret — sussurra Dave. Liga o carro, mas não arranca.

A pessoa do outro lado da linha não se detém.

— A Margaret Ann não está disponível, neste momento, mas eu gostaria de lhe fazer umas perguntas.

A minha atenção demora-se, só por um segundo, no nome. Ann Margaret ou Margaret Ann? Seja como for, esta mulher apanhou-me desprevenida.

— Hum, eu... Peço desculpa, mas não estou num lugar onde possa falar, neste momento.

— Isto não vai levar mais de um ou dois minutos. Sei que algumas famílias se uniram e estão a processar a Liberty Air por homicídio involuntário. É uma delas?

Tanto as perguntas como o tom, tenso e quase maníaco, fazem com que todos os tipos de sinais de alarme comecem a soar na minha cabeça. Porque estaria alguém do CAF, uma organização que existe sob a alçada da Liberty Air, perguntar uma coisa destas? Faço uma careta a Dave, cujas sobrancelhas se arqueiam. *O que é?*, faz ele com a boca.

— Eu... não sei — digo para o telefone.

— Não sabe se é uma das famílias a processar a Liberty Air?

— Não, não sei nada do processo. Quem é que me disse que era?

— O meu nome é Leslie Thomas. O *Miami Herald* relatou esta manhã que o piloto estava a regressar de uma despedida de solteiro de três dias em South Beach e que estava a funcionar apenas com uma hora de sono. Se isso for verdade, a senhora e as outras famílias vão processar a Liberty Air por homicídio involuntário?

Um manto gelado envolve-me o coração, arranhando-me o tronco com um frio que não tem a ver com a temperatura lá fora. O piloto estava meio a dormir, possivelmente de ressaca? O sangue esvai-se das minhas faces, e levo uma mão ao estômago em alvoroço.

Dave franze o sobrolho.

— O que se passa?

Mas espera. Porque iria alguém do Centro de Assistência à Família dizer-me isto? Não deviam proteger os interesses da Liberty Air?

— Repita lá quem é a senhora?

— O meu nome é Leslie Thomas.

— E está a ligar do CAF?

— Correto.

— Então porque é que me está a interrogar como uma jornalista?

Silêncio. Ouço-a preparar-se para outra resposta, mas é demasiado tarde. Já a apanhei.

— Porque é jornalista — digo num silvo furioso. — O que significa que também é mentirosa.

Carrego em terminar no meu ecrã e começo a contar a Dave, mas, quase de imediato, o meu telefone toca outra vez, e do mesmo número.

— Sabes como bloquear esta pessoa?

Dave pega no telefone. Está a começar a mexer no ecrã quando este se ilumina com uma mensagem. Debruço-me sobre a consola central e franzo o sobrolho ao ler a mensagem.

Vai para casa, Iris.

— Quem enviou isto? — pergunto.

Dave tenta ver o número, mas está bloqueado. Os seus dedos escrevem uma rápida resposta.

Quem és tu?

Envia e ficamos a olhar para o ecrã à espera de uma resposta, acordando-o com a ponta de um dedo quando ele começa a apagar-se.

— Porque é que alguém te estaria a dizer para ires para casa? — diz Dave.

— Não sei.

— Quem mais sabe que estás aqui?

— Os pais e o James, ponto final. Não falo com nenhuma das minhas amigas desde a cerimónia fúnebre e não contei a Ted nem a ninguém na escola que ia viajar, só que ia tirar uma ou duas semanas.

Dave pensa por um momento.

— Bem, se fosse alguém em Atlanta, não diria antes *vem* para casa?

Faço um aceno de assentimento, e nesse preciso momento chega outra mensagem ao meu telefone.

**Alguém que sabe o que procuras e que sabe
que o que procuras não está em Seattle.**

Do outro lado do lago, em Bellevue, Dave e eu começamos por entrar num Best Buy, a nossa melhor hipótese de identificarmos o número bloqueado no meu telefone. Depois de aquela segunda mensagem chegar — *alguém que sabe o que procuras e que sabe que o que procuras não está em Seattle* —, a tarefa subiu para o topo das prioridades. A ironia não escapa a nenhum de nós. Se Will aqui estivesse, descobriria o número em trinta segundos.

O tipo atrás do balcão dos serviços técnicos parece ter uns vinte anos e é do tipo que Will sempre alegou dar má fama aos informáticos. Cabelo oleoso. Borbulhas no rosto. Sobrancelhas espessas e dentes salientes. Por detrás dos óculos fundo de garrafa, os olhos tornavam-se comicamente grandes.

— Está a pedir-me para piratear o número de telefone de outra pessoa? — diz o técnico, a abanar a cabeça. — Não posso fazer isso.

— Não pode — Dave faz-lhe um sorriso encantador — ou não quer?

— Irrelevante. Só estou autorizado a reparar e instalar.

O meu irmão puxa cinco notas de vinte da carteira e agita-as sobre o balcão.

— Tem a certeza disso?

O miúdo não tem a certeza. O seu olhar dardeja entre nós e o dinheiro, e a luta interna é real. Cem dólares compram muitos *gigabytes*. Ele roda a cabeça da esquerda para a direita, reparando num colega a registar uma compra na caixa, e noutro debruçado sobre um *MacBook* no outro extremo do balcão. Quando nenhum deles olha na sua direção, agarra nas notas e no meu telefone e enfia tudo no bolso.

— Já volto — diz, e depois desaparece por uma porta assinalada *Exclusivo Funcionários*.

Enquanto ele está lá dentro, dirijo-me para o computador disponível e entro na internet.

— Onde é que o treinador dizia que ele vivia? Rainier qualquer coisa.

— View? Não, não era isso. — Dave pensa por um segundo ou dois e depois estala os dedos. — Vista! Rainier Vista.

— É isso mesmo. — Procuro o bairro e anoto um par de ruas num bloco que tenho na minha mala, depois faço o mesmo com o Kinko's e a esquadra de polícia mais próximos.

— Já agora, procura-nos um restaurante decente. Não como nada desde

que saí de Atlanta e estou esfomeado.

Para o meu irmão, decente significa pratos complicados com vinho a condizer, ambas as coisas significando que o jantar demora uma eternidade. Abano a cabeça.

— Podemos parar no primeiro *drive-thru* por que passarmos, mas quero continuar a trabalhar.

Ele franze o nariz.

— Estás mesmo a sugerir pedir uma refeição numa janela e comer de um saco de papel?

— Sim, porque ainda quero ver o antigo bairro do Will e falar com alguém da esquadra da polícia antes do fim do dia, e não conseguimos fazer isso se pedires o menu de degustação de sete pratos do *chef*, que é o que sei que vais fazer.

— A sério, Iris. Tenho de comer alguma coisa. A falta de açúcar no sangue já me está a dar tonturas.

— Paras de ser uma *drama queen*? Já te disse, podemos...

— Hum, senhor? — Erguemos o olhar e é o miúdo, com o meu *iPhone* numa mão. — A mensagem foi enviada por uma aplicação de mensagens.

— *Okay* — dizemos eu e Dave em unísono e exatamente no mesmo tom. Não um *okay* de *então, pronto* mas um *okay* de *continua*.

O técnico assume que é a primeira hipótese. Deixa o meu telefone no balcão e vira-se para se ir embora.

— Espere — digo. — Então é o número?

— A aplicação encripta e depois destrói a mensagem, bem como a sua origem. — Empurra os óculos pela cana do nariz acima. — É um bocado como um Snapchat para mensagens de texto, só que não se tem de revelar qualquer informação identificadora para se dar início a uma conversa.

— E o que é que isso significa?

— Significa que é impossível descobrir o número. Lamento. — Ele afasta-se para o outro lado do balcão para atender uma senhora idosa que traz um portátil agarrado ao peito.

A desilusão, aguda e instantânea, atinge-me entre as costelas.

— E agora? — digo, virando-me para o meu irmão.

Dave suspira quando o técnico se vai embora.

— Agora deves-me cem dólares.

Suborno Dave com o resto dos meus *Chex Mix* e uma reserva às 20:30 no Atmosphere, que, de acordo com o Zagat, é um dos melhores restaurantes franceses em Seattle, com vista para o Puget Sound. Com um mínimo de

queixas, Dave leva-nos para Rainier Vista, do outro lado do lago.

— Tens a certeza que é isto? — diz ele, abrاندando a meio da rua. — Pela maneira como o treinador Miller o descreveu, estava à espera de uma coisa bem mais rasca.

Confronto o nome da placa na minha frente com a morada no meu bloco.

— Estamos no sítio certo, mas tens razão. É bem mais agradável do que pensei que ia ser.

Rainier Vista não é Beverly Hills, mas também não é nenhum bairro de lata. À nossa direita há moradias pequenas mas coloridas, com grandes alpendres na frente, e à esquerda há casas em banda e um parque grande, com um impecável campo de basquetebol e uma longa fila de árvores. O Sol poente ilumina-as por trás, os troncos nus a estenderem-se para o céu cor de chumbo. Viro-me no meu assento, procurando a prometida vista, mas, se o monte Rainier é visível daqui, está escondido atrás de uma espessa camada de nuvens tingidas de vermelho.

Dave encosta e carrega no botão para baixar o meu vidro.

— Olá — diz, esticando-se por cima de mim para falar com o jovem casal no passeio. Dois miúdos, pouco mais velhos que os da minha escola, as feições escondidas debaixo de capuzes grossos. O braço dele está pendurado do ombro dela num gesto que se me afigura mais possessivo do que protetor. — Vivem por aqui?

Eles não param de andar, nem sequer viram as cabeças para nós. A rapariga dardeja o olhar na minha direção, mas o namorado afasta-a.

Dave anda um pouco para a frente, aumentando o brilho no seu sorriso.

— Somos novos na região, e precisávamos de ajuda para... — O par vira bruscamente à direita, afastando-se de nós por um trilho pedonal que contorna um parque vazio. — Ou talvez não.

— Bairro amigável.

Dave sopra uma gargalhada irónica e depois olha em volta, a observar o quarteirão. Aponta para qualquer coisa do outro lado da janela do passageiro, um bloco do que me parecem ser apartamentos.

— Estás a ver aquele *design* simples e materiais baratos? Quanto queres apostar em como é habitação camarária e que este bairro teve um programa de reabilitação urbana?

— E?

— E, se eu tiver razão, a Câmara teria de fazer planos para os antigos residentes ou se mudarem para um novo bairro ou garantir-lhes um lugar nas casas de custos reduzidos aqui. Temos algumas hipóteses de encontrar alguém que aqui morava antes da reabilitação.

— Pronto, espertinho. Então, por onde é que começamos?

— Um daqueles prédios de apartamentos devia ser a nossa melhor opção, mas, a julgar pela receção que os miúdos nos fizeram, suponho que os residentes não gostem muito de ter desconhecidos a aparecer para fazer perguntas. É melhor começarmos por alguma espécie de centro comunitário. Se fizermos amizade com o pessoal, eles podem dizer-nos quem vivia aqui antes da reabilitação urbana. Podemos canalizar as nossas perguntas através deles.

Dave continua a conduzir, fazendo uma lenta volta pelo bairro. Passamos por mais do mesmo, casas de todos os tamanhos enfiadas entre parques de recreio e jardins, com um ocasional prédio alto a projetar-se por cima dos telhados. Ele aponta para uma seta a indicar a paragem do elétrico.

— Proximidade de transportes públicos, muitas rampas e espaços abertos, e reparaste em toda a arte urbana? Definitivamente um bairro de rendimento misto.

— E onde está o centro comunitário?

— Se eu estiver certo, vamos encontrá-lo mesmo no centro da urbanização.

Andamos mais um pouco. Dave vai cartografando o nosso progresso no mapa do seu telefone, subindo e descendo ruas até virar subitamente à esquerda e apontar o carro para um moderno edifício de vidro e estuque ao fundo de uma estrada de sentido único. Um letreiro em Plexiglas por cima das portas duplas anuncia-o como a Casa do Bairro.

— Bingo.

Dave encontra um lugar na rua para estacionar e continuamos a pé por entre o vento forte. Um placar de informações protegido com vidro à esquerda da porta anuncia um seminário de planeamento financeiro para adultos, um laboratório de empregos e uma campanha anual para a literacia sob um logotipo da United Way.

— Bum — diz Dave ao chegar. — Serviços sociais. Eu disse-te que era camarário.

Reviro os olhos.

— O agente imobiliário vaidoso.

Ele sorri e abre uma das portas duplas, desviando-se para o lado para me deixar passar.

Lá dentro, a Casa do Bairro é espaçosa e luminosa, um espaço de dois andares cheio de janelas inundado de luz natural e de LCD. Duas mulheres sentadas atrás do balcão da receção ao centro estão a conversar com um negro idoso na sua frente. São jovens, com vinte e poucos anos, os rostos frescos com sorrisos empenhados e otimismo filantrópico.

— Bem-vindos à Casa do Bairro — diz uma delas, o sotaque nasalado do

Midwest. — Sabem o caminho ou precisam que vos dê instruções?

Aproximo-me do balcão e faço-lhe um sorriso amigável.

— Olá, obrigada. Venho à procura de informações sobre um antigo residente, e tinha esperança de que nos pudesse pôr em contacto com alguém que estivesse bem relacionado com a comunidade antes da reabilitação.

— Eu vivi aqui a minha vida toda — diz o homem, virando-se para nós com um sorriso de dentadura postiça. — E conheço toda a gente. Quem é que procura, querida?

Agora que estou mais perto, vejo que o homem não é idoso, é ancião. Postura curvada, cabelo cinzento e pele descaída com um labirinto de linhas demasiado profundas para serem descritas como rugas. Mas os olhos toldados de cataratas são inteligentes e cintilantes de simpatia.

— Chamava-se Will Griffith, embora antigamente fosse conhecido por Billy. Viveu aqui com a família até 1999, talvez mais um ano ou dois. Não sei os nomes dos pais, mas...

— Kat e Lewis — diz o homem, e já não está a sorrir.

— Foi a Kat que morreu no incêndio?

— Sim, senhora. E não foi a única.

A excitação agita-me o coração, e um calor dormiente sobe no meu peito.

— Não?

Ele abana a cabeça e estuda-me por entre os olhos franzidos.

— Quem são vocês, e porque é que querem saber isto?

— O filho, o Billy... o Will é meu marido. Bom, era meu marido. Ele estava naquele voo da Liberty Airlines de Atlanta para Seattle, o que...

Alguém arfa, e como numa deixa, a minha garganta comprime-se e os meus olhos enchem-se de lágrimas, o cérebro saturado de memórias do meu marido. Não o novo Will, aquele que mentiu sobre para onde ia e de onde vinha, um passado cheio de fúria e violência. Esse fica fora da fotografia, esse novo homem que não conheço e não consigo compreender. Não, as minhas lágrimas agora são para o antigo Will — aquele que costumava dar-me uma palmadinha no rabo sempre que eu saía do chuveiro, o que me pediu em casamento numa normal tarde de sábado, levando o joelho ao chão no meio daquele mesmo Kroger onde começámos. É desse Will que tenho saudades. É esse o marido que quero de volta.

— Desculpe — digo, baixando a cabeça. Nunca fui muito chorona, e odeio chorar em público, algo que tenho feito muito ultimamente. — Eu não queria...

Uma das mulheres arranca dois lenços de papel de uma caixa e passa-mos por cima do balcão.

— Querida, chore tudo o que precisar. Meu Deus, o seu marido acabou

de morrer num acidente de avião. Acho que toda a gente aqui concorda que tem esse direito.

A colega anui em veemente concordância.

Apenas o homem mais velho não mostra uma sombra de compaixão. Os seus lábios, finos como uma linha, curvam-se para baixo nas pontas, e os olhos, que, quando entrámos, cintilavam de jovialidade, estão agora tão escuros e tempestuosos como o céu lá fora. A transformação detém as minhas lágrimas.

— Lembra-se do meu marido, não lembra?

Ele vira as costas às mulheres, dando uma palmada seca na secretária.

— Meninas, tenham uma boa noite. — Sem um único olhar na nossa direção, dirige-se para a porta.

Está curvado e é lento, mas caminha com um passo firme. Apanho-o em poucas passadas.

— Senhor, espere. Por favor. Só lhe peço um minuto do seu tempo.

— Não, o que me está a pedir é que desenterre alguns esqueletos velhos e desagradáveis. Esqueletos que mais vale deixar no passado. — Tudo no velho me diz que ele não gostava de Will na altura, e agora, depois de eu admitir ser casada com ele, também não gosta muito de mim. Vejo-o baixar a cabeça e acelerar.

À saída, carrega num botão e um motor zumbe, abrindo as pesadas portas como se se estivessem a mover sobre melaço, apenas ligeiramente mais depressa do que o homem idoso. Pelo menos fazem-no parar de andar.

— Ouça. Eu compreendo que o Will era um miúdo com problemas, mas...

Ele ergue um ombro curvado.

— Isto era um bairro social. Montes de miúdos tinham problemas.

Mesmo depois de todas as mentiras, o impulso para defender o meu marido cresce em mim como um tsunami, e mordo a língua para conter a onda dentro de mim.

— O que foi que ele fez? — pergunta Dave, vindo para o meu lado.

O velho faz uma careta.

— Já vos disse, deixem os velhos esqueletos em paz. Desenterrá-los não vai trazer nada de bom.

As portas já estão abertas, deixando entrar o vento gelado. Algures nos últimos minutos, os céus começaram a despejar uma chuva que cai em rajadas furiosas. O homem puxa mais o fecho para cima e atira-se para a intempérie.

Dave e eu olhamos um para o outro, e ele está a pensar o mesmo que eu, que este homem é a nossa melhor hipótese de informação. Aceno com o queixo na sua direção e Dave lança-se atrás dele.

— Pelo menos, deixe-nos levá-lo — sugere, enquanto o homem se arrasta a descer a rampa. — Não devia andar na rua com este tempo. Os passeios devem estar escorregadios.

O velho parece tentado. Faz uma pausa, olhando por cima do ombro.

É o suficiente para Dave lhe fazer um sorriso convidativo.

— O nosso carro está quente e seco, e levamo-lo aonde quiser.

O homem idoso considera a oferta por um ou dois segundos, a medir-nos com o olhar. Observa as minhas botas de pele e cachecol de caxemira, as calças de marca de Dave por baixo de um blusão acolchoado *Patagonia*.

— O sítio que eu quiser?

Dave e eu anuímos ao mesmo tempo.

O rosto do homem passa do carrancudo a algo bem mais calculista.

— Não me importo de ir comer.

O nome do velho é Wayne Butler, e, com as suas instruções, Dave leva-nos até uma tasca de *halal* na MLK Jr. Way. O meu irmão olha para os letreiros em néon e o toldo vermelho desgastado e os seus ombros descaem, mas não se queixa, nem sequer quando o senhor Butler pede todos os caris no menu e depois se chega para o lado para Dave pagar.

Assim que nos instalamos numa mesa perto da janela, uso a mesma estratégia que pôs o treinador Miller a falar: honestidade.

— Senhor Butler, sei que preferia não desenterrar o passado, mas, seja o que for que o Will fez em adolescente, não pode ser pior do que me fez a mim, a sua própria esposa.

— Tem a certeza disso?

Faço um aceno de assentimento, porque sei o que ele quer. O senhor Butler quer que me ponha na sua equipa — uma equipa separada da do meu marido. Brinco com um pedaço de carne fibrosa com o meu garfo barato e formulo as palavras que julgo que ele quer ouvir.

— O meu marido, o Will, e eu fomos casados durante sete anos. Nunca me falou de Seattle. Eu não sabia que ele tinha vivido aqui. Não fazia ideia da sua situação familiar. Talvez tivesse vergonha do seu passado, ou talvez estivesse apenas a tentar pôr tudo para trás das costas, não sei. Mas o facto é que não consigo conciliar o homem que conheci com o homem que o treinador Miller nos descreveu, e preciso de passar por isto para poder fazer o luto pelo meu marido. Preciso de conhecer todas as partes dele, até aquelas que me escondeu, as partes feias, para conseguir seguir em frente. — Digo as palavras e uma lenta dor desabrocha dentro do meu peito.

Alguma coisa cede no semblante do homem idoso, um ligeiro suavizar

em volta dos olhos e da boca, e o alívio descontrai os meus músculos.

— Falou com o Anthony Miller?

— Sim.

— É um bom homem. O que foi que ele lhe contou?

— Disse que o Will era mau e zangado e que a situação na casa dele não era agradável. Disse que houve um incêndio, e que... — levo um ou dois segundos para dizer as palavras — que a mãe do Will... a Kat, morreu no incêndio.

O velho mastiga um pedaço de carne.

— Ele falou-lhe do incêndio, então?

Anuo.

— Eu perdi tudo o que tinha nesse incêndio, e não estou só a falar de roupas e mobília. Estou a falar de cartas, e fotografias de bebé, e as receitas que a minha bisavó tinha deixado. O meu fato de casamento e os brincos de pérolas que dei à minha mulher. Deus tenha a sua alma.

Não me dei ao trabalho de lhe perguntar se tinha seguro. Os artigos que ele mencionara eram insubstituíveis e, além disso, depois de tudo o que já ouvi dizer de Rainier Vista na altura, suponho que nenhum dos residentes tivesse.

— Lamento muito — digo antes. — Deve ter sido muito difícil.

Ele faz um aceno de assentimento e a sua boca comprime-se numa linha fina.

— O Anthony contou-lhe quem causou o incêndio?

O meu coração faz tiquetaque como uma bomba por baixo dos ossos das minhas costelas. O incêndio foi fogo posto? Tento responder, mas não consigo.

O Dave responde por mim.

— Não, quem?

Para alguém que não queria falar, o senhor Butler parece estar a apreciar bastante a atenção, neste momento. Recosta-se na sua cadeira, acenando para a janela com o garfo.

— Já vos disse que isto era um bairro social. Agora, não sei de onde é que vocês vêm, mas, pelo aspeto, aposto que nunca puseram o pé num bairro desses. Deixem-me garantir-vos, é tão mau como julgam. Gangues, armas, prostitutas e passadores de droga em cada esquina. Dá para perceber que tínhamos mais do que a nossa conta de miúdos perturbados. Mas o seu marido destacava-se porque era esperto. Era esperto e dissimulado, e as duas coisas juntas tornavam-no perigoso. Nunca se sabia que ele estava à beira da explosão até ser demasiado tarde.

O meu olhar dardeja para Dave, cuja expressão é cuidadosamente neutra.

— O que é que está a dizer, exatamente?

— Acho que sabe o que estou a dizer. A polícia nunca conseguiu provar que foi o Will que pôs o fogo, atenção, mas estavam suficientemente desconfiados para porem um agente só atrás dele. E aquele incêndio matou mais do que apenas Kat. Morreram mais dois miúdos naquela noite.

Dave sobressalta-se, e a minha boca enche-se com um já conhecido ácido. Viro as costas à mesa e tento não vomitar, calculando o número de passos até ao caixote do lixo, para o caso de não conseguir conter o vômito. Três, talvez quatro, no máximo, mas só se saltar por cima de outra mesa. A distração coloca alguma distância entre mim e o que este homem está a dizer — que Will provocou um incêndio que acabou com as vidas não só de duas crianças mas também da própria mãe. Que ele era o responsável pelas suas mortes. Encosto-me para trás e abano a cabeça, lentamente, de um lado para o outro.

Não é possível.

O velho estuda a minha postura, lê a minha incredulidade e encolhe um ombro ossudo num gesto de *tanto-me-faz*.

— No que toca aos pais, o seu marido teve o maior azar, isso é certo. A Kat e o Lewis Griffith mal conseguiam cuidar de si mesmos, quanto mais de outro ser humano.

— O treinador Miller sugeriu que havia alguma violência em casa — diz Dave.

— Então estava a mentir, porque havia montes de violência. *Montes*. Mas, mesmo assim, não demorou muito tempo para os bombeiros decretarem que tinha sido fogo posto. Quem quer que o fez usou acelerante.

Mesmo assim.

— Podia ter sido qualquer pessoa — tento.

Dói-me a cabeça, e, de repente, só quero estar em casa, a deixar a minha mãe encher-me de mimos. Porque é que vim para aqui e desencadeei esta dramática tempestade de merda? Quero voltar atrás no tempo, para nunca ter de ouvir tudo o que este homem e o treinador Miller me contaram. É demasiado. Já não quero saber.

— É verdade. Mas o incêndio ocorreu por volta das duas da manhã, depois de uma discussão particularmente ruidosa e horrível entre a Kat e o Lewis e que acabou com os dois a beber até caírem para o lado. Nunca me vou esquecer dos gritos e berros daqueles dois. Seja como for, encontraram uma lata de gasolina no apartamento abandonado ao lado. E o Billy, que jurou que estava a dormir na cama dele na altura, conseguiu sair sem um arranhão.

Fico a olhar para Dave, que tem estado a ouvir esta história de uma forma que faz o seu rosto fechar-se. Passa uma mão pelo queixo e engole em seco.

Não quer acreditar, mas não sei se consegue.

E, embora a psicóloga em mim saiba que um miúdo vítima de maus tratos e negligência tem sessenta por cento de mais hipóteses de se meter em problemas, não estou convencida. É do meu Will que estamos a falar. Ele podia ter acordado com o barulho, ou sentido o cheiro do fumo. Qualquer pessoa podia ter deixado a gasolina num apartamento abandonado. O meu Will nunca faria uma coisa dessas.

— Até agora, as únicas provas que ouvi são circunstanciais.

— Não se esqueça de que ele era esperto. Mas digo-lhe exatamente o mesmo que disse aos detetives na altura. O que eu vi na cara do seu marido quando aqueles bombeiros tiraram o pai inconsciente da casa a arder foi desilusão. — O senhor Butler bate com o garfo na mesa e lança-me um olhar duro. — Compreende o que lhe estou a dizer? Ele queria que aquele fogo os tivesse levado aos dois.

Acordo sobressaltada quando Dave corre as cortinas com um sonoro guincho.

— Toca a levantar, princesa. Hoje é um novo dia e está a chover. Outra vez. Ou, antes, ainda. Ainda está a chover. — Vira-se, o corpo recortado na frente da janela como uma sombra. — Como é que as pessoas vivem aqui?

Solto um grunhido, virando as costas à janela e à luz, e puxo a almofada para cima da cabeça a latejar. Depois de deixarmos o senhor Butler em Rainier Vista, Dave levou-nos diretamente para o bar mais próximo, onde disse ao *barman* para não parar de trazer *vodka martinis* enquanto eu não estivesse bêbada. Sem muito mais do que uns *Chex Mix* no estômago, não demorou muito tempo. Quando cheguei ao fundo do primeiro copo, a sala já estava a andar à roda. As coisas começaram a ficar difusas algures a meio do segundo. Não tenho qualquer memória do terceiro nem de como saí daquele sítio, um bar ligeiramente sebento, com música má e um balcão pegajoso, até ao sítio onde estou, enrolada em macio algodão egípcio.

Apoio-me num cotovelo e observo o quarto de hotel à minha volta. Chique e genericamente moderno, com uma grande parede de janelas com vista para a água. Ao longe há um horizonte de montanhas, picos recortados que se projetam para o céu de aço.

— Onde estamos?

Ele faz-me uma cara estranha.

— Querida, estamos em Seattle, não te lembras? A pátria do Starbucks e a capital da flanela do mundo inteiro, onde toda a gente conduz um *Subaru*. Sempre pensei que esta última parte era um exagero, a propósito, mas não é. Para uma cidade tão obcecada com uma vida mais limpa, seria de imaginar que tinham menos carros.

— Eu sei que estamos em Seattle. Refiro-me ao hotel. Espero que não tenhas tido de me trazer ao colo.

— Ei, é para isso que servem os irmãos. — Ele sorri.

— Desculpa termos perdido as reservas para o jantar, ontem à noite.

Ele deixa-se cair numa poltrona junto à janela, fazendo um aceno para dizer que não fazia mal.

— A comida do bar até não era má. Quero dizer, não era propriamente *foie gras*, mas bem melhor do que aquele *fast-food* de caril, que, já agora, não

era borrego, de certeza. Mas, só para que fiquemos esclarecidos, hoje não te safas de me levar a tomar um pequeno-almoço como deve ser, antes de irmos.

— Irmos aonde?

— Podemos decidir a agenda ao pequeno-almoço. Temos sítios aonde ir e pessoas com quem falar, por isso, vamo-nos embora.

Volto a descair na cama, puxando os cobertores até ao queixo.

— Vai tu. Não me apetece fazer nada hoje.

— Isto não são umas férias, Iris. Estamos aqui numa missão, lembras-te? A tua missão.

— Eu sei, mas amanhã, talvez. Hoje vamos ficar de pijama, pedir que nos tragam comida ao quarto e fazer uma maratona de filmes.

— Já estou vestido.

Pego no guia da televisão que está em cima da mesa de cabeceira.

— Aposto que têm o *Eternamente Amigas*.

— Vá lá. Não sou assim um estereótipo tão grande.

— Desculpa ser eu a dar-te a novidade, mano, mas olha que és.

Ele revira os olhos, mas não discute.

— Importas-te de sair da cama e ir tomar um duche? Liguei para alguns lares perto de Rainier Vista e adivinha quem encontrei? O teu sogro. O pai do Will. Pensei que podíamos começar por lhe fazer uma visita.

Sogra. A palavra rola pela minha língua, e uma nova ronda da dor da véspera palpita-me no peito, um pulsar quente e branco que esmaga o meu coração já tão maltratado. E o meu novo sogro não é o pior de tudo. Ergo-me sobre um cotovelo.

— Talvez tenha bebido alguns *martinis* a mais ontem à noite, mas por acaso lembro-me de tudo o que o velho disse. Uma mulher e duas crianças morreram num incêndio que ele está convencido ter sido posto pelo Will. Talvez tenha sido ele, talvez não, mas sabes o que se costuma dizer, onde há fumo...

— Bem, enquanto estavas aí a curar a bebedeira, eu fiz uma pequena pesquisa sobre aquele incêndio. Fui ver nos jornais e li o relatório da polícia *online*, e a história do velho era bastante correta, tirando o facto de ele se ter esquecido de mencionar uma coisa. A polícia seguiu o rasto da lata de gasolina até uma loja em Portland, o que suscita a questão. Como é que um miúdo de dezassete anos sem carro nem dinheiro compra gasolina numa cidade a quase quinhentos quilómetros de distância?

— E mencionaram mais algum suspeito?

— Só o pai do Will.

Os meus olhos abrem-se de espanto.

— O pai do Will foi suspeito?

— Claro. O marido é sempre o primeiro a ser interrogado pela polícia, não vêes o *CSI*? E em especial quando tem mão pesada, como o pai do Will. Ele estava demasiado bêbado para se lembrar do seu álibi, mas tinha um. Um vizinho disse que ele estava desmaiado no sofá dele quando o edifício irrompeu em chamas.

Chamas. A palavra provoca-me um pesado arrepio.

— E os miúdos?

— Eram irmãos, três e cinco anos. A dormir no apartamento em frente. A mãe estava a trabalhar no turno da noite.

O meu estômago revolta-se de horror por aquela pobre mulher. Penso nela a aconchegar os seus bebés nessa noite, antes de ir para o trabalho, a dizer-lhes que estaria de volta a casa quando eles acordassem, a dizer-se a si mesma que os filhos estariam seguros nas suas camas. Aquela tragédia era o pior pesadelo de todas as mães.

Enrolo-me em volta da minha almofada, enterrando-me mais fundo por baixo do edredão.

— Sabes, tudo o que fiquei a saber desde o desastre é tão confuso. O Will a entrar no avião errado para o destino errado. A inventar uma conferência. Conhecer este amigo Corban de que ele nunca me tinha falado. Todas estas mentiras a respeito das suas origens e de como foi a sua infância. Não compreendo nada. Exceto a casa.

— A tua casa?

Faço um aceno afirmativo.

— Devemos ter visto uma centena. Havia qualquer coisa de errado com todas. A cozinha era demasiado datada, ou o jardim era demasiado pequeno, ou a rua era demasiado barulhenta. Nunca nada era suficientemente perfeito para o Will. O nosso agente imobiliário deve ter-nos mostrado aquela casa mais para provar que tinha razão do que por qualquer outra coisa. Tipo: *Estão a ver o que conseguem arranjar se estiverem dispostos a desembolsar mais cem mil?* Mas devias ter visto a cara dele quando entrámos pela porta. — Sorrio ao lembrar-me de como tudo em Will se imobilizou por completo exceto as cores no seu rosto, que se tornaram cada vez mais afogueadas a cada divisão em que entrávamos. — Quando chegámos ao andar de cima, o negócio estava feito. Ele tinha de a comprar.

Uma súbita saraivada de chuva dispara contra a janela. Dave ergue os pés sobre uma otomana, cruzando os braços no peito.

— É uma casa fabulosa.

Lembro-me da primeira vez que subimos os degraus, o rosto dele quando abrimos a porta de vidro fosco, como eu soube mesmo antes de entrarmos que era aquela.

— Fizemos a oferta naquele mesmo dia. Embora isso significasse umas divisões praticamente vazias e uma hipoteca que só conseguíamos pagar ficando completamente esfolados. Mas agora percebo porque era tão importante para ele comprá-la.

— Porque a casa era um símbolo de onde conseguira chegar.

— Exato. — Quando digo a palavra, uma fúria já familiar cresce mais uma vez dentro de mim, e endireito-me bruscamente na cama. — Se me tivesse dito porque queria ficar com a casa, eu não teria discutido tanto. Não me teria queixado por ter de desistir do meu vício de Starbucks, por nunca irmos de férias, para podermos comprar a nossa casa de sonho. Não há uma alma no planeta que tivesse compreendido melhor do que eu. Mas ele nunca planeou contar-me, pois não?

Dave suspira, erguendo ambas as mãos no ar.

— Outra vez não — balbucia.

— Outra vez não o quê?

— Já tivemos esta conversa, até à exaustão, ontem à noite no bar. Tu até fizeste uma sondagem. Uns esmagadores oitenta e sete por cento dos semibêbados no bar concordaram que não, o Will nunca planeou contar-te.

Normalmente, teria ficado mortificada com a ideia de uma Iris bêbada se ter posto a pedir a pessoas que não conhecia que dessem palpites sobre o seu casamento. Não sou propriamente uma pessoa desinibida e não costumo falar da minha vida com desconhecidos. Mas estou demasiado concentrada na parte mais importante — o facto de o meu marido não só ter escondido partes essenciais da sua vida de mim, a sua pessoa preferida no planeta, quando nos conhecemos, mas por não ter confiado em mim, não ter confiado no nosso amor, o suficiente para me contar mais tarde.

— Nem dos pais, nem do incêndio, nem do seu passado assustador. Contou-me aquelas tretas todas sobre ter sido criado pela afetuosa mãe solteira em Memphis, e eu engoli a história. Terá mesmo andado na Universidade do Tennessee? Terá sequer andado na faculdade? Não faço ideia, porque sou a pessoa mais ingénua do mundo!

— Tu não és ingénua, querida. Foste enganada pelo homem que amavas. Há uma grande diferença.

— Eu sou psicóloga de formação, Dave. Devia conseguir identificar pessoas como o Will.

— Não estou a ver como é que podes ter culpa seja pelo que for.

— Não interessa. — Volto a cair na cama, cobrindo o rosto com as mãos, e sinto novas lágrimas a picarem-me os olhos. Até sete dias antes, eu estava cem por cento convencida de que conhecia o meu marido. Pensava que Will me contava tudo a seu respeito. Pensava que nos contávamos tudo. E, agora,

não paro de descortinar novas partes do antigo Will que me conduzem a um mesmo pensamento: *Nunca conheci verdadeiramente o homem com quem casei.*

E, agora, quando olho para o passado, tenho de questionar tudo. Aquela vez que fomos a São Francisco, uma cidade que ele jurara nunca ter visitado, e sabia o caminho quase sem olhar para o mapa. Teria sido por já lá ter estado antes? Quando admitiu num jogo de Cards Against Humanity que não tinha ido ao baile de finalistas, mas se recusou a dizer-me a razão. E quando fomos ao La Fonda e Will pediu *chile relleños* e *quesadillas con camarones* com uma pronúncia perfeita. Desde quando ele falava espanhol?

E depois ocorre-me que perdi Will duas vezes. A primeira foi quando ele entrou naquele avião, a segunda quando se metamorfoseou postumamente num desconhecido. Uma foi rápida e chocante, a outra mais gradual mas não menos dolorosa. Ambas as feridas estão frescas, cruas e fundas.

— Hoje faz uma semana — digo, a voz abafada. — Sobrevivi sete dias inteiros sem o Will.

— Eu sei. — Dave fica em silêncio por um longo momento, e ouço-o levantar-se da poltrona e aproximar-se. — Ouve, posso perguntar-te uma coisa?

— Tenho a certeza que não conseguiria impedir-te, mesmo que tentasse.

— Percebo que descobrir todas estas coisas sobre o Will te está a dilacerar.

— Sim. — Um soluço sobe pela minha garganta acima, mas seguro-o antes de o deixar sair.

— Mas já consideraste o óbvio?

— Que é o quê? — Desvio a minha almofada para o lado e ali está ele, o meu irmão gémeo a olhar-me fixamente.

Ele faz-me um sorriso encorajador.

— Que talvez ele tenha mesmo mudado. Talvez tenha sido por isso que nunca te contou. Talvez estivesse a tentar começar de novo, carregar em *control-alt-delete* na sua vida merdosa e começar de novo contigo.

— Tudo bem, e então, diz-me lá, porque é que se meteu naquele avião para Seattle?

O sorriso desaparece-lhe da face. A minha pergunta deixou-o sem resposta, e, ainda pior, deixou-me a mim sem respostas. Porque é que o Will entrou naquele avião para Seattle? De súbito, a ideia de ficar escondida num quarto de hotel deixa de ser tão apelativa. A suspirar, atiro os lençóis para trás e levanto-me da cama.

— Graças a Deus — diz ele, quando me dirijo para a casa de banho —, porque eu já vi o *Eternamente Amigas* um milhão de vezes.

Vinte minutos mais tarde, quando estou a sair do duche, uma mensagem do número bloqueado entra no meu telefone. **Porque estás ainda em Seattle? Estava a falar a sério, Iris. Vai. Para. Casa. Não há nada para ti aqui.**

Enrolo uma toalha à volta do tronco, prendo-a debaixo dos braços e escrevo uma resposta tão rapidamente quanto as minhas mãos a tremer mo permitem. **Não vou a lado nenhum enquanto não me disseres quem és. E, já agora, não é verdade. Até agora, Seattle tem sido muito esclarecedor.**

Dois segundos mais tarde, outra mensagem ilumina o meu ecrã. **Não acredites em tudo o que ouves.**

A minha pulsação dispara e o meu ventre comprime-se com algo parecido com excitação. **Então em que devo acreditar?**

Espero, a olhar para o ecrã até este ficar escuro, depois preto.

Encontramos Lewis Griffith na Providence House, residência sénior para os indigentes e o sítio mais deprimente do planeta. O estado de limpeza do chão é duvidoso, o ar cheira mal e os tetos são baixos e manchados. Encontramos uma enfermeira mal-encarada no segundo andar que nos aponta um corredor escuro.

— Quarto 238, mas não esperem que diga muita coisa. Tem Alzheimer, sabem?

Agradeço-lhe, tentando decidir se o Alzheimer é a pior ou a melhor maneira de coroar seis décadas de uma vida dura. É uma forma lenta e desagradável de se partir, mas pelo menos ele não está consciente disso.

Encontramo-lo num quarto do tamanho de um *closet* que me lembra um barato hotel de estrada onde fiquei uma vez na Guatemala, pouco maior do que a cama onde o senhor Griffith se encontra confinado. Não há sítio para Dave e eu nos sentarmos, por isso ficamos de pé, ombro com ombro e apertados entre duas paredes débeis, aos pés da cama.

Olho para o meu sogro e uma trovoada rola-me pela cabeça. Procuro-lhe no rosto pedaços do meu marido e encontro apenas alguns. A testa larga, a ligeira inclinação para cima nos seus olhos. Podia encontrar mais, se o senhor Griffith não parecesse tão desgastado, se a sua pele não estivesse tão cerosa e pálida, mais Madame Tussaud do que humana, e manchada de pintas como mortadela.

Procuro Dave com uma mão a tremer e ele aperta-me os dedos.

— Senhor Griffith, o meu nome é Iris, e sou sua nora. Fui casada com o seu filho, o Will. Ou Billy. Lembra-se dele?

Nada. O senhor Griffith não parece ter ouvido. Fita-nos com olhos vazios.

Abro uma fotografia no meu telefone e coloco-a na linha de visão do senhor Griffith.

— Esta foi tirada há um mês, mais ou menos.

A testa dele enrugou-se. Uma reação?

— Lembra-se dele?

Nada.

— Isto não nos vai levar a lado nenhum — sussurra Dave por detrás de uma mão.

Abano-lhe subtilmente a cabeça, voltando a guardar o telefone no bolso de trás das calças.

— Senhor Griffith, há uns quinze anos, houve um incêndio no apartamento onde vivia, em Rainier Vista. Morreram três pessoas. Lembra-lhe alguma coisa?

O senhor Griffith não anui, mas a forma como o seu olhar sobe para o meu faz-me endireitar a coluna.

— A sua mulher, Kat, foi uma das vítimas, bem como duas crianças pequenas. O senhor e o Billy ficaram incólumes.

Os seus lábios de lixa movem-se por uns breves segundos, como se ele estivesse a tentar falar. Ou talvez esteja a falar, não sei. Seja como for, não sai nada senão ar.

— Lembra-se de alguma coisa dessa noite? Do fogo? A sua mulher e filho?

O rosto dele franze-se numa careta, e a boca move-se mais um pouco. Dave e eu agarramo-nos à estrutura de metal da cama e inclinamo-nos para a frente, tentando ouvir.

— Ele disse Billy? — diz Dave, olhando para mim com os olhos esbugalhados.

O meu coração dispara, e o sangue troveja nos meus ouvidos. Tenho quase a certeza que sim.

— Senhor Griffith, lembra-se do Billy?

Por um longo momento, não se ouve nada senão o som da sua pieira, um rouco assobio cantado pelos pulmões em mau estado. E depois ele ergue um braço ao alto e deixa-o cair sobre o colchão, uma vez, duas, outra vez. O seu corpo esquelético começa a abanar, os membros a agitar-se, ambas as mãos a martelar o colchão. Dave e eu trocamos um olhar preocupado.

— Ele está bem? — pergunto.

Como que numa resposta, o senhor Griffith inspira, abre bem a boca e faz um longo som arrepiante, algures entre um gemido e um grito.

— Oh, caramba — diz Dave, a repuxar o seu colarinho.

O gemido para, mas não os movimentos, e apenas por um ou dois segundos, tempo suficiente para o senhor Griffith voltar a inspirar e recomeçar o barulho.

Dave recua, aproximando-se da porta.

— Talvez seja melhor ir chamar uma enfermeira.

— Fica aqui. Eu vou. — Não estava disposta a ficar ali sozinha.

Os olhos do meu irmão abrem-se mais e ele abana a cabeça.

— Nem penses.

Agarro-me ao seu braço e arrasto-o pela porta fora.

— Pronto. Vamos os dois.

O senhor Griffith está a preparar-se para a sua terceira ronda de sinistros OMs quando saímos para o corredor para chocar contra uma enfermeira de bata rosa-pálido.

— Oh, graças a Deus — digo. — Passa-se alguma coisa com o senhor Griffith.

— Está tudo bem. Só ficou agitado outra vez. — Passa por nós e continua pelo corredor abaixo, os *crocs* a guinchar no linóleo barato. — Está sempre a acontecer.

Outra vez? Dave franze o sobrolho, e eu também.

— Não o vai ajudar? — pergunto para as costas dela.

A enfermeira para, solta um profundo suspiro e volta para trás. Lança-nos um olhar furibundo e depois desaparece no quarto. Assim que desaparece, Dave e eu olhamos um para o outro e seguimos em linha reta para as escadas.

— Bolas, não te vou mentir — diz Dave assim que estamos a descer. — Estou mesmo contente por sair daqui. Este sítio arrepia-me. Que deprimente.

— Tal como o meu sogro. — Ouço as minhas palavras e corrijo-me. — Quer dizer, a doença dele é deprimente.

A expressão de Dave suaviza-se.

— A vida dele também é deprimente, querida.

Suspiro, atravessando o patamar para o nível seguinte.

— Eu sei. — No que toca ao meu sogro, há tantas coisas deprimentes, demasiadas para se poder contar.

— Podemos voltar a tentar amanhã. Talvez trazer algumas fotografias ou recortes de jornais que possam estimular-lhe a memória, mas, por agora...

— A esquadra de polícia, talvez. Depois...

— Não, referia-me ao teu sogro. Não devias... sei lá, fazer alguma coisa?

— Como o quê? Só descobri que ele existia ontem, e não é propriamente como se ele tivesse algum relacionamento com o Will. Tenho pena do homem, mas ele parece estar bem aqui.

— Ah, é isso que lhe chamas? Faz-me um favor. Garante que eu nunca acabe num sítio que cheira a ervilhas em lata e fraldas sujas, sim?

As palavras do meu irmão atingem-me com uma alfinetada de culpa, juntamente com um relâmpago de irritação por ele sugerir que estou a

negligenciar o sogro que eu não sabia que tinha.

— O que é que queres que eu faça? — digo, empurrando a porta das escadas para o átrio. — Que o leve para o meu quarto de hóspedes?

— Não sejas ridícula. Mas tem de haver um sítio melhor do que este onde possa ficar.

— Senhora Griffith? — A enfermeira do balcão da entrada interrompe a discussão antes que possa escalar ainda mais. Coloca uns papéis sobre o balcão e estende uma caneta. — Se não se importa, tenho alguns impressos para a senhora preencher.

— Ah. *Okay*. — Franzo o sobrolho. — Que tipo de impressos?

— Só queremos ter a certeza de que temos toda a informação dos parentes mais próximos do senhor Griffith e de que tem conhecimento de todas as opções.

Pego na caneta e folheio as páginas — um formulário de contactos, formulários da Medicaid, formulários de privacidade. Coisas bastante comuns, mas não sei muito bem porque ela quer que os preencha.

— Para que é isto tudo?

— A Providence House é um lar de terceira idade, o que significa que oferecemos cuidados genéricos a idosos de todos os tipos de problemas. O nosso pessoal de enfermagem sabe lidar com a demência, mas não é especializado nessa doença.

— Então porque é que o senhor Griffith está aqui?

— Porque as instituições que oferecem esse tipo de cuidados não têm vagas financiadas pela Medicaid disponíveis ou então têm longas listas de espera.

— Percebo. — Não percebo. Não gosto desta mulher nem do que está a insinuar. — Está a pôr o senhor Griffith fora daqui?

— Desde que o senhor Griffith seja qualificado para a Medicaid, pode cá ficar o tempo que for necessário. Estou só a sugerir que, se tiver orçamento para os cuidados do seu sogro, talvez ele fique mais feliz num quarto maior ou até noutra instituição, uma que se adegue mais às necessidades particulares de um doente de Alzheimer. Assumo que, como nora, queira tornar os seus últimos meses o mais confortáveis possível.

É nessa altura que tudo faz sentido, e pouso a caneta em cima da pilha de papéis.

— Está a pedir-me dinheiro?

— Claro que não. Mas aceitamos donativos.

— Deixe-me adivinhar. Só dinheiro vivo?

Os lábios dela curvam-se num sorriso sacarino.

— A mais pequena quantia faz milagres aqui.

Quando chegamos ao carro, estou a tremer de fúria. Literalmente a tremer. Tremores no corpo inteiro que me fazem chocalhar os ossos e me agitam da cabeça aos pés.

— Não acredito que aquela enfermeira acabou de me sacar dinheiro.

Dave carrega no comando das portas e lança-me um olhar por cima do tejadilho do carro, um olhar que diz *eu acredito*.

Caio no banco do passageiro, largo a minha mala no chão e fecho a porta com estrondo.

— E viste a maneira como a outra enfermeira se comportou lá em cima, como se acalmar um velho confuso e agitado fosse uma seca. Nem quero pensar em como elas são quando ninguém está a ver. Provavelmente estão demasiado ocupadas a ver o *Donas de Casa Desesperadas* na sala delas para prestarem atenção a qualquer paciente. A verdade é que não se dão ao trabalho de lavar o chão ou vaporizar um ambientador no ar.

— Provavelmente não estás longe da verdade. — Dave põe marcha-atrás e passa um longo braço sobre o meu assento, o olhar a passar pelo meu a caminho do vidro traseiro. — E é mesmo por isso que estou satisfeito por teres dado dinheiro àquela cabra.

— Cinco dias úteis? — exclamo para a agente atrás do balcão da Unidade de Informações Públicas, a minha voz a aproximar-se de um ligeiro berro que é apenas em parte de frustração. O átrio da esquadra de polícia de Seattle é um espaço cavernoso de cimento e ladrilho, e a barulheira provocada pelas pessoas que entram e saem está a fazer-me desejar ter trazido tampões para os ouvidos. — Porque é que é preciso cinco dias para fazer cópias de um ficheiro de um incidente que aconteceu há mais de quinze anos?

— Não, cinco dias para a contactarmos a respeito do seu pedido e para saber se há ou não custos associados. Também será informada nessa altura se algum relatório ou parte dos relatórios são protegidos de divulgação. Nesse caso, serão retidos ou redigidos de acordo com isso.

Dave apoia um braço no balcão.

— Deixe-me ver se percebi. Cinco dias até sabermos se podemos ou não obter uma cópia do relatório da polícia?

— Exato.

— Não há nenhuma maneira de apressar o processo? Como com uma taxa adicional, ou coisa do género?

A mulher ergue uma sobancelha grossa que lhe diz que é melhor não puxar da carteira.

A frustração é como uma punhalada entre as minhas costelas. Dali a cinco dias já estarei de volta à Costa Leste e, a não ser que encontremos outra pista antes disso, não estarei mais perto de descobrir por que razão Will embarcou naquele avião. Cinco dias parece-me uma eternidade.

A mulher inclina-se para a esquerda, olhando por cima do ombro de Dave para o homem atrás de nós.

— A seguir.

Dave coloca-se na linha de visão da mulher.

— O que é que precisa para pôr um processo em andamento?

Ela passa-nos uma pilha de formulários e uma caneta.

— Preencha isto. — Volta a inclinar-se para a esquerda. — A seguir.

Desta vez desviamo-nos, levando tudo para um par de cadeiras vazias junto à janela. Deixo-me cair na minha, a impotência a esmagar-me com força suficiente para me deixar sem fôlego.

— E agora? Estou sem ideias, Dave. Onde é que vamos procurar a

seguir?

— Bem, podemos voltar a tentar no bairro, ou talvez possamos procurar mais colegas de escola. Outras pessoas podem ter uma história diferente para contar.

— Achas?

Dave franziu o nariz.

— Honestamente? Ambas as opções me parecem uma caça aos gambozinos.

— Sim. A mim também. E, agora que temos uma cópia do anuário, posso procurar aqueles tipos em qualquer altura. Não preciso de estar aqui para fazer isso. Tem de haver mais alguma coisa, alguma coisa que nos está a escapar.

Ficamos em silêncio, a pensar.

Recosto-me na minha cadeira e recorro às conversas com o treinador Miller e o velho no centro comunitário, e há alguma coisa nelas a importunarme. Alguma coisa que alguém disse, algum pormenor que um deles soltou que não encaixa, mas os meus pensamentos são como um gatinho a brincar com um novelo de lã. Sempre que estou prestes a apanhá-lo, ele rebola para longe.

Imagino o Will adolescente à espera na frente daquele edifício em chamas, a ver os bombeiros retirarem os pais, um deles num saco fechado. Estaria mesmo espantado por ver o pai vivo, como o velho dissera? Mesmo depois de tudo o que soubera da sua vida ali, não consigo imaginar Will a acender propositadamente um fogo na esperança de que os pais ali perdessem a vida. Por mais horríveis que eles fossem, não deixavam de ser seus pais e não seriam as únicas vidas que ele estaria a pôr em risco ao acender aquele fósforo. O Will que eu conhecia nunca faria uma coisa dessas.

E, no entanto, o velho alegava que não era o único a desconfiar que Will era culpado. Embora não o pudessem provar, a polícia achava o mesmo, o suficiente para terem designado um agente para o livrarem de problemas.

Endireito-me, apontando a minha caneta para as luzes do teto.

— É isso.

Dave franze o sobrolho.

— O quê?

— O velho disse que tinham designado um agente para andar atrás do Will depois do incêndio. É com ele que temos de falar a seguir.

— Está bem, mas como? Ele não disse nenhum nome.

— Não, mas talvez esteja no relatório da polícia.

— Não estava na versão que li na net, mas de certeza que uma coisa tão essencial estaria incluída na versão completa. Continua a trabalhar nisso. — Ele aponta para os papéis no meu colo, erguendo-se da sua cadeira. — Vou ver o que consigo descobrir com aquela agente simpática.

Vejo-o atravessar o átrio, dirigindo-se para a fila de dez pessoas ao balcão, com toda a descontração de um passeio de domingo, e alguma coisa se aperta no meu peito — calor, e luz do Sol e amor fraternal. Dave largou tudo para me acompanhar a Seattle. Largou o emprego, o marido, a sua vida, para andar comigo às voltas nesta cidade desconhecida e para recolher os cacos de cada vez que alguma notícia nova sobre o meu marido me deita abaixo. Não sei como alguma vez lhe conseguirei pagar.

Como se me sentisse a observá-lo, ele vira-se e faz-me um gesto de escrever com a mão. Sorrio, sopro-lhe um beijo e regresso aos impressos.

Estou a começar a segunda página quando o meu telemóvel solta um som dentro da minha mala, e procuro-o avidamente. Depois da conversa interrompida com o número bloqueado, Dave e eu concordámos que devia manter o telefone acessível e o volume no máximo. Quem quer que seja o anónimo, devia viver em Rainier Vista pela altura do incêndio, e parece ter uma perspetiva muito diferente da que ouvimos ao velho e ao treinador Miller. Perseguidor tarado ou não, quero falar com ele. Quero descobrir o que sabe. E por isso fico mais do que um pouco desiludida quando é o nome do meu pai que ilumina o ecrã.

— Olá, pequenina — diz o meu pai naquele seu tom calmo e descontraído, e tapo o meu outro ouvido com um dedo para o conseguir ouvir. — Que barulheira é essa? Onde estás?

— No átrio da esquadra da polícia. Não te preocupes, não fomos assaltados, nem presos, nem nada parecido; viemos só pedir um antigo relatório da polícia. É uma história demasiado comprida para a contar ao telefone, mas basta dizer que o meu marido era uma pessoa muito diferente quando vivia aqui. Ah, e parece que tenho sogro.

— Hum. Bem, diabos me levem. Conheceste-o?

O meu pai sempre foi um mestre do eufemismo, e não consigo evitar sorrir.

— Sim, por acaso. E não está assim muito bem. Tem Alzheimer e o lar onde se encontra é horrível. Mais uma novela que fica para te contar mais tarde. — O meu olhar desvia-se para a parede de vidro e os peões que andam de um lado para o outro sob a chuva constante como se fosse um dia de sol. — Bom, ligaste só para conversar ou precisavas de alguma coisa?

— Estou a ligar porque a tua mãe tem estado a chatear-me para eu descobrir quando é que voltas para casa, mas também para te dar algumas mensagens.

— Porque é que a mãe não ligou a perguntar?

— Ah, sabes como é a tua mãe. Não gosta de ser chata.

— Então chateia-te antes a ti.

— Como eu disse, sabes como é a tua mãe. — Rio-me, e ouvi-se um sorriso na sua voz quando ele continua: — Bom, tens papel e caneta?

Desenterro um recibo velho do fundo da minha mala e viro-o.

— Força.

— Muito bem, vamos lá a ver... — Ouve-se o som de papel do outro lado e imagino o meu pai a pôr os óculos e a percorrer a sua lista. — A Claire Masters, da Lake Forrest, ligou para saber como estavas, bem como a Elizabeth, a Lisa e a Christy, que pareciam preocupadas por não terem notícias tuas desde a cerimónia fúnebre. Assumo que tens o número de toda a gente...

— Sim. Eu mando-lhes uma mensagem.

— Tenho a certeza que vão ficar contentes por saberem de ti. Uma Leslie Thomas pede para te dizer que lamenta muito e que, se falares com ela, tem um nome que precisas de saber. Qualquer coisa a respeito de uma empregada de bar numa festa de despedida de solteiro, se isto fizer algum sentido para ti.

— Faz todo o sentido, infelizmente. Deixou número?

O meu pai recita-mo e depois passa para a mensagem seguinte.

— Evan Sheffield ligou, disse que teve pena de não te ver no encontro de amigos e famílias, mas queria transmitir-te os resultados. Parecia uma pessoa séria. Espero que não te importes, mas dei-lhe o teu *email*.

— Tudo bem. Eu prometi que falava com ele e depois, com a viagem, esqueci-me completamente.

— E um homem chamado Corban Hayes passou por cá esta tarde. Parecia saber muito sobre ti e o Will.

— E sabe. Também falei com ele na cerimónia fúnebre. Não te lembras? É um amigo do Will, do ginásio.

— Foi o que ele disse. Também te trouxe uma caixa com coisas. Um par de livros que o Will lhe tinha emprestado, umas fotografias, uma *t-shirt* de uma corrida que tinham feito juntos, coisas do género. Disse que queria que ficasses com elas.

— É simpático da parte dele — digo, no preciso momento em que me ocorre outra coisa. — Não disseste a ninguém que eu estava em Seattle, pois não? — Não que imagine nenhuma daquelas pessoas, tirando Leslie Thomas, a ser o mensageiro escondido atrás de um número bloqueado, mas, ainda assim, tenho de perguntar. Se o meu pai tem andado a dizer onde estou a toda a gente que ligou ou passou por casa, isso alarga o número de suspeitos.

— Não, acho que não. Porquê?

— Pensa, papá. É importante.

Ele faz uma pausa, mas apenas por um ou dois segundos.

— Não, tenho a certeza que só disse que estavas fora por alguns dias e

que a tua mãe e eu estávamos a olhar pela casa. Agora, por favor, podes dizer-me porque é que estás a perguntar isso?

Dave senta-se na cadeira na minha frente e ergue um polegar em sinal de vitória. Faço-lhe um aceno distraído, depois conto ao meu pai a história das mensagens do número bloqueado. Que, quem quer que seja, sabe onde estou, sabe que Dave e eu estamos aqui para escavar pormenores do passado de Will, até alega saber o que estou à procura e que o estou a fazer no sítio errado.

A voz do meu pai torna-se grave e letal, uma herança dos seus tempos de militar.

— Não gosto nada disto, Iris. Quem quer que te esteja a enviar essas mensagens pode estar a seguir-te pelo teu telemóvel. O que significa que não só sabe que estás em Seattle, como também sabe que estás agora na esquadra da polícia.

— Bem, pelo menos aqui estamos seguros — digo, mas a minha piada cai em saco roto. O meu pai solta um grunhido enquanto, na minha frente, Dave franze o sobrolho. — A sério, pai, nós estamos bem. As mensagens não têm sido ameaçadoras, apenas... insistem para que eu volte para casa, coisa que me está a parecer que vamos fazer amanhã, de qualquer maneira. Parece que já chegámos ao fim da linha, aqui.

— Ainda bem. A tua mãe vai ficar contente por saber.

A voz da minha mãe ouve-se do outro lado da linha, tão claramente como se ela estivesse sentada ao colo do meu pai.

— Saber o quê, querido?

— Que os miúdos vão voltar para casa amanhã. — Ela diz qualquer outra coisa, algo que não consigo decifrar, e o meu pai suspira. — Ela quer saber se tens comido.

— Sim — digo, e não é bem uma mentira. Eu tenho comido, só não consigo manter muita coisa na barriga. Volto ao assunto principal. — Mais alguma coisa?

— Sim. O Nick Brackman ligou quatro vezes.

Esta faz-me parar. Nick é o chefe de Will, um homem que apenas vi uma mão-cheia de vezes em eventos da AppSec, e há tanto tempo que, quando ele apareceu na minha frente na cerimónia fúnebre, levei alguns minutos a identificá-lo. Quando percebi quem era, já ele se tinha ido embora.

— O que é que queria?

— Não disse, mas pareceu-me bastante urgente. Deixou o número de telemóvel e disse para lhe ligares assim que pudesses, fosse de dia ou de noite. Ele atende a qualquer hora. — O meu pai recita o número e eu anoto-o no recibo. — Mais uma coisa, pequenina.

Alguma coisa na voz dele faz disparar um sinal de alarme, e fico fria e quente ao mesmo tempo.

— Sim...

Ele faz uma pausa para pigarrear, uma manobra de adiamento que me faz escorregar para a ponta da cadeira.

— Pai! Diz-me de uma vez.

— A Ann Margaret Myers ligou esta manhã. — Ao ouvir o nome, agarro-me ao braço da cadeira com força suficiente para o partir ao meio. — Querida, eles recuperaram a aliança do Will no local do acidente.

Dave consegue, por artes mágicas, dois lugares em primeira classe no voo noturno para Atlanta, onde, de acordo com o meu pai, a aliança de Will me aguarda num envelope almofadado da Liberty Airlines sobre a bancada da minha casa de banho. Segundo Ann Margaret, não tem um arranhão, nem o mais pequeno risco. Penso na força que deve ter arrancado a peça do seu dedo, imagino o pedaço de platina a voar pelo céu e a ressaltar pelas maçarocas de milho como uma máquina de *flippers*, e, no entanto, o anel parece novinho em folha. Uma força do acaso, chamou-lhe ela, tal como a avaria que deitou abaixo aquele avião.

Suspiro e espreito pela janela, observando a noite e a pista de Seattle. Luzes amarelas refletem-se nas superfícies molhadas por baixo de mim, manchas de brilho por entre os meus olhos inchados e as lentes escuras dos meus óculos de sol. Sei como devo estar ridícula, a usar óculos de sol às dez da noite como qualquer aspirante a *rapper*, mas é a única maneira que me ocorre para esconder as lágrimas. Tenho estado a chorar desde que o meu pai me contou que encontraram a aliança do Will, a que tem o meu nome gravado no interior.

Durante estes últimos sete dias, tenho-me agarrado à esperança. Disse a mim mesma que o Will não estava morto, não realmente, não enquanto não tivesse uma prova. Não enquanto não encontrassem uma minúscula parte dele no local do acidente. Agarrava-me à esperança com as duas mãos, cerrando os punhos com força, mesmo à medida que os dias passavam e a esperança se escapava por entre os meus dedos. E, depois, uma chamada da Liberty Air roubou-me a esperança e levou-me o marido — o amor da minha vida, o futuro pai dos meus filhos — pela segunda vez. Mas, desta vez, a perda parece-me real, e arde-me como um ferro pressionado no coração.

Dave fecha-me os dedos em volta de uma bebida gelada e depois enfiame um minúsculo comprimido azul na mão.

— Este pequenino vai deixar-te apagada, e vais dormir profundamente e

sem sonhos até chegarmos a casa.

Se há coisa que se pode contar obter junto de um urbano e sofisticado homossexual, são bons medicamentos. Engulo o comprimido sem hesitação.

E depois viro-me para a janela, encosto a testa ao vidro e espero que um sono sem sonhos me apague.

Dave e eu ainda estamos a meio do jardim quando a minha mãe abre a porta e sai para o alpendre de roupão!

— *Lieverds!* Bem-vindos a casa.

Já aterrámos há pouco mais de uma hora e continuo com a cabeça pesada e grogue do comprimido de Dave. Mas o maior problema é aquilo que o meu pai me disse estar em cima da bancada da minha casa de banho. A aliança de Will é como uma presença viva e a respirar naquela casa, a chamar-me como um farol. Tenho um milhão de coisas para fazer, uma longa lista de pessoas a quem ligar, mas a única coisa em que consigo pensar é na aliança.

Processo aquilo que espero ser um sorriso semidecente.

— Olá, mamã.

O seu olhar preocupado desvia-se para Dave, que sobe as escadas do alpendre atrás de mim. Não tenho de me virar para saber que ele lhe está a fazer sinal para recuar e me dar algum espaço. O seu olhar de óbvia consternação com aquela mensagem faz-me lembrar de um Natal, não há muito tempo, quando, depois de demasiado *eggnog*, a minha mãe admitiu sentir-se por vezes como um amante rejeitado junto de mim e Dave, tão cobiçosa se sente da nossa ligação. Está agora exatamente com a mesma expressão. Chego ao topo das escadas e lanço-me nos seus braços, afundando-me num raro abraço apertado, e o seu corpo treme com o que sei ser frustração. A minha mãe é uma solucionadora, e a minha vida transformou-se numa tragédia que ela não consegue solucionar.

— Minha menina querida — sussurra para o meu cabelo.

Solto-me dos seus braços e ela conduz-me para o átrio de entrada, onde o meu pai e James estão à nossa espera de pijama. O meu pai envolve-me o ombro com um braço enquanto James dá a Dave um abraço digno de uma separação de três meses, em vez de três dias. Vejo-o e uma pontada de qualquer coisa desagradável atinge-me o peito. É assim que vai ser a partir de agora? Amargura, raiva e inveja sempre que vejo outro casal a beijar-se? Engulo os sentimentos e faço um voto mudo. A minha infelicidade não vai ressentir-se da felicidade de ninguém, e muito menos da de Dave.

— O pequeno-almoço vai estar pronto em quinze minutos — diz a minha mãe.

Não tenho coragem de lhe dizer que acabei de comer uma sanduíche de

ovo borrachoso. Arranco a minha mala do chão, onde Dave a deixou, e dirijo-me para as escadas.

— Vou só tomar um duche rápido. Se não tiver descido por essa altura, vão começando sem mim.

Ela faz-me um aceno preocupado.

Arrasto o corpo pesado pelas escadas acima e pelo corredor até ao meu quarto, reparando que a minha mãe esfregou o espaço de alto a baixo. Os soalhos brilham, as janelas cintilam, até a roupa de casa foi lavada, as camas feitas, os lençóis mais esticados do que os de uma cama de hospital. Atiro com tudo para os pés da minha e passo um dedo pela colcha, inspirando o odor das minhas flores preferidas, os lírios *stargazer*, enfiados em taças e jarras por todo o lado. Em ambas as mesas de cabeceira, em cima da mesa da televisão, no banco ao lado da poltrona de leitura junto à janela. Ela deve ter gastado uma fortuna.

Na casa de banho, o envelope é um pedaço de criptonite em cima da minha bancada da casa de banho. Aproximo-me lentamente e deslizo os dedos a tremer pelo papel almofadado, apalpando-o até entrar em contacto com o fresco aro de metal.

Sei que é a aliança de Will antes de a tirar para fora. Conheço-a pelo acabamento martelado, pelo peso e a espessura do metal, a forma como sobe pelo meu polegar e se comprime contra aquele ponto entre a articulação e a base. Fico sem respirar quando leio a inscrição, as minúsculas letras que um joalheiro de Buckhead me fez pagar uma fortuna para gravar à mão: *Minha pessoa preferida. Bjs, Iris.*

Uma nova onda de dor martela-me o coração, um golpe direto, e coloco o anel no polegar, ligo o chuveiro e entro no duche totalmente vestida. Penso no dia em que o enfiei no dedo de articulações grandes de Will, a bola de emoção que me entupiu a garganta quando trocámos os nossos votos, a forma como ele me fez girar até o meu coração parecer prestes a rebentar de alegria. Foi o dia perfeito, o primeiro do resto das nossas perfeitas vidas em conjunto. Eu tinha tanta sorte por ter conhecido este homem, a minha outra metade, a minha pessoa preferida num planeta atulhado de desconhecidos. Sabia que o nosso amor duraria uma vida inteira.

A vida inteira durou sete anos e um dia.

Digo a mim mesma que devia estar grata, que devia valorizar cada segundo que passámos juntos, mas, enquanto a água a esquentar me atinge com força o alto da cabeça, a única coisa que consigo pensar é: mais.

Raios, eu queria mais.

Quando dispo as roupas e desligo a água, a minha pele desabrocha em cor-de-rosa, as pontas dos meus dedos estão brancas e enrugadas, e estou uma boa meia hora atrasada para o pequeno-almoço. Imagino a minha mãe na cozinha no andar de baixo, com um prato de panquecas de trinta centímetros de altura na mão e a olhar ansiosa para o teto. Sei que devia descer, mas não consigo. A inércia é tão espessa e pegajosa como uma armadilha para moscas. Deixo as roupas num monte molhado no chão do duche, envolvo o corpo a escorrer com uma toalha e deixo-me cair no banquinho diante do lavatório, a inspecionar o meu rosto ao espelho.

Olhos inchados. Olheiras. Tez fantasmagórica e faces encovadas. Parece-me injusto que perder o marido signifique também perder a beleza. Não terei já perdido o suficiente? Não me terá sido dada já merda suficiente com que lidar? No mínimo, as viúvas deviam ganhar faces rosadas e uma pele luminosa, como prémio de consolação.

Estou a pegar no meu frasco de hidratante quando sinto o cotovelo desviar o envelope da Liberty Airlines, revelando um outro, mais pequeno, por baixo. Um simples envelope azulado, genérico e barato. Tem o meu nome e morada escritos em maiúsculas na frente, por baixo das palavras *Pessoal e Confidencial*. Viro-o, enfio um dedo por baixo da dobra e rasgo-o.

A folha lá dentro podia ter vindo de um milhão de blocos diferentes, comprado num milhão de lojas diferentes. Mas é a palavra lá escrita numa letra que me é tão familiar como a minha própria que me arranca o ar dos pulmões.

Peço muita desculpa.

Uma explosão de calor espalha-se pelo meu peito. Agarro no envelope e verifico o carimbo dos correios. A carta foi enviada há três dias, a oito de abril. O acidente aconteceu a três de abril. Ou seja, cinco dias depois do acidente.

Depois do acidente. *Depois.*

E, no entanto, este bilhete foi escrito pela mão do meu marido. Tenho a certeza disso. A letra angular, as transições preguiçosas, a longa cauda na última letra. Até as manchas de tinta são compatíveis com a caneta preferida de Will.

Ouçõ bater à porta e a voz de Dave transporta-se desde o outro lado.

— Iris, estás decente?

Preciso de fazer algumas tentativas para encontrar a minha voz.

— Entra.

O rosto do meu irmão aparece por cima de mim no espelho, o olhar preocupado a fixar-se como um laser no meu.

— Era dele?

Ao princípio penso que se refere ao bilhete, embora eu tenha acabado de o abrir e não houvesse maneira de ele saber.

— Hum?

— A aliança. Era a do Will?

Ah, pois. A aliança. Agito o polegar, sinto o metal duro contra a pele.

— Sim. É.

— Oh, Jesus, tenho muita pena, Iris. Tinha esperança... — Dave aproxima-se mais e pousa uma mão de apoio no meu ombro ainda húmido. — Eu sei que tu também tinhas.

E a única coisa que consigo fazer é anuir. Ele faz-me um olhar de estranheza e passo-lhe o papel por cima do ombro.

— O que é isto?

— Um bilhete. — A minha voz está trémula, tal como o meu corpo, com as emoções a varrerem-me tão depressa que os meus músculos vibram. — Acho que foi o Will que o escreveu.

— Okay... — Dave baixa a cabeça, os olhos a examinarem o papel. — Desculpa de quê?

— Não sei. — Passo-lhe o envelope, deixo-o fazer as contas sozinho.

Ele não demora muito tempo. Repara no carimbo dos correios e a sua cabeça gira de imediato, os olhos a esbaldarem-se.

— Quem é que te mandou isto?

Encolho os ombros.

— Está carimbado como Fulton County, o que significa que é local.

Dave fica a fumar por alguns segundos antes de a sua fúria explodir.

— Isto é alguma espécie de piada doentia? — Abana o papel por cima da minha cabeça, o rosto a ficar roxo de fúria. — Isto é psicótico. Quem te enviou um bilhete do teu marido morto é um psicopata, sabes isso, não sabes?

Faço um aceno de assentimento.

— Mas é, definitivamente, a letra do Will.

— Foi enviado há três dias! — ruge, a fazer uma careta para o meu reflexo como se tivesse sido *eu* a deixá-la num correio em Atlanta. — Como é que pode ter sido o Will a escrevê-lo?

— Deve tê-lo feito antes de morrer.

— Então quem o enviou?

A fúria de Dave fomenta a minha.

— Não sei! — grito em resposta, as palavras incendiadas pela fúria e a frustração. A minha pele arde com o choque de receber um bilhete do meu marido morto.

A casa de banho mergulha em silêncio.

Atrás de mim, Dave aspira uma baforada de ar e sopra-a toda, longa e

lentamente, até os seus ombros se descontraírem e a expressão perder um pouco do seu calor.

— Desculpa. Desculpa, mas estou lixado, *okay*? Estou a entrar em modo de irmão mais velho protetor, porque quem quer que te enviou isto fê-lo com uma única intenção, que é foder-te a cabeça.

Solto uma gargalhada que não é absolutamente nada divertida.

— Não lhe digas nada, mas está a funcionar.

Outro suspiro duro.

— Muito bem. Vamos recuar e pensar nisto como deve ser. *Peço muita desculpa* é suficientemente genérico para ele o poder dizer a qualquer pessoa, mas escrevê-lo num papel e passar-lho... Tem de ser alguém que ele conhecia bastante bem. Alguém com quem trabalhava, talvez?

— Suponho que seja o candidato mais plausível. Se o Will não estava em casa, estava no escritório. Ou então no gi... — A palavra é engolida por uma iluminação, e giro no meu banco, encarando Dave. — Corban.

— Quem?

— O amigo do ginásio. O que apareceu na cerimónia com a notícia do emprego que não existia. Não sei se estava a mentir ou mal informado, mas há qualquer coisa de errado no homem, principalmente porque sabia tanto sobre o Will quando eu nunca tinha ouvido falar nele. O Will nunca o mencionou. Nem uma vez.

— *Okay*. — Dave anui. — Isso é, definitivamente, suspeito. Então, como é que descobrimos se foi ele?

Faço uma pausa para pensar, mas a resposta não demora muito tempo a aparecer.

— Vou ligar-lhe, pedir-lhe para tomar um café, ficar a conhecê-lo um pouco melhor.

— Talvez não me tenhas ouvido bem. Eu disse descobrimos. *Nós* descobrimos.

Abano a cabeça.

— Ele não se vai abrir se desconfiar por um só segundo que estamos a tentar apanhá-lo, coisa que vai acontecer se levar um acompanhante. Eu sou psicóloga, Dave. Sei como fazer com que as pessoas se virem e mostrem a barriga. Mas primeiro tenho de construir uma relação de confiança, e não consigo fazer isso se estiveres a olhar para ele por cima do meu ombro.

— Não gosto nada da ideia. — A fúria está de volta à sua voz, entrelaçada com um tom de *nem penses*. — Se for ele o tipo que...

— Se for o tipo, ter-te ali só vai fazê-lo calar-se, de certeza. E dá-me algum crédito. Não sou estúpida. Vou sugerir um lugar público, um sítio com um milhão de pessoas à volta. Não vai acontecer nada. Vai correr tudo bem.

E, sem ofensa, mas nada que possas dizer me vai impedir.

O meu irmão pensa no assunto durante um ou dois segundos, soprando um trio de rápidos sopros pelo nariz.

— Tudo bem, mas só se prometeres que, se for ele o tipo, me deixas ir-lhe aos cornos.

Não lhe digo que não tem hipóteses, que Corban tem a constituição de um tanque. Não o lembro daquela vez, no décimo ano, quando o professor de Educação Física disse a Dave que lutava como uma rapariga. Em vez disso, aceno com a cabeça e dou-lhe a mão, pensando que nunca amei tanto o meu irmão.

Corban está sentado num banco alto junto à janela do Octane, um moderno café e lounge em Atlanta Westside, quando entro pela porta. O bar está cheio com cromos *new-age* e *hipsters* de cabelos compridos misturados com alguns estudantes das universidades da baixa, todos debruçados sobre os seus *MacBook Airs*. Corban ergue o olhar do seu telefone e cumprimenta-me com um sorriso que é ao mesmo tempo rápido e ofuscante.

— Olá, Iris.

Lanço-lhe um aceno e depois gesticulo para o balcão.

— Posso trazer-lhe alguma coisa?

Ele levanta uma chávena de cerâmica, com espuma fresca a erguer-se da borda.

— Já estou servido, obrigado.

Dirijo-me para o balcão e, enquanto recito o meu pedido a uma rapariga de trancinhas no cabelo, vou-o estudando pelo canto do olho. Tinha-me esquecido de como era tão escuro e... brilhante. Tem o cabelo completamente rapado e o escalpe parece polido, e os seus braços são lisos e macios.

Também não posso deixar de reparar que é atraente — o tipo de atraente que figura em capas de revistas de moda e percorre os tapetes vermelhos. As roupas são descontraídas, uma *t-shirt* justa e calças de marca, mas usa-as com a elegância de um fato feito por medida, perfeitas para a sua estrutura ágil. Eu estava demasiado destroçada, no dia da cerimónia fúnebre, para prestar muita atenção ao seu aspeto, mas reparo nele agora, e não sou a única. A julgar pelos dedos que brincam com os cabelos e olhares líquidos por cima das bordas das suas chávenas de café, todas as mulheres ali repararam nele e estão a tentar atrair a sua atenção. Todos os olhos femininos se estreitaram quando me viram seguir na sua direção.

Pouso a minha bebida no bar e deixo-o envolver-me num abraço, e sinto o algodão suave por cima de músculos duros como aço. Ele cheira a detergente e a *aftershave*, um odor a especiarias que me faz cócegas ao fundo da garganta.

— Que bom voltar a vê-la. Como está? Como é que se tem estado a aguentar?

Simpático. Empático. Sincero. Se é este o homem por detrás da carta, se ele é capaz de torturar uma viúva com um bilhete escrito à mão pelo seu

marido morto, só pode ser um ator merecedor de um Óscar, perito em esconder-se por detrás do seu charme. O que não significa que esteja disposta a baixar as minhas defesas. Há muito bons atores por aí, e não estão todos em Hollywood.

Deixo-me cair num banco, pendurando a minha mala num gancho por baixo do bar.

— Na medida do possível, acho eu. Obrigada por ter vindo ter comigo e por trazer a caixa das coisas do Will. Gostei especialmente do CD de fotografias.

Eram, quase todas, imagens que já tinha visto antes no telefone ou no Facebook de Will, mas havia algumas novas, cândidos momentos com Corban rodeado por outros no ginásio, os rostos brilhantes de suor, os braços lançados em torno dos ombros uns dos outros. Os seus sorrisos afáveis e posturas relaxadas diziam-me que aquela amizade se estendia para além dos ocasionais momentos de exercício, e vê-los fez o meu coração voltar a martelar-me o peito. Por que razão teria Will escondido de mim esta parte da sua vida?

— O Will era um bom amigo. O melhor — diz Corban, a voz e expressão saudosas. Mais pontos a seu favor. — Já sinto a sua falta como o raio.

— Eu também. — Engulo o súbito nó na garganta, censurando-me por deixá-lo comover-me. Não vou deixá-lo manipular-me assim, enquanto não tiver a certeza de que não foi ele que me enviou aquele bilhete. Fecho uma mão em volta da chávena de chá, enfiando um dedo na pega, e recomponho-me.

— Diziam no jornal que têm estado a recuperar os corpos do local do acidente e que já devolveram alguns artigos pessoais às famílias.

Faço um aceno afirmativo, a minha mão direita a flutuar até ao sítio onde a aliança de Will pende num fio, mesmo por cima do meu coração, e sinto as emoções resvalarem para território perigoso, os meus olhos — malditos — a encherem-se de lágrimas.

— Bolas, Iris. Nem consigo imaginar como deve estar a ser difícil para si. — Envolve-me o cotovelo com uma mão e aperta-o brevemente. — Peço muita desculpa.

Peço muita desculpa. Exatamente as mesmas palavras do bilhete do Will.

Embora as palavras sejam genéricas, a coincidência é uma rajada de ar frio que me seca os olhos, e baixo-os para a minha chávena de chá. Teria sido intencional? Um acaso? A ideia de que este homem pudesse enviar-me aquele bilhete e depois provocar-me dizendo-me as mesmas palavras na cara enterra-se como um inseto por baixo da minha pele. Bebo um enorme gole do chá, mas o líquido quente só faz crescer as chamas na minha barriga. Poderia Corban ser assim tão cruel? Poderia qualquer pessoa ser assim?

— Sente-se bem?

A preocupação dele, por mais genuína que pareça, diz-me que preciso de me controlar, preciso de controlar esta conversa. Limpo a minha expressão e pouse a chávena no pires.

— Sim, sim. Mas pedi-lhe para vir aqui porque queria falar consigo sobre uma coisa. — Faço uma pausa para receber o seu aceno de concordância. — Liguei para a ESP, a empresa que me tinha dito que ofereceu um novo emprego ao Will. Falei com a diretora de Recursos Humanos. Ela não conhecia o Will e, mais, disse-me que a última vez que contrataram alguém para um cargo executivo foi há mais de oito meses.

— Não...

O olhar de Corban não deixa o meu, mas as sobrancelhas escuras — juntamente com as pestanas, os únicos pelos na sua cabeça — formam um agudo V.

— Está a dizer-me que o Will não tinha um novo emprego em Seattle?

— Exatamente.

— Mas... Não percebo. Porque é que havia de me contar aquela história toda sobre o novo emprego na Costa Oeste se não fosse verdade? Porque é que haveria de me falar dos fantásticos colegas novos que ia ter, todas as coisas fixes e loucas que faziam nas excursões de *team-building*? Ele disse-me que iam fazer paraquedismo, e que o edifício do escritório deles até tinha um *slide*. Quero dizer, são pormenores muito específicos. Porque é que havia de inventar isso tudo?

— Ele não inventou. Tenho a certeza que viu todas essas coisas no *site* da ESP.

— Mas o novo emprego, a mudança para a Costa Oeste, as preocupações porque a Iris não ia querer abandonar a família... Isso foi tudo uma invenção?

— É o que parece.

O sobrolho de Corban franze-se ainda mais, e os seus olhos dardejам com qualquer coisa que reconheço como desilusão. O seu amigo, aquele de quem sente a falta como o raio, mentiu-lhe. Ele parece tão genuinamente ofendido que decido mudar de direção.

— O Will alguma vez lhe disse de onde era?

Corban tenta recompor-se, cruzando uma perna vestida de ganga e fazendo saltitar um *Converse* vermelho por baixo do bar.

— Ah, sim, eu tenho uns primos em Memphis, por isso eu e o Will estávamos sempre a comparar lembranças. Parece que andámos por alguns sítios em comum.

— O Will é de Seattle.

— Okay. — Corban arrasta a palavra como se me estivesse a fazer a

vontade, mas as suas pernas imobilizam-se. — Mas mudou-se para Memphis quando tinha, o quê, cinco anos? Seis? Tenho a certeza que foi quando ainda era miúdo. O Will andou na Central, a grande rival da escola onde andaram os meus primos.

— O Will frequentou a secundária de Hancock. Em Seattle.

Durante o mais longo momento, Corban fica mudo, um lapso de silêncio que amplifica os sons do café à nossa volta. O seu rosto fica inerte, como se tivesse ido de encontro a uma porta.

— Tem a certeza?

— Absoluta. Tenho o anuário que o prova.

— Então, *okay*. Isso... — Ele passa uma mão sobre a cabeça brilhante, e vejo a sua mente a funcionar, a tentar juntar as peças. Que as não consiga fazer encaixar parece deixá-lo perplexo. — Desculpe, mas tenho de perguntar. Porquê todas essas mentiras?

— É isso que estou a tentar perceber. Mas, se isso o faz sentir melhor, também mas contou a mim.

A cabeça dele inclina-se para o lado.

— Também pensava que ele era de Memphis?

— Sim.

— Então como é que descobriu que é de Seattle?

Não vejo qualquer razão para não lhe contar, embora mantenha a minha resposta o mais vaga possível.

— Recebi um cartão de condolências da Classe de 1999 de Hancock. Uma coisa levou a outra.

Ouve isto com um curto abanar da cabeça, depois fica imóvel por um longo momento.

— Tudo bem. Por um lado, estou mais confuso do que nunca, mas, por outro, de uma forma estranha e retorcida, as coisas até começam a fazer sentido.

— A que é que se refere?

— O comportamento do Will, ultimamente. Parecia tão... distraído e, sei lá... diferente. Temperamental e muito tenso. Há umas semanas, um tipo qualquer no ginásio disse-lhe para limpar a máquina e o Will descontrolou-se. Começou a gritar e aos murros, e tive de o arrastar literalmente dali para o acalmar. Nunca o tinha visto perder a cabeça daquela maneira. Agora pergunto-me se uma coisa teve a ver com a outra, como se ele estivesse com aquele comportamento estranho por causa das mentiras, ou se as mentiras seriam para esconder outra coisa qualquer. Isto faz algum sentido?

Um turbilhão de emoções ergue-se no meu peito, com uma dor familiar na frente.

— Faz todo o sentido, infelizmente.

— Também lhe pareceu tenso, a si?

Eventos do último mês perpassaram pela minha mente como uma apresentação de diapositivos. O dia em que estava a fazer o jantar enquanto ele andava de um lado para o outro no pátio das traseiras, com o telemóvel ao ouvido e o rosto franzido, a falar com uma pessoa que identificou apenas como um «colega». O dia em que descí as escadas e o encontrei sentado no carro lá fora, a olhar para o espaço por uns bons vinte minutos. O dia em que me virei na cama e o vi acordado, a observar-me com uma expressão que nunca tinha visto, uma emoção que não consegui definir. Quando lhe perguntei o que se passava, a sua resposta foi fazer amor comigo.

Mas a AppSec tinha acabado de conseguir a Câmara de Atlanta como cliente e a equipa de Will estava a trabalhar com um prazo muito apertado. Ele desculpava o seu comportamento como stresse do trabalho, e, na altura, acreditei.

Ou talvez quisesse apenas acreditar.

E agora? Agora tenho a certeza de que alguma coisa se passava. Alguma coisa que fez o Will entrar num avião para Seattle.

— A Iris conhecia-o melhor do que ninguém — diz Corban. — O que é que acha que se estava a passar?

Reviro a pergunta pela mente durante um longo momento, olhando para ela de cada ângulo possível. Penso no passado conturbado de Will, na destruição que deixou na sua esteira em Seattle. O fogo mortal que fez arder um bloco de apartamentos e lançou a mãe de Will e duas crianças inocentes para sepulturas precoces. O pai, sozinho e confinado a uma cama numa instituição estatal para os indigentes. E estas eram apenas as pessoas de que eu tinha conhecimento. Quantas outras haveria?

Mexo o resto do meu chá, a olhar para as borras que giram no fundo da chávena.

— Acho que alguma coisa, ou, mais provavelmente, alguém do seu passado começou a assombrá-lo. Penso que era por isso que ele estava com um comportamento estranho e que entrou naquele avião para Seattle.

Corban não responde. Ergo o olhar e ele está completamente imóvel.

— O que foi?

— Não lhe ia dizer isto, mas, com base nessa resposta, sinto que tenho de o fazer. — Ele faz uma pausa, olhando-me de frente com os olhos tão pretos que não consigo distinguir as pupilas das íris. — Um dia ou dois antes do acidente, o Will ligou-me para me pedir um favor. Fez-me jurar pela campa da minha mãe de que o faria.

Ele para, e o meu coração também.

— Que faria o quê?

— Que, se lhe acontecesse alguma coisa, eu olharia por si.

Regresso a casa para deparar com uma montanha de sacos do Lowe's a trepar as paredes do meu átrio e o meu pai de joelhos, com um berbequim na mão e um cinto de ferramentas preso à cintura.

— O que se passa?

— Projetores nas duas portas, é isso que se passa. — Remexe num dos sacos e puxa para fora uma mão-cheia de interruptores de luz. — Vou instalar isto na parede interior, mas os focos lá fora têm sensores de movimento. Se alguém se aproximar a menos de metro e meio, vai ver-se mesmo nas luzes da ribalta. Literalmente.

— Isto é por causa da carta?

— A carta, as mensagens e o facto de viveres bem no meio da décima segunda cidade mais perigosa do país. E também vou mudar a fechadura e pôr mais uns ferrolhos e correntes. E uma empresa de alarmes vai passar por aqui mais tarde para ligar o teu aparelho ao seu sistema de monitorização central.

A minha mãe sai da sala com um livro preso debaixo do braço.

— Também lhe pedi para arranjar a porta principal, que está perra, pregar aquela tábua do soalho ao pé da mesa da cozinha e substituir aquela coisinha de borracha na casa de banho social que está a pingar.

— Válvula — diz o meu pai, levantando-se. — Ela pediu-me para substituir a válvula de borracha. Comprei válvulas suficientes para as substituir a todas. Vais agradecer-me quando chegar a próxima conta da água.

— Vou agradecer-te já, também — e a minha voz sai apenas um pouco trémula, quando o que quero mesmo fazer é entregar-me a uma verdadeira sessão de choro por Will nunca poder cumprir a sua lista de coisas-para-fazer. Quais tinham sido as duas últimas que ele tinha acrescentado, na nossa última manhã juntos na cama? Levo um ou dois segundos a recordar-me — os filtros no ar condicionado e o óleo do carro. Decido tratar delas pessoalmente.

O meu pai flete os joelhos para ficar com os olhos ao nível dos meus.

— Se estás preocupada com os custos, pequenina, eu e a tua mãe pagamos a conta. É só porque nos sentimos melhor se soubermos que estás segura e com alguma espécie de alarme, em especial agora que... Em especial agora.

Sei o que ele ia dizer: em especial agora que o Will morreu. Ele parece tão consternado, tão preocupado, que lanço os braços à volta da sua cintura e puxo-o contra mim, com novas lágrimas a crescer nos meus olhos.

— Agora que vou viver aqui sozinha, também me vou sentir melhor com

um alarme a sério. Obrigada. Mas não quero que vocês paguem.

— Então, está combinado. — O meu pai dá-me um beijo no alto da cabeça e separamo-nos, apanhando o berbequim de onde o deixara, por cima das pilhas de sacos. Carrega no botão, pondo a broca a girar no ar, depois volta a retirar o dedo. — Ia-me esquecendo. O chefe do Will deixou outra mensagem quando estavas fora. Já deve ser a quinta ou sexta. Assumo que ainda não deves ter tido oportunidade para lhe ligar.

Abano a cabeça. Desde a aliança de Will que não tenho pensado em Nick nem em nenhuma das outras pessoas que ligaram.

— Se calhar, devias pensar nisso como uma prioridade, pequenina. Ele pode ter questões financeiras ou logísticas para discutir, coisas que não podes esperar demasiado para tratar. Sei que é desagradável, mas tens uma hipoteca para pagar, e vais ter de pensar em como fazer isso com um só salário.

— Anda. — A minha mãe segura-me no cotovelo e leva-me pelo corredor. — Liga a este Nick e eu faço um chá. Ah, e também tenho *brownies*, se os rapazes não os comeram todos.

Olho em volta em busca de Dave e James.

— Onde é que eles estão?

— Foram aos correios. O Dave disse qualquer coisa sobre ter de expedir um anuário... E depois foram encontrar-se com um velho amigo do James, da faculdade. Parece que ele vendeu a clínica por uma boa quantia e agora tem uma hamburgueria *gourmet* em Peachtree Street. Dezassete dólares por um hambúrguer, imaginas? Adiante, pode ser Earl Gray?

— Perfeito, obrigada. — Mas a minha mãe não vai buscar os saquinhos de chá. Fica ali parada, a olhar para mim. — O que foi?

— Bem, estava a pensar se estás a planear fazer um funeral. Um que seja, talvez, um pouco mais... pessoal do que a cerimónia fúnebre preparada pela Liberty Air. Correu tudo muito bem, mas não tinha muito a ver com o Will, pois não? Podia ter sido para uma pessoa qualquer.

Anuo porque ela tem razão. Apesar do bonito cenário, a cerimónia tivera zero personalidade. As músicas eram lamechas, os oradores pouco imaginativos e a única altura em que mencionaram o nome do meu marido foi durante uma monótona leitura da lista dos passageiros. O Will merecia mais do que uma cerimónia genérica num parque cheio de desconhecidos.

— Queres que vá pensando em algumas opções? — oferece a minha mãe. — Vá ver alguns espaços? Não marco nada, claro, sem a tua aprovação.

Sorriso, uma feroz vaga de amor pela minha mãe a aquecer-me as entranhas.

— Obrigada. Era muito bom.

— Ótimo. Então está combinado. Agora vai lá ligar a esse tal Nick. O

número está num *post-it* ao lado da máquina de café.

Enquanto a minha mãe se ocupa com o chá, eu vou buscar o *post-it*, marco os números no meu telemóvel e carrego em ligar.

Nick atende ao segundo toque.

— Nick Brackman.

— Olá, Nick. Fala Iris Griffith. Peço desculpa por não ter ligado antes, mas as coisas têm estado um pouco loucas.

— Posso imaginar. Como é que se tem estado a aguentar?

É a mesma pergunta que os desconhecidos me recitaram na cerimónia fúnebre, aquela que vejo sempre que olho nos olhos dos meus pais, e, palavra por palavra, aquilo que Corban me perguntou ainda hoje. *Como é que se tem estado a aguentar?* Sei que têm boas intenções, mas será que o Nick quer mesmo ouvir-me dizer que ainda durmo com o roupão do Will, embora agora já cheire mais a mim, ou que ligo para o *voicemail* do Will, vinte vezes por dia, só para ouvir a sua voz? Que as minhas lágrimas me acordam na maior parte das noites, que são apenas marginalmente melhores do que aquelas em que a fúria me faz gritar para o interior da minha almofada? Que os lugares-comuns que toda a gente continua a prodigalizar-me, coisas como *tudo acontece por alguma razão* e *o Will ia querer que fosse feliz* me fazem dar vontade de esmurrar alguém? Que por vezes sinto o Will tão fortemente presente que o ar se prende na minha garganta e os pelos se põem em sentido na minha nuca, mas, quando me viro, a única coisa que encontro é o vazio onde ele costumava estar?

Suspiro, deixo-me cair no sofá e digo a Nick o que ele quer ouvir.

— Estou bem.

A única coisa pior do que a pergunta de Nick, suponho, será o dia em que as pessoas deixarem de a fazer.

— Fico contente por saber. Se houver alguma coisa que eu possa fazer...

Outro lugar-comum, e engulo um grito.

— Obrigada.

— A Jessica empacotou todos os objetos pessoais que ele tinha no escritório. Não era muita coisa. Alguns livros, umas chávenas, umas fotografias. Acho que estava a pensar passar por aí para lhe levar tudo este fim de semana.

De certeza que não foi isto que me ligou para dizer — clichés insignificantes e logística empresarial. Faça-lhe um curto som de agradecimento, uma não-muito-sutil indicação para avançar.

Ou Nick se cansa de empatar ou morde o meu isco.

— Ouça, há uma coisa que precisava de conversar consigo e preferia mesmo que não fosse ao telefone. Acha que nos poderíamos encontrar?

Escolha o dia e a hora e eu trato de lá estar.

— Bem, acabei de chegar a casa e...

— Vive em Inman Park, não vive? — Não respondo. Nick sabe que vivo em Inman Park. A nossa morada está nas folhas de salário que ele assina todos os meses. — Que tal o Inman Perk, dentro de uma hora? O melhor café da cidade. Eu ofereço.

Depois da minha manhã com Corban, não aguento a ideia de outro café, e, depois de passar os últimos dias num quarto de hotel ou num carro ou avião, não aguento mais um segundo fechada.

— Posso ir ter consigo ao Inman Perk, mas importa-se se formos antes caminhar na BeltLine? Preciso de apanhar ar.

— Combinado. Obrigado, Iris, vemo-nos daqui a uma hora.

Enquanto saio pela porta para ir ao encontro de Nick, marco o número de Leslie Thomas. Ela atende ao segundo toque.

— Antes que me diga uma palavra — começa à laia de cumprimento —, quero pedir desculpa por lhe ter mentido na primeira vez que liguei. Estava sob uma tremenda pressão para conseguir uma história. Só estou aqui há poucos meses e esta era a minha primeira oportunidade de me mostrar, e levei a coisa demasiado longe.

— E agora? — A minha voz é dura porque não lhe perdoei. A minha fúria é ainda aguda. Esta mulher acenou-me com o nome de uma empregada de mesa na frente do nariz como uma cenoura. Não estou propriamente a ligar-lhe por opção.

— E agora o quê?

Sento-me no alpendre, a franzir os olhos por causa do sol.

— Ainda está numa tremenda pressão para arranjar um artigo?

Ela ri-se, mas o som é mais irónico do que divertido.

— Bem, o meu chefe acabou de sugerir que me fizesse passar pela irmã de outro passageiro, por isso diga-me a Iris.

Faço um som neutro. Esta mulher já me mentiu uma vez. Quem sabe se não o fará de novo.

— Ouça, a única coisa que estou a dizer é que me sinto horrivelmente por lhe ter mentido e que quero compensá-la. Atirar-lhe o proverbial osso.

— Deixe-me adivinhar. O nome da empregada de bar.

— Ex-empregada de bar, na verdade. Chama-se Tiffany Rivero, e serviu um certo piloto e os turbulentos amiguinhos até eles saírem às três menos um quarto da manhã do acidente, com uma conta de mais de seis mil dólares.

Os meus olhos saltam das órbitas, tanto com a mensagem como com a

quantia.

— Há quem gaste seis mil dólares numa discoteca?

— Sim, quando bebem champanhe como se fosse limonada, o que parece que estes tipos fizeram. Também havia comprimidos a circular como se fossem *Tic Tacs*.

Contenho a respiração, a fazer as contas de cabeça. Assumindo que ele apanhou o primeiro voo para Atlanta, provavelmente por volta das seis da manhã, teria ido diretamente para o aeroporto, o que significava que estaria a funcionar sem dormir, e isso era sem sequer levar em conta o que tinha consumido.

— Não podemos ter a certeza de que o piloto participou nisso.

— De acordo com a Tiffany, participou. Todos os homens do grupo estavam bêbados. E aqui vai o pior: tudo o que ela me disse, disse também às autoridades da Liberty Air. E sabe qual foi a resposta? Que ela tinha de estar enganada, que há procedimentos e protocolos que garantem que nenhum piloto entra na cabine a não ser que esteja cem por cento sóbrio e alerta. Tentaram fazê-la pensar que estava a imaginar coisas.

Um nó gelado desabrocha na minha barriga, espalhando-se como um cancro. A Liberty Air sabe da festa de despedida de solteiro alimentada a álcool e drogas em que o piloto participou, e não fez nada. Não disse nada. Penso nas famílias que vi no aeroporto e na cerimónia fúnebre, nas suas lágrimas e na sua dor palpável, e uma onda de fúria impotente ameaça arrebatá-lo. O Will morreu por causa da irresponsabilidade de um piloto e a indiferença da companhia aérea.

— Porque é que me está a contar isto? Assumo que esta história esteja prestes a ser alardeada pelas primeiras páginas de todos os jornais e *sites* do planeta.

— É verdade, mas a minha consciência culpada e eu queríamos que o soubesse em primeira mão, e também para garantir que sabe quais são as implicações. — Faz uma pausa, um silêncio curto mas pesado, e o seu tom sarcástico dá lugar a um de seriedade. — Vai haver uma investigação, Iris, e se esta tal Tiffany tiver razão, se se provar aquilo que ela diz, a Iris e as outras famílias vão ter a Liberty Air agarrada pelos tomates.

Quando viro a esquina para Inman Park, Nick está parado no passeio, com duas garrafas de água numa mão. Cabelo louro muito claro, membros enormes, barriga massuda a preencher o fundo do polo enfiado nas calças como um balão interior semi-insuflado. Eu devia estar pior do que julgava, quando não o consegui situar na cerimónia. Grande e volumoso, não é propriamente o tipo de homem que passa despercebido. Um par de imaculados ténis *Nike* espreitam de debaixo das calças de trabalho caqui, parecendo ter acabado de sair de uma caixa de sapatos, e de repente arrependo-me de ter sugerido uma caminhada na BeltLine a meio de um dia de semana.

— Olá, Nick.

— Olá, Iris. Obrigado por se encontrar comigo. Pronta?

Tento apalpar-lhe o pulso emocional, mas tem os olhos escondidos por detrás de grandes óculos escuros, o tom e expressão reservados.

— O melhor possível.

Sei agora que o que quer que Nick tenha para me dizer não pode ser bom. Por que outra razão teria ligado seis vezes em três dias e insistido em encontrar-se comigo pessoalmente? Se ainda restassem algumas dúvidas, a sua saudação e linguagem corporal apenas o confirmaram, transformando a minha suspeita num receio tão escuro e pegajoso como alcatrão.

Passa-me uma das garrafas, gelada e coberta de condensação, e dirigimo-nos para a rua lateral que conduz ao trilho em doloroso e nauseante silêncio.

Como em qualquer outro soalheiro dia de primavera, a BeltLine de Atlanta, uma extensão de parques e trilhos aberta na linha de comboios abandonada da cidade, está cheia de gente. Mães vestidas de *Lululemon* a empurrar carrinhos de bebés competem pelo espaço com pessoas a correr ou a passear cães e universitários de *skates*. Nick e eu colocamo-nos em fila atrás deles, seguindo o trilho para norte na direção dos arranha-céus da Midtown ao longe.

— Isto é incrivelmente difícil para mim — diz ele quando emergimos da sombra do viaduto da Freedom Parkway, e, embora comece a suar por baixo da camisa de trabalho, sei que não se refere à nossa caminhada. Vai de cabeça baixa, o olhar colado ao pavimento. — Eu contratei o seu marido. Acarinhei-o. Nos mais de oito anos em que trabalhou para mim, promovi-o seis vezes.

Não porque gostava dele, coisa que até acontecia, de facto, mas porque ele merecia.

— Okay... — Arrastei a palavra, o meu coração a saltar demasiado depressa, com demasiada força. Sinto um «mas» a chegar. Está a pesar sobre mim como uma tempestade elétrica a fazer espetar cada pelo no meu corpo.

— Não sei quanto sabe a respeito do nosso trabalho, mas a maior parte dos engenheiros está-se a lixar para a origem do dinheiro. O Will não só era dos raros que se preocupavam, como pensava em como conseguir mais. Isto é parte da razão por que era tão brilhante no seu trabalho, porque também concebia coisas que o cliente ainda nem sequer sabia que queria até ele lhas mostrar. — Agarra-me o cotovelo, conduzindo-nos para a berma do carreiro para deixar passar um trio de ciclistas. — O tipo era um génio, mas de certeza que já sabe isto.

— Sei.

— Isto é parte da razão por que demorámos tanto tempo. O Will era a última pessoa de quem iríamos desconfiar, aquele de quem nunca esperaria isto.

As palavras dele enterram-se debaixo da minha pele, ao mesmo tempo que a frustração me queima o peito, e já não consigo conter mais a minha impaciência.

— Desculpe, Nick, mas dormi num avião esta noite, e isto foi depois de sete noites sem quase dormir absolutamente nada. Estou destroçada e exausta, por isso, por favor. Podia ir direto ao assunto e dizer-me o que veio aqui dizer?

Ele para a meio do trilho, virando o corpo grande para mim.

— Falta dinheiro nas contas da empresa.

Um punho gelado atinge-me no centro do peito e espalha-se em volta quando, subitamente, todas as peças se encaixam e tudo passa a fazer sentido. É como um daqueles testes psicológicos que dou aos meus alunos, onde se percebe o sentido da frase embora falem algumas palavras. Neste caso, as palavras são *o seu marido é um ladrão*.

Cruzo os braços sobre o peito, a tremer apesar de a temperatura estar perto dos vinte graus.

— Quanto dinheiro?

Ele encolhe os ombros carnudos.

— É difícil dizer, exatamente. A contabilista forense ainda...

— Contabilista forense? — As palavras viajam pelo meu corpo como uma faísca, derretendo as minhas solas de borracha no pavimento. Não sou uma perita em finanças, mas conheço a expressão. Os divórcios em Lake Forrest quase sempre envolvem um contabilista forense, um investigador

financeiro especializado em desenterrar fundos escondidos. No ano passado, a mãe de Jeannette Davis recebeu, graças ao seu especialista, metade das contas *off-shore* do seu futuro-ex-marido.

— Como eu estava a dizer, enquanto a contabilista forense não entregar o seu relatório final, não temos um número.

— Dê-me uma estimativa.

— Quatro milhões, quatrocentos e setenta e três mil. — Nick tosse para um punho fechado. — Pelo menos.

— Então. O que está realmente a perguntar-me é se reparei por acaso em quatro milhões e meio a mais na nossa conta conjunta? — Sinto as palavras espinhosas e viscosas na minha língua.

— Não, mas... — Nick faz uma careta. — Pensei que... talvez pudesse saber alguma coisa...

Os meus olhos dilatam-se.

— Não. Jesus, não. Claro que não.

— Eu estou com a corda na garganta, Iris. Estamos a planear entrar na bolsa no próximo ano, e a minha direção está a responsabilizar-me por isto. Ninguém quer comprar ações de uma empresa cujos procedimentos internos permitem que um empregado se possa safar com quatro milhões e meio. Por favor, se houver alguma coisa que não me está a dizer...

— Ele não se safou, Nick. Entrou num avião que caiu do céu. — Penso no que Leslie Thomas me contou, um piloto ressacado meio a dormir na cabine, e uma vaga de vômito ergue-se da minha barriga.

Ele estremece.

— Eu sei, e lamento mesmo tudo isto. Mas o que estou aqui a tentar dizer é que eu considerava o Will um amigo, razão pela qual gostava de manter isto entre nós.

— Ou seja?

— Ou seja, se recuperarmos esse dinheiro e conseguirmos endireitar a contabilidade, a história acaba aqui. Fica tudo entre nós, sem fazer perguntas. Nesta altura, não quero saber porquê nem como, só preciso de recuperar aquele dinheiro.

— Acha mesmo que eu sei onde ele está?

Ele faz-me um sorriso apologetico, mas não suaviza a palavra seguinte.

— Sabe?

A fúria sobe dentro de mim, silenciosa e rápida.

— Não pode estar mesmo a fazer-me essa pergunta.

O seu silêncio diz-me que está. De repente, estou nauseada, demasiado chá e o *brownie* da minha mãe a darem-me voltas ao estômago, e temo vomitar para cima dos ténis novos de Nick.

— Tenho a certeza que isto é tudo um enorme mal-entendido.

Nick abana a cabeça, curta e definitivamente.

— Não é.

— Como é que sabe que foi o Will que o tirou?

— Não lhe posso responder a isso.

— Quatro milhões e meio não desaparecem da noite para o dia. Isto deve durar há anos. Como é que ninguém repara?

— Também não lhe posso responder a isso. De facto, provavelmente já disse demasiado. Os meus advogados vão ter um ataque quando lhes falar desta conversa.

Advogados. Contabilistas forenses. Reviro o *Cartier* no dedo com o polegar, um hábito inconsciente que ganhei algures nesta última semana, brincando com o anel sempre que penso em Will. Talvez seja por causa da maneira como mo deu, tão inesperada e intimamente, ou talvez seja por causa das suas palavras — eu, tu, e o futuro-bebé. Mas, por alguma razão, por muitas razões, tocar-lhe tem-me dado algum conforto.

Até agora.

Agora reparo em Nick a reparar, e, por cima dos óculos escuros, há uma nova ruga entre as suas sobrancelhas.

Enfio as mãos nos bolsos do meu blusão.

— Não sei nada a respeito de dinheiro nenhum, e posso garantir-lhe que não está na nossa conta.

Durante o mais longo momento, ele não responde. Pessoas passam por nós, a voar nos seus *skates* e patins, e Nick continua ali a ocupar metade do trilho com o seu volume e a fitar-me com uma expressão vazia. Sei o que está a fazer. Está à espera que eu insista que não é verdade, que esta contabilista forense deve ter-se enganado, que Will Griffith não era capaz de roubar, nem a ele nem ninguém, mas não consigo fazer sair as palavras. Se o meu marido era o tipo de pessoa capaz de incendiar um complexo de apartamentos cheio de gente a dormir, quem pode dizer que não seria capaz de tirar dinheiro da conta do seu empregador? Fico ali parada na frente dele, a morder a língua e com uma crescente vontade de chorar.

Nick interpreta o meu silêncio como a resposta que ela é, fazendo-me um sorriso de pena antes de voltar pelo caminho por onde viemos.

— Lamento, Iris, mas vou atrás desse dinheiro, nem que isso signifique acabar consigo e com um homem morto no processo.

Assim que Nick se vai embora, atiro a garrafa de água para um caixote do lixo e começo a correr. Está uma fabulosa tarde de primavera, o ar cheio dos sons

de um dia soalheiro na cidade: sopradores de folha a trabalhar, o tinido musical das trelias dos cães, o zumbido baixo do trânsito ao longe e o choque dos meus tênis contra o pavimento. Oito dias de pouca comida e nenhuma atividade deixaram-me os músculos fracos e rígidos, e cada passo me parece um castigo, mas as palavras de Nick perseguem-me, e preciso de queimar toda a energia nervosa que se agita nos meus ossos.

Will e eu adorávamos a BeltLine. Adorávamos a arte urbana, e as vistas, e os quilómetros e quilómetros de parques e espaço verde. Adorávamos explorá-la com as nossas bicicletas a condizer, do tipo velha-escola, com três mudanças, sinetas de metal e cestos de verga pendurados dos guiadores. O Will surpreendeu-me com elas num meu aniversário.

— Sabes o que isto significa, não sabes? — perguntei, montando-me numa e andando a pedalar com ela para cima e para baixo na rua, com exclamações de alegria.

Will sorria de onde me estava a observar, com as mãos nas ancas.

— Que acabaram as contas da Uber?

Ri-me.

— Isso, mas também que se formos de bicicleta a Midtown e voltarmos, as batatas fritas que vou comer ao almoço já não me vão fazer sentir culpada.

Saíamos de bicicleta sempre que podíamos. Em fins de semana soalheiros e noites quentes, a restaurantes e bares só porque sim, e éramos aquele casal nojento que ocupa a BeltLine inteira porque gostávamos de pedalar de mãos dadas.

E agora, a acreditar em tudo o que fiquei a saber hoje, este mesmo homem é um criminoso. Um mentiroso e um ladrão, um homem que, no último mês da sua vida, estava temperamental e distraído. Um homem que se metia em brigas no ginásio e esmurrava paredes de salas. Um homem de quem Nick e os seus contabilistas forenses andavam atrás. Não é preciso ser-se um génio para se perceber que Will provavelmente se sentia encurralado.

Passo pelas torres de comunicações e paredes cobertas de *graffiti*, por casas em banda e parques e restaurantes, as esplanadas a encherem-se com as pessoas que iam saindo dos empregos mais cedo. Os raios de sol batem-me na cabeça e encosto ao lado do trilho para despir a camisola. Enquanto a estou a atar à cintura, o anel *Cartier* cintila à luz dourada.

Quando estava a estudar os nossos extratos bancários, na semana passada, vi alguma compra na Cartier? FRANZO os olhos e tento recordar. De certeza que teria reparado nesse tipo de quantia — diamantes de marca não são baratos. Retiro o telemóvel de um bolso com fecho e abro as aplicações do banco e dos cartões de crédito. Nenhuma grande compra em nenhum deles. E também nada de quatro milhões e meio de dólares.

Então como pagou o Will este anel?

A pergunta provoca uma palpitação mortíça por detrás do meu tórax, e volto para o carro.

A loja da Cartier fica mesmo no meio da ala Neiman Marcus do centro comercial Lenox, aninhada entre outras marcas de luxo. Atravesso rapidamente o largo corredor, passo a Tesla, a Louis Vuitton e a Prada, desejando ter tido tempo para trocar de roupa, talvez fazer alguma coisa com o cabelo.

Um segurança armado está postado atrás da pesada porta de vidro da Cartier. Observa-me através da montra com um olhar de *Tem a certeza de que está no sítio certo?* Espeto o queixo e estendo a mão para o puxador de bronze, e ele precipita-se para a frente antes que os meus dedos lhe toquem.

— Bom-dia, minha senhora — diz, abrindo a porta. — Bem-vinda à Cartier.

O espaço grita *caro* por todos os poros. Painéis de madeira escura, carpete espessa, joias cintilantes a flutuar por detrás de mostradores de vidro sem juntas. Só os arranjos florais devem custar mais do que a minha conta de eletricidade mensal. Estar ali deixa-me nervosa, como se qualquer pessoa naquele sítio percebesse de imediato que sou uma impostora. Olho em volta, mas, para além do segurança e uma vendedora loura a polir uma pulseira de ouro com um pano vermelho-escuro, a loja está vazia.

Ela ergue o olhar com um sorriso genérico.

— Posso ajudar?

O sotaque é pesado e russo, e a mulher é todos os clichés que se ouvem acerca das noivas por encomenda da Europa de Leste. Alta e magra, cabelo louro platinado, o perfume alguns níveis acima do necessário. As unhas são demasiado compridas, a maquilhagem demasiado brilhante e as curvas generosas estão apertadas num fato demasiado curto e demasiado justo. Mas é espantosamente bonita, embora não transpire propriamente grande simpatia.

O meu olhar desce para a placa que ela usa ao peito.

— Olá, Natashya, o meu marido esteve aqui há pouco tempo e comprou-me isto. — Levanto a minha mão direita e as suas sobranceiras erguem-se um milímetro, de surpresa contida, ou Botox, ou uma combinação das duas coisas. — Eu precisava de ver os detalhes da compra.

— É presente, sim?

— Sim.

— Não gosta?

— Gosto, adoro. Eu só... — Estendo a mão, a olhar para as três densas

filas de ouro e diamantes. Eu só o quê? Desconfio que o meu marido o comprou com dinheiro roubado? Penso que o recibo pode conter uma pista de onde ele escondeu o resto dos quatro milhões e meio? — Preciso dos papéis para tratar do seguro.

— Ah. Claro — diz ela. Guarda a pulseira na caixa, tranca-a, enfia a chave num bolso do casaco e depois faz-me sinal para a seguir para uma trabalhada secretária de cerejeira junto à parede da direita. — Sente-se, por favor.

Deixo-me cair na cadeira almofadada na sua frente.

— Qual é o nome do seu marido? — Ela puxa um teclado sem fios de uma gaveta, virando-se para o ecrã do computador.

— William Griffith. Deve ter estado aqui há duas ou três semanas, suponho.

O rosto dela ilumina-se de reconhecimento, um quase-sorriso.

— Tem sorte. Homem bonito.

— Lembra-se dele?

— Eu vendi anel.

Tento imaginar o meu marido debruçado sobre os mostradores brilhantes, a testa franzida de frustração enquanto a peituda Natashya o ajuda a selecionar o presente perfeito. Ele nunca foi um grande adepto de compras, e sempre detestou o centro comercial. «Para que é que me vou meter no meio daquela gente toda?», dizia sempre. «Posso comprar tudo o que preciso na internet e vêm-me entregar as coisas à porta.»

— O seu marido fez trabalho de casa. Sabia qual era o anel, qual o tamanho. Venda mais rápida que já fiz.

Assimilo as suas palavras, a pensar que aquele cenário faz muito mais sentido. Claro, ele já tinha estudado o *site* antes de lá ir, teria até ligado previamente para verificar se tinham o anel disponível. Provavelmente, fizera a Natashya ir para a porta com o saco e a máquina do cartão de crédito. Entrou, saiu, continuou com o seu dia.

Ela carrega num botão no teclado e a impressora ganha vida.

— Trazia dinheiro contado até ao cêntimo.

Faço-lhe um aceno com a cabeça, depois estaco quando percebo as suas palavras.

— Espere um minuto. Está a dizer-me que ele pagou o anel em dinheiro? Ela olha rapidamente para mim mas apenas o tempo suficiente para anuir.

— *Da.*

— Quanto dinheiro?

— Doze mil e quatrocentos dólares, mais imposto.

Diz isto com a facilidade com que se diz o preço de um quilo de açúcar,

enquanto eu tento pensar em algo que possua que custe tanto dinheiro. Uma casa com uma pesada hipoteca. Um empréstimo bancário por um carro de quatro anos. Nem o meu diamante de noivado, um simples solitário num anel de platina, foi tão caro.

O anel triplo parece-me de repente demasiado apertado, como se fossem três elásticos tão esticados que quase rebentam na base do meu dedo.

— Doze... doze mil e quatrocentos dólares?

— Mais o imposto. — Retira o papel da impressora e enfia-o num envelope vermelho, enquanto verifica um número no ecrã. — Treze mil, duzentos e sessenta e oito.

Com ou sem imposto, o valor é estarrecedor.

Vejo o recibo sair lentamente da impressora e pergunto-me se ele terá comprado mais alguma coisa nesse dia para além do anel, se os quatro milhões e meio lhe estariam a queimar o fundo do bolso. Como planeava esconder tanto dinheiro? Onde escondera tanto dinheiro? Caberia numa caixa debaixo do soalho? Num cofre no sótão? Ou teria necessidade de uma daquelas unidades de armazenamento à prova de fogo publicitadas em *outdoors* na baixa?

E, mais importante: como iria eu encontrá-lo?

A vendedora passa-me o envelope por cima da secretária.

— Diga marido que Natashya manda cumprimentos.

Com o carro em ponto-morto, abro o envelope vermelho e percorro os papéis que Natashya enfiou lá dentro. Um certificado de autenticidade do anel. A política de devoluções. Um recibo e fatura. Passo a ponta do dedo sobre a familiar assinatura de Will rabiscada no fundo, engolindo um súbito nó na garganta. Will podia ter comprado aquele anel com dinheiro roubado, mas isso não alterava o facto de o ter comprado para *mim*. Enfrentara o centro comercial e escolhera um presente que tivesse significado para *mim*. Para *nós*. Rosa para o amor, amarelo para a fidelidade, branco para a amizade. Ele, eu e o futuro-bebé. Não importa o seu passado, não importa onde ele conseguiu o dinheiro e como o pagou, este anel é meu. Nunca o vou tirar.

E depois o meu olhar cai sobre a informação de contacto na fatura. Por baixo do nome de Will, por baixo da nossa morada, está um número de telefone que não reconheço. É um dos três indicativos de área de Atlanta — 678 — mas os outros números não são os conhecidos. Não é, definitivamente, o número do telemóvel de Will, que começa por 404.

O seu número de trabalho, talvez? O Will estava sempre a ligar-me de números que eu não reconhecia, e dizia que os únicos que me devia dar ao trabalho de guardar eram o do seu telemóvel, a linha direta de Jessica e o número geral da AppSec. Agora desejava ter sido mais meticulosa em guardá-los.

Abro a sua página de contacto no meu telefone, verifico os números que tenho do seu escritório e comparo-os com a fatura da Cartier. Nenhum é igual.

Então... e agora? Terá Natashya anotado mal o número quando o inseriu no sistema? Terá Will dado um número falso para evitar ser alvo de campanhas de telemarketing da loja? E depois ocorre-me. E se ele tivesse um segundo telemóvel de que eu não tinha conhecimento? Outra vida, outra mulher? A possibilidade atinge-me em cheio na barriga, queimando-me como ácido.

Antes que me possa acobardar, digito os números no meu telemóvel e carrego em ligar, contendo a respiração enquanto ele toca no sistema de mãos-livres do meu carro. Uma vez, duas, outra vez. Depois do quarto toque, sou passada para o atendedor, uma voz gerada por computador a repetir o número e a pedir-me que deixe uma mensagem. Desligo antes de ouvir o *bip*.

E agora? Mordo o lábio, observo pelo para-brisas as pessoas que passam

de um lado para o outro no parque de estacionamento e penso em tudo. Talvez o número seja apenas um engano, mas e se não for? E se pertencia mesmo a Will? Um telemóvel não é gratuito. E se eu seguir o rasto do número, irá ele conduzir-me a uma conta bancária que não conheço, bem gorda com o dinheiro roubado à AppSec?

O telemóvel vibra entre os meus dedos, e dou um pulo no assento. O meu irmão. Inspiro fundo, obrigando o coração a acalmar-se, e atendo pelo sistema de mãos-livres.

— Só para que saibas, pregaste-me um susto de morte e agora tenho de voltar para o centro comercial para fazer chichi.

— Só para que *tu* saibas, a mãe pensa que caíste no Chattahoochee. Espera lá, o que estás a fazer no centro comercial? Pensei que te ias encontrar com o chefe do Will.

— E fui. — Pouso o telefone na base para copos, recosto-me no assento e faço a Dave um rápido mas completo resumo da minha conversa com Nick. O dinheiro em falta, Nick a reparar no anel, a maneira como ele esperou pelas palavras que não consegui fazer sair: *Não foi o meu marido. Ele é inocente.* — Já puseram advogados a tratar do assunto, Dave. O Nick diz que vai acabar com o Will, se for preciso, mas que vai atrás daquele dinheiro.

— Claro que vai, ninguém deixa simplesmente outra pessoa fugir com quatro milhões e meio. O que significa que também precisas de um advogado. Precisas de garantir que nada disto cai em cima de ti.

A minha coluna endireita-se contra os estofos de pele.

— Em cima de mim como? Eu não roubei um cêntimo. — Enquanto digo as palavras, o aviso de Nick desliza pela minha mente. Ele disse-me que acabava comigo também, para recuperar o dinheiro, e um arrepio percorre-me a espinha.

— Talvez não, mas se o Will usou dinheiro roubado para comprar coisas que partilhavam, carros, mobília, férias, esse tipo de coisas, como esposa, vais ser responsabilizada. Também podem vir atrás de ti.

Descolo a mão direita do volante, o *Cartier* a cintilar no meu dedo.

— O Will pagou o anel em dinheiro vivo.

Um silêncio pesado enche o meu carro.

Baixo a testa para o volante, desfiro algumas cabeçadas.

— Como é que isto aconteceu? Como é que, no espaço de uma semana, passei de casada e feliz a viúva que usa joias roubadas?

— Agora não é a melhor altura para ficares com pena de ti própria, Iris. Agora é altura de procurares e contratares o melhor advogado da cidade.

Os meus pensamentos voam para Evan Sheffield, o advogado de dois metros que conheci na cerimónia fúnebre, o que perdeu a mulher e a filha

bebé no acidente. Penso nele e nos seus ombros carregados com este fardo, e os sentimentos voltam como um tsunami. O choque. A fúria. Imagino-me sentada na sua frente, a olhar para os seus olhos tristes e a falar-lhe dos quatro milhões e meio desaparecidos, e a ideia provoca-me uma tontura de temor.

— Vou fazer umas chamadas — digo, erguendo a cabeça para descobrir um arrumador parado na frente do meu carro, a observar-me com preocupação. Faço-lhe um sorriso débil para que ele saiba que estou bem, e ele vai-se embora. — Entretanto, faz-me um favor, sim? Não fales disto à mãe nem ao pai, está bem? O pai já ameaçou pagar o sistema de alarme, e não quero preocupá-los ainda mais.

— Tens a certeza de que isso é boa ideia? — diz Dave, no momento em que uma mensagem entra no meu telemóvel com um *ping*. — Não podes...

Dave ainda está a falar, mas já não o ouço. Estou a ler uma mensagem do telefone 678: **Olá, Iris. Como é que arranjaste este número?**

O meu estômago revira-se. Com os dedos a tremer, escrevo a minha resposta. **Como sabe o meu nome? Quem é?**

Uma bolha aparece por baixo da minha mensagem, indicando que a outra pessoa está a escrever. Contenho a respiração e aguardo a resposta.

— Estooooou — diz Dave no sistema do carro. — Iris, estás aí?

Martelo o botão no meu volante para interromper a chamada, o meu olhar nunca deixando o telefone. Alguns segundos mais tarde, uma mensagem ilumina o meu ecrã. **Só há uma outra pessoa no mundo que conhecia este número, e ela está morta. Tens o que ele me tirou?**

A náusea sobe pela minha garganta. Quem quer que esteja do outro lado refere-se ao dinheiro. Um sócio?

EU: Não vou responder a nenhuma pergunta enquanto não souber quem és.

678-555-8214: Isto não é uma negociação.

Quero o meu dinheiro.

EU: Qual dinheiro?

678-555-8214: Diz-me onde o Will escondeu o dinheiro ou vais juntar-te a ele.

Sigo pelo caminho mais longo para casa, descendo Lenox Road num estado de atordoamento, com o telefone no chão do lado do passageiro, para onde o atirei como uma batata quente. Mal reparo quando os imponentes condomínios e relvados bem tratados dão lugar a uma zona mais suja, com lojas de lingerie de montras amareladas e clubes de cavalheiros de Cheshire Bridge. Arrasto-me pela faixa mais lenta, encurralada entre o trânsito de saída

da cidade e os autocarros que fazem paragens frequentes, os dedos agarrados ao volante com força suficiente para o partir em dois.

Nunca tinha recebido uma ameaça de morte. Embora tivesse sido feita da forma mais impessoal possível, por mensagem de telemóvel e de alguém a não sei quantos quilómetros de distância, as palavras não deixavam de me atingir como um punho gelado na barriga.

**Diz-me onde o Will escondeu
o dinheiro ou vais juntar-te a ele.**

Num semáforo, debruço-me sobre a consola central e consulto o telemóvel. Continua escuro e mudo, graças a Deus. Quem quer que seja a pessoa no outro lado daquele 678, não duvido por um segundo que a sua ameaça seja séria. Esta pessoa conhece o Will, sabe dos quatro milhões e meio e pensa que eu sei onde o Will os escondeu. Já se mataram pessoas por muito menos.

Duas perguntas entram na minha mente ao mesmo tempo. Primeira: como é que a pessoa sabia que era eu? Esta pessoa já devia ter o meu número de telemóvel, mas como? Segundo: se o número não era do Will, porque o teria ele dado a Natashya? Porquê listá-lo na fatura de uma coisa comprada com dinheiro roubado?

O carro atrás de mim apita e ergo o olhar para ver que o sinal ficou verde. Deixo o telefone no chão e carrego no acelerador, ficando atrás de um SUV branco.

E, depois, outro pensamento faz com que as minhas mãos apertem ainda mais o volante. Será que o número bloqueado e o 678 pertencem à mesma pessoa?

Revolvo a ideia na minha mente, procurando falhas nesta teoria. O técnico da Best Buy dissera que as mensagens de Seattle, aquelas que apareciam como um número bloqueado no meu telefone, eram enviadas de uma aplicação de mensagens e, por conseguinte, não podiam ser identificadas. E se o telefone 678 tivesse essa aplicação? Seria inteiramente possível que originassem do mesmo telemóvel.

Viro à direita em North Highland e sigo a estrada de duas faixas pelo coração de Virginia Highlands. São já quase seis horas e as ruas e passeios estão apinhados com trânsito da hora de ponta. Vou-me arrastando, tentando convencer-me de que as mensagens têm a mesma origem, mas não consigo. O tom era demasiado diferente, os conteúdos demasiado contrastantes.

Viro para um parque de estacionamento e apanho o telefone do chão, abrindo as mensagens do número bloqueado. Comparadas com a ameaça do

número 678, estas parecem-me quase inócuas. Dizem-me para ir para casa, para não acreditar no que estava a ouvir a respeito de Will das pessoas em Rainier Vista. Como se quem quer que fosse não quisesse que eu descobrisse a verdade sobre Will.

Penso em quem queria manter-me na ignorância do passado de Will, quem teria alguma coisa a ganhar ou a perder se eu o descobrisse, e a única pessoa em quem consigo pensar é... o Will. O Will não queria que eu soubesse, a ponto de ter mentido a respeito dos pais, do passado, dos seus laços com Rainier Vista e Seattle. Will é a pessoa mais provável.

Coisa que, claro, é impossível. Um morto não envia mensagens.

E depois as palavras de Corban filtram-se no meu cérebro, as que Will o fez jurar sobre a campa da sua mãe: *Prometi que, se alguma coisa acontecesse ao Will, olharia por si*. Será Corban a pessoa por detrás do número bloqueado, um protetor anónimo a cumprir a sua promessa a um amigo falecido? Deixo a possibilidade ganhar forma no meu cérebro, mas há alguma coisa que não está a bater certo, algo que não passa o teste.

E depois ocorre-me. Corban também não sabia do passado de Will em Seattle. Ficou tão atónito quanto eu quando descobriu. Ou isso ou o homem é um ator de classe mundial.

A frustração queima-me o peito, e faço inversão de marcha, acelerando para a estrada para casa. Peço ajuda? Contacto a polícia e ponho-os a seguir o rasto do número 678? Talvez lhes devesse contar da ameaça de Nick de acabar comigo para recuperar o dinheiro. Talvez seja Nick quem está por detrás da mensagem.

Mas, e se Dave tiver razão? Eu posso vir a ser responsabilizada. E se eles tentarem tirar-me o anel? Abro os dedos sobre o volante e os diamantes cintilam à luz do Sol que entra pelo para-brisas. Imagino-me a retirá-lo do dedo e a vê-lo cair num saco de provas, e uma sensação de pânico sobe pela minha garganta acima. Lembro-me do sorriso suave de Will quando o pôs ali, na manhã do dia em que morreu, e as minhas mãos fecham-se com força.

Terão de me arrancar o dedo para o tirar.

Tenho um sistema antiquado. É isto que o tipo dos alarmes — um homem de grande barriga que me diz para lhe chamar Big Jim — me diz assim que entro pela porta principal. Parece que os meus painéis e sensores de movimento são demasiado básicos para a mais recente tecnologia, que, hoje em dia, funciona por GSM e não por linhas telefónicas. Diz-me isto tudo de uma forma longa e rebuscada, com demasiadas palavras para a mensagem que está a tentar transmitir.

Interrompo-o a meio, suavizando as minhas palavras com um sorriso.

— Há um preço por aí algures?

O sorriso que Big Jim me dá em troca é grande e vasto, revelando dentes tão tortos quanto amarelos.

— Há um preço, mas estava aqui a arranjar maneira de a ir preparando, para não a assustar.

— É como tirar um penso rápido. Diga logo de uma vez e acabe com o assunto. Assim é menos doloroso.

— Seiscentos dólares. — Passa-me uma proposta de orçamento escrita à mão, levando a caneta à boca. — Isto é para instalar todo o equipamento novo, juntar quebra de vidros às divisões do rés-do-chão, substituir os seus painéis antigos e acrescentar mais um à parede do seu quarto, o que vai qualificar o seu alarme para o nosso sistema básico.

Sinto o telemóvel como uma brasa dentro do bolso, as palavras ameaçadoras a dardejear pela minha mente. *Diz-me onde o Will escondeu o dinheiro ou vais juntar-te a ele.*

— Quanto custa o vosso sistema XPTO? — quero saber.

Uma das grossas sobrancelhas do Big Jim arqueia-se.

— Está a falar de câmaras e de intercomunicadores de duas vias e botões de pânico?

— É o melhor que têm?

— Sim, minha senhora, topo de gama. Também vem com um sistema de monitorização de vídeo que pode controlar através do seu telefone ou computador.

— Feito.

— Mas não lhe disse o preço.

— Seja o que for, eu pago. E, se instalar tudo hoje, vem com o bónus extra de uma refeição caseira e uma boa gorjeta. Pelo cheiro aqui em casa, eu apostava em esparguete. — Faço-lhe um sorriso de é-o-seu-dia-de-sorte. — As almôndegas da minha mãe são de classe mundial.

Ele apoia-se sobre os calcanhares e ri-se.

— Então, está combinado.

Deixo-o a trabalhar e sigo pelo corredor para a cozinha, onde a minha mãe está ao fogão, a mexer uma panela suficientemente grande para alimentar o quarteirão inteiro. Ouve-me largar a mala sobre o balcão e lança-me um sorriso por cima do ombro.

— Olá, querida, chegaste mesmo a tempo. O jantar vai estar pronto dentro de quinze minutos.

— Perfeito. — Dou-lhe um beijo na face, recebo uma boa baforada de tomate, alho e especiarias e o meu estômago solta um grunhido ao mesmo

tempo que se retorce num nó. — Espero que não te importes, mas acabei de me oferecer para dar de comer ao tipo do alarme.

O rosto da minha mãe ilumina-se. Não há nada de que mais goste do que partilhar os seus cozinhados com desconhecidos apreciadores, e tudo no Big Jim lhe diz que ele aprecia muita comida. Limpa as mãos ao avental e dirige-se para uma tábua de cortar sobre a ilha, pondo-se a trabalhar num pepino para a salada.

— Onde tens estado toda a tarde? Pensei que ias só correr uma ou duas horas.

— Ah, tive de ir fazer umas coisas rápidas, mas sabes como é o trânsito de Atlanta. A hora de ponta começa às quatro da tarde, às vezes. Levei séculos na viagem de volta. — Ligo a água para lavar as mãos. — O que posso fazer para ajudar?

Ela aponta com a ponta da faca para uma taça cheia de chalotas.

— Picas-me uma?

A minha mãe começa a tagarelar sobre as suas ideias para o funeral, enumerando um par de lugares por onde quer passar, e o alívio descontraí-me os músculos tensos dos ombros. Ou a minha mãe não reparou que estou a ser intencionalmente vaga ou decidiu não insistir. Mas estava a falar a sério, há pouco, com Dave. Enquanto não souber o peso das alegações de Nick, não tenciono falar aos meus pais dos quatro milhões e meio em falta. Já estão suficientemente preocupados, e juntar ameaças de morte e a possibilidade de processos criminais à mistura iria enviá-los para a zona nuclear.

Mas uma razão maior — e, sim, depois dos eventos destes últimos dias, percebo como alguns lhe poderiam chamar uma razão irracional, também — é que não quero macular ainda mais a sua recordação do Will. Os meus pais sempre o adoraram, pela mesma razão por que Dave o adorava: pela forma óbvia e perfeita como o meu marido me amava. A ideia de ver as suas expressões tornarem-se amargas, de ver a condenação dardejear pelos seus rostos de cada vez que o seu nome fosse mencionado nos Natais e dias de aniversário, deixa-me o estômago pesado, como se tivesse uma pedra alojada no fundo.

Dave entra pela porta das traseiras com o seu *iPad* e uma garrafa de cerveja, os óculos de marca pendurados ao pescoço.

— Porque é que me desligaste o telefone na cara?

A coisa fantástica de se ter um irmão gémeo é que estamos tão em sintonia que sabemos o que estamos a pensar sem precisar de dizer uma palavra. Até ao momento em que temos um segredo, altura em que a pior coisa de se ter um irmão gémeo é estarmos em tão grande sintonia.

O problema é que eu conheço Dave, e sei que se lhe contar a respeito da

ameaça de morte, ele vai colar-se a mim sem nunca mais me largar. Por muito que ame o meu irmão, a ideia de o ter constantemente na minha sombra deixa-me quente e cheia de comichão, a pele demasiado esticada.

— Não te desliguei o telefone na cara — minto. — A chamada deve ter caído por qualquer razão.

Ele semicerra os olhos.

— Então porque é que não voltaste a ligar?

— A conversa já estava a acabar, não estava, o que mais havia para dizer? Além disso, já vinha a caminho de casa. Pensei que podíamos terminar pessoalmente. — Tiro uma garrafa de água do frigorífico e viro-me para o encarar. — Como agora, por exemplo. Vamos terminar agora.

O telemóvel vibra no meu bolso, fazendo-me cócegas na anca e fazendo escalar a minha temperatura e pulsação. Puxo o fecho do casaco e dispo-o, deixando-o no balcão ao lado da mala.

Ele inclina a cabeça e estuda-me, o olhar a percorrer-me o rosto.

— O que se passa contigo? Porque é que estás tão corada? O que é que não me estás a dizer?

— Nada, Dave. Não há nada que não te esteja a dizer.

Ele ergue as mãos no ar.

— Isso não faz nenhum sentido.

— Exato, tal como esta conversa.

O suspiro da minha mãe é igual ao que já ouvi um milhão de vezes. O que soa aos seus ouvidos como uma discussão é apenas a minha forma normal de comunicar com o Dave... exceto agora. Agora estamos a discutir porque é que ele está a tentar desvendar o meu segredo e eu estou a guardar a peça escondida no bolso.

— Juro-vos, vocês são piores do que duas crianças. — Ela enfia uma pilha de pratos nas mãos de Dave. — Vai pôr a mesa, sim?

Dave faz-me um olhar de *Eu estou-te a ver*, depois dirige-se para a mesa.

Assim que me vira as costas, retiro o telemóvel do bolso.

678-555-8214: Só para que saibas, eu sei contornar qualquer sistema de alarme.

DESCONHECIDO: Para quê o alarme, Iris? Aconteceu alguma coisa?

Ao longo de todo o jantar, o telemóvel é como um pedaço de plutónio encostado à minha anca, uma coisa silenciosa e mortal a irradiar veneno para o meu bolso. Se antes tinha algumas dúvidas de que os números viessem de fontes diferentes, agora já não tenho. Não é possível que o *Sei contornar qualquer sistema de alarme* e o *Aconteceu alguma coisa?* venham dos mesmos polegares.

A não ser que alguém esteja a tentar enlouquecer-me. A ideia azeda-me o estômago, fazendo com que o esparguete e a carne que acabei de engolir se ponham às voltas numa papa nauseante, porque é inteiramente possível. Talvez até fosse a mesma pessoa que enviou a carta com a letra do meu marido, coisa que a minha formação me diz só poder ter vindo de um sociopata.

— Iris, querida, ouviste uma palavra do que eu estava a dizer? — pergunta a minha mãe do outro lado da mesa.

Imobilizo o meu garfo a meio de um movimento para enrolar o esparguete, ergo o olhar e vejo-a a observar-me com a testa franzida de preocupação.

— Desculpa, o quê?

— Estávamos a falar dos nossos planos, e a dizer que o James precisa de voltar para casa este fim de semana.

Ele confirma isto com um sorriso apoloético.

— Tenho um dia inteiro de cirurgias na segunda, e preciso mesmo de um dia ou dois em casa para organizar as minhas coisas. Espero que compreendas.

— Não tens de me pedir desculpa por teres a tua própria vida e carreira. Vai. Claro. Eu fico bem.

— Volto no próximo fim de semana e depois vemos como estão as coisas. — Diz isto para a mesa, mas, acima de tudo, para Dave, e é então que percebo que James planeia voltar para Savannah sozinho. Vai deixar o meu irmão aqui.

Olho para a minha família em volta, perguntando-me que mais da conversa me escapou.

— Quais são os planos dos outros?

— Nós ficamos — dizem, praticamente em unísono.

— Não têm de voltar para o trabalho? — pergunto aos meus pais, e depois viro-me para Dave. — Então é a *tua* carreira? Não tens visitas na próxima semana?

— Peço a um colega para as fazer. — Encolhe um ombro, como se dissesse *sem problemas*, mas sei, por acaso, que isso é uma treta. O negócio imobiliário é um mundo duro, e os tubarões do seu escritório são notoriamente sedentos de sangue, sempre a tentar agarrar os clientes dos outros agentes. A culpa corrói-me as entranhas.

O meu olhar desvia-se para a minha mãe, depois para o meu pai, ambos patentemente silenciosos. Vejo um milhão de coisas na forma como olham para mim — preocupação, determinação, obstinação. Também não tencionam partir neste fim de semana. De facto, a minha mãe parece pronta para se acorrentar à cadeira e prendê-la ao chão.

— Não precisam mesmo de ficar. Eu estou bem.

A minha mãe parece insultada quando o sugiro, e está a abanar a cabeça mesmo antes de eu terminar.

— O teu pai e eu já tratámos das coisas nos nossos empregos, e nós queremos ficar. Ficamos contentes por ficar, enquanto precisares de nós.

Uma quente onda de calor pela minha querida mãe sobe-me pelo peito. Se fizesse o que queria, estaria a mudar-se para aqui e a obrigar-me a comer três refeições por dia até eu estar pronta para começar a ter encontros. É estranho que eu queira algum tempo sozinha? Não sou introvertida. Adoro a minha família e normalmente desejo que vivessem mais perto. As recentes viúvas costumam recear este momento, quando as pessoas fazem as malas e regressam para as suas vidas, deixando-as sozinhas com a sua dor. E aqui estou eu a tentar convencer a minha família a partir.

Pouso o garfo e digo o mais suavemente que consigo:

— Adoro ter-vos aqui, mas, por mais que agradeça por terem ficado comigo esta semana, e agradeço mesmo, não vou estar muito tempo em casa. Vou voltar para o trabalho na segunda de manhã.

As sobranceiras da minha mãe descaem sob o peso da sua preocupação.

— Tão depressa?

Faço um aceno afirmativo.

— Seria isso que eu me diria para fazer, se fosse minha paciente. Voltar à vida e rotina normais, estabelecer para mim uma nova normalidade. E, honestamente, estou até ansiosa por voltar a estar no meio de miúdos que têm a cabeça ainda mais lixada do que a minha. Talvez possa ajudar. — Quando ela não faz o mais pequeno sorriso com a minha piada, estendo a mão sobre a mesa para cobrir a sua. — Mãe, eu sei o que estou a fazer. Prometo-te.

Ela lança um rápido olhar ao meu pai, que lhe faz um encolher de ombros

que diz é-contigo. Abana a cabeça, a sua expressão de teimosia a pronunciar-se ainda mais.

— Não gosto da ideia de ficares aqui sozinha.

— Vou ter com a Elizabeth para jantar, ou convidá-la para vir cá a casa. Não a vejo nem falo com ela, com nenhuma das minhas amigas, aliás, desde a cerimónia fúnebre. Vai ser bom.

— É uma ótima ideia. Faz o que precisares de fazer — diz a minha mãe. — Eu vou continuar a trabalhar nos planos para o funeral e, agora que o tempo está a aquecer, os caixilhos das janelas precisam de uns...

Tento chegar a um consenso.

— Porque é que não vão a casa durante alguns dias, tratam das coisas que precisarem de tratar por lá e depois voltam para o final da semana? Vamos ter o fim de semana todo.

— Eu tenho uma ideia melhor — diz Dave, a intrometer-se, de costume, para me salvar. — Porque é que não nos encontramos antes todos na casa dos pais no próximo fim de semana? Fica mais perto para nós e assim a mãe e o pai não têm de fazer a viagem outra vez.

Faço um aceno entusiástico.

— Honestamente, não me importo nada de sair da cidade uns dias.

— Não sei... — hesita ela.

— Jules, ela fica bem — diz o meu pai, piscando-me o olho. — Não ficas, pequenina?

— Completamente. E parto diretamente da escola, na sexta-feira, para chegar lá a tempo do jantar.

Em minoria, a minha mãe concorda com relutância e o meu pai desvia a conversa para os planos para o fim de semana. Há uma nova churrascaria na cidade que ele está desejoso de experimentar, e talvez pudéssemos ir todos ver um filme no novo Cineplex, onde servem vinho e têm grandes cadeiras reclináveis. Sorrio e faço um *hum* como se adorasse a ideia, mas, entretanto, estou a contar os segundos para ficar sozinha.

Há uma coisa que preciso de fazer, e não consigo fazê-la enquanto algum deles estiver comigo.

Depois do jantar, retiro da minha mala um cheque em branco e uma gorjeta de cem dólares para o Big Jim, entrego-os ao meu pai e subo as escadas. A adrenalina que me sustentou ao longo do dia está há muito esgotada, e a exaustão pesa sobre mim como um manto de chumbo.

O Big Jim está agachado no chão mesmo à entrada do meu quarto, a arrumar a caixa de ferramentas. Tropeço na sua bota industrial.

— Cuidado — diz, agarrando-me com uma mão em volta do pulso. — Não vai servir de nada a ninguém com os ossos partidos.

Não lhe digo que já não tenho ninguém, nem que um osso partido magoa muito menos do que um coração partido. Recomponho-me e digo-lhe que estou bem.

Um novíssimo painel de alarme está pendurado na parede por cima da sua cabeça.

— Ia mesmo agora chamá-la. — Levanta-se e sacode as calças. — Tem um minuto ou dois para lhe mostrar?

Tenho os olhos a arder, o cérebro numa névoa, e o meu corpo anseia para se enfiar debaixo dos cobertores, mas anuo.

— Explique lá.

— Muito bem. Por agora, o sistema está programado com o código com que vem por defeito, mas, assim que eu acabar, deve mudá-lo para o seu. Vai usar o código para ligar e desligar o sistema, e também para quaisquer mudanças que queira fazer nas definições no painel, por isso tenha o cuidado de usar uma combinação que saiba de cor. E está a ver estes três botões aqui? — Aponta para uma fila vertical de quadrados, símbolos universais para a polícia, incêndio e ambulância. — Estes são os seus botões de pânico. Tem mais dois junto à cama, escondidos atrás de cada uma das suas mesas de cabeceira. Tem de os carregar por um mínimo de três segundos, e tem de ter a certeza de que o quer fazer, porque nós aparecemos com armas em riste, sem fazer perguntas. Se for um alarme falso, vai receber uma bela conta.

— Percebido.

— Ótimo. Agora, o seu código de emergência está marcado com os números no meio do teclado, 2580. Esse é outro que vai ter de mudar assim que eu terminar.

— Para quê usar um código de emergência em vez do botão de pânico?

— Para o caso de alguém lhe apontar uma arma à cabeça e ficar a olhar por cima do seu ombro enquanto desarma o sistema.

Os meus olhos ficam esbugalhados.

— Isso acontece?

Big Jim faz um aceno afirmativo, o queixo carnudo a abanar.

— Aconteceu há pouco tempo a um casal em Buckhead. Dois homens armados surpreenderam o marido quando ele estava a entrar pela garagem e ameaçaram-nos com as pistolas até eles lhes passarem todo o dinheiro e artigos valiosos. Se o marido não tivesse usado o código de emergência, provavelmente estavam os dois mortos.

— Jesus. — Tento respirar fundo para me acalmar, mas não funciona. A ideia de alguém a perseguir-me pela minha própria casa, a ameaçar-me com

uma pistola até eu lhes passar quatro milhões e meio que não tenho, lança um exército de formigas em marcha pela minha pele.

Ele aponta para um número 800 no interior da tampa do teclado.

— Ligue para este número assim que eu sair e estabeleça o seu código. É uma medida de segurança suplementar, e os nossos operadores vão pedi-lo de cada vez que ligarem. Se tiver um bandido ao seu lado, dê-lhes a palavra errada que isso será o sinal para enviarem a cavalaria. Não se preocupe se se esquecer de alguma destas coisas. Está tudo explicado ao pormenor no manual de utilizador que lhe vou deixar antes de me ir embora.

— Dê-o ao meu pai, pode ser? É ele que tem o seu pagamento, e a minha mãe deixou o seu jantar lá em baixo, para quando estiver despachado.

Big Jim dá uma palmadinha na barriga e sorri.

— Eu estou sempre despachado.

Depois de ele se ir embora, descalço-me, retiro o telemóvel do bolso e atiro-me para a cama. Não tenho mensagens novas, nada de nenhum dos números, e não sei se deva sentir-me aliviada ou desiludida. As duas coisas, talvez. Alívio por um, desilusão por outro.

Abro a caixa de mensagens com o número 678, o que termina com duas ameaças. **Diz-me onde o Will escondeu o dinheiro senão vais juntar-te a ele. Eu sei contornar qualquer sistema de alarme, para que saibas.** Nem pensar em responder a qualquer uma destas.

Recuo, clico na conversa com o número bloqueado. **Para quê o alarme, Iris? Aconteceu alguma coisa?**

Penso em quem poderia estar preocupado comigo para além das pessoas que estão a arrumar a minha cozinha em baixo — os meus colegas, as minhas amigas, os vizinhos simpáticos da esquerda e em frente. Nenhum deles me enviaria uma mensagem de um número bloqueado. Pressiono os dedos nos olhos e esfrego. Talvez esteja demasiado cansada. Stressada. Esgotada e confusa por estar deitada na cama que em tempos partilhava com Will. Nada disto faz qualquer sentido.

Antes que consiga pensar nos prós e contras de voltar a falar com quem quer que esteja do outro lado do número bloqueado, os meus polegares começam a escrever. **Porque é que isto te interessa? Quem és?**

A resposta entra no meu telemóvel dois segundos depois, como se a pessoa do outro lado tivesse estado à minha espera o tempo todo, de polegares colados ao ecrã. Sou amigo, e quero que estejas em segurança. Diz-me quem anda atrás de ti e porquê. Quero ajudar.

EU: Não brinques comigo. Se sabias que eu estava em Seattle e pus um alarme, também sabes do

dinheiro roubado.

DESCONHECIDO: Sei do dinheiro. Só não tinha a certeza de que tu soubesses.

EU: Foste tu que o roubaste?

DESCONHECIDO: Isso depende de em quem acreditas.

A última mensagem chega com uma chicotada. Até agora, a única teoria que ouvi a respeito de quem roubou o dinheiro foi Will, o que significa...

Não é possível. Um morto não envia mensagens.

Estou a ponderar na minha próxima jogada quando outra mensagem ilumina o meu ecrã.

DESCONHECIDO: Por favor diz-me o que posso fazer para ajudar.

EU: Não me parece. Só quando me disseres quem és.

DESCONHECIDO: Era o que mais queria, acredita.

Mas é melhor para ambos se continuar anónimo.

EU: Então qual é o objetivo? Porque é que me escreves?

DESCONHECIDO: Porque não posso estar aí.

O s escritórios da firma de advogados Rogers, Sheffield e Shea localizam-se no coração de Midtown, bem no alto das nuvens que pairam sobre Peachtree Street. O átrio de entrada é tudo o que se esperaria da mais prestigiada firma de advogados de Atlanta. Mobiliário moderno, paredes de vidro sem molduras a oferecer uma vista desafogada da baixa e um percurso de vinte passos até à rececionista morena que podia trabalhar como modelo nas horas livres.

— Iris Griffith, para falar com Evan Sheffield.

Ela acena para uma fileira de cadeiras de pele junto à janela.

— A assistente dele já vem ter consigo. Entretanto, posso trazer-lhe alguma coisa para beber?

— Água, talvez, muito obrigada.

O que agradeceria mesmo era poder sair daqui. Apanhar o elevador para o parque de estacionamento, seguir diretamente para o meu carro e voltar de imediato para casa. Não tanto pelo receio do que estou ali para dizer, embora admitir que o meu marido é um mentiroso e um ladrão já seja suficientemente mau. Não, o meu impulso para bater em retirada é mais alimentado pelo medo. Na última vez que vi Evan, os seus olhos pareciam assombrados, e têm-me assombrado a mim desde então.

A assistente conduz-me para o gabinete de canto, onde Evan está sentado a uma mesa redonda na parede em frente. Deixou crescer a barba, desde que o vi pela última vez, uma áspera extensão de pelo louro-escuro que se projeta da metade inferior do seu rosto, não sei se como um ousado dedo do meio mostrado ao mundo empresarial ou um testemunho de que o peso da sua dor é demasiado alto para o conseguir suportar.

Estendo uma mão.

— Olá, Evan.

Ele tem o casaco do fato dobrado sobre a cadeira ao seu lado, as mangas enroladas até debaixo dos cotovelos. É uma tentativa para parecer relaxado, mas não funciona. Tem as costas curvadas, os ombros descaídos, e o rosto, quando se abre numa pobre tentativa de sorriso, parece magoado e maltratado. Ergue o corpo enorme da cadeira e estende um longo braço por cima da mesa, agitando o meu sobre um balde de gelo e uma bandeja com todas as marcas de água engarrafada imagináveis.

— Que bom voltar a vê-la, Iris. Perguntava-lhe como se tem estado a aguentar, mas detesto essa pergunta, e, além disso, tenho a certeza de que já sei a resposta.

Claro, ele sabe. Sabe que o vazio que a Liberty Air abriu na sua vida é permanente, tal como aquele espaço oco dentro do seu peito. Sabe que se pode passar horas com os olhos perdidos no espaço, numa tortura de desfiles infundáveis de e-ses. E se ela tivesse ficado presa no trânsito? E se tivesse desistido do seu lugar em troca daquele cupão de quinhentos dólares que as companhias aéreas estão sempre a usar como aliciamento para voos com sobrerreserva? E se, e se, e se? Ele sabe estas coisas, por isso não vale a pena dizê-las em voz alta.

— Obrigada por se encontrar comigo tão em cima da hora — digo antes.
— Sei que teve de alterar algumas coisas.

Ele faz um aceno para dizer que não tinha importância.

— A Iris é que é a psicóloga. É estranho que eu me quisesse encontrar consigo?

Deixo-me cair numa cadeira na diagonal com a dele, a sua brutal honestidade a soltar alguns dos nós nos meus ombros.

— É engraçado, eu estava justamente a pensar se seria muito esquisito se eu desse meia-volta para o carro.

— É a minha vivacidade de espírito e personalidade esfusiante? — Faz um sorriso autodepreciativo, indicando a sua estrutura gigante. — O meu corpo de Herman Munster e charme de He-man?

— São os seus olhos, na verdade. — Respiro fundo e olho-os de frente, e são tão horríveis como me lembrava. Um bonito verde-musgo, mas estão vermelhos em volta das pálpebras, e a pele em redor está inchada e cruzada de rugas que sei serem de desespero. — Olhar para eles magoa-me o coração.

Ele estremece, mas não desvia o olhar.

— Não mais do que olhar para os seus magoa o meu.

— Deve ser masoquista, então.

Ele sopra uma gargalhada destituída de humor.

— É tudo relativo, hoje em dia, não é?

Não há mesmo nada a responder a isto, por isso não digo absolutamente nada. Fico antes a olhar para a janela, a ver um par de falcões pairar e depois mergulhar contra as fofas nuvens brancas. Enquanto Dave e eu andávamos a perseguir o passado de Will por Seattle, um grupo de trinta ou mais pessoas embarcaram num avião privado da Liberty Airlines e viajaram para o local do acidente. Vi as imagens no *Huffington Post*, o perfil de Evan a destacar-se acima das outras silhuetas escuras, solenes figuras de mãos dadas ou abraçadas num campo queimado, ensopado com a essência das pessoas que

perderam. Vi-as e pensei: *Não consigo*. O que diz isto a meu respeito — uma psicóloga, pelo amor de Deus —, que eles consigam e eu não?

— Uma das lições que aprendi esta última semana — diz Evan, a voz a trazer-me de volta — é que ninguém compreende o que eu e a Iris estamos a passar. As pessoas pensam que compreendem, e muitas delas querem fazê-lo, mas não conseguem. Não realmente. A não ser que tenham perdido alguém da maneira que perdemos, não conseguem.

A dor cresce como uma maré súbita, intensa e avassaladora. Evan acabou de tocar uma grande razão por que os grupos de enlutados são tão populares. Somos desconhecidos no mesmo barco, ambos encurralados num poço de mágoa. Pelo menos, ajuda saber que não se está a passar por isso sozinho.

— Não é só o ter perdido o Will, é... — Faço uma pausa, à procura da palavra certa.

Mas ou Evan já tinha pensado o mesmo ou o seu cérebro é muito mais rápido do que o meu.

— É o horror do como.

O meu acenar de cabeça é imediato.

— Exatamente. É o horror do como. É para onde vou de cada vez que fecho os olhos. Vejo as suas lágrimas. Ouço os seus gritos. O seu terror bate-me no peito. É como se não conseguisse parar de recriar aqueles horríveis últimos minutos, pondo-me no seu lugar enquanto o avião se sacudia, girava e caía do céu.

Digo as palavras e pronto — estou a chorar. Foi por isso que não quis ir, que nenhuma força no planeta poderia obrigar-me a pisar aquele campo de milho. Quem disse que Deus não nos dá mais do que aquilo que conseguimos aguentar é um mentiroso, porque isto — esta dor que me atropela e esmaga como um camião, este peso de perder o Will que me comprime por todos os lados até não conseguir respirar — vai matar-me.

Evan empurra uma caixa de lenços sobre a mesa.

— Estou sempre a esquecer-me de que esta é a minha nova vida. Começo a enviar uma mensagem no atendedor da Susanna, ou vou ao quarto da minha filha a meio da noite, com o biberão morno na mão, e só depois é que me lembro. O berço está vazio. A minha mulher e a minha bebé morreram.

— Jesus, Evan — digo, com a voz embargada. Puxo um lenço da caixa e passo-o pela cara. — Há uns dias, recebi uma chamada de uma jornalista que alegava que o piloto não tinha dormido e estava possivelmente ressacado. Qualquer coisa a ver com uma...

— Festa de despedida de solteiro, eu sei. Tenho uma pessoa em Miami, neste preciso momento, a fazer perguntas. Até agora, nada.

— Já falou com Tiffany Rivero?

— Quem?

Faço a Evan um rápido resumo das minhas conversas com Leslie Thomas, e ele fica completamente imóvel. A sua expressão não se altera. Não fosse o rubor arroxeadado que sobe de debaixo do colarinho da camisa, pensaria que não me tinha ouvido.

— A história ainda não foi divulgada, por isso ela pode ser...

Ele martela um punho sobre a mesa, fazendo chocalhar o gelo no balde.

— Eu sabia. Sabia que aqueles cabrões estavam a esconder alguma coisa. Um avião não cai do céu sem mais nem menos a não ser... — Faz uma pausa para respirar, três rápidos sopros que agitam os papéis na secretária. — Se isto for verdade, se houver o mais pequeno indício de atuação dolosa de qualquer pessoa dentro daquela cabine, vou tornar minha missão acabar com aquela companhia aérea e toda a gente lá dentro. Garanto-lhe.

— A psicóloga em mim diz que a vingança não vai alterar nada. A sua mulher e a sua bebé, o meu Will... vão continuar mortos.

— E o que diz a viúva?

Não tenho de pensar na minha resposta, nem por um segundo.

— A viúva em mim diz para acabar com os filhos da mãe.

— Feito. Vou falar pessoalmente com a Tiffany, voar para lá, se for preciso. — Passa uma mão pelo rosto, e a sua fúria dissipa-se tão rapidamente como chegou, metamorfoseando-se em mágoa. — Deus me ajude, se as minhas meninas morreram porque um idiota qualquer foi demasiado convencido para ligar a dar parte de doente...

Com a menção da sua família, ele parece à beira das lágrimas de novo, e sei o que sente, como se as suas emoções tivessem transtorno de personalidade múltipla. Porque lhe chamam luto, quando, na verdade, é todo um aglomerado de emoções horríveis, confusão, arrependimento e fúria, culpa e solidão, tudo embrulhado numa pequenina palavra?

— Não consigo aguentar a comida no estômago — ouço-me dizer. A honestidade de Evan soltou alguma coisa na minha, e as palavras saem por vontade própria. — Tudo me sabe a cartão, mesmo quando estou cheia de fome. Como e depois vomito. E sempre que estou agarrada à sanita, a vomitar, tenho um pequeno frémito secreto porque penso que talvez esteja grávida.

— Suponho que estivessem a tentar...

Anuo.

— Mas não há muito tempo, por isso as probabilidades não são muitas. A náusea deve ser psicossomática, ou esperança ilusória, ou só o simples desgosto, não sei. Mas não consigo deixar de pensar que, se tivesse um bebé, se tivesse este pequeno pedaço do meu marido a crescer dentro de mim, isso

tornaria as coisas um pouco mais fáceis.

— Acho que as tornaria bem mais fáceis. Nesse caso, sentiria que tinha alguma coisa por que viver.

As suas palavras desencadeiam um sinal de aviso no meu cérebro de psicóloga.

— Está a dizer que não tem?

— Estou a dizer que é horrivelmente difícil lembrar-me de que tenho, por vezes. Em especial às quatro da manhã, quando estou no quarto escuro da minha filha, a olhar para o berço vazio enquanto o seu choro ecoa na minha cabeça.

Uma onda de tristeza por este homem perfura-me o centro do peito, dizendo-me que, embora o meu próprio coração estivesse partido em pedaços, as coisas podiam ser ainda piores. Estendo a mão sobre a mesa e aperto brevemente a dele. O gesto é empatia, compaixão e solidariedade, tudo ao mesmo tempo.

Ele retira a mão da minha para esconder a cara com as duas, soprando longamente entre os dedos.

— Desculpe. Não veio aqui para eu ficar a chorar no seu ombro. — Ergue o olhar, a máscara moldada em algo semiprofissional. — Disse qualquer coisa sobre precisar de conselho jurídico. Tem alguma coisa a ver com o acidente?

— Não. Sim. Bem, mais ou menos, mas de uma forma meio *Quinta Dimensão*. — Lanço uma gargalhada forçada, mas sai forte e abrupta como um espirro. Depois olho para Evan e fico séria como ele. — Preciso de saber se posso ser responsabilizada pelos alegados crimes do meu marido.

O rosto dele permanece cuidadosamente inexpressivo.

— De que tipo de crimes estamos aqui a falar?

— Desvio de fundos, principalmente.

— Principalmente, hum? — Ele enche dois copos com gelo e passa-me um, oferecendo-me uma da dúzia de águas diferentes. Escolho uma lata de *Perrier* e ele abre-a com um silvo. — Isto parece-me a altura em que a devia avisar de que a nossa confidencialidade advogado/cliente só inicia quando pagar um adiantamento.

Estou quase a perguntar-lhe se está a falar a sério — sempre assumi que isto era uma coisa de Hollywood — quando ele acrescenta:

— Se estivéssemos num bar, diria para me pagar uma cerveja, mas, como não estamos, um par de dólares serve.

Retiro cinco notas de um da carteira e passo-lhas sobre a mesa.

— Comece pelo princípio — diz Evan, guardando o dinheiro no bolso.

E é o que faço. Conto tudo a Evan, começando pela manhã do acidente. Falo-lhe da conferência em Orlando e do trabalho que não existia em Seattle.

Conto-lhe como um cartão de condolências me conduziu ao treinador Miller e a Rainier Vista e ao incêndio. Falo-lhe da carta de peço-muita-desculpa, e do meu café com Corban, e do facto de Will lhe ter pedido para olhar por mim. Conto-lhe do meu passeio com Nick na BeltLine e como uma contabilista forense anda a vasculhar os livros da AppSec, neste preciso momento, em busca dos quatro milhões e meio desaparecidos. Falo-lhe do anel *Cartier* e das mensagens, tanto das do número bloqueado como as do 678, e que as ameaças me fizeram instalar um novo sistema de alarme topo de gama. É um tremendo alívio poder finalmente contar a alguém, e as palavras fluem sem esforço, sem hesitação. Evan ouve-as todas com uma expressão séria mas pétrea, e sem escrever uma única palavra no seu bloco amarelo.

Quando termino, ele empurra o bloco para o lado e apoia-se sobre a mesa com ambos os cotovelos.

— Muito bem, então, primeiro que tudo. A Liberty Air divulgou o nome de Will antes de a contactar?

— Sim. Só cerca de meia hora antes, mais ou menos, mas foi tempo suficiente para a minha mãe me ligar antes de eles o fazerem.

— Que bando de burros incompetentes. — Ele abana a cabeça, de sobrolho franzido. — Sabe que pode pedir o que quiser, não sabe? Se ameaçar levar este erro à imprensa, eles pagam-lhe o que quiser só para a fazer calar.

— Não quero nada deles, muito menos o seu dinheiro sujo de sangue.

— Diz isso agora, mas como vai ser daqui a uns meses, quando as contas se estiverem a acumular e a sua conta bancária estiver reduzida a um salário? E se estiver mesmo grávida? Vai precisar de cada cêntimo.

— Não, não vou. Descobri as apólices dos seguros de vida do Will há uns dias. Tenho três, com um total de dois milhões e meio. Financeiramente, vou ficar bem.

Evan inclina a cabeça.

— Está a dizer-me que não sabia que ele tinha esses seguros?

— Só sabia de um. O mais pequeno. Ele adquiriu os outros dois sem me dizer.

— Porque é que acha que ele fez isso, e por tanto dinheiro? A média nacional para alguém com esse perfil, casado, sem filhos, é menos de metade dessa quantia.

Encolho os ombros até às orelhas.

— Também nunca pensei que ele conseguisse roubar ou pegar fogo a alguma coisa, por isso, sei tanto como o Evan.

— Homicídio.

— O quê?

— Se foi ele que provocou o incêndio que matou a mãe e aqueles dois

miúdos, então, tecnicamente, cometeu homicídio.

Um dedo gelado percorre-me a espinha.

Evan bebe um longo gole do seu copo e depois mastiga um pedaço de gelo.

— Muito bem, então, temos aqui várias coisas. Se o chefe dele conseguir provar que é o Will que está por detrás do desvio de fundos, pode ir agora atrás de si, mas só se o Will usou algum desse dinheiro para pagar coisas que possuem em conjunto. A Georgia é um estado de propriedade equitativa, o que significa que, se alguma parte desses fundos a beneficiou de alguma forma, a AppSec pode responsabilizá-la pela restituição, talvez até com multas. E virão atrás do anel, de certeza.

Empurro o *Cartier* o máximo que consigo pelo meu dedo acima, e fecho a mão com força.

— O Will deu-mo no dia em que morreu. Vão ter de me cortar o dedo para o tirarem.

— Vou garantir que não o consigam fazer, embora, muito provavelmente, tenha de entregar o dinheiro para cobrir o seu custo. E, se eles descobrirem a respeito do pagamento para o seguro de dois milhões e meio, também virão atrás disso.

— E podem?

— Não disse que conseguiam, só disse que iam tentar. E sei que não parece, mas, em termos da sua responsabilidade nas acusações de desvio de fundos, este ângulo do passado escondido é uma coisa boa. Podemos usá-lo para demonstrar que havia montes de segredos no vosso casamento, partes do seu marido que não conhecia. A sua vida passada em Seattle, o sogro que não sabia que existia, todas essas coisas vão testemunhar em seu favor. — Dá-me alguns momentos para digerir isto, preenchendo o silêncio ao voltar a encher os nossos copos. — *Okay*. Vamos passar às mensagens. Reportou-as à polícia?

— Ainda não. Quis falar consigo primeiro.

— Por muito que aplauda a sua espera — não imagina o número de condenações que consegui porque algum idiota não pensou em consultar primeiro o seu advogado —, já foi ameaçada fisicamente duas vezes.

— Por alguém que quer dinheiro que não roubei e a que não tenho acesso. A polícia não irá fazer montes de perguntas?

— Ah, pode contar com isso, em especial se o patrão do Will já deu início a uma investigação. Mas, Iris, como seu advogado, tenho de lhe perguntar. Contou-me tudo o que preciso de saber? Não a posso ajudar a não ser que conheça todos os factos, e não gosto de entrar em sítio nenhum às cegas.

— Sim, claro. Não tenho qualquer razão para mentir. Honestamente. Contei-lhe tudo de que me lembro.

Um dedo de culpa espeta-se entre as minhas costelas e desvio o olhar antes que ele o perceba. Há uma coisa que não lhe contei, uma coisa que não me atrevo a dizer em voz alta. É demasiado rebuscado, e vai fazer-me soar demasiado maluca.

— Nesse caso... — Bate com as duas mãos na mesa, levanta-se e vira a cabeça para a porta. — Vamos.

— Vamos aonde?

— À esquadra da polícia. Apresentar uma queixa.

— O quê, agora?

Ele faz-me um sorriso travesso. É tenso e forçado, mas capto uma baforada do velho Evan brincalhão, antes de acidentes de avião e berços vazios lhe sugarem a alegria da vida. — Não lhe vou cobrar mais por isso, prometo.

Evan leva-me de carro à esquadra mais próxima da minha casa, um edifício de pedra cinzenta em Hosea Williams Drive, que parece demasiado pequeno para servir uma cidade de mais de seis milhões de habitantes. O interior é como uma casa de banho pública, apinhado e sujo e a feder a detergente de força industrial misturado com odor corporal e o cheiro do medo. Homens de roupas desalinhadas estão sentados no banco no átrio, os pulsos acorrentados a uma barra de metal. Os seus olhares oleosos deslizam sobre mim, e aproximo-me um pouco mais de Evan.

O sargento na receção, um homem de cabelo grisalho com cerca de sessenta anos, cumprimenta Evan pelo nome. É um cumprimento cortês mas nada amigável, apesar dos modos descontraídos de Evan. Este apoia-se com um cotovelo sobre o balcão, como se estivesse num bar, explicando a situação e pedindo um formulário de assédio agravado num tom que soa como se o sargento fosse um velho companheiro de copos. O homem passa o formulário sem um comentário.

— Não parece muito simpático — sussurro por detrás do papel enquanto Evan e eu nos estamos a instalar numa fileira de cadeiras vazias na parede oposta.

— Isso é porque me detesta. — Evan não se dá ao trabalho de baixar a voz. Recosta-se na cadeira, cruzando um tornozelo sobre o joelho, e encolhe um ombro num gesto de não-importa. — Sou advogado de defesa. Ganho a vida a defender a mesma pessoa que os amigos se deram a grandes trabalhos para prender. Do ponto de vista dele, eu luto pela equipa errada.

O sargento franze os lábios e anui, mas não olha para nós.

— Como é que eu estou na equipa errada? — digo, magoada. — Não fiz nada.

— Vai correr tudo bem. Só tem de preencher essa coisa para podermos fazer a nossa queixa.

Devolvo o impresso e, dez minutos depois, estamos a voltar para o balcão da receção.

— O detetive Dreesch está? — pergunta Evan.

O sargento não ergue o olhar dos seus papéis.

— Não.

— E o detetive Willoughby?

A caneta imobiliza-se e, depois de um grande suspiro, ele recosta-se na sua cadeira e inclina o pescoço para trás para ver do outro lado da esquina.

— Detetive Johnson. É a única pessoa que está disponível.

Evan franze o sobrolho.

— É novo?

— É uma mulher, e sim. Acabada de chegar das ruas.

— Excelente — diz Evan, mas num tom que torna óbvio que não o é.

— Esperem ali. — O sargento aponta com a caneta por cima das nossas cabeças para a fileira de cadeiras de onde acabámos de sair e Evan e eu regressamos aos nossos assentos.

São uns bons quarenta minutos mais tarde é que ele nos conduz à detetive Johnson, uma agente baixinha com um rosto juvenil e feições bonitas puxadas por um rabo de cavalo bem firme. A sua postura é rígida e a expressão demasiado séria, uma jovem mulher com alguma coisa para provar. Faz-nos sinal para nos sentarmos junto à sua secretária imaculada, uma anomalia nesta sala atulhada e apinhada, onde a maior parte das superfícies horizontais parecem escondidas por pilhas de ficheiros em papel e chávenas de café sujas. Ela estuda o meu formulário, erguendo o olhar com o sobrolho franzido.

— Quem é o perpetrador?

— Temos esperança de que nos consiga dizer isto através do número de telemóvel — diz Evan antes que eu consiga inspirar para responder. Não pela primeira vez, penso em como estou contente por ele não me ter mandado ali sozinha. Nunca tinha feito nada como isto, nunca tinha tido qualquer razão para entrar num edifício da polícia antes de Seattle, e agora aqui estou pela segunda vez numa semana. Sinto-me completamente desequipada para esta tarefa.

— Assumindo que não é um telefone descartável — diz a detetive Johnson. Estuda as cópias das capturas de ecrã que a assistente de Evan imprimiu, as que detalham a minha conversa com o número 678. Quando

chega à da primeira ameaça, *diz-me onde o Will escondeu o dinheiro ou vais juntar-te a ele*, ergue o olhar. — Qual dinheiro?

— Quatro milhões e meio de fundos desaparecidos, alegadamente roubados pelo marido da senhora Griffith do seu local de emprego.

Ela olha de relance para mim, mas dirige a pergunta a Evan.

— Onde está o marido?

— Era um dos passageiros do Voo 23 da Liberty Airlines. A senhora Griffith é viúva.

Os olhos da detetive dilatam-se, mas, tanto quanto consigo perceber, não por compaixão.

— Então, onde é que está o dinheiro?

— A minha cliente apenas ontem soube do alegado desvio de fundos. Não sabe onde o marido possa ter guardado os fundos antes da sua morte. Não estão, definitivamente, em nenhuma das suas contas comuns. Podemos confirmar tudo isto com extratos bancários, claro.

A detetive Johnson recosta-se para trás na sua cadeira, subitamente muito mais interessada.

— Então, deixe-me ver se estou a perceber. O senhor Griffith desvia milhões...

— Alegadamente — interrompe Evan. — Tanto quanto sei, não foi feita nenhuma queixa formal.

Ela faz-lhe um olhar pouco divertido.

— O senhor Griffith foge, *alegadamente*, com mais de quatro milhões de dólares, depois desaparece num desastre de avião.

— Ele não desapareceu — diz Evan, as palavras e o tom cuidadosos. — Ele *morreu*, e da pior maneira que possa imaginar.

— E, entretanto, o dinheiro também desapareceu.

Ao meu lado, Evan cresce na sua cadeira.

— Não gosto daquilo que está a insinuar, detetive. A senhora Griffith perdeu o marido na semana passada, juntamente com cento e setenta e oito outras famílias que perderam maridos, esposas, pais e filhos. De certeza que não o pode estar a acusar daquilo que penso que está.

Mas, claro, Evan sabe exatamente do que está ela a acusar Will.

E eu também. O meu coração começa a esvoaçar como um pássaro preso atrás da minha caixa torácica, porque também sei. É a mesma coisa com que tenho passado grande parte dos últimos nove dias obcecada. Já o estudei de todos os ângulos possíveis, pensei em todas as possibilidades, e, de todas as vezes, uma única resposta continua a erguer-se como espuma.

Evan lê-o no meu rosto. Não diz uma palavra, mas o olhar que me dirige sim. Manda-me fechar a boca, guardar para mim o que quer que esteja a

pensar.

— Não estou a acusar ninguém de nada, senhor. Estou só a tentar compreender totalmente a situação para saber os passos que necessitam de ser dados para garantir a segurança da senhora Griffith. — Volta-se para mim. — Gostava de o ouvir da senhora.

— Não tenho mesmo mais nada a acrescentar, para além do facto de ter encontrado o número 678 numa fatura. O Will indicou-o como o seu número.

— O seu marido podia ter alguma razão para a ameaçar?

Evan dá uma palmada na secretária e inclina-se para a frente.

— O marido dela está *morto*, detetive. Lembra-se?

Ela não retira os olhos de cima de mim.

— Podia ou não?

— Claro que não.

— E tem a certeza de que o seu marido estava naquele avião. — Não é uma pergunta nem uma declaração, mas alguma coisa pelo meio. — Tem a certeza absoluta.

Quero saltar por cima da secretária impecável desta senhora, agarrá-la pelas orelhas e beijá-la na boca, porque não, não tenho a certeza absoluta. Não tive desde o segundo em que a minha mãe ligou por causa do que a Liberty Air fez. E se não tivesse sido um erro mas uma confusão, porque Will estava atrás de um computador algures, a introduzir o seu nome naquele manifesto de passageiros?

— Não — digo, ao mesmo tempo que Evan vocifera:

— Claro que tem a certeza absoluta.

A detetive ignora-o, o olhar escaldante sobre o meu.

— Não, não tem a certeza absoluta, ou não, não é verdade?

Engulo em seco, lançando com o olhar um pedido de desculpas a Evan, que está a abanar a cabeça.

— Não, não tenho a certeza absoluta.

O rosto de advogado de Evan contrai-se, e ele agarra-me num braço, levanta-me da minha cadeira e conduz-me para a ponta da sala, encostando-me a um espaço vazio da parede, encurralado entre um armário e um dispensador de água.

— Nem sequer sei por onde começar. Não, esqueça isto. Sei, sim. Iris, o Will está morto.

— Alegadamente — digo, usando o seu próprio termo, e ele ergue as mãos no ar. — Ouça, eu sei como isto lhe pode parecer estranho...

— Não me parece estranho, parece-me comprovadamente louco. O nome do Will está no manifesto dos passageiros. Encontraram a aliança dele no local do acidente.

— Sem um único arranhão. Como é que isso pode acontecer? E ainda não encontraram nenhum do seu ADN.

— Porque ainda estão a retirar partes de corpos da terra! Jesus, Iris, pense nisso! Vão levar meses até identificarem toda a gente.

— Tudo bem, e então as mensagens do número bloqueado? O Will é o único com alguma coisa a perder com a minha ida a Seattle, e ele consegue localizar o meu telefone para ver onde estava e quando voltei. E de certeza que saberia enviar-me uma mensagem de um número impossível de descobrir. E depois há a carta que apareceu misteriosamente na bancada da minha casa de banho, com a letra do Will e enviada pelo correio depois do acidente, a pedir-me muita desculpa. Acho que se referia ao facto de se ter ido embora, de me ter feito pensar que tinha morrido, de me ter partido o coração.

— A carta não apareceu misteriosamente, foi entregue na sua casa pelos serviços postais dos Estados Unidos. Pode ter dez anos, tanto quanto sabemos. Imagina como é difícil fingir a própria morte?

— Já fiz isto, sabe, já tive esta mesma discussão comigo mesma. Uma vez e outra e outra, um milhão de vezes na minha cabeça. E, claro, sei como me faz parecer comprovadamente louca. Foi por isso que fiquei calada há uma semana, embora devesse ter ouvido o meu instinto, que me diz que ele não morreu. Que me diz para procurar o dinheiro, porque é aí que o Will também está.

Evan passa uma mão pelo rosto.

— Gostava mesmo que me tivesse dito isto antes de entrarmos por aquela porta.

— Porquê, para me devolver os meus cinco dólares e mandar-me embora? — O meu tom é provocador e a minha voz aguçada por um sorriso, a minha patética tentativa de pedido de desculpa, embora não esteja arrependida. Se a detetive e eu temos razão, se o Will não está morto, tudo o que disser ou fizer para o encontrar é algo por que nunca pedirei desculpa.

Mas Evan não faz nem a mais pequena sugestão de sorriso.

— Não, para lhe poder dizer que fingir a própria morte não só é tecnicamente ilegal como impossível de fazer sem cometer um crime. Para além da fraude de identidade e evasão fiscal, aquele dinheiro da Liberty Air e do seguro de vida do Will? Se o aceitar, estará essencialmente a roubar.

A sua mensagem oblitera o meu sorriso.

— Ah.

— Pois. Ah. — O seu olhar passa por cima do meu ombro e a sua cara torna-se cuidadosamente inexpressiva. Viro-me e a detetive continua à sua secretária, a observar-nos com um olhar que não consigo decifrar. Ele vira-lhe as costas e coloca-se entre mim e ela. — Muito bem, novo plano. Vamos

voltar para ali e explicar à detetive não-sei-quantas que a Iris é uma viúva enlutada com uma imaginação fértil e muitas saudades, e depois sair daqui.

Na viagem de volta para o escritório, Evan e eu concordamos nalgumas coisas. Primeiro, adiar a discussão do é-ele-ou-não-é-ele até a companhia aérea descobrir evidências biológicas da presença de Will naquele avião ou até eu receber mais alguma mensagem do número bloqueado. Também devo documentar todas as mensagens que receber de ambos os números, fazendo capturas de ecrã e guardando-as numa Dropbox mútua que a assistente de Evan nos vai criar. E, finalmente, Evan vai passar o número 678 a um detetive privado com quem já tem trabalhado para o tentar descobrir.

— O departamento da polícia de Atlanta é bom — diz ele, parando atrás do meu carro no parque de estacionamento — mas está monumentalmente assoberbado e é mal pago. O meu homem vai ser muito mais rápido. Entretanto, ligue o seu alarme em casa e telefone-me assim que receber outra ameaça, sim?

Concordo, mas não abro a porta.

— Evan, quero pedir-lhe desculpa pelo que aconteceu ali. Sei que devia ter partilhado as minhas desconfianças muito antes de nos sentarmos com a detetive, mas quem é que consegue pensar uma coisa dessas? Não uma pessoa sã, de certeza. Até outra pessoa dar voz à ideia de que o Will pode estar vivo, não me permiti pensar isto sequer na minha própria cabeça, porque não quero ter esperanças infundadas. — Abano a cabeça. — Não estou a conseguir explicar muito bem, pois não? Nada disto faz qualquer sentido.

— Não, faz todo o sentido. E não está louca, esta situação é louca. Devo dizer-lhe que a minha reação foi menos de um advogado a olhar pelo seu cliente e mais de alguém que tentou procurar dentro de si genuína felicidade por outra pessoa ter descoberto que o marido está vivo e saiu de mãos a abanar. A única coisa que encontrei foi inveja. Sei que isto me faz parecer um idiota miserável e mesquinho, mas é assim mesmo. Sou um idiota miserável e mesquinho.

— Perdeu a sua família. Tem o direito de sentir todas essas coisas.

As sombras por baixo dos seus olhos parecem subitamente mais escuras, a linha de preocupação gravada na sua testa a aprofundar-se.

Despedimo-nos e eu levo a mão ao puxador da porta, mas depois lembro-me de mais uma coisa.

— Como é que ela se chamava?

— Ela quem, a detetive?

— Não. — Abano a cabeça. — A vossa filha, sua e da Susanna. Como se chamava?

Evan ficou mudo por um longo momento.

— Emmaline. — Pigarreia e diz o nome outra vez, oferecendo a palavra com reverência. — Emmaline. Chamávamos-lhe Emma.

— Muito bonito. — Aperto-lhe ligeiramente o braço e depois deslizo do banco do passageiro. — Vou pensar nela de cada vez que ouvir o nome.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

No domingo, a minha mãe não se quer ir embora.

— Estão dois empadões no frigorífico, ambos suficientemente grandes para partilhares com meio exército — diz. Estamos no meu alpendre da frente, a ver o meu pai lá em baixo na rua a enfiar as últimas coisas na bagageira. Dave e James partiram na véspera, e agora a minha mãe está a espremer cada último segundo desta despedida. — Pensei que podias convidar algumas amigas para virem cá esta semana. Liga à Lisa, ou à Elizabeth, ou à Christy. Pede-lhes para te fazerem companhia.

— Boa ideia. — Não estou tão entusiasmada como me obrigo a soar. Adoro as minhas amigas, mas, depois de quase duas semanas de companhia constante, estou ansiosa por um pouco de sossego. O luto, afinal de contas, é um empreendimento solitário.

— E congelei a sopa em doses individuais. Pensei que a podias levar para o trabalho para o almoço, ou coisa do género. Também tens massa para biscoitos preparada, num saco de plástico. Só tens de a enfiar no forno sempre que te apetecer alguma coisa doce.

— Mãe, há comida suficiente no frigorífico para me alimentar até ao Natal.

— Eu sei, é só que... — A preocupação enruga-lhe a testa. — Tens a certeza de que vais ficar bem? Não gosto mesmo nada da ideia de te deixar aqui sozinha.

— Não vou estar em casa na maior parte do tempo. Vou estar no trabalho, e provavelmente a fazer horas extraordinárias. É altura das admissões na universidade, por isso de certeza que vai haver bastante drama de que tenho de me pôr a par.

— São só cinco dias, Jules — chama o meu pai. — Ela vai ficar bem.

A minha mãe prepara-se para protestar, e eu enlaço o braço no seu e puxo-a contra mim.

— Ele tem razão, mamã, vou ficar bem, juro.

Ela faz um sorriso lacrimajante.

— Eu é que devia estar a consolar-te, sabes? Não o contrário.

— Se isso te fizer sentir melhor, prometo-te estar de rastos quando vos voltar a ver na sexta.

Ela ri-se e abraça-me.

— Liga-me a qualquer hora, *okay*? Posso estar aqui em três horas e meia.

— Eu sei.

— E vais ver aqueles sítios, como prometeste? Deixei-te as moradas na bancada da cozinha.

— Vou, prometo.

Acompanho-a ao carro, ofereço mais uma ronda de abraços e sorrio e aceno até o meu pai fazer desaparecer o carro na esquina. E depois volto a subir o jardim para casa.

A tarde estende-se pela minha frente como uma estrada aberta e vazia.

Sei exatamente como a vou preencher.

De volta a casa, retiro o telefone do bolso.

— Siri, onde se pode esconder quatro milhões e meio de dólares?

Siri debita uma lista de possíveis respostas, das quais extraio que um milhão de dólares em compactos maços de notas de um caberia num saco de mercearia, numa gaveta do frigorífico e num micro-ondas. A informação é ao mesmo tempo esclarecedora e ridícula. Porque quereria alguém um milhão de dólares em notas de um? Mas, tudo bem, assumindo que o Will arrumou antes o dinheiro em notas de cem ou mil, as dimensões continuariam a ser maneáveis. Mesmo com o novo alarme, esta casa não é propriamente a Reserva Federal e não há assim muitos lugares onde se pudesse esconder uma quantidade de dinheiro tão grande. Mas, por outro lado, Will é um engenheiro. Nunca lhe ocorreria guardar dinheiro num saco e andar com ele de um lado para o outro. Qualquer movimento de dinheiro deveria ocorrer onde se sentia mais à vontade: *online*.

Muito bem, então eu deveria procurar... o quê? Um número de conta rabiscado num pedaço de papel? Uma *pen* esquecida algures? A chave de um cofre de banco? Gemo com a perspetiva de andar à procura de um objeto desconhecido do tamanho do meu dedo mindinho.

Decido começar pelo sótão e ir trabalhando para baixo. Despejo caixas e sacos, verificando atrás de vigas e malas, procuro dentro de armários e debaixo de camas. Desvio mobília e puxo carpetes. Vou buscar uma chave de fendas à cozinha e abro cada ventilador, enfiando o braço no tubo o máximo que consigo. Vejo no frigorífico e nos depósitos dos autoclismos.

Toda a casa é um campo de minas emocional, cada sala armadilhada com explosivos. O casaco de Will pendurado num gancho junto à porta das traseiras. O seu sumo de laranja preferido no frigorífico, empurrado por um pacote de natas que ele nunca teve hipótese de deitar no seu café. O *poster* emoldurado que escolhemos juntos numa viagem a Nova Iorque pendurado no

corredor, as almofadas do sofá que ele achava sempre serem excessivas e atirava para o chão, a lâmina e um frasco de *aftershave* em cima do lavatório. Desenrosco a tampa e levo-o ao nariz, e o cheiro familiar faz-me sorrir ao mesmo tempo que os meus olhos se enchem de lágrimas.

De súbito, não consigo respirar. Conheço a ciência por detrás da minha reação — que o bolbo olfativo está ligado a áreas do cérebro que regulam as emoções e a memória — mas, mesmo assim, sou assaltada pela presença de Will. Vejo-o. Cheiro-o. Ouço a sua voz no meu ouvido, sinto as pontas dos seus dedos a deslizar pela pele das minhas costas. A sensação é tão esmagadora que o chego a procurar no espelho, mas não há nada atrás de mim senão a parede. A tristeza cai como chumbo na minha barriga, e volto a fechar o frasco, levo-o para o meu lado da casa de banho e sento-me no banquinho diante do espelho. As lâmpadas de cem watts por cima da minha cabeça não são meigas. Cabelo oleoso, pele abatida, uma borbulha a desabrochar no meu queixo.

Levanto-me, ligo o chuveiro e volto à gaveta do fundo, onde guardo as minhas máscaras faciais. Abro-a com força e o meu coração detém-se, depois acelera como o motor de um comboio de mercadorias, com força e a ganhar velocidade. Ali, em cima das caixas, embalagens e bisnagas, está outro bilhete, desta vez escrito num *post-it* azul-vivo.

Para de procurar, Iris. Esquece. Não te posso proteger se não o fizeres.

Toda eu me encho de pele de galinha, apesar das nuvens de vapor quente que saem da porta aberta do chuveiro, e dou meia-volta, sentindo Will tão seguramente como se ele ainda ali estivesse, mesmo atrás de mim. Quem pôs isto aqui? Como? Quando? Ainda não tinha aberto esta gaveta desde... antes do acidente? Sim, tenho a certeza disso.

Um pêntano de emoções aperta-se como um torno à volta do meu peito. Êxtase. Uma excitação de *eu-bem-dizia*. Um alívio tão intenso que me transforma os ossos em papa, e o meu corpo cai sobre o banco.

Will está vivo. *Tem* de estar. Este bilhete com a sua letra prova-o.

Um som agudo e histérico sobe pela minha garganta — meio riso, meio grito — e digo a mim mesma para me controlar. Se estivesse sentada no meu próprio sofá de psicóloga, explicaria a mim mesma que, ao desejar que Will esteja vivo, eu idealizo as minhas fantasias e não participo da realidade da sua morte. Que estou a usar a negação como mecanismo de defesa e a adiar o trabalho que devia estar a fazer — o de fazer o luto pelo meu marido. E, no entanto, não consigo convencer-me de nada disto, porque, desta vez, não há como negar a mensagem.

Para de procurar. Esquece.

E, desta vez, o bilhete veio sem um envelope. O que significa que tem de

ter sido Will a pô-lo aqui pessoalmente.

Agarro no meu telemóvel de cima da bancada e escrevo a pergunta que tem estado a dar voltas na minha mente como uma canção em *repeat*, desde aquela primeira mensagem. **Will, és tu?**

O meu coração comprime-se como um punho.

A resposta chega trinta segundos mais tarde. **Iris...**

EU: Iris o quê? É uma pergunta simples, com uma simples resposta de sim ou não. Ou és tu ou não és.

DESCONHECIDO: Nada nesta situação é simples.

Sou percorrida por uma centelha de fúria, rápida e cauterizante, e de repente farto-me de andar com rodeios. Quero uma resposta. Se o Will se vai dar ao trabalho de entrar às escondidas na nossa casa e deixar-me bilhetes manuscritos, o mínimo que pode fazer é admitir que é ele. Os meus polegares martelam uma resposta.

EU: Responde ao raio da pergunta. És ou não és o homem que me olhou nos olhos e prometeu até que a morte nos separe?

Contenho a respiração e espero por uma resposta que não chega.

EU: Diz-me! És?

Fico de olhos fixos no ecrã, à espera que a pessoa do outro lado me responda.

DESCONHECIDO: Peço muita desculpa. Nunca quis que nenhum dos meus problemas te atingisse.

Um som sufocado irrompe do meu peito.

EU: Preciso de o ouvir. Preciso que me digas.

DESCONHECIDO: Sim. Peço muita desculpa, mas sou eu. Sou o Will.

A resposta liberta toda a emoção que tenho mantido acumulada ao longo destes onze últimos dias. Angústia. Fúria. Mágoa. Alívio. Desespero. Explodem dentro de mim em feios soluços, saindo em ondas tão duras e rápidas que mal consigo respirar. O meu marido não está morto.

Carrego em ligar e, enquanto o número toca, ocorre-me. Will está vivo, e no entanto concebeu um elaborado plano para fazer com que toda a gente — incluindo eu, a sua esposa, a sua pessoa preferida no planeta — pensasse que estava morto. Conseguiu introduzir o seu nome naquele manifesto de passageiros, sabendo como isso me partiria o coração. Interrompo a chamada após o terceiro toque.

Chega lentamente, ao princípio, como uma tempestade a ferver à distância. A minha respiração vai-se tornando superficial e curta. As pontas dos dedos das mãos e dos pés começam a ficar dormentes. Olho para o papel entre os meus dedos, e uma coisa fria e dura forma-se na minha barriga. Serpenteia pelo meu corpo, ferve debaixo da minha pele e incendeia-se como querosene no meu sangue, e de repente estou a tremer. Will deixou-me de propósito, e por causa de dinheiro. Quatro milhões e meio.

Nunca ninguém me fez sentir com tão pouco valor.

Depois do duche, desço as escadas descalça e de cabelo molhado. A certa altura, debaixo da água a esquentar, quando estava a esfregar a pele com força suficiente para a fazer sangrar, a minha raiva endureceu com determinação. Will quer que eu pare de procurar? Quer que esqueça? Lamento, mas nem pense que vou parar agora.

Na cozinha, ligo a chaleira e tiro uma chávena do armário. Enquanto estou na despensa à procura de um saquinho de chá, um trio de novas mensagens assinala a sua chegada ao meu telefone, consecutivamente.

DESCONHECIDO: Peço muita desculpa por tudo.
Tens de saber, és a última pessoa no planeta que
alguma vez quis magoar.

DESCONHECIDO: Não quero envolver-te nos meus
problemas, e não quero que tenhas de mentir.
Se a polícia vier à minha procura, se te confiscarem
o telefone e descobrirem este número, não faz mal.
Não têm maneira de lhe seguir o rasto. Não vão
conseguir implicar-te.

DESCONHECIDO: Iris, estás aí? Por favor fala

Cerro os dentes, desligo o som e enfio o telefone na gaveta dos talheres.

Uma vez, quando ainda namorava com o Will, ele deixou-me pendurada. Ali estava eu, de saltos altos e um elegante vestido preto no bar Rathbun, entontecida de *martinis* e um amor novo, e ele esqueceu-se de que tinha um encontro comigo. Já sabia por essa altura que ele era viciado em trabalho e calculei que tivesse ficado absorvido nalgum *software* que estava a conceber e perdido a noção do tempo. As seis e meia deram lugar às sete e as sete às oito. A minha preocupação transformou-se em irritação e depois em fúria. Por fim, pus duas notas de vinte no bar e chamei um táxi, disparando uma mensagem mordaz no caminho para casa. Era uma pena que ele não tivesse estado no nosso encontro, disse-lhe, já que tinha sido o último.

Ele deve ter visto o seu telefone algures por volta das onze, porque foi então que começou a bombardear-me o telefone. Pediu desculpa. Suplicou o meu perdão. Sugeriu que nos baldássemos ambos ao trabalho no dia seguinte para ele me poder compensar. Prometeu-me que ia compensar-me muito. Não respondi a uma única mensagem.

Mas a sua óbvia agitação e constante perseverança conquistaram-me, e, pela meia-noite, cedi. Disse-lhe que ia para a cama e que falávamos no dia seguinte.

Quando ele apareceu à minha porta quinze minutos depois, ainda frenético de preocupação, deixei-o entrar. Tentei continuar zangada, tentei realmente, mas fui acalmada pelo seu corpo contra o meu, pelo ritmo da sua pulsação no meu pescoço, pela forma como os seus lábios eram macios mas os braços fortes, enquanto me conduziam pelo corredor até ao quarto. Quando o despertador tocou na minha mesa de cabeceira na manhã seguinte, Will e eu ainda estávamos ocupados, e nenhum de nós pensava em trabalho.

Mas esquecer um encontro não era o mesmo que escolher o dinheiro em meu detrimento, e não está sequer na mesma estratosfera de se simular a própria morte e partir o coração da esposa. Desta vez, não me deixarei acalmar.

Deixo o telemóvel onde está, fechado numa gaveta escura com os garfos, facas e colheres e vou buscar o meu portátil à mesa. Preciso de recuar, concentrar-me nos factos e começar pelo princípio. Quatro milhões e meio não são propriamente uns trocos. Não é possível tirá-los das contas da empresa sem alguém reparar. Se descobrir como ele os tirou, talvez consiga encontrar uma pista para o local onde os escondeu.

Levo o computador para o sofá e escrevo «esquemas de desvio de fundos empresariais» no campo de busca do Google. Um diretor financeiro da

Califórnia embolsou quase nove milhões. O diretor de uma indústria de processamento de carne em Chicago fugiu com mais de setenta milhões. Um vice-presidente de uma empresa de *merchandising* da Costa Oeste roubou sessenta e cinco milhões de dólares num esquema de subornos, depois perdeu tudo no jogo. Mais perto de casa, um gestor de Recursos Humanos de Savannah roubou mais de quarenta milhões em transferências fraudulentas.

E depois o meu olhar cai sobre um artigo ao fundo da página, e o meu coração dispara. Com os dedos a tremer, clico no *link*, que me transporta para um *site* onde se faz o perfil dos maiores mistérios não resolvidos da nação.

Em meados dos anos 90, um homem de nome Javier Cardozo foi acusado de roubar mais de 73 milhões ao seu empregador, um banco de crédito imobiliário em Boston. Quando a polícia chegou à sua casa para o prender, irromperam pela porta para descobrir a televisão ligada e um prato ainda meio cheio com macarrão morno em cima da bancada, mas nada de Javier. Tanto ele como o dinheiro, cada cêntimo dos 73 milhões, tinham desaparecido.

Dentro de um ano ou dois, será acrescentado o nome de Will a esta lista?

Regresso aos esquemas de desvio de fundos e vou percorrendo os *links*. Com eles, aprendo duas coisas. Primeiro, quatro milhões e meio são trocos. De certeza que Nick e o conselho de administração da AppSec pensam de maneira diferente, mas a quantia é pequena, comparada com as outras que encontro.

Segundo, o dinheiro é quase sempre levado por alguém com acesso direto às contas. Um membro da administração, um diretor de finanças, alguém que controle a faturação ou pagamentos dos funcionários. Will era engenheiro de *software*. As suas competências em programação podem ter conseguido bons negócios para a AppSec, mas como poderia ele ter feito sair o dinheiro? Tem de haver mais alguém envolvido. Alguém mais acima na empresa, alguém que abriu o caminho a Will ou lhe cobriu o rasto.

O que me leva de novo a Nick. Ele não mencionou a investigação a quaisquer outros funcionários, mas, por outro lado, estava a ser propositadamente vago, e, tecnicamente, não me ameaçou. Também disse que o seu emprego estava em jogo, por isso não é muito rebuscado pensar que pode estar desesperado. Suspiro e volto a afundar-me no sofá, empurrando o meu computador para o lado e pegando no bloco do meu pai. Viro as páginas à procura de uma em branco e anoto o que sei:

1. Desapareceu dinheiro na AppSec. Quatro milhões e meio, pelo menos.
2. Nick pensa que foi Will que o tirou, e, para ser

totalmente honesta, eu também.

3. O Will teria de ter transferido os fundos da conta da AppSec para uma que ele controlasse, e em múltiplas transferências ao longo de muitos meses, senão anos.

4. O dinheiro não está em casa, mas pode existir alguma pista de onde Will o escondeu.

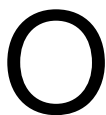
5. O Nick quer o dinheiro de volta. Tal como quem está no outro lado do número 678, e está disposto a matar por isso. Mesma pessoa?

O meu coração desfere uma batida mais forte com este último ponto, e sinto o sangue a pulsar na cabeça. Quem quer que seja não voltou a contactar, mas é apenas uma questão de tempo. Ninguém faz uma ameaça tão específica — *Diz-me onde o Will escondeu o dinheiro ou vais juntar-te a ele* — e depois desaparece no silêncio. E, a acreditar nas suas palavras, coisa que julgo dever fazer, ele sabe como contornar um alarme.

O ronco de um cortador de relva faz-se ouvir lá fora. Um cão começa a ladrar do outro lado da rua. Ambos os sons aceleram a minha pulsação, e revejo os meus passos depois de os meus pais saírem, quando tranquei as portas e introduzi o código no teclado para armar o sistema. Digo a mim mesma que estou bem. Estou em segurança, guardada pelo melhor alarme que o dinheiro pode comprar.

Mesmo assim, o meu coração não se acalma.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



cortador de relva parece vir mesmo do outro lado da janela da minha cozinha. Viro-me no sofá, e vejo de relance uma figura alta e escura antes de ela desaparecer na esquina da casa.

— Mas que...

Salto do sofá e corro para a janela lateral, espreitando pelo vidro e vendo um Corban sem camisa e de tronco suado. Tem a cabeça baixa, os músculos dos ombros tensos enquanto empurra um cortador por uma extensão de relvado que contorna o lado da casa até às traseiras. Atrás dele, alinhadas tiras de relva cortada jazem em filas perfeitas por metade do relvado. A outra metade continua alta e selvagem, graças a uma primavera invulgarmente húmida e às temperaturas que sobem rapidamente.

Sem pensar, abro a porta de rompante e uma sirene corta o ar. A cabeça de Corban ergue-se de surpresa e os seus pés estacam no relvado. Eu levo ambas as mãos aos ouvidos.

— Oh, merda!

Não há forma de ele me ouvir por cima daquela barulheira.

Baixa-se e carrega num botão no lado do cortador, como se isso ajudasse alguma coisa.

— Espere! — Atravesso o corredor para a frente da casa e introduzo o código no teclado. O guincho para instantaneamente, um segundo ou dois de abençoado silêncio antes de o telefone da casa tocar.

Arranco o aparelho da sua base na bancada da cozinha e caminho de volta para o jardim, a tentar obrigar o coração a acalmar-se. Pelo menos, sei que o alarme funciona. Qualquer intruso que não estivesse já a meio caminho da Florida por esta altura estaria no chão surdo ou morto de um ataque cardíaco.

— Estou?

— Recebemos um alerta para Ashland Avenue número 4538. Precisa que enviemos as autoridades?

— Oh, não, peço desculpa. Falso alarme, e a culpa é toda minha. Ainda estou a habituar-me a esta coisa, e esqueci-me de o desligar antes de abrir a porta.

— Pode, por favor, confirmar o erro?

— Pensei que era o que tinha acabado de fazer. — Saio para uma fatia de luz do Sol no jardim, onde Corban está parado, de mãos nas ancas, à entrada

do terraço. Aceno-lhe um sinal de *está tudo bem* e ele regressa para o cortador.

— Preciso de ouvir o código, minha senhora.

É verdade, a palavra de código. A que o Big Jim me disse que iam pedir de cada vez que falasse com eles ao telefone, a que os faz perceber que está tudo bem.

— Râguebi.

— Obrigado, minha senhora. Bom-dia.

Largo o telefone numa mesa de pedra e viro-me para Corban com um aceno de desculpa.

— O que está aqui a fazer?

Corban olha vincadamente para trás de si, onde se vê uma tira de relva acabada de cortar, e de novo para mim.

— Estou a cortar a relva.

— Isso dá para ver, é só... O meu serviço de jardinagem vai ficar mesmo confuso quando aparecer aqui na terça de manhã. Vão pensar que os ando a trair.

Corban faz-me um sorriso que dizia *Paciência*.

— É sempre melhor manter esse pessoal preocupado. Os homens trabalham melhor se pensarem que têm concorrência.

Antes que eu possa responder, ele puxa o cordão para ligar o cortador e volta para o trabalho.

Enquanto Corban termina, vou buscar duas *Heinekens* à cozinha e levo-as para o terraço, sentando-me numa das cadeiras sob um raio de sol de final de tarde. Inspiro o perfume da relva acabada de cortar e aprecio a amargura da cerveja na minha língua, enquanto observo Corban a empurrar o cortador da relva para a frente e para trás pelo meu relvado como se não pesasse nada.

É, realmente, um belo espécime de homem. Magro, escuro e brilhante de suor, os músculos volumosos por baixo da pele. Talvez tenha sido por isso que o Will não nos apresentou, porque teve medo da concorrência. Devia ter visto como as raparigas se atiravam a Corban no ginásio. Talvez Will tivesse medo que eu fizesse o mesmo.

Penso no meu marido e o meu coração descreve um salto feliz ao mesmo tempo que a mágoa regressa de chofre, afiada e tão pesada como antes. A recordação injeta calor nas minhas veias. Will preferiu o dinheiro a mim, a nós. Ótimo. A fúria é boa. Porque a dor vai fazer-me chorar e, se começar, tenho medo de não conseguir parar.

Corban chega ao fim do relvado, carrega no botão e o jardim mergulha no silêncio.

Pego na segunda garrafa, agitando-a no ar.

— Uma cerveja pelo seu trabalho.

— Obrigado. — Corban puxa uma *t-shirt* do bolso de trás e usa-a para limpar a cara, passando por cima da relva acabada de cortar. — Nada melhor do que uma cerveja fresca depois de se cortar a relva. Nada. — Aceita-a com um aceno agradecido, tocando com ela contra a minha. — À nossa.

Ambos bebemos um longo gole das nossas garrafas. Corban enterra-se na cadeira ao lado da minha.

— Então — começo. — Cortar-me a relva cai na categoria de olhar por mim?

— Sim, e, enquanto aqui estou, posso aproveitar para tratar de mais alguma coisa de que precise. Um quarto que tenha de ser pintado, talvez, ou um cano entupido. Também limpo caleiras. E quando foi a última vez que mudou o óleo do carro?

Sinto uma pontada de dor ao lembrar-me daquela manhã chuvosa, onze dias antes, quando o Will me perguntou a mesma coisa enquanto estávamos enroscados na cama, mas engulo tudo, juntamente com mais um pequeno gole de cerveja.

— Estou a ver que cumpre todos os requisitos para um faz-tudo.

Um sorriso autodepreciativo abre-se num dos lados do seu rosto.

— É uma das poucas vantagens de se ter crescido com défice de atenção. Aprende-se a fazer muitas coisas, quando não se consegue ficar sentado parado durante mais de trinta segundos. Além disso, não tinha o meu pai por perto para tratar das coisas. Era o mais velho de cinco filhos, e a minha mãe precisava de toda a ajuda que pudesse ter.

A minha formação de psicóloga intervém antes que me consiga conter.

— É muita responsabilidade para um miúdo.

Ele encolhe um ombro.

— Não me importava. Até gostava de poder dar ordens aos outros miúdos. Não que as minhas irmãs alguma vez me ouvissem. Ainda não ouvem. São teimosas como mulas, como a nossa mãe. — O seu sorriso fácil diz-me que ele as ama por isso mesmo.

— Porque é que o Will nunca nos apresentou? Quero dizer, é óbvio que ele lhe falou muito de mim, mas escondeu-me sempre a vossa amizade. Porque é que acha que ele fez isso?

Se Corban fica surpreendido pela minha súbita mudança de assunto, não o demonstra. Recosta-se para trás na cadeira e respira fundo.

— Já me fiz essa mesma pergunta pelo menos um milhão de vezes. O Will não era propriamente um tipo espontâneo, por isso tenho a certeza que ele tinha uma longa lista de razões bem pensadas, mas, pela minha vida, não consigo pensar em nenhuma explicação que não esta. Talvez a nossa amizade

não fosse tão boa como eu tinha assumido. Quero dizer, pensei que éramos íntimos, mas talvez estivesse enganado.

— E, no entanto, não deixou de fazer todo este caminho para vir cortar a relva da viúva.

— Não é assim tão longe. A minha casa é já ali.

Sei que Corban está a agradecer, a tentar aligeirar qualquer sentido de obrigação moral que o trouxe aqui desde os subúrbios de Atlanta, mas o seu tom comporta uma nota que me diz que o assunto é tudo menos jovial. Ele está magoado pelo facto de o meu marido me ter escondido a sua amizade, o que, a meu ver, torna ainda mais admirável que tenha vindo aqui hoje.

— Obrigada, Corban. Não tinha de fazer nada disto, mas agradeço que esteja a olhar por mim.

— Tenho todo o gosto nisso. Porque, honestamente, agora que sei o que sei... — Olha para mim, e alguma coisa perpassa no seu rosto, algo que o faz parecer envergonhado. — Tenho pensado que se calhar o problema estava em mim.

Pouso a minha cerveja numa base de pedra.

— O que quer dizer com isso?

— Já lhe tinha dito que me parecia que o Will andava com um comportamento estranho. Vi os sinais, registei-os, mas nunca reagi, nem uma única vez. Nem sequer quando ele me fez prometer olhar por si. Vamos ser honestos, não se pede a um amigo para olhar pela sua esposa se não se tiver medo que aconteça alguma coisa. Mas nem por uma única vez me sentei e disse: *Ei, meu, o que é que se passa contigo? Precisas de ajuda nalguma coisa?* — Ele encolhe muito os ombros, depois deixa-os cair. — Parece-me que eu é que fui o amigo merdoso nesta equação, não ele.

Bebo um longo gole da minha garrafa, mas o líquido frio não consegue diluir o súbito nó na minha garganta. Corban pode ter sido um amigo merdoso, mas o que é que isso faz de mim? Que espécie de mulher não repara quando o marido está num sarilho tão grande que a única saída é simular a própria morte? Uma mulher ainda mais merdosa. A resposta deixa-me tonta e inquieta, como se tivesse subitamente ficado sem chão. Planto os pés no pavimento e as mãos no assento duro, debaixo das pernas, procurando contacto com a terra.

A confissão de Corban põe-nos no mesmo campo de jogo, de certa forma. No que diz respeito ao meu marido, fomos ambos traídos, ambos falhámos. É a única desculpa que tenho para o que digo a seguir.

— Desapareceu algum dinheiro da empresa do Will — digo, observando um esquilo a passar num ramo próximo. Não suporto ver a surpresa que imagino subir pelo rosto de Corban, ou, pior, a crítica. — Muito dinheiro, na

verdade. Quatro milhões e meio, ou mais, de acordo com o chefe. Ainda não foi feita nenhuma queixa, mas é apenas uma questão de tempo. O pessoal na AppSec parece ter a certeza de que foi o Will.

Há um longo momento de silêncio. E depois outro.

Olho para Corban, e ele está a observar-me com um rosto muito sério. Fica assim mais uns segundos, e depois leva a mão ao estômago nu e desata a rir.

— Estou a falar a sério, Corban. Não é nenhuma piada.

Ele faz-me um olhar de *vá-lá*.

— O Will Griffith conduzia um *Toyota Camry* de 2004 com um buraco no chão e uma transmissão seriamente manhosa. Se tivesse arranjado dinheiro de repente, não acha que o teria esbanjado num carro melhor? Ou, que raio, sei lá, comprado uma carteira que não estivesse colada com fita-cola?

— Esbanjou-o em joalharia.

— Por favor. A única joia que ele usava era a aliança que a Iris lhe comprou. E, antes que diga mais alguma coisa, o relógio não conta. Tenho a certeza que aquela coisa era feita de plástico.

— Para mim. — Viro a mão e o *Cartier* cintila à luz do Sol. — Esbanjou em joalharia para mim.

O sorriso de Corban cai como uma guilhotina.

— Esse anel não prova nada. O Will não gostava de comprar coisas para ele, mas gastava com gosto consigo. Provavelmente andou a poupar durante meses, ou talvez tenha comprado em prestações. Não interessa. O ponto é que ele tinha um bom emprego. Ganhava o suficiente para a ocasional extravagância.

— Ele pagou em dinheiro.

— *Okay*, eu admito, isso é estranho, mas, não sei... — Corban engole em seco, e a dúvida abre caminho pelo seu rosto como uma sombra. — Acha que ele o tirou?

Ergo ambos os ombros até às orelhas.

— Se o tirou, não está na nossa conta bancária. Nem na casa.

— Onde mais pode estar?

Não respondo porque, de repente, as saudades de Will esmagam-me. Posso chegar aos oitenta anos, pagar esta casa que Will e eu comprámos juntos, mas vou fazê-lo sozinha. As pernas dele não vão aquecer os meus pés frios, os seus sorrisos não vão recompor o meu coração partido. Por mais furiosa que esteja por ter sido preterida a favor do dinheiro, continuo também perdida sem o meu marido.

— Eu sei — diz Corban suavemente. — Também sinto a falta dele.

Aceno com a cabeça, a tentar recuperar alguma da minha anterior fúria,

mas parece ter-me abandonado. A única coisa que consigo recuperar é mais mágoa ainda. Pelo Will, por mim, por Corban, a sofrer pelo amigo perdido.

— Devo-lhe um pedido de desculpas, sabe?

A cabeça de Corban vira-se na minha direção, a testa a enrugar-se.

— Porquê?

— Encontrei um bilhete. Dois, na verdade. Ambos com a letra do Will, ambos apareceram depois do acidente.

Deixei-o estupefacto. Leva um segundo ou dois para se recompor.

— O que... o que é que diziam?

— O primeiro dizia *peço muita desculpa*. O segundo dizia-me que eu corria perigo, e para parar de bisbilhotar o passado do Will. Fui a Seattle depois do acidente. Falei com pessoas que se lembravam dele. — Abano a cabeça. — Houve muito drama, nenhum positivo.

— Que drama? O que foi que aconteceu?

— Drogas. Fogo posto. Dependendo da pessoa com quem falámos e em quem acreditamos, talvez homicídio. Conheci o pai que julgava ter morrido há séculos, não que estivesse em condições de me dizer fosse o que fosse. Tem Alzheimer em estado muito avançado. Mas o ponto é que, quando nos encontrámos na outra manhã para tomar café, desconfiei de si. Pensei que tinha sido o Corban a enviar-me os bilhetes para... Sei lá, para me enganar ou torturar, ou coisa do género.

A indignação endireita as costas de Corban.

— Eu nunca...

— Eu sei. — Faça uma pausa para lhe sorrir. — É por isso que lhe estou a pedir desculpa.

Ele retribui o sorriso.

— Está desculpada.

— Sem mais nem menos?

— Sem mais nem menos.

Ficamos ali sentados mais um pouco, cada um de nós perdido nos seus pensamentos. Recosto-me para trás na cadeira e Corban faz o mesmo, estendendo as longas pernas na sua frente, fechando os olhos ao sol. Pequenos guinchos vêm de algumas casas abaixo — crianças a brincar num pátio algures — e, para além disso, o vago e familiar ruído do trânsito.

— Então, espere — diz Corban, os olhos a abrirem-se com a súbita compreensão —, se não fui eu que enviei os bilhetes, então quem foi?

Não respondo, ou então respondo. Corban estuda-me com um olhar intenso, e pela maneira como a sua boca está tensa, percebo que lê a minha mensagem silenciosa.

Os seus olhos tornam-se maiores e mais redondos.

— Não.

Hesito apenas um segundo. Já entrei neste caminho, e, depois da maneira como tem reagido hoje, o instinto diz-me que posso confiar nele.

— Também tenho recebido algumas mensagens de texto.

— A dizer o quê?

— Montes de coisas. Mas, nas últimas, admitiu que era ele.

— Não. *Não*. Isso é... — Ele passa uma mão sobre a boca e abana a cabeça, com dureza, para trás e para a frente, como um cão a tentar engolir um osso. — Não é possível. Isso é uma loucura!

— Claro que é uma loucura, mas também é uma loucura roubar quatro milhões e meio ao patrão. Foi o Corban que o disse, o Will andava com um comportamento estranho. E se se viu perante uma escolha, ir para a prisão ou desaparecer? E se ele não me amava o suficiente para fazer a coisa certa?

Enquanto digo as palavras, a minha voz embarga-se e os meus olhos enchem-se de lágrimas, e eu tinha razão quando pensava que, se comesse a chorar, não ia conseguir parar, porque é exatamente o que acontece agora. A ferida parece abrir-se de novo, em carne viva e crua, e fecho ambos os braços em volta da cintura, dobro-me ao meio e choro. E não é uma forma bonita de chorar. É do tipo que me arranca o ar dos pulmões, e me contorce o rosto, e o deixa todo vermelho e ranhoso. Porque é isto, na verdade, não é? Afinal de contas, Will não me amava o suficiente.

Pobre Corban, parece não saber o que fazer. É um homem sem fazer ideia de como agir perante uma soluçante pseudoviúva, por isso limita-se a ficar ali sentado, hirtos e desconfortáveis, o olhar a estudar-me o rosto como se procurasse alguma coisa. Alguma indicação de como me levar a parar de chorar, muito provavelmente.

Demoro uma eternidade a acalmar-me, para o meu nariz parar de correr e os lamentos diminuírem para pequenos gemidos. Quando consigo por fim inspirar longa e tremulamente, ele passa-me a *t-shirt* para limpar a cara. O tecido cheira a erva e a água de colónia e a homem, e isso faz-me sentir ainda mais a falta do meu marido.

— Só há uma coisa que não percebo.

Solto uma gargalhada húmida com a ironia.

— Só uma? Porque há um milhão de coisas que eu não percebo.

Ele bebe um último longo gole de cerveja, esvaziando a garrafa.

— Se o Will não está morto, então para onde foi? Onde é que ele está?

Volto a encolher os ombros até às orelhas.

— Onde quer que esteja o dinheiro, claro.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Nessa noite, não durmo. A fúria dispara catos pelas minhas veias, picando-me com dedos pontiagudos. Sempre que estou quase a adormecer, lembro-me do meu telefone no andar de baixo, enfiado no meio dos garfos e facas, a tocar e a vibrar com as mensagens de Will.

Quantas terá enviado por esta altura? Dez? Vinte? Quarenta? Olho para o teto, cerro os dentes até me doerem os maxilares e digo-me que não quero saber.

Se Dave ainda aqui estivesse, iria ao quarto dele procurar outro dos seus mágicos comprimidos azuis. Depois de ontem — não, depois das duas últimas semanas —, precisava mesmo de uma noite de sono profundo e sem sonhos, pelo menos para me manter longe daquele telefone.

De manhã, o meu cérebro, ensopado em adrenalina e fúria, parece-me dormente, e atiro com alívio os cobertores para trás. Tomo duche e lavo os dentes como em qualquer normal manhã de segunda-feira. Seco o cabelo e maquilho-me. Enfio os membros numa saia e blusa e os pés no meu par de sapatos de salto alto preferidos e desço as escadas para preparar o café. É de normalidade que preciso.

Uma viúva normal estaria hoje de baixa. Passaria o dia na cama, enrolada no robe do marido, a devorar *Oreos* com manteiga de amendoim e a esconder-se do mundo. E um patrão normal compreenderia. Ted responderia com toda uma corrente de lugares-comuns que seriam verdadeiramente sentidos, dizendo-me para tirar o tempo que fosse preciso, para não ter pressa, que o meu gabinete estaria à minha espera quando me sentisse pronta.

Só que não sou uma viúva normal, pois não? O meu marido — o mesmo marido que há doze dias mergulhou para a morte num 737 em direção a oeste — não está mesmo morto, o que significa que não sou mesmo viúva.

Enquanto espero que o café fique pronto, espreito a gaveta dos talheres. O ecrã do telefone está preto. Carrego no botão com um dedo e não acontece nada. Está sem bateria.

— Ah! — Rio-me para a minha cozinha vazia, batendo com a gaveta. Parece-me uma pequena espécie de vitória.

O que poderia Will dizer para tornar isto melhor? Que desculpa poderia dar? E se se deu a todo este trabalho para fingir a sua morte, para quê dar-se sequer ao trabalho de me contactar? Como é que sabe que não vou

diretamente à esquadra da polícia com o meu telefone e o entrego aos detetives para ser usado como Prova A?

Esta última ideia faz-me parar no meio da cozinha. Conseguiria mesmo entregar o meu próprio marido? Devia fazê-lo? Sempre acreditei que roubar é um crime merecedor de castigo, mas a ideia de o meu marido, o meu Will, ficar a apodrecer atrás das grades num sítio qualquer cria-me uma espinhosa bola de náusea no estômago.

E depois penso na mãe dele e naquelas duas pobres crianças a dormir nas suas camas quando um incêndio lhes destruiu o prédio. E se foi Will que o provocou? E se ele tivesse ido para a prisão e nunca nos tivéssemos conhecido? Como a minha vida tinha sido diferente. Como tinha sido vazia.

Tenho tantas perguntas. Talvez o devesse escutar, ver o que ele tem para dizer antes de tomar quaisquer decisões.

O café fica pronto e despejo-o numa grande caneca de viagem. Tiro uma barra de granola da despensa, recolho as chaves e a mala de cima da bancada da cozinha e o telemóvel da gaveta.

Mais tarde. Vejo o que tem para me dizer mais tarde.

Alunos do secundário enchem o parque de estacionamento quando chego a Lake Forrest quinze minutos antes do primeiro toque. Ficam a ver-me passar por detrás dos óculos de sol de marca, sem sequer tentarem esconder os seus olhares. Sou como o tema das suas experiências psicológicas, um extraterrestre acabado de chegar do Planeta Viúva. Estão a estudar-me em busca de sinais de que os extraterrestres me sugaram o cérebro, substituindo-o por um dos deles.

Josh Woodruff, um aluno do décimo segundo ano, sai do carro ao lado do meu e fita-me por cima do tejadilho do seu descapotável.

— Olá, professora Griffith. Está bem?

Estremeço e carrego no botão de trancar do meu comando, forçando o meu sorriso mais soalheiro.

— Bom-dia, Josh. Alguma novidade?

O seu sobrolho franzido descontraí-se numa máscara de falsa modéstia, e ele começa a enumerar as cartas das faculdades que recebeu — todas admissões, e todas das melhores escolas do país, exceto daquela para onde os seus pais o tentam empurrar.

— Mas ainda nada de Harvard.

— Não importa, deve estar orgulhoso. Já conseguiu uma impressionante lista de escolas que o quer ver a usar as suas cores.

Ele faz-me um encolher de ombros hesitante.

— O meu pai ainda anda a falar com os seus contactos, por isso espero ter notícias em breve.

— Vamos ficar a fazer figas! — Enfio toda a alegria que consigo na minha resposta, embora, para estes miúdos, a sorte não seja para aqui chamada. Para eles, o sucesso constrói-se com base em duas únicas coisas: trabalho árduo e redes de contactos. O dinheiro é um facto e o fracasso não é opção.

Josh sorri-me de uma forma ausente e depois fica ali especado até eu me virar para o edifício da escola.

O ar matinal é fresco, mas o parque de estacionamento parece-me uma colina gigante que tenho de subir num dia de calor. Arrasto-me pelo asfalto, tentando não suar ao sol da manhã, mas a blusa de seda começa a colar-se à minha pele.

— Olá, Bridget. Bom-dia, Isabelle. Estão muito animadas, esta manhã, as senhoras.

Elas não parecem muito animadas. Parecem duas adolescentes semiadormecidas que caíram numa aula de Cálculo por acidente.

— Senhora Griffith, está bem? — pergunta uma delas.

Engulo um suspiro.

— Estou perfeitamente, obrigada.

Bridget acena com uma mão para o meu tronco.

— Tipo, percebeu que está com a camisa do avesso, não percebeu?

Baixo o olhar e ela tem razão, raios. A etiqueta da lavandaria flutua pela minha cintura, e as costuras estão à vista. Cruzo os braços sobre o peito e tento sustentar-lhe o olhar.

— Eu resolvo quando entrar.

— E só tem um brinco — diz Isabella.

Os dedos viajam para as orelhas, o polegar a fechar-se sobre um lóbulo esquerdo nu, e um quente rubor sobe-me pelo rosto. *Jesus*. Não admira que os miúdos parem para olhar para mim enquanto atravesso o parque de estacionamento, a ver, de boca aberta, a pobre viúva que chegou à escola a parecer uma cama por fazer. Puxo a outra argola e enfio-a na mala, ao mesmo tempo que verifico a saia e lanço um olhar aos sapatos. São iguais, graças a Deus.

— Saí à pressa, hoje. Obviamente.

— Obviamente — dizem elas em uníssono.

Sem mais uma palavra, viro-me e dirijo-me para o edifício.

Planear um *workshop* de delicadeza passa para o topo da minha lista de coisas-para-fazer.

Ava está no meu gabinete quando entro pela porta. Não fico demasiado surpreendida por encontrá-la ali — ninguém beneficia mais da minha política de porta aberta do que Ava —, embora costume estar instalada no banco do canto, um lugar onde se senta tantas vezes que o seu nome devia estar bordado nas costas como a cadeira de um realizador. Hoje, porém, está de pé, hirta e agitada no centro da sala, com a mochila pendurada num ombro, os dedos brancos agarrados com força à alça.

E parece um pouco ofegante.

— Disseram-me que tinha voltado, mas...

— Bom-dia, Ava. Como correu o seu fim de semana?

Ela passa o peso para a outra perna e contorce um dedo de unha pintada, lançando um olhar ansioso a quem quer que esteja no corredor.

— O quê?

Passo para o outro lado da secretária, largando a minha mala no chão antes de cair na cadeira. A fotografia de Will, uma com ele no Music Midtown do ano anterior, sorri-me ao lado do ecrã do meu computador. Abro a última gaveta e enfio-a lá dentro, com moldura e tudo.

— Perguntei como tinha corrido o seu fim de semana.

— Ah. Bem, acho eu. — Morde o lábio inferior, cheio e perfeitamente pintado, enquanto o seu olhar voa pela sala em volta. — O professor Rawlings disse-nos que ia estar ausente durante algum tempo.

Sempre gostei de Ted, mas imaginar o seu rosto no auditório quando disse aquelas palavras, o sobrolho franzido e o tom de compaixão enquanto sugeria que eu estava em casa, desfeita... mal consigo conter uma careta. Não quero a compaixão de ninguém. Não a mereço.

— Eu queria ligar — diz ela — mas não tenho o seu número... — Ava aproxima-se mais da secretária, um passo consciente para dentro do meu campo de visão. — E pensei em passar pela sua casa, mas não sabia se ia gostar que lá fosse bater sem mais nem menos.

O meu olhar dispara para o dela.

— Porquê?

A sua testa bonita franze-se.

— Porque é que não sabia se ia gostar?

— Porque é que haveria de aparecer na minha casa sem mais nem menos? Porque é que pensou sequer no assunto?

As perguntas saem como acusações zangadas, e sei que estou a ser grosseira e pouco razoável, mas não consigo impedir-me. Há demasiadas conversas a ter lugar aqui — com Ava, com as suas mãos nervosamente agitadas e os meus olhares acusadores, com o telefone que está morto dentro da minha mala — e os meus sentidos estão em sobrecarga. É como se

estivesse a ver televisão, a ouvir rádio e a falar ao mesmo tempo. Preciso que pelo menos um dos ruídos se cale.

— Porque eu... — Ela começa com convicção mas depois cala-se, as palavras a desvanecerem-se em nada. Recua da secretária, atira a mochila para o chão e senta-se, as costas muito direitas, na cadeira do canto. Do outro lado da porta do gabinete, o corredor está em silêncio, com o resto dos miúdos nas aulas. — Eu queria saber como estava. Fiquei preocupada.

Não são só aquelas palavras que aspiram o vapor da minha fúria, mas também o seu tom, hesitante e inseguro. Devia pedir-lhe desculpa. Devia abrir a boca e dizer-lhe que lamento por a ter usado como saco de pancada emocional, mas não consigo obrigar-me. Estou demasiado desconfortável com a direção que a conversa está a tomar, por isso, em vez disso, dirijo-a para ela.

— Agradeço a sua preocupação. Obrigada. Então, como estão a correr as coisas com a Charlotte Wilbanks? Mais alguma discussão de que eu deva saber?

Os bonitos olhos azuis de Ava dilatam-se, o equivalente facial a um *está a gozar comigo?* Não fala durante uns bons dez segundos.

— Discutir com a Charlotte é tão inútil.

— Ainda bem. É uma posição muito madura da sua parte. Então e com o Adam Nightingale? Já existe alguma coisa?

— A Charlotte que fique com ele. O Adam só se interessa pela guitarra e sexo e, honestamente? — Faz uma careta. — Não é muito bom em nenhuma dessas coisas. — Recosta-se para trás na cadeira, a estudar-me com uma ternura de que não a sabia capaz. — A minha mãe foi-se.

Ao princípio pensei que não tinha ouvido bem.

— Foi-se como? Para onde?

— Foi-se embora, da nossa casa. Deixou o meu pai. Foi viver em Sandy Springs com um mecânico qualquer chamado Bruce. — Diz isto como se estivesse a falar do tempo, num tom inexpressivo e prático. — Parece que estão apaixonados, ou coisa do género.

Recosto-me na cadeira, a inspirar fundo.

— Okay. Uau. Isso... isso deve estar a ser uma enorme mudança para si.

— Nem me diga nada. Devia ver o meu quarto na casa do Bruce. É minúsculo. — Faz-me um meio sorriso para me fazer perceber que não está a falar inteiramente a sério.

— Refiro-me à separação dos seus pais.

Ava puxa uma madeixa de cabelo por cima do ombro e brinca com as pontas.

— Não sei. Não é propriamente como se o meu pai fosse o melhor marido do mundo, nem nada. Quase nunca está em casa, e, quando está, é

sempre a falar ao telefone ou atrás do computador. Nem sequer tenho a certeza absoluta de que terá reparado que ela se foi embora. E a minha mãe até parece mais feliz. Está literalmente a sorrir o tempo todo.

— O divórcio é difícil para todos os envolvidos, mas sabe que isto é uma coisa entre os seus pais, não sabe? Não tem nada a ver consigo.

Ela anui como se não acreditasse totalmente nisto.

— Quer saber a coisa mais maluca? A minha mãe não levou nada senão as roupas que tinha no corpo. Nem as joias, nem o carro, nem sequer a mala da Birkin. No Natal passado não podia passar sem um *Rolex* de diamantes rosa, e agora a única coisa que quer é a custódia partilhada.

— Parece que terá encontrado uma coisa muito mais valiosa. — Penso em Will, em como a minha vida é vazia sem ele, em como ele voltou e anda a encher o meu telefone com mensagens que não me atrevo a ler, e uma dor atinge-me o centro do peito.

Ava encolhe um ombro ossudo.

— O Bruce é porreiro, acho eu.

— Referia-me a si. Ela pode querer deixar o seu pai, mas parece-me que continua muito comprometida consigo.

Por uma vez, Ava não tenta morder o sorriso. Limita-se a olhar para mim e a assimilar isto, e a felicidade ilumina-lhe o rosto. É uma rapariga mesmo bonita, e estou prestes a dizer-lhe que devia sorrir com mais frequência quando me ocorre.

— Parece-me surpreendentemente bem com tudo isto. Porquê?

Ela volta a empurrar o cabelo para trás do ombro e endireita a camisola da Lake Forrest.

— Honestamente? Por sua causa. Por causa do que aconteceu ao seu marido. Coisas como essa fazem-nos perceber o que é realmente importante, e não é outro *Rolex* de diamantes, sabe? Tipo... a vida é demasiado curta para nos concentrarmos em todas as coisas erradas.

E, de um momento para o outro, começo a chorar. Por mim, por Will, por Ava e a sua mãe. Este é o momento por que todos os psicólogos trabalham, o momento de revelação em que os seus alunos se libertam de alguma da bagagem que carregam, mas, por causa da minha própria bagagem, estou demasiado emocionada para dizer uma palavra.

— Seja como for — ela recolhe a mochila do chão e levanta-se —, não queria fazê-la chorar. Só queria que soubesse que, se precisar de mim, vou estar num quatinho minúsculo em Sandy Springs, e tenho de lhe agradecer por isso. — O seu sorriso travesso dissolve-se em algo mais solene, e a voz torna-se um pouco rouca. — A sério, senhora Griffith. Obrigada, e tenho mesmo muita, muita pena pelo seu marido.

Assim que ela sai, limpo as lágrimas com a manga e ligo a Evan pelo telefone fixo.

— Olá, sou eu.

— Finalmente. Devo ter-lhe deixado uma dúzia de mensagens. Deixou o telemóvel em casa, ou coisa do género?

Procuro a mala no chão e empurro-a com o pé para o fundo da minha secretária, onde fica presa nos fios do computador.

— Está sem bateria.

— Então, carregue-o, por favor. Falei com a empregada de bar.

— O que foi que ela disse?

— Nada, é esse o problema. Espero que seja mais aberta em pessoa, e era por isso que gostava que lá fôssemos os dois esta semana. O meu tamanho costuma intimidar as pessoas, e pensei que poderia ajudar se aparecesse com outra mulher que, ainda por cima, é psicóloga.

— Talvez tenha razão. Tenho todo o gosto em ajudar em tudo o que puder.

— Ótimo. A minha assistente está a fazer alguns ajustes na minha agenda. Ela avisa-a da data certa assim que conseguir libertar um dos meus dias.

— Parece-me bem.

— Também falei com um velho amigo cuja empresa é especialista em fraude contabilística empresarial e parece que é um segredo bem conhecido pela cidade que os planos da AppSec para entrar na bolsa estão sempre a ser adiados porque eles não conseguem organizar-se. Os FC recuaram todos. Não querem ter nada a ver com eles.

— O que é um FC?

— Fundos de capital de risco. Investem dinheiro em empresas como a AppSec em troca de participações. As empresas usam-nas tipicamente para um influxo de dinheiro tendo em vista a OPI. No caso da AppSec, havia alguns investidores entusiasmados há três anos, mas apenas um neste último ano e isto era cem por cento ações, por isso não era propriamente líquido.

— Eu sou psicóloga educacional, Evan. Não faço ideia do significado de nada disso.

— Significa que o patrão do Will está maluco se pensa que a AppSec vai entrar na bolsa nos próximos tempos. A empresa está com profundos problemas financeiros e com as contas numa confusão. Não admira que tenham desaparecido quatro milhões antes que qualquer pessoa fizesse sequer ideia disso.

Ouve-se o toque e as salas de aula vertem magotes de adolescentes barulhentos para o corredor. Puxo o fio do telefone, contorno a secretária e

chego à porta. Foi uma coisa que nunca fiz — nunca, nos mais de seis anos que aqui trabalhei — e os alunos reparam. Olham para mim com as sobrancelhas franzidas de surpresa, mesmo antes de lhes fechar a porta na cara.

— Tudo bem — digo, voltando para a cadeira da minha secretária —, mas isso não explica como um engenheiro de *software* conseguiu retirar tanto da empresa sem ninguém reparar. Não precisaria de uma pessoa para assinar os cheques?

— Não, se movimentou o dinheiro eletronicamente. É provável que nem sequer precisasse de muito cuidado para cobrir a sua pista, o que é ao mesmo tempo uma boa notícia e uma má. Má para o ladrão, mas boa para os investigadores. A única coisa que têm de fazer é seguir o rasto documental.

— Eu não estaria tão certa disso. O Will é um génio, e não deixaria nenhuma pegada óbvia para os investigadores seguirem.

Em especial se eu tiver razão, se o Will estiver escondido com o dinheiro. Ele garantiria que não seria fácil de encontrar. De facto, estou disposta a apostar que sou o único elo que lhe falta e que o telefone morto na minha mala é a única pista.

No outro lado da linha, Evan remexe em alguns papéis na sua secretária.

— Tenho algumas chamadas para fazer. Suponho que se conseguir descobrir quem é que a AppSec está a usar como investigador, isso me dê alguma indicação de onde estão à procura do dinheiro. Entretanto, o que fez com o cheque da Liberty Airlines?

— Rasguei-o em dois. — Não menciono que o teria enfiado pela garganta de Ann Margaret abaixo, se pudesse.

— E ainda não reclamou nenhum dinheiro dos seguros, pois não?

— Não.

— Ótimo. Não o faça. Como esposa do Will, vai ser a primeira pessoa que irão ver como cúmplice, e é importante que não toque num cêntimo de dinheiro que possa não ser seguro. Fica bem financeiramente no futuro próximo?

Faço as contas de cabeça, um rápido apanhado das despesas mensais — mensalidade da casa, contas, pagamentos do carro e dos seguros — e não gosto da resposta. As escolas privadas são famosamente sovinas no que diz respeito aos salários, e o ordenado de Will era o dobro do meu. Podia vender o carro dele, mas Corban tem razão. Está velho e estragado, e provavelmente não vale mais do que poucos milhares de dólares. Não estou inteiramente segura de como vou conseguir pagar a hipoteca, agora que o meu rendimento está reduzido a um terço, mas há uma coisa que sei: prefiro passar fome a vender a casa de sonho que Will e eu comprámos juntos.

— Iris, se precisar de ajuda, tenho todo o gosto em...

— Eu estou bem. — Faço uma careta e introduzo um tom de confiança na voz. — Obrigada, Evan, mas não se preocupe. Eu arranjo-me de alguma maneira.

— Só não quero dar-lhes qualquer razão para irem atrás de si.

— Compreendido. — Desta vez a minha voz diz que o assunto está encerrado.

— Muito bem. E, já agora, há mais alguma coisa que eu deva saber? Documentos que o Will lhe possa ter pedido para assinar, ou quaisquer outros artigos de luxo para além do anel que o Will tenha comprado com fundos inexplicados? Carros, férias, mobília, qualquer coisa que não tenha encontrado refletido na vossa conta conjunta?

— Não, nada de que me lembre. Embora tenha ligado para lhe dizer porque deixei a bateria acabar no meu telemóvel.

— Mais mensagens? Devia estar a descarregar as capturas de ecrã na conta Dropbox, lembra-se?

Recosto-me para trás e olho pela janela para o parque de estacionamento de carros brilhantes e, mais atrás, para a linha de árvores.

— Isso significaria ter de tocar no meu telefone.

— As ameaças são assim tão más?

— Não são as ameaças. São as mensagens do outro número, o bloqueado. Sei quem está por detrás delas.

— Sabe? Quem é? — Faço uma pausa para formar a palavra na minha boca, mas Evan não é paciente. — Jesus Cristo, não me vai dizer que é o Will, pois não? — O neutro tom de advogado abandonou-o, e ele soa cético.

— Sim. — Digo a palavra e o meu coração desfere um pontapé. — É verdade. É ele.

— Como é que sabe? Ou seja, como é que sabe mesmo que é ele e não uma pessoa a fazer-se passar por ele?

— Porque sei. Porque é assim que discutimos. Eu fico lixada e ignoro-o e ele enche-me o telefone com pedidos de desculpa e justificações. Mas, oh, meu Deus, Evan, é mesmo ele.

— O que é que ele diz?

— Não sei. — Penso nas mensagens e as emoções crescem no meu peito, roubando-me o fôlego e todo o ar dentro de mim. — Não suporto olhar para as mensagens. Ainda não toquei no meu telefone desde ontem à tarde.

O silêncio prolonga-se, longo e carregado, e sinto necessidade de me defender.

— Sabe melhor do que ninguém o inferno que tenho passado nestes últimos doze dias, e agora estou a descobrir que isto não é real? Que foi só um

truque mórbido para ele poder fugir com uns milhões de dólares? Hum-hum. Não. Estou tão incrivelmente furiosa com ele, Evan. Nem sei o que fazer comigo.

Evan solta um longo suspiro.

— Estou a tentar colocar-me no seu lugar, Iris, mas a única coisa que penso é que se descobrisse de repente que a Susanna e a Emma estão vivas, não haveria nada no mundo que conseguisse afastar-me delas. Claro que podia estar furioso por ela me ter feito passar o que passei nestas duas semanas, mas a minha raiva seria muito ultrapassada pelo alívio de as descobrir vivas.

— Isso é diferente. A sua filha torna a sua situação hipotética completamente diferente da minha realidade. O Will é adulto, não uma criança inocente. — Mas, ao mesmo tempo que digo estas palavras, qualquer coisa se agita por entre a fúria e o ressentimento, e dou por mim a estender uma perna, a procurar a mala com o pé.

— Amor é amor. E como é que vai saber se as razões dele são desculpáveis ou não, se se recusa a olhar para o seu telefone? — Ele faz uma pausa para me deixar absorver isto, depois parece pensar noutra coisa. — Ei, ando para lhe perguntar. Quem lhe disse que aquele número bloqueado não podia ser detetado?

— O quê? Ah, um técnico da Best Buy em Seattle. Disse que as mensagens tinham origem numa aplicação, qualquer coisa sobre um equivalente do Snapchat para mensagens. Depois de a mensagem ser enviada, qualquer vestígio é limpo.

— Mesmo assim. Talvez não faça mal mandar outro especialista dar uma vista de olhos. A que horas sai hoje?

— Oficialmente? Às cinco, mas posso sair a qualquer altura depois das três.

Ele recita uma morada de um bairro perto da minha casa, em Little Five Points, e escrevo-a num *post-it*.

— Pergunte pelo Zeke. Eu ligo-lhe já e digo-lhe que vai lá passar por volta das quatro.

— Tudo bem.

— Ah, e, Iris? Carregue o telefone.

Volto a comparar os rabiscos no meu *post-it* com o letreiro na montra da Sam's Record Shop, uma poeirenta loja de música em Little Five Points. De acordo com a morada que Evan me deu, é aqui. Empurro a porta de vidro e olho em volta.

Sam gere um bom negócio. Dúzias de *hippies* e *hipsters* acenam com as cabeças ao ritmo surdo dos *headphones* enquanto vão olhando para velhas capas de vinis. Passo por entre eles com esforço, dirigindo-me para a rapariga bonita atrás da caixa registadora ao fundo.

Quando me vê, os lábios cor-de-rosa quente deslizam num sorriso ocioso.

— Olá, tudo bem?

O seu discurso é lento e xaroposo, e tenho a certeza de que está pedrada.

— Venho à procura do Zeke. Ele está à minha espera.

A rapariga aponta para uma porta amarela à minha direita.

— Procura e encontrarás.

Agradeço-lhe e dirijo-me para a porta das traseiras, que abre para um longo corredor com espaços de arrumação de ambos os lados, mal tendo tamanho suficiente para serem consideradas salas. Vou avançando e espreitando cada um deles, vendo pilhas de caixas não identificadas e bastantes embalagens de comida vazia, mas nenhum humano.

A última divisão à esquerda está atulhada de partes de computadores — consolas, discos rígidos e portáteis meio desmontados. Um ninho de serpentes de fios de internet e de eletricidade espalham-se pelo chão, conduzindo a uma mesa de aço inoxidável e a um homem atrás que mais parece um surfista do que um técnico de informática. Cabelo desgrenhado, olhos a meia-haste, *t-shirt* gasta por cima de calções largueirões, cabedal e contas à volta do pescoço. Mas está a martelar um teclado, por isso assumo que estou no sítio certo.

Bato na ombreira da porta e... nada. Tento outra vez, agora com mais força, e pigarreio.

— Olá, Zeke?

Ele ergue o olhar, mas apenas muito brevemente.

— Depende.

— O Evan Sheffield mandou-me cá vir. Sou Iris Griffith. Ele disse que me podia ajudar com o meu telefone.

Sem desviar os olhos do ecrã, Zeke estende uma mão e já estou a apertá-la quando percebo que o gesto não é um cumprimento.

— O seu telefone — diz ele, com um tom impaciente.

Então, está bem. Tiro-o da mala e entrego-lho.

Ele liga-o ao computador com um fio e começa a trabalhar sem uma palavra. Os seus dedos voam pelo teclado, e sou socada por uma onda de nostalgia, de saudades de Will. O clique rápido das teclas, as longas correntes de símbolos e números a rolar pelo ecrã... Deixo-me cair numa cadeira encostada à parede.

— Alguém na Best Buy disse-me que o número vinha de uma aplicação, o que o tornava impossível de detetar.

Zeke solta um ronco de desdém.

— E acreditou?

Mordo um *obviamente*.

— Acha que o consegue detetar?

— Em cinco minutos, no máximo. — Uma nova mensagem entra no meu telefone, e ele olha de relance para o ecrã. — O bacano é persistente, tem de admitir.

Mordo o lábio e olho em volta da sala, a ler gatafunhos sem sentido num quadro branco na parede, a observar os emaranhados de fios e carregadores numa caixa no chão, a esforçar-me ao máximo para olhar para tudo menos para o meu telefone. Mesmo assim. Ouço a minha própria voz dizer:

— Quantas mensagens há?

Zeke para de escrever.

— Oitenta e três.

— Faça-me um favor, sim? Leia-me a última.

Ele faz-me um olhar de estranheza mas passa um dedo pelo ecrã do meu *iPhone*.

— Diz: *Se pudesse voltar atrás e começar tudo de novo, faria tudo de maneira diferente, exceto tu.*

Um soluço tenta abrir caminho pela minha garganta acima, e engulo-o com força, concentrando-me antes na minha fúria. O Will não está morto, foi-se embora por opção. Escolheu o dinheiro em meu detrimento, quando, supostamente, eu era a sua pessoa preferida no planeta. Mesmo que pudesse voltar atrás, mesmo que pudéssemos começar de novo, será que eu o queria?

Mas, mesmo por entre a fúria que me corrói as entranhas como um enxame de térmitas furiosas, sei que a resposta é sim. Não devia, mas é verdade, porque penso que talvez possa mudar as coisas. Talvez o consiga fazer escolher-me a mim, na próxima vez, em vez do dinheiro. Há sempre uma idiota por cada coração partido.

Após mais alguns minutos a teclar, Zeke desvia o olhar do monitor para mim.

— Há milhares de maneiras de se ficar anónimo *online*, hoje em dia, e este tipo usou uma que é falível. — Escreve qualquer coisa num bloco, arranca a folha e passa-ma, juntamente com o meu telefone. Uma morada de Atlanta que não reconheço.

— A sério? Precisou do quê, quatro minutos?

Pela primeira vez desde que entrei pela porta, Zeke sorri, os dentes a ofuscarem-me à luz azul.

— É para isso que me pagam bem.

A casa é uma monstrosidade de tijolo e pedra com múltiplas empenas em Vinings, um subúrbio no perímetro noroeste da cidade. Há aqui um milhão de casas como aquela, num milhão de bairros iguais a este — comunidades recém-construídas onde tudo condiz. Relvados cuidadosamente cortados com canteiros ondulantes de rododendros. Candeeiros gémeos de cada lado da porta da entrada e pelo menos uma porta envidraçada. Portadas decorativas e caixas de correio de argamassa junto ao passeio.

Passo lentamente no meu carro, em busca de sinais de vida, mas não vejo nenhum. As luzes interiores estão apagadas, mas também ainda nem chegou a hora do jantar num soalheiro dia de verão, por isso não haveria necessidade de as acender. Também não há sinais de movimento, nenhuma sombras a moverem-se do outro lado das janelas. Se Will se encontra lá dentro, está nalgum sítio onde não o consigo ver.

Mesmo assim. Will esconder-se nesta casa não faz qualquer sentido. Se tem o dinheiro, porquê parar de fugir num subúrbio de Atlanta? Porque não desaparecer na fronteira, ou pelo menos nas montanhas de algum estado vizinho? Will é demasiado inteligente, e Vinings fica demasiado perto de casa.

Estaciono à esquina, enfio o telefone no bolso da saia e passo em bicos de pés pelo pátio da frente de um vizinho, tentando não enterrar os saltos na sua festuca impecável. O jardim parece tão novo como a casa, com alguns anos, no máximo. Quaisquer árvores ali plantadas são ainda delgadas e nuas, não oferecendo qualquer tipo de cobertura.

Perdi o juízo. Um alvo fácil à luz do dia. O pior mirone na história dos mirones — e de saia e saltos altos, ainda por cima.

Chego à janela da cozinha e encosto o nariz ao vidro. No outro lado, está uma cadeira na frente da mesa com um portátil aberto por cima, o ecrã escuro, ao lado de uma simples chávena branca. O café da manhã ou um último chá

da tarde? Não há como saber. Tirando isso, a cozinha está escura e vazia. Deslizo até à porta das traseiras. Um par de ténis enlameados — masculinos — jaz abandonado ao lado de uma pilha de jornais. Quem quer que ali viva corre e recicla, e junto dois vistos na coluna de *Não é o Will*. Will prefere o ginásio e lê as notícias na net. Passo por entre os arbustos e avanço para a janela seguinte.

A sala também está vazia, o conteúdo demasiado genérico para se fazer qualquer suposição sobre a pessoa que ali vive. Um sofá, duas cadeiras, umas mesinhas e candeeiros. Olho em volta em busca de qualquer coisa mais pessoal, fotografias ou livros ou peças de roupa descartadas, mas não há nada. Para além dos sapatos e do portátil, aquele lugar podia ser uma casa modelo.

Uma luz acende-se no corredor e o meu coração para, depois dispara a alta velocidade. Se for o Will, o que é que eu faço? Desmaio para cima dos arbustos? Irrompo pela janela adentro? Agarro-me ao parapeito, contenho a respiração e espero.

A desilusão incha na minha barriga, dura e pesada, ao ver o homem que entra no espaço. Não é Will, mas reconheço-o de imediato. Alto e de ombros largos, a pele da cor de grãos de café. Vi bastante daquela pele na véspera, quando ele andava a empurrar um cortador de relva pelo meu jardim.

Movo as peças no meu cérebro, rodando-as para ver onde cabem. A casa. Will. Corban. Se é esta a morada ligada ao número bloqueado, a que Will tem usado para me enviar mensagens desde que percebeu que estava em Seattle, o que está Corban a fazer aqui? E onde está Will? Por mais que tente juntá-las, não consigo unir as peças.

Corban avança pela sala e eu deslizo para a janela ao lado, seguindo os seus movimentos. Está debruçado sobre um telemóvel, o polegar a mover-se no ecrã. O que quer que vê ali cola-lhe os pés ao chão, e a sua testa franze-se.

Alguma coisa em mim entra em alerta total, como o elegante carro desportivo de Ava, que apita sempre que o para-choques se aproxima demasiado de qualquer coisa sólida. O alarme na minha cabeça já está a gritar, a dizer-me que estou a aproximar-me de algo perigoso. Uma ravina, talvez, ou a berma de um penhasco.

Sem aviso, a cabeça dele vira-se, o olhar a disparar para a janela.

A minha janela.

Como se soubesse exatamente para onde olhar.

Caio para o chão, contendo a respiração e à escuta, mas mal consigo ouvir qualquer coisa para além do martelar do meu coração. Ter-me-á visto? Estará a sair de casa neste momento? Não espero para descobrir. Enterro os membros na terra e começo a fugir, o coração alojado entre os dentes. Caruma de pinheiros pica-me as mãos e a pele, e a roupa rasga-se nos ramos — a

minha saia ou a blusa ou ambas — mas não paro. Baixo a cabeça e continuo. Atravesso os arbustos até ao final da casa, e depois? Assim que chegar ao pátio, vou ser vista.

Ou é isto ou é rezar para que ele não saia de casa.

Uma porta bate, um cão ladra, e é tudo o que preciso de saber. Irrompo de entre os ramos, mergulho numa corrida e atravesso o pátio na direção do carro.

Atiro-me para o lugar do condutor e enfio as chaves na ignição com os dedos a tremer sujos de terra. Arrisco um olhar para o pátio enquanto arranco, e ali está Corban à porta, uma mão a proteger os olhos do sol.

E a sorrir.

Alguns minutos mais tarde, enfio o meu carro entre dois SUV no parque de estacionamento de um Home Depot e tento não hiperventilar. Já não estou ofegante da minha corrida pelo pátio de Corban, mas a respiração ainda sai em curtos movimentos, e o ar parece estar preso nos meus pulmões. Encho as bochechas de ar e contenho a respiração como Corban me ensinou na cerimónia fúnebre — ah, a ironia — e isso ajuda. Quando o solto, os meus pulmões libertam-se um pouco.

Corban viu-me. Não só me viu, como podia facilmente ter-me apanhado. Não sou uma atleta, e os saltos altos e uma saia-lápis não são propriamente o melhor equipamento para uma corrida de cem metros. No tempo que levei a atravessar o pátio e chegar ao meu carro, um desportista como Corban teria facilmente conseguido apanhar-me, duas vezes.

Mas nem sequer tentou.

Também não parecia espantado. E estava a sorrir.

Sinto o telemóvel a esperar-se no meu osso púbico e retiro-o do bolso da saia. Olho para o ecrã preto e recordo um serão informativo que Ted e eu promovemos junto dos pais, há alguns meses. O assunto era o assédio via internet e, ao fim de meia hora, fomos assaltados por um par de pais ultraprotetores que tinham, sem o conhecimento dos filhos, instalado localizadores GPS nos telemóveis deles. Diziam isto com orgulho, e cometi o erro de conjecturar em voz alta se isso não estava a ultrapassar alguma espécie de limite. Ted teve de passar o resto do serão a tentar acalmar toda a gente.

Mas o ponto é que eu sei que a tecnologia existe.

Os localizadores de que estes pais falavam eram invisíveis, trabalhando sem serem detetados. A única coisa que se precisa de fazer é ficar com o telefone da outra pessoa durante tempo suficiente para o instalar, e, bingo, sabe-se onde ela está a toda a hora. A compreensão chega lentamente,

repelentemente, à superfície da minha mente, e se não fossem todas aquelas mensagens de Will, eu atiraria o meu telefone pela janela.

E depois outra compreensão retira-me o ar dos pulmões.

O número bloqueado conduziu-me a Corban, não a Will.

Com os dedos a tremer, acordo o meu telefone e percorro as mensagens — umas gritantes oitenta e sete no total.

Sentidas desculpas. Detalhadas explicações e lacrimosos arrependimentos. Diz tudo bem, exceto uma coisa.

Em dezassete vezes, diz-me que me ama. Mas nem uma diz as palavras que quero ouvir. As nossas palavras. Nem uma vez me diz que sou a sua pessoa preferida no mundo, o que significa que a pessoa no outro lado deste número também não é a minha.

O que significa... o quê? Que o Will está morto? Por mais furiosa que esteja com a ideia de que ele escolheu o dinheiro no meu lugar, não quero acreditar nisto. Então e os bilhetes, aqueles em que me pede desculpa e me pede para parar de bisbilhotar o seu passado? Se Corban está por detrás das mensagens, estará também por detrás dos bilhetes?

Encosto o ombro ao vidro, o dia a esmagar-se de novo sobre mim como uma onda doentia. Sinto-o a chegar. O já conhecido pequeno pulsar nos meus pulmões, um ardor ao redor dos olhos, aquela compressão ao fundo da garganta. Todos os sinais de que estou à berma de uma nova crise.

Quando os bilhetes e mensagens começaram a chegar, escolhi acreditar que era o Will que os escrevia. *Precisava* de acreditar. Assim como, perante a realidade de um avião e um campo de milho queimado, optei por olhar para o lado, tal como fiz no nosso casamento. Will não gostava de falar do seu passado, e então? Havia alguns espaços em branco nas suas histórias, e então? Sempre que surgia alguma incongruência, eu convencia-me de que era algum engano disparatado, dizia a mim mesma para não me importar com isso. O que interessava, pensava sempre, era o nosso presente.

Só que como se pode amar uma pessoa que não se conhece realmente?

A resposta procria e multiplica-se nas minhas entranhas, mastigando a minha dor, comendo-a toda e arrotando-a de novo numa espinhosa bola de raiva — não apenas pela traição de Will, mas mais comigo mesma por ter caído nela.

Amor e sacrifício. Honestidade. Confiança. Vemos o que queremos ver. Reunimos informação, usamo-la ou ignoramo-la para moldar as nossas próprias crenças, fazer as nossas próprias escolhas, reter o amor ou dá-lo livremente.

Atiro o telefone para o banco do passageiro e ponho a mudança no carro, apontando-o para a autoestrada.

O meu marido está morto.
O meu coração está destruído.
Os meus olhos estão finalmente abertos.

Apesar do trânsito da hora de ponta, regresso a Little Five Points em menos de uma hora. Já são quase sete horas da tarde e o céu escureceu num rosa-arroxado.

Lá dentro, a loja está vazia, excetuando a rapariga bonita na caixa. Está a contar dinheiro, e, quando ouve a sineta da porta, ergue um dedo. Não espero, entrando pela porta amarela antes que ela consiga erguer o olhar da sua pilha.

Encontro Zeke exatamente onde o deixei, ainda a martelar no seu teclado na sala atulhada.

— Voltou — diz ele sem erguer o olhar do monitor.

Ponho o telemóvel na sua secretária.

— Não viu o localizador.

— Vi-o, sim. — Ergue o olhar, depois recua com a cabeça para observar o meu cabelo despenteado e blusa desalinhada, a manga direita rasgada em dois locais. — Que raio lhe aconteceu?

— Aconteceu-me o localizador. Teria sido útil saber que ele aqui estava.

— Não perguntou.

Não consigo engolir o suspiro que sobe pela minha garganta.

— Pode retirá-lo, por favor? E tenho outro número que preciso que procure. É o número 678 no topo da minha aplicação de mensagens.

Zeke passa um dedo no ecrã e abre as mensagens. Houve mais quatro desde as duas primeiras, mensagens sinistras que prometem dor e morte se não entregar o dinheiro.

— Isto é mesmo marado.

— Nem me diga nada. Tinha esperança de que conseguisse dizer-me quem as enviou.

— Este bacano também roteou as mensagens através de um *site* de uma empresa, mas... — Carrega nalguns botões no telefone e franze o sobrolho. — Hum. É estranho. Espere um pouco, isto é capaz de me levar um minuto.

— Enquanto faz isso, há mais alguma coisa suspeita ou escondida aí de que eu deva ter conhecimento?

Ele retira um carregador da caixa aos seus pés e estende-mo.

— Deite fora todos os seus outros carregadores, ou, melhor ainda, tragamos. Estou sempre a precisar de *sniffers*.

Não sei o que é um *sniffer*, mas enfio o carregador na minha mala, de qualquer maneira.

Ele volta ao meu telefone, passando um dedo pelo ecrã.

— Até que ponto quer que eu procure?

— Finja que é o telemóvel da sua namorada.

Os olhos do rapaz cintilam, e ele indica-me a cadeira atrás de mim.

— Sente-se. Vamos ficar aqui algum tempo.

Com um prato de ravioli na minha frente, no Café Intermezzo na Midtown, vou contando a Evan os últimos desenvolvimentos. Que Zeke seguiu o rasto do telefone até uma casa em Vinings onde encontrei Corban Hayes. Que depois levei de novo o telemóvel a Zeke, que lhe retirou o localizador, bem como uma aplicação que estava a piratear o meu histórico de chamadas e mensagens. Que, quando de lá saí, ele continuava a fazer a sua magia no número 678, aquele que enviara as ameaças.

— Por alguma razão, é mais difícil de localizar do que o outro. O Zeke prometeu ligar assim que conseguir.

Evan ainda está com a roupa do trabalho, um imaculado fato que tem de ter sido feito à medida para a sua estrutura longa, mas o casaco está dobrado sobre as costas da cadeira, o colarinho desapertado e as mangas enroladas. Juntamente com a barba de lenhador, o efeito seria rudemente charmoso não fossem os olhos que descaem de tristeza nas pontas.

— Mas este outro número — diz ele, estendendo um braço comprido por cima da mesa para me devolver o telefone —, o bloqueado que julgava ser de Will, o Zeke seguiu o seu rasto até Corban Hayes?

— Não. O Zeke seguiu o seu rasto até uma morada de uma McMansão em Vinings. Mas, quando espreitei pela janela das traseiras, foi o Corban Hayes que eu vi.

As sobrancelhas de Evan erguem-se.

— Espreitou pela janela das traseiras? Enlouqueceu de vez?

— Tem graça que me faça essa pergunta, porque sim. Enlouqueci de vez. Ou isso ou estou a ser assombrada pelo meu marido morto. Escolha.

Ele apoia ambos os cotovelos sobre a mesa e inclina-se para a frente, com força suficiente para a mesa tremer sob o seu peso.

— Isto não é uma brincadeira, Iris. Se este tipo lhe anda a enviar mensagens a fazer-se passar pelo seu marido falecido, há alguma coisa maior por trás. Não deve aproximar-se dele e, definitivamente, não deve ir enfiar-se no pátio dele. E se a tivesse visto?

— Ele viu-me.

Evan fica ali especado, o rosto inexpressivo como se estivesse à espera da *punchline*.

— O Corban viu-me. Primeiro pela janela e depois outra vez quando

atravessei a correr o pátio. É por isso que estou nesta figura. Fiquei presa nos arbustos. — Enfio um dedo por um dos buracos na minha manga e encontro um arranhão inflamado na pele. — Seja como for, ele não veio atrás de mim. Ficou ali parado a ver-me ir embora. E quer saber a parte mais sinistra? Ele estava a sorrir.

— Acha que o sorriso é a parte mais sinistra.

Numa situação normal, ter-me-ia rido: da expressão fria de Evan, ou do seu tremendo eufemismo, ou das duas coisas juntas. Mas, tendo em conta o contexto, não o acho absolutamente nada divertido. Além disso, Evan tem razão. O sorriso de Corban não foi a única parte sinistra.

Evan pega no garfo, espeta um ravioli e depois abandona-o no prato com um tinido.

— Não gosto disto. Este tipo está a fazer-se passar pelo Will, o que significa que é desonesto e perigoso, e que sabe demasiado. — Evan abana a cabeça e volta a pegar no garfo. — Não sei quais são os seus motivos, mas ele é uma ameaça. Não pode ir para casa. Não está segura ali.

— Tenho um alarme novo em folha, o melhor do mercado, de acordo com o homem que o instalou. Câmaras, botões de pânico, tudo.

— Os alarmes não dissuadem um criminoso determinado, Iris. Já o vi vezes suficientes para saber que isto é um facto. Ficará bem mais segura noutro lado qualquer. A casa de uma amiga, um hotel, ou, se não tiver dinheiro, é bem-vinda no meu quarto de hóspedes.

Não respondo, principalmente porque não sei o que dizer. Advogado/cliente. Viúvo/viúva. Amigo. Já há aqui demasiadas ligações, demasiadas formas de as nossas linhas se poderem cruzar. Por simpática que seja a sua oferta, acrescentar companheiros de casa à mistura parece-me uma má ideia.

— Estou a ver que o convite a está a assustar, por isso devo acrescentar que o quarto vem com casa de banho privativa e fechadura na porta, e que não estou a pedir só por si. — Ele encolhe os ombros numa expressão de não-é-nada-de-especial, um nítido contraste com o seu semblante. — Quem quer que disse que o pior é quando a família e amigos fazem as malas e se vão embora não se enganou. A minha casa está demasiado silenciosa. Seria bom ter alguém por perto.

Fecha os olhos quando diz isto, como se não fosse em mim que está a pensar, mas em Susanna e Emma, a tentar captar na mente as suas imagens fugidias. Sei que este convite vem de um bom lugar, mas vem também de um lugar de amor, perda e saudade. Já me sinto uma intrusa e ainda nem sequer passei a ombreira da porta.

Abro a boca para declinar educadamente, mas Evan deve sentir a resposta a chegar, porque me interrompe.

— Pense só no assunto, está bem? O quarto está ali sempre que quiser. E, se não quiser, pelo menos prometa-me que vai ponderar ficar com uma amiga ou um membro da família.

Faço um aceno de assentimento e sorrio o meu agradecimento, e Evan regressa à sua massa.

— Bom. Pediu ao Zeke para identificar a origem do *spyware*?

— Não. Não sabia que era uma opção.

— Também não tenho a certeza de que o seja, mas, se alguém o consegue fazer, é ele. Entretanto... e nem acredito que tenho sequer de dizer isto: mantenha-se longe de Corban Hayes. Se ele voltar a enviar alguma mensagem a fingir que é o Will, nunca, repito, nunca responda. Se ele ligar ou lhe aparecer de novo à sua porta, chame a polícia e, entretanto, documente tudo. Vamos precisar disso para a ordem de restrição.

O meu telemóvel vibra sobre a mesa e a cara de Dave ilumina o ecrã.

— É o meu irmão. Importa-se?

Evan faz-me sinal para atender.

— Força.

Atendo, colando um dedo na minha outra orelha para o ouvir sobre o ruído do restaurante.

— Olá, posso ligar-te mais tarde? Estou a jantar.

— Não. Esquece. Sabes quantas mensagens te deixei? Treze mensagens, e a mãe já me ligou pelo menos duas vezes, à tua procura. Está completamente passada. Onde raio tens estado metida?

— Desculpa, mas nem ias acreditar no que tem acontecido nestes últimos dias.

Faço a Dave um rápido resumo dos acontecimentos desde a última vez que o vi — apenas três dias antes mas com drama suficiente para preencher três meses. Restrinjo-me aos tópicos principais, falando-lhe de Tiffany, do segundo bilhete, das mensagens que alegavam ser de Will, de Zeke a localizar o telefone numa morada em Vinings.

Quando lhe conto a parte de Corban a ver-me pela janela, Dave interrompe-me.

— Caramba, Iris. Foste à polícia?

— Evan e eu estávamos mesmo a chegar a essa parte, razão pela qual tenho de desligar. Falas com a mãe por mim? Diz-lhe que estou bem e que lhe telefono amanhã.

— Eu dizia, mas sabes que ela vai continuar a ligar. Sugiro que nos faças a todos um favor e atendas. Ah, e já agora, viste o *email* da polícia de Seattle?

— Não, porquê? Dizia quando podemos esperar receber o relatório?

— Já o enviaram.

— Tudo?

— Tudo. O incêndio, as provas contra o Will, tudo.

— E? O que é que diz?

— Não faço raio de ideia. É como ler qualquer coisa em espanhol, só percebo uma palavra em cada cinco. Seja como for, dá uma vista de olhos quando puderes e liga-me. Talvez entre os dois consigamos ler aquele jargão.

Olho para Evan do outro lado da mesa, a passar um pedaço de pão no molho no seu prato.

— Posso fazer melhor do que isso.

Evan concorda em dar uma vista de olhos no relatório da polícia, mas só se lho mostrar no ecrã do portátil na minha casa. Embora nenhum de nós o diga em voz alta, ambos sabemos a razão por detrás do ultimato. Evan quer ter a certeza de que não está ninguém escondido nas sombras dos meus quartos vazios, e, depois das descobertas do dia e da minha corrida pelo pátio das traseiras de Corban, quero deixá-lo fazer isso.

A minha casa é uma imponente sombra preta contra o céu noturno, apesar das luzes que lançam um brilho dourado pela rua.

— Não vou mentir — digo, procurando a chave de casa entre as do meu chaveiro. — Sinto-me melhor consigo a acompanhar-me. Nunca me ocorreu, quando saí esta manhã, que podia não estar de volta antes de escurecer.

Evan aponta o *iPhone* para a minha fechadura para me ajudar a ver.

— Sim. É um bocadinho assustador.

Empurro a porta e o sistema recebe-me com um longo *bip* agudo. Apresso-me a ir para o teclado e introduzir o código enquanto Evan procura o interruptor da luz. Encontra-o e o corredor inunda-se de luminosidade.

— O alarme está ligado, o que significa que não está aqui ninguém. — Indico-lhe com um gesto um dos sensores de movimento instalados no alto da parede do canto. — Há coisas destas em todas as divisões, e o tipo que as instalou disse-me que são suficientemente sensíveis para funcionar no escuro.

Evan não parece convencido. Espreita para dentro da sala principal e depois vira a cabeça na outra direção.

— Vou dar uma volta na mesma. Não se importa, pois não?

— Na verdade, agradeço-lhe, até. — Corro o ferrolho da porta, rearmo o alarme e faço-lhe sinal para me seguir para a cozinha, ligando mais luzes pelo caminho. — Posso oferecer-lhe alguma coisa para beber? Tenho refrigerantes, cerveja e vinho, e coisas mais fortes, se preferir.

Ele abre a porta da despensa e fecha-a.

— Ia gostar de um copo de vinho, obrigado.

Deixo-o andar pela minha casa, a espreitar pelas portas e a experimentar puxadores e janelas enquanto abro uma garrafa de *Pinot Noir*. Levo-a com os dois copos para o balcão e abro o *email* da polícia de Seattle no meu portátil. Alguns minutos mais tarde, Evan reaparece, parecendo bem mais relaxado.

— Tudo bem?

— Tudo bem. — Deixa-se cair num banco, franzindo o sobrolho para o ecrã. — Isto parece um relatório de ocorrência.

Empurro um copo sobre o balcão e aproximo-me mais para poder ver por cima do seu ombro.

— Sim, e então?

— Então, na verdade, não nos diz nada de novo. Houve um incêndio que matou a mãe de Will e dois miúdos vizinhos, e a polícia encontrou acelerante no apartamento ao lado, mas o que aconteceu a seguir?

Encolho os ombros.

— Então e o agente de proteção? O Will teve um. O Dave e eu pensámos que talvez soubesse mais coisas.

Evan percorre o documento com o olhar.

— Wyatt Laurie. Diz-lhe alguma coisa?

— Não.

— Vou ver se o consigo localizar amanhã. Vocês verificaram os registos de tribunal?

— Não.

— Esses deverão dar uma imagem do que aconteceu *depois* do incêndio. Se houve mandados de busca, se alguém foi acusado criminalmente ou, melhor ainda, um caso levado a tribunal. É assim que podemos reconstituir a história completa.

A desilusão sobrecarrega-me os ossos, fazendo o meu corpo parecer pesado.

— Oh.

Ele fita-me de relance, tocando-me ligeiramente no ombro com o seu.

— Iris, isto não é mau. As esquadras de polícia são muitas vezes avaras com os seus relatórios, mas os registos de tribunal são públicos, e muitas vezes estão acessíveis *online*. — Começa a clicar com o rato, os dedos grandes a teclar. — Aqui estamos, o Tribunal Distrital do Distrito Ocidental de Washington. Lembre-me qual foi o ano em que isto aconteceu.

— Foi em 1998 ou 1999.

— Humm, não sei se já haverá registos digitais dessa altura, mas pelo menos devemos conseguir encontrar alguma coisa. Resumos, provavelmente, mas pelo menos deve dar para fazer um esboço do ocorrido. — Preenche um formulário eletrónico e carrega em *submit*. Dois segundos mais tarde,

aparecem os resultados no ecrã. — Bingo. Tem impressora?

Evan e eu acabamos em pontas opostas do sofá, com folhas de papel impresso espalhado nas almofadas entre nós. Não são assim tantas. Alguns registos de tribunal, uma mão-cheia de novos artigos sobre o incêndio e não muito mais. Até agora não nos disseram nada de novo.

Parte do problema é que Evan tinha razão: a maior parte do que conseguimos encontrar na internet é incompleto, um parágrafo ou dois a resumir o que devem ser páginas e páginas de dados.

A outra parte, a parte maior, é que as provas contra Will eram, no mínimo, vagas. A lata de gasolina, adquirida em 1997, nunca foi relacionada com ninguém de Rainier Vista. O apartamento onde o incêndio começou, adjacente ao de Will, estava destrancado e vazio, e os investigadores encontraram mais ADN do que aquele que conseguiram identificar. E não ajudou que o agente encarregado da investigação fosse, afinal, um viciado em coca que andava a percorrer todas as prostitutas de Rainier Vista. O caso foi encerrado antes de o júri poder chegar a uma decisão.

Atiro a folha que estou a ler para o sofá, a frustração a crescer rápida e intensamente.

— Isto parece-me um exercício fútil. Quero dizer, comecei-o por querer conhecer o passado do Will, mas agora... Agora não tenho tanta certeza. Quero dizer, isso não vai mudar nada do que aconteceu. Não vejo o objetivo.

Evan não parece tão certo disso.

— Se houve uma coisa que aprendi no meu trabalho é a continuar a escavar até se ter o quadro completo. Se queremos saber o que o Will estava a pensar nas semanas e meses e até anos antes do acidente, precisamos de conhecer os principais acontecimentos da vida que o moldaram como pessoa. — Agita uma página no ar entre nós. — Eu diria que o incêndio é um deles.

Faço-lhe um encolher de ombros relutante e volto à leitura.

Fiquei a saber que, para além do velho com quem Dave e eu falámos na Centro Cívico, a principal testemunha da acusação era uma mulher de nome Cornelia Huck, uma vizinha do 47C, o apartamento que flanqueava o que estava abandonado, onde o incêndio começara. No início do julgamento, a senhora Huck testemunhara que tinha ouvido os pais de Will a discutir na noite do incêndio, mas que havia três vozes, não duas. Dois adultos e um adolescente. A senhora Huck reconhecia a diferença porque tinha uma mão-cheia de filhos, embora tivesse o cuidado de frisar que não eram amigos de Will.

A certa altura após a meia-noite, as coisas tinham acalmado. Uma hora e

meia depois, o edifício estava em chamas. A senhora Huck conseguiu salvar-se, embora tivesse perdido tudo, e, como a maior parte dos residentes, não tinha seguro.

— Acha que a senhora Huck teria algum motivo para se envolver? — pergunto, estendendo a mão para o meu vinho. Digo o nome e qualquer coisa se agita na minha mente, uma memória a tentar abrir caminho.

— Definitivamente. Em especial porque já era conhecida pelas chamadas frequentes para o 911, a acusar os Griffith de perturbação da paz. Ela disse, e passo a citar, «não conseguia pensar com aqueles gritos todos».

— E, entretanto, onde estão os filhos dela? Menciona-os no julgamento, mas não vejo nada nos relatórios do local do incêndio.

— Se não estão inscritos como testemunhas nem vítimas, podemos assumir que não passaram de espetadores.

A memória encontra o seu lugar, totalmente formada. O amigo da escola de Will, aquele que nunca conheci porque estava na Costa Rica, a ensinar turistas ricos a fazer surf. O nome dele era Huck. Sempre assumi que Huck era o primeiro nome, mas agora não tenho tanta certeza disso. Seria um dos filhos da vizinha?

Recosto a cabeça sobre a pele do sofá, fechando os olhos, e pergunto-me por onde poderei começar a desenredar a confusão das duas últimas semanas. Pelo acidente? Por Rainier Vista? Pelos bilhetes e mensagens? Recordo a manhã em que Will partiu, quando o nosso casamento parecia a coisa mais simples do planeta. Fazíamos-nos sentir mais leves, melhores, mais felizes. Se eu soubesse o que sei agora acerca dele, continuaria a sentir o mesmo?

Abano a cabeça, para dispersar estes pensamentos.

— E agora? — Agora faltam quinze minutos para as dez num dia de semana, e a única coisa que quero fazer é ir para a cama.

— Vou passar isto à minha assistente amanhã de manhã e vamos ver que mais ela consegue descobrir que possa ser relevante.

— Não, referia-me a Corban. Devíamos contactar a polícia?

— E dizíamos o quê?

— Hum, tudo o que lhe disse esta noite. As mensagens, o localizador, o sorriso sinistro quando me fui embora.

— Um sorriso sinistro não é um crime, nem, tecnicamente, as mensagens. Endireito-me um pouco mais no sofá.

— Ele está a fazer-se passar pelo meu marido morto!

— Talvez. Neste momento, a única coisa de que temos a certeza é que Zeke seguiu o rasto do número bloqueado até uma casa onde Corban estava fisicamente presente, e quem sabe se o Will não estava escondido na cave? Não sabemos se foi Corban quem usou o telefone que enviou as mensagens,

nem sabemos se ele vive mesmo ali. Quando muito, a Iris é a culpada aqui, por ter invadido a privacidade dele. Sei que é frustrante, mas estou só a dizer que, antes de irmos à polícia, vamos precisar de mais informação.

— Está bem, então e o localizador?

— Mais uma vez, não sabemos se foi Corban quem o pôs ali. E, infelizmente, esta é uma área em que a tecnologia está anos-luz à frente da lei. Essas aplicações de espionagem não são ilegais, e, a não ser que Zeke consiga seguir o rasto do localizador até Corban usando meios legais, não as técnicas de pirataria que usa, vamos ter uma grande dificuldade em provar Corban culpado seja do que for.

— Não é para isso que serve a polícia?

— A polícia só pode agir quando existem provas suficientes, e nós não as temos ainda. Nesta altura, quaisquer suspeitas contra Corban são apenas isso. Suspeitas.

— Então e uma ordem de restrição?

— Podemos experimentar uma medida de proteção temporária, mas não temos muito por onde pegar. Teremos de demonstrar que o comportamento dele tem sido persecutório e intimidador e que lhe provocou receio pela sua segurança. O que vai ser difícil de fazer depois de oferecer ao tipo uma cerveja por lhe ter cortado a relva.

Sopro um longo suspiro.

— Ouça, não estou a tentar ser difícil, estou só a dizer-lhe como estas coisas funcionam. O nosso melhor plano de ação será pôr um detetive privado a trabalhar no caso amanhã de manhã e delinear depois o próximo passo com base no que ele descobrir. Parece-lhe uma coisa aceitável?

Faço um aceno afirmativo, mas é lento e hesitante.

— Ótimo. — Ele bate em ambos os joelhos e ergue as pernas compridas do sofá. Sorri-me, os ombros descaídos e as mãos enterradas nos bolsos. A versão do advogado desaparece e ele torna a ser o homem-rapaz de olhos tristes, aquele para quem magoa olhar demasiado. — Tem a certeza de que vai ficar bem aqui?

— Claro. — Uma ponta de medo ensombra-me a voz, e oculto-a estendendo mais o sorriso. Pela forma como a sua boca se comprime, percebo que não me saí bem.

— Se não quiser ficar comigo, pode sempre ir para um hotel.

— Eu fico bem. Tenho o alarme topo de gama, lembra-se?

— Pois.

Evan oferece-me uma mão e puxa-me do sofá, e eu acompanho-o à porta. Quando está a estender a mão para a maçaneta, faz uma pausa e vira-se para trás de sobrolho franzido.

— Já teve notícias do Zeke a propósito do número 678?

Retiro o telemóvel do bolso e verifico o ecrã.

— Não. Nada.

— Porque será que está a demorar tanto? Vou ligar-lhe a caminho de casa. Se ele fez algum progresso, ainda lhe digo. E amanhã conversamos sobre os planos para irmos falar com a Tiffany.

— Parece-me bem.

— Pronto. Tenha cuidado. Mantenha as portas trancadas, não as abra a ninguém. Confie nos seus instintos. Se tiver a mais pequena desconfiança de que há alguma coisa errada, use os botões do pânico. É para isso que aí estão.

— Evan, a sério. Eu fico bem.

Ele abre a porta e uma sirene corta o ar.

— Oh, merda! — Precipito-me para o teclado, insiro o código e o guincho ensurdecedor interrompe-se. Sei por experiência o que vai acontecer a seguir. Corro para a cozinha e para o telefone, que já está a tocar.

— Râguebi, râguebi, râguebi — digo em forma de cumprimento. — Desculpe! Prometo que é a última vez.

— Fico contente por saber que está bem, senhora Griffith. Tenha uma boa noite.

Devolvo o telefone ao carregador e volto para o átrio, o coração a acalmar-se.

Evan está parado onde o deixei, com as mãos enfiadas nos bolsos, o sorriso divertido.

— Bem, pelo menos sabemos que a coisa funciona.

— Os meus vizinhos vão odiar-me.

Ele dá-me um rápido abraço, envolvendo-me nos seus braços de louva-a-deus e no cheiro a champô e *aftershave* desconhecidos. Por um fugaz segundo, reconsidero a sua oferta do quarto de hóspedes, e, nesse momento, o abraço torna-se desconfortável. Demasiado apertado, demasiado próximo, demasiado cedo para o seu queixo pousar no alto da minha cabeça, a mão quente e seca no meu pescoço.

Solto-me dele e recuo.

— Tenha cuidado, sim? — Anuo e Evan sorri. — Ligo-lhe amanhã.

Ele sai pela porta e depois espera no alpendre enquanto corro os ferrolhos. Faz-me sinal para o teclado do alarme e reviro os olhos na brincadeira, inserindo o código e fazendo-lhe sinal com os polegares através do vidro quando o sistema fica armado. Quando tem a certeza de que estou em segurança, corre para o carro e entra, e, alguns momentos mais tarde, desaparece.

Apago a luz do alpendre e depois mudo de ideias e volto a acendê-la. Se

alguma vez houve noite para se dormir de luzes acesas, em toda a minha vida, diabos me levem se não é esta. Encosto o rosto ao painel de vidro e observo a noite lá fora, a fileira de casas vitorianas do outro lado da estrada, as suas silhuetas que se erguem no escuro. Uma ocasional luz no andar superior derrama a sua luminosidade dourada para fora, mas, de resto, tudo está imóvel.

— Pensei que ele nunca mais se ia embora — diz uma voz conhecida mesmo atrás de mim, e o meu coração para de bater.

Fico muito imóvel, o pânico a rugir nos meus ouvidos.

— O que... Como é que entrou? Como é que passou pelo alarme?

Corban sai das sombras da minha saleta da frente, vestido como o vilão de um filme do James Bond. Calças de ganga azuis-escuras, camisola de ébano, ténis pretos, todo elegante e escuro como as sombras lá fora. Tem o ar de quem consegue escalar as paredes da minha casa e passar por uma janela sem fazer um som. Quem sabe, se calhar foi assim que entrou.

— Apreendi muito com o teu marido, inclusive a contornar um alarme. — Faz um *tss-tss*, e aquele mesmo sorriso sinistro surge-lhe no rosto. Assusta-me mais agora do que na última vez que o vi, esta tarde, quando estava a fugir da sua casa. — Eu disse-te que conseguia. Parece-me que devias ter prestado atenção.

Levo alguns segundos a registar as suas palavras sobre o ribombar do meu coração, e depois mais alguns a captar o seu sentido. Parece que devia ter prestado atenção ao quê? E então compreendo. Corban está a referir-se à mensagem do 678: *Sei como contornar um alarme, só para que saibas*.

— Espere. Foi o Corban que me enviou aquela mensagem? Que me tem andado a escrever?

Ele ergue ambos os braços para indicar o espaço à nossa volta — o meu átrio, a minha casa — e assumo que é um sim, o que significa que também foi ele quem enviou a outra. A primeira ameaça daquele mesmo número regressa à minha mente, afiada como uma faca: *Diz-me onde o Will escondeu o dinheiro ou vais juntar-te a ele*.

Olho Corban nos olhos, vejo obsidiana e uma ponta de loucura, e penso que ele seria capaz. Seria capaz de me matar sem pensar duas vezes.

Mas porquê? Porquê enviar-me mensagens ameaçadoras de um número, enquanto se fazia passar por Will com o outro? Não faz qualquer sentido. O rugido no meu ouvido torna-se oco, como se eu estivesse no fundo do oceano.

— Ouça, eu não sei onde está o dinheiro. Nem sequer sabia da sua existência até há poucos dias.

— Claro que não fazes ideia. — As palavras são de concordância mas não o tom. O tom diz que eu sei onde está o dinheiro e que ele vai cumprir a sua ameaça, se for preciso.

Começo a suar entre os seios enquanto recuo, a aproximar-me cada vez

mais do teclado do alarme, tentando arranjar maneira de o distrair durante três segundos. Três segundos para ativar um botão de pânico! Quem terá sido o idiota a inventar essa regra? Três segundos é uma eternidade quando se está em pânico.

Recuo mais uns centímetros.

— Honestamente, Corban. Já virei a casa do avesso, e não está aqui. Pode ir procurar, se não acredita em mim.

Ele semicerra os olhos, fixando-os no painel por cima do meu ombro.

— Não achas mesmo que sou assim tão estúpido, pois não?

Uma pergunta retórica. Não respondo.

Ele agarra-me pelo pulso e empurra-me ao longo do corredor para o interior da casa e para mais longe dos botões do meu sistema de alarme.

Avanço aos tropeções, procurando a marca de uma pistola a espreitar de debaixo do cinto das calças, a forma de uma faca presa debaixo das roupas justas. Tanto quanto percebo, não está armado, mas também não precisa. O corpo musculado é a sua única arma.

Empurra-me para a cozinha e vira-me, impelindo-me contra o lavatório.

— Qual é o plano aqui, Iris? Chorar o Will durante um ou dois meses, depois recolher o seguro de vida e sair da cidade com uma desculpa da treta estilo *Comer, Rezar, Amar*, a dizer «preciso-de-me-encontrar»? — Ele serve as aspas com um trejeito de raiva que explode por detrás dos seus olhos. — De certeza que vocês os dois conseguem fazer melhor do que isso.

Não sei o que dizer, mas ele parece estar à espera de uma resposta, e a única que consigo fazer sair é:

— N-Não sei do que está a falar.

Ele faz um som de aversão.

— Onde é que ele está à tua espera, na América do Sul? Na Europa de Leste? No México? — Faz um ronco trocista e o suor na sua cabeça brilha sob as luzes da cozinha. — Esquece, o México é demasiado quente. Ambos sabemos que o Will prefere climas mais frescos.

Abano a cabeça, o coração a acelerar. Estou a tentar fazer as contas, descobrir a lógica por detrás da corrente de oitenta e sete mensagens de Corban a fazer-se passar pelo meu marido morto e as palavras que lhe saem agora da boca. Ele está a falar como se o Will continuasse vivo.

Mas Corban já me tentou enganar antes.

Durante um ou dois segundos, considero os aspetos práticos de alinhar com as fantasias dele. Se Corban acha que estou neste roubo com Will, fingir que o estou mesmo pode ser uma razoável estratégia para empatar.

Mas depois Corban dá mais dois passos em frente, a densa rede de veias no seu pescoço a pulsar com o que leio como raiva e ódio, e acobardo-me.

— Sei que as mensagens eram suas. As mensagens e aqueles dois bilhetes. Não eram do Will, pois não?

Ele ri-se, uma gargalhada maldosa e zangada.

— Sempre pensei que era demasiada coincidência. A AppSec a apertar o cerco à volta do Will no preciso momento em que ele embarca num avião para a cidade que odeia mais do que qualquer outro lugar do planeta. — Abana a cabeça. — Não, nunca ia acontecer. Embora tenha de te confessar. Aquelas lágrimas de ontem foram uma boa jogada. És uma ótima atriz.

Ele dá um passo e eu recuo, entrando mais na cozinha, mas, sempre que ponho mais de trinta ou quarenta centímetros de distância entre nós, Corban aproxima-se com a sua longa passada. É como um jogo do gato e do rato, uma dança demente em volta da ilha da cozinha. Mas agora estou quase na entrada, e paro, a calcular a distância para a porta das traseiras. Se conseguir lá chegar, a única coisa que tenho de fazer é abri-la, levando a disparar o alarme. Conseguirei?

Ele ri-se com o que vê na minha cara.

— Alguma vez viste um preto correr? Nem te dês a esse trabalho.

Dirijo a conversa para terreno mais seguro.

— Eu não estou a representar. Sou uma viúva enlutada que descobriu que o homem com quem casou era um ladrão, alguém que roubou quatro milhões e meio ao seu empregador.

— Cinco.

— O quê?

— Foram cinco milhões, e fui eu que os roubei. *Eu*. Fui eu que inventei o plano. O Will só o executou. — Incha o peito, martelando com um polegar no centro. — Sabes como este negócio era complicado? Quantas camadas tive de trabalhar para pôr as mãos nas ações da CSS? Só alguém altamente competente e perigosamente inteligente podia ter inventado um plano tão genial. Graças a mim, conseguimos escapar com cinco milhões de dólares.

E, no entanto, ninguém tinha escapado, pois não? Nick apanhara-os.

Ocorre-me de repente que Corban é narcisista. Provavelmente também *borderline*. Fanfarronada excessiva é apenas um dos traços do transtorno de personalidade, mas um traço clássico, um que explica a razão por que não o percebi antes. Os narcisistas são difíceis de detetar, já que são muitas vezes peritos em esconder o seu transtorno do mundo.

— O que é a CSS? — digo, passando as palmas das mãos pelos bolsos de trás das calças. É um movimento casual, mas também deliberado. O meu telefone está ali, frio, duro e reconfortante contra os meus dedos. Primo o interruptor que o silencia. Com sorte, ele não vai perceber que o tenho ali.

— Crunch Security Systems. As ações que a AppSec adquiriu em 2013.

Fui eu que disse ao Will para as transferir para uma empresa que criei nas Baamas e exatamente quando devia liquidá-las. Ele nunca teria conseguido planejar isto sozinho. Pode ser uma barra nos computadores, mas é inútil em negócios.

Faço a Corban um impressionado arquear de sobrancelhas, embora nem esteja a prestar muita atenção. Preciso de o manter a falar, pôr o máximo de palavras possíveis entre nós.

— Mas o Will deve ter cometido algum erro, porque a AppSec descobriu. Falei com o chefe dele, que me disse que tinha contabilistas forenses a seguir o rasto do dinheiro e que todos os sinais apontavam para o Will.

O meu telemóvel vibra contra a minha anca com uma chamada. Conseguirei tocar no ecrã para atender sem ele reparar?

Corban encolhe um ombro, um gesto de *sim, e daí?*

— Sabíamos que iam acabar por descobrir.

A sua indiferença deixa-me atónita, o suficiente para os meus dedos se imobilizarem sobre o telefone. Fico ali imóvel por um momento, a estudar a expressão indiferente de Corban, os seus lábios franzidos, recordando as duas novas apólices de seguro e a lista de tarefas domésticas que Will fizera nessa derradeira manhã na cama, e a resposta forma-se na minha frente.

Abano a cabeça, enervada por não ter pensado nisso antes.

— Vocês iam desaparecer, não iam? Os dois, quero eu dizer. Já tinham planeado fugir, por isso, quando o avião caiu no preciso momento em que o dinheiro desapareceu, assumiu que o Will se tinha ido embora com ele todo.

O meu telefone imobiliza-se, passando a chamada para o correio de voz, depois começa a vibrar de novo.

— Ele levou-o todo. Foste tu que me disseste.

Franzo o sobrolho, a tentar lembrar-me de alguma vez ter dito qualquer coisa próxima dessas palavras.

— Eu?

Corban faz um aceno afirmativo.

— Quando me falaste do bilhete na tua gaveta, lembras-te? O que o Will lá pôs. — O meu ritmo cardíaco acelera com o que ele está a implicar, mas, antes de poder processar as suas palavras, Corban aproxima-se mais dois passos. Recuo, mas já não posso ir para lado nenhum. Estou encostada à bancada. — Mas ele cometeu um erro fatal.

— Qual? — A minha voz falha, e odeio-me por soar tão assustada.

Ele sorri, dentes de lobisomem contra a pele preta como carvão.

— Deixou a mulher bonita aqui sozinha.

A minha pele arrepia-se e engulo uma bola de náusea.

— Sabes, até percebo o que o Will vê em ti. Para além do óbvio, claro. És

esperta e engraçada, e tens qualquer coisa... — Corban acena com uma mão na minha direção, o olhar a baixar, depois a baixar mais. — Delicada. Sensual. O Will é um homem de sorte, muita sorte.

— Era — digo, corrigindo-o. A minha mente está embotada de medo e choque, e não consigo pensar como deve ser. A palavra soa lenta e pegajosa.

Ele cruza os braços, a estudar-me com os olhos semicerrados.

— Sabes, durante algum tempo estive convencido de que estavas por dentro do número de desaparecimento. Mas, depois, não saíste da personagem, nem sequer quando pensaste que as minhas mensagens eram dele. Ou não sabias mesmo ou tu e o Will têm estado um passo à minha frente o tempo todo.

— Não estou a mentir. Não sabia mesmo.

— Sim, começo a acreditar nisso. — Ele afasta-se da bancada, a aproximar-se mais, depois ainda mais, até o cheiro da sua colónia me fazer revirar o estômago. — Vamos fazer o rato sair da sua toca, o que me dizes?

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que ele não me atende. — Corban procura o seu telefone no bolso. — Mas vamos ver se te atende a ti.

Antes que eu possa dizer uma palavra, passa um braço em volta do meu pescoço, puxa-me a têmpora contra a dele e tira uma *selfie*. O *flash* ofusca-me, e estou demasiado chocada para fazer outra coisa que não ficar a olhar.

Enquanto pestanejo para limpar os pontos brancos na minha vista, Corban mergulha no seu telefone, os polegares a escrever. Anexa a fotografia a um *email* — sem assunto, sem mensagem, apenas uma fotografia de um Corban sorridente e eu pálida e de olhos esbugalhados — e carrega em *enviar*. Quase de imediato, um texto faz-se anunciar no seu telefone.

— Boas notícias — diz, virando o telefone para me deixar ver. — O teu marido está vivo e de boa saúde.

Magoa-a e corto-te o pescoço.

Apesar de tudo, apesar do meu terror, que é afiado e pontiagudo, apesar deste louco que sabe contornar um alarme e em quem acredito quando diz que me vai matar, a minha euforia é rápida e indiscutível.

Will está *vivo*.

O meu telefone vibra, e desta vez arranco-o do bolso. Corban não me impede, limitando-se a encostar uma anca à bancada e a observar, aquele mesmo sorriso sinistro a brincar nos seus lábios.

O número é uma longa série de dígitos que parecem vir de um país estrangeiro. Passo o polegar pelo ecrã e levo-o ao ouvido, a minha voz mal audível por cima do martelar do meu coração.

— Estou?

— Iris, sai daí.

O meu soluço é denso e imediato. Durante as duas últimas semanas, tenho sonhado com a voz dele. Tenho rezado a um Deus em quem não tenho a certeza de acreditar, tenho oferecido tudo o que me é mais querido só por mais uma oportunidade de o ouvir outra vez, e agora aqui está, finalmente — finalmente — no telefone, e a única coisa que consigo fazer é chorar.

— Will?

— Ouviste o que eu te disse? O Corban é perigoso. Vai magoar-te ou pior para chegar a mim. Vou a caminho, mas, entretanto, sai daí. Não me interessa o que tens de fazer, sai daí e pede ajuda. Consegues fazer isso por mim?

Will vem a caminho! Sei que havia muitas mais palavras, mas o *vou a caminho* são as únicas que ouço. O meu marido vai voltar para casa.

— D-Depressa.

Corban arranca-me o telefone do ouvido.

— Sim, meu. É melhor vires depressa, que a tua linda mulher está aqui à espera. Ah, e não te esqueças do dinheiro. Esta tua brincadeira vai custar-te a tua parte dos fundos.

Atiro-me ao meu telefone, arranhando-o para tentar recuperá-lo, mas ele defende-se facilmente com um braço de betão.

— Ela é arisca, Billy. Aposto que é uma leoa na cama. Aposto que parte a mobília e grita como uma estrela porno. Acertei?

Uma onda de náusea rola pelo meu estômago quando assimilo as palavras de Corban, o brilho descontrolado nos seus olhos. Tento recuar, mas a mão de Corban é um torno de ferro fechado à volta do meu braço.

Há barulho do outro lado da linha. Mas não consigo perceber nenhuma das palavras de Will. Seja qual for a resposta, ela só aprofunda o sorriso de Corban.

O seu olhar pousa em mim, lascivo.

— Não te preocupes. De certeza que arranjam alguma coisa para fazer entretanto.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

A campainha toca menos de vinte minutos mais tarde, e o coração sobe-me à garganta. Poderá já ser o Will? Onde é que estava escondido, no barracão do jardim? E para quê tocar à campainha em vez de usar a chave ou, melhor ainda, entrar de rompante pela janela num ataque surpresa? Nada disto faz qualquer sentido.

Corban consulta o relógio e franze o sobrolho. Pela sua expressão, deve estar a pensar o mesmo que eu.

Ouve-se bater na porta com força, e depois a voz abafada de Evan.

— Olá, Iris, está acordada? Acho que deixei aí a minha carteira.

— Noite concorrida — graceja Corban, mas está a falar por entre os dentes cerrados.

Inclino a cabeça para trás para espreitar a sala adjacente e vejo uma porção de couro brilhante a projetar-se de uma pilha de papéis em cima da mesa de centro. A carteira de Evan. Tirou-a do bolso de trás para se sentar, depois deve tê-la atirado para ali e acabado por se esquecer dela.

— E agora? — pergunto.

Corban observa-me por uns segundos, a pensar no que fazer, como resolver o problema. Não está preocupado com Evan, isso dá para perceber. Está preocupado com a possibilidade de eu o alertar. Sou eu o problema.

— Desarma o alarme a partir do teu telefone. Não te quero perto desses botões de pânico.

Evan volta a bater, desta vez com mais força e com o punho.

— Iris, está aí?

— Esquece, eu faço isso.

Corban abre a aplicação do alarme no seu telefone — o seu telefone, o que explica como conseguiu contornar o meu alarme — e o teclado à entrada faz um trio de *bips* curtos. Agarra-me pelo braço e puxa-me contra si, os dedos a fecharem-se com força suficiente para deixarem uma nódoa negra. — Dá-lhe a carteira e livra-te dele, percebeste? Senão parto-lhe o pescoço e faço-te assistir.

Anuo, engolindo em seco. Não duvido que o conseguisse fazer, apesar do tamanho de Evan.

— Linda menina. — Corban vira-me pelos ombros e empurra-me com força. — Agora vai.

Há uma série de coisas que podia fazer agora. Fazer um sinal a Evan. Usar o código de emergência quando rearmasse o sistema. Disparar pela porta fora e fugir a sete pés. Mas acreditei em Corban quando disse que ia fazer mal a Evan e obrigar-me a assistir, e não suportaria nenhuma dessas coisas. Além disso, fugir ou alertar a polícia significa que não poderei voltar a ver Will.

Razão pela qual vou buscar a carteira, forjo um sorriso e dirijo-me para o corredor, lançando o aceno mais descontraído que consigo fazer a Evan através do vidro. Ele parece aliviado por me ver, embora os ombros se mantenham tensos e erguidos, como se quisessem engolir-lhe o pescoço até eu abrir a porta.

— Onde estava? — pergunta Evans. — Tentei ligar-lhe.

— Desculpe. — Pelo canto do olho, capto uma centelha de movimento na saleta da frente. Corban a deslizar para as sombras. — Tinha o telefone no silêncio.

— Ah. — Ele ergue um pé como se fosse entrar, mas não me afasto da ombreira. Fico ali rigidamente, a segurar a porta e a bloquear a entrada com o meu corpo.

Há uma longa pausa.

Estendo-lhe a carteira.

— Tome. Encontrei-a na mesa.

Ele pega na carteira com um olhar curioso, depois inclina-se para a esquerda e espreita pela janela da saleta da frente. O meu coração para. Para além do sofá bege, a sala está praticamente vazia. Se Corban ainda ali estiver, encostado à parede oposta, Evan vai vê-lo de certeza.

Mas depois ele endireita-se, a olhar para mim, como se a única coisa que tivesse visto fosse uma sala vazia.

— Falei com o Zeke. O número 678 é um beco sem saída, infelizmente. Um pré-pago sem nome ou morada associados. Não há maneira de o localizar.

Franzo o rosto, fingindo-me desiludida.

— Oh. *Okay*. Bem, agradeça-lhe por tentar. Boa-noite. — Empurro a porta, mas Evan segura-a com uma mão.

— O que é que se passa consigo?

Tenho o cuidado de lhe sustentar o olhar enquanto abano a cabeça.

— Estou só exausta. Estava a preparar-me para subir para ir dormir.

Ele inclina a cabeça, franzindo ligeiramente o sobrolho.

— Parece ter estado a chorar.

— Tem sido um dia difícil.

— Ah. Bem, se quiser falar... — Deixa a frase por acabar enquanto o seu olhar espreita por cima do meu ombro, inclinando a cabeça para o interior da casa o máximo que lhe permito, o que não é muito. Para além das escadas e

do corredor iluminado atrás de mim, provavelmente não vê grande coisa. — Então, tudo bem, não a quero demorar. Obrigado por isto. — Ergue a carteira, agitando-a enquanto forma com os lábios duas palavras: *Tudo bem?*

Esforço-me por fazer um sorriso tranquilizador.

— De nada. Ligo-lhe amanhã.

E depois fecho-lhe a porta na cara, corro os ferrolhos e volto para a sala.

Quando entro na cozinha, estou a tremer. Corban retira-se das sombras, erguendo um dedo. Ficamos a ouvir o som da porta do carro de Evan a bater, o motor a ligar e o ronco deste quando ele parte.

— E agora?

O sorriso de Corban é do tamanho do Cheshire.

— Agora esperamos.

O relógio na *box* da televisão por cabo diz que são quase onze da noite. Mais de uma hora depois de eu enfiar a carteira de Evan por uma brecha da porta principal, o que significa que devo ter sido convincente. A polícia, se ele tivesse dado o alerta, já teria aparecido por esta altura.

Mas a polícia não veio, e continuamos à espera de Will.

— Max Talmey — diz Corban, parando de andar de um lado para o outro para se virar para mim e se afundar no sofá. — Aposto que não conhecias este nome, pois não?

Abano a cabeça. Tenho estado acordada pelo que me parecem ser semanas, e, agora que a adrenalina se esgotou, mal consigo manter-me direita.

Corban chega ao fim da tapete e desfere um murro no ar.

— E Dennis Sciama, ou Andrea del Verrochio? Não?

— Não. — Abafo um bocejo.

— Mentores de Albert Einstein, Stephen Hawking e Leonardo da Vinci, respetivamente.

— Ah.

O facto de Corban ter estado a falar ininterruptamente não ajuda. Uma longa e incoerente verborreia que anda às voltas, e às voltas, e não vai a lado nenhum... senão, talvez, à terra dos lunáticos. Parei de o ouvir há séculos.

— Porque é que o Will ficava com todo o crédito? O que é que se passa com a nossa sociedade, que só damos valor aos avançados e não ao resto da equipa? Aos vocalistas e não à banda? Quando, na realidade, *nós* é que somos os brilhantes. Sem nós para os carregarmos aos ombros, eles nunca teriam saído da obscuridade.

A personalidade narcisista de Corban é evidente. Um sentido grandioso de si mesmo, uma preocupação com o poder e o sucesso, um escandaloso

sentido de superioridade e uma distinta falta de empatia. Os sintomas estão todos presentes. No seu estado maníaco, ele já não se dá ao trabalho de disfarçar nenhum deles.

— Um bocado como Neta Snook — comento. O que um narcisista mais quer é os elogios que julga merecer.

— Quem?

— A mulher que ensinou Amelia Earhart a voar.

— Exatamente! — Espeta-me um dedo na cara. — Já compreendeste o que te estou a dizer.

O que eu compreendo é que isto não tem apenas a ver com o facto de Will ter ficado com o dinheiro. Tem a ver com Will a ficar com o dinheiro e fugir. Corban sente-se abandonado. Sente-se rejeitado e posto de parte, e foi esta emoção que desencadeou a sua raiva.

Volta a andar de um lado para o outro, lançando-se em mais uma tirada sobre como ninguém parece aperceber-se do seu brilhantismo. Que foi *dele* a ideia de transferir as ações, não o dinheiro, mais fácil de detetar, para uma empresa nas Baamas. Que *ele* era o único que sabia quando deviam vendê-las pelo melhor preço. Se não fosse *ele*, o Will ainda estaria a vender malas falsas na esquina da rua. Os narcisistas adoram fazer-se de vítimas.

Depois interrompe-se e olha para mim com o sobrolho franzido.

— Começo a pensar que o teu marido nos vai deixar pendurados.

— Ele não era capaz. — Digo-o com muito mais confiança do que a que sinto. Will já provou que se interessa mais pelo dinheiro do que por mim. Porque não haveria de deixar Corban levar por diante a sua ameaça de me violar? Porque não haveria de o deixar levar avante a sua vingança?

Só que ele disse que ia voltar. Disse que vinha a caminho.

Peço muita desculpa, diz Will na minha cabeça, tão claramente como se estivesse sentado aqui mesmo, no sofá ao lado. Por um segundo ou dois, vejo-o a conduzir por uma poeirenta estrada mexicana, uma mão de fora da janela aberta.

Não, Corban tinha razão numa coisa. Will detestaria estar no México. Demasiado quente.

O olhar de Corban vira-se para a porta das traseiras.

— Ouviste isto?

Penso que posso ter ouvido alguma coisa, qualquer coisa a estalar do outro lado da janela, talvez, ou o partir de um raminho, uns segundos antes de o cão do vizinho enlouquecer. O seu ladrar contagia-se a outro cão, e depois a outro, transportando-se pelo bairro inteiro até os sons me chegarem em *surround*. É como aquela cena dos desenhos animados, quando os cães se alertam uns aos outros de que estão uns dálmatas desaparecidos.

Só que, desta vez, estão a alertar Corban para a presença de alguém perto da minha janela.

Viro-me no sofá e encosto as mãos em concha ao vidro, para tentar ver para fora, mas parece um buraco negro, escuro e interminável. Algures ao longe, os cães continuam loucos.

O telefone fixo toca.

Corban franze o sobrolho, e percebo que está a pensar o mesmo que eu: porque é que Will não ligaria para o meu telemóvel, como fez da última vez?

O telefone toca de novo.

— Devo...

— Não te mexas — vocifera. — É um número começado por 770. — Lê os outros dígitos em voz alta. — Reconheces?

Abano a cabeça.

— Não me parece.

O telefone passa para o atendedor, e quem estava a ligar desliga. Se ainda está alguém do outro lado da janela, não ouço nada, com o barulho dos cães e do ribombar do meu coração. Dois segundos mais tarde, o telefone recomeça.

Desta vez, Corban carrega no botão para atender ao primeiro toque.

— Estou. — Não uma pergunta, mas uma exigência.

A expressão de Corban muda tão distintamente como nuvens de tempestade a cobrir o Sol, transformando a luz em escuridão. Quem quer que esteja do outro lado surpreendeu-o, e não de uma forma agradável.

— Percebeu mal, amigo. Estou aqui como convidado. A Iris é...

A pessoa do outro lado interrompe-o, e o facto de Corban o permitir diz-me que é alguém que ele está a tentar apaziguar. Os narcisistas são mestres na manipulação, e, embora o seu silêncio me diga que ele está a ouvir, os movimentos são preocupados. Os olhos estudam as janelas, e o corpo recolhe sobre si mesmo, como uma cascavel a enrolar-se antes de atacar.

— Eu adorava fazer isso — diz Corban, o tom a encaminhar-se para um de adulação — mas o sonífero que ela tomou acabou de fazer efeito. Não sei se soube, mas ela perdeu recentemente o marido e não está a lidar muito bem com a coisa.

Na casa ao lado, uma luz acende-se, iluminando pelo menos três silhuetas lá fora. Pestanejo, e os corpos deslizam para as sombras.

A voz de Corban, quando volta a falar, é fria como cimento gelado.

— Percebo.

Percebe o quê? Eu não percebo nada. Será Will que está ali fora? Onde é que ele está? Observo as janelas, olho para a expressão de Corban, mas não entendo nada.

Corban estende o auscultador e toca com ele no meu crânio.

— Diz à polícia que estás bem, que isto é tudo um grande mal-entendido. Diz-lhes que sou teu convidado e que se pirem da tua propriedade. — Quando não consigo proferir uma resposta, ele faz um som de aversão. — Esquece, eu faço isso. Pirem-se da propriedade, idiotas.

Ri-se para o recetor e suspira.

— Parece que temos um pequeno problema.

Em qualquer outra circunstância, o eufemismo de Corban podia ter sido divertido, mas agora a sua resposta extrai algum do vapor da minha confusão. Tanto quanto consigo perceber, a casa está rodeada pela polícia, e Corban está a olhar para mim como se não soubesse o que fazer comigo, o que não é bom. Do meu ponto de vista, só há uma saída. Um homem encurralado sem nada a perder. Quem quer que esteja do outro lado do vidro tem de disparar, e é já.

Mas será que a polícia faria isso? Disparar contra um homem desarmado? Como se estivesse a pensar exatamente o mesmo, ele ergue ambas as mãos no ar e dá uma lenta volta de trezentos e sessenta graus diante da janela. É circular, pessoal, parece dizer o seu sorriso. *Não há nada para ver aqui.*

Reparo em cada detalhe do que acontece a seguir com nítido e frio pormenor. Como a bala atinge o vidro com um estalido duro, abrindo um buraco perfeito no centro do painel. Como passa por mim com um silvo rouco, uma fásca de prata e ar. Como, quando atinge Corban, a sua cabeça salta para trás, e o seu sangue e cérebro salpicam como uma pintura de Jackson Pollock para cima de mim, pintando-me e pintando a parede. Como o soalho range quando o corpo dele atinge o chão, mais de cem quilos de uma sólida massa de osso e músculo de betão.

E depois a porta das traseiras rebenta, uma explosão de madeira e vidro, e um exército de polícia fardada entra de rompante. Têm as armas em riste e apontadas, todas elas, a Corban.

Um deles ajoelha-se e palpa-lhe o pulso, o que deve ser o procedimento padrão mas neste caso é completamente desnecessário. Os olhos de Corban estão abertos, mas falta-lhe um grande pedaço de testa.

Uma agente agacha-se ao meu lado.

— Está bem, minha senhora? — Passa uma mão ao longo da minha face e pescoço, os dedos a tatearem a minha pele a tremer. Quando termina, tem as mãos manchadas de sangue.

— Não é meu — digo, mas tenho os dentes a tremer, e as palavras são engolidas pelos berros à minha volta.

Um grande homem de cabelo escuro é responsável pela maior parte deles.

— Qual dos idiotas é que disparou? — O seu rosto está roxo e ele grita tão alto que os perdigotos disparam num arco perfeito da sua boca. — O suspeito estava desarmado. Quem disparou, raios?

A agente ignora-o, pegando na manta em cima do sofá e cobrindo-me os ombros a tremer.

— Precisamos de a aquecer. Está em choque. — Vira-se e grita para a sala: — Podem chamar um paramédico?

Os paramédicos entram a correr com uma maca, mas, quando veem Corban a sangrar no chão, abrandam consideravelmente. Um deles afasta-se do grupo e aproxima-se de mim com um saco médico. Mede-me a tensão e verifica os meus sinais vitais, enquanto fragmentos de conversas flutuam à minha volta.

A polícia estabeleceu um perímetro em redor da casa e depois ficou à espera.

O negociador ligou a Corban pelo número fixo.

O plano era dissuadi-lo.

A ordem era para não disparar.

E, no entanto, Corban levava com uma bala na têmpora esquerda.

Ninguém ali está a assumir a responsabilidade por dispará-la.

A resposta faz-me levantar de um salto, e transponho a mesa de café, passando pelas pessoas que enchem a sala. Mãos tentam agarrar-me e eu afasto-as, correndo para fora pela porta das traseiras.

— Will! — Os cães recomeçam a ladrar, e grito ainda mais alto: — Will!

Atravesso o pátio até à cerca, a cabeça a virar-se de um lado para o outro, o meu olhar a revistar as sombras. Estou frenética, louca e histérica, desesperada para encontrar o meu marido, que eu sei — *sei* — ter sido o autor do disparo.

Uno as mãos em concha e grito o seu nome para o céu, embora saiba que ele não está ali. Por esta altura, Will já vai longe.

A compreensão disto é como um pontapé no estômago, e dobro-me para a frente, cruzando os braços em volta da cintura e chorando. A fúria e a frustração engolem-me em ondas consecutivas, ganhando força enquanto revejo os acontecimentos da noite.

Mãos fortes fecham-se nos meus ombros e puxam-me para cima e para trás, envolvendo-me num abraço já conhecido.

— Está tudo bem — diz Evan, os braços grandes a fecharem-se com força à minha volta. — Eu protejo-te.

— Senhora Griffith — diz uma voz feminina. Ergo a cabeça que estava enterrada no peito de Evan para ver que a detetive Johnson está na berma do relvado, a detetive com quem falámos na esquadra na semana anterior. — Temos algumas perguntas para lhe fazer, quando se sentir preparada.

Não me sinto minimamente preparada. Ainda estou toda a tremer, com os músculos tensos e fracos, ao mesmo tempo, e sinto-me enjoada. Uma ressaca de adrenalina combinada com horror e esgotamento físico. Agarro a camisa de Evan com as duas mãos e aspiro uma baforada do frio ar noturno. O pátio parece andar à roda.

— Acho que preciso de me sentar.

O semblante de Evan altera-se num instante, passando do modo amizade e consolo para o do solene advogado.

— A minha cliente necessita de alguns momentos para se recompor.

A detetive Johnson cruza o olhar com o meu durante uns segundos.

— Dou-lhe dez minutos, mas têm de ir para outro lado qualquer. Este jardim é um local de crime e estão a contaminá-lo todo.

Ele olha para a casa e para a dúzia de agentes atarefados do outro lado das janelas iluminadas da minha sala, a tirar fotografias e recolher provas.

— Vamos falar no meu carro — diz, conduzindo-me para a lateral da casa.

— Tudo bem — diz a detetive Johnson —, mas não abandonem o local. Dez minutos, doutor Sheffield, e depois vou buscá-la. Compreendido?

— Compreendido.

Na frente da casa, uma longa fila de carros de polícia e ambulâncias aguardam, silenciosos e vazios, na rua, as luzes azuis e vermelhas a girar. Um par de polícias encontra-se a postos junto à caixa do correio, a conter um bando de vizinhos curiosos. Erguem o olhar de surpresa quando nos veem descer o caminho de acesso, e Evan faz-lhes um rápido resumo do acordo. Um dos polícias fala para o seu *walkie-talkie*, confirmando a história de Evan com a detetive Johnson, e depois faz-nos sinal para passar.

— Não digas uma palavra enquanto não estivermos dentro do carro — balbucia Evan.

Comprimo os lábios, deixando-o levar-me para o banco de passageiro do

seu *Range Rover*. Quando estou instalada, corre para o outro lado, entra e bate com a porta.

— Caramba, Iris. Porque é que não disseste nada? Porque é que não me fizeste um sinal?

— Porque estava à espera do Will. Falei com ele, Evan. Ele ligou-me.

— Para que telefone? — Evan não parece assim muito espantado, mas está preocupado.

— O meu telemóvel.

Quando digo as palavras, ocorre-me, e procuro o telefone no meu bolso. Will ligou-me, o que significa que tenho o seu número. Posso ligar-lhe de volta! Abro as chamadas recentes e carrego em ligar no primeiro número. Alguns segundos mais tarde, três *bips* melódicos ouvem-se na linha antes de surgir uma gravação em francês que é suficientemente lenta e direta para me deixar perceber o fundamental. O número está desligado.

— Como pode ser? Ele ligou-me deste número há uma hora. — Carrego em *cancelar*, depois novamente em *ligar*, com lágrimas de fúria e frustração a acumular-se de novo quando obtenho o mesmo resultado. — Raios! — Martelo os botões e volto a tentar.

Ele fecha uma mão em volta das minhas, detendo-as.

— Está tudo bem. Vamos resolver isto, certo? Vamos encontrá-lo.

Faço um aceno de assentimento, o movimento rápido e frenético, mas o alívio é instantâneo. Até agora, Evan fez tudo o que disse que ia fazer, e mais ainda. Solto a respiração e os meus ombros descontraem uns bons centímetros. Se Evan diz que me vai ajudar a encontrar o Will, ele vai ajudar-me a encontrar o Will.

Quando vê que estou mais calma, Evan endireita-se no seu assento.

— Pronto. Conta-me tudo, começando pelo momento em que me fui embora.

As palavras saem tão frenéticas quanto me sinto, confusas e em rajadas e arranques, tropeçando umas nas outras a uma velocidade estonteante. A minha história está por todo o lado, mas Evan ouve-me sem interromper, sem sequer o ocasional aceno de cabeça. Durante todo o tempo, o seu olhar nunca se afasta da minha cara.

— O Will matou o Corban. Tenho a certeza disso. Chamou a polícia e, quando viu que eles não iam fazer nada, disparou.

— Não foi o Will que chamou a polícia, Iris. Fui eu.

— O quê?

Ele passa uma mão pelo rosto, os dedos a enterrarem-se na barba, e acena com a cabeça.

— Depois de me passares a carteira, não consegui deixar de pensar que

havia alguma coisa errada. Durante todo o caminho para casa, não parava de pensar que me tinha escapado alguma coisa, algum sinal que estavas a tentar transmitir-me que as coisas não estavam bem. E depois percebi. O teu alarme não estava ligado. Nem quando foste abrir a porta nem quando a fechaste. Não tinhas armado o sistema.

— Porque estava à espera do Will.

— Já o disseste.

— O quê, não acreditas em mim?

— Acredito, sim. Acredito em ti, mas, se tiveres razão, se foi o Will quem premiu o gatilho, isso significa que é culpado de muito mais do que simples desvio de fundos. Assumindo que não foi um dos deles, a polícia vai encarar a morte de Corban como um homicídio. Vão pôr pessoas atrás do assassino.

A minha mente está esgotada pelos acontecimentos da noite e por tentar controlar as minhas emoções como um exasperante jogo de caça-à-toupeira, por isso preciso de mais do que alguns segundos para compreender as palavras de Evan. Mas, quando compreendo, quando a magnitude do seu significado me atinge, a minha espinha endireita-se e a minha voz resvala para a histeria.

— Mas isso não está certo! O Will matou o Corban porque, se não o fizesse, o Corban matava-me.

— Iris, o Corban estava desarmado.

— E então? As pessoas conseguem matar com as mãos nuas, em especial quando estão presas a braços tão grandes como os do Corban. E o Will conhecia-o. Sabia do que ele era capaz.

— Calma. Eu estou do teu lado, lembra-te? E estou contente como o raio por alguém ter dado um tiro naquele sacana antes que ele pusesse um dedo em cima de ti, mas precisas de te acalmar o suficiente para pensar no que a polícia quer saber. Em especial quando souberem que Corban estava aqui por causa do dinheiro. Isso dá ao Will um motivo. Torna aquilo que o Will fez homicídio.

Sou percorrida por algo pesado e desagradável, e percebo com um sobressalto que é desilusão. Ridículo. De que é que estava aqui à espera, que o Will voltasse para casa? Que se desculpasse e rogasse pelo meu perdão, que eu encontrasse uma forma de lho dar, que continuássemos com as nossas vidas como se nada tivesse acontecido? Para além de todas as mentiras e traições que o Will gravou a fogo no nosso casamento, cinco milhões continuam desaparecidos, e agora um homem — um homem horrível, pavoroso, desprezível — foi assassinado. Não há aqui nenhum botão de reiniciar.

O olhar de Evan passa por cima do meu ombro e imobiliza-se. Viro-me para deparar com a detetive Johnson parada no meu alpendre, a observar-nos.

— Ela já está muito desconfiada — diz Evan, o olhar a regressar ao meu. — Independentemente do que lhe digas, ela vai procurar inconsistências.

— Estás a dizer-me para mentir?

— Não. Estou a dizer-te para pensares bem no que dizes.

Faço-lhe um olhar de lado, a pensar que ainda soa bastante como a mesma coisa.

— Não tens muito tempo. — A detetive Johnson deve ter-lhe feito um sinal, porque ele anui por cima do meu ombro. — Olha, vou alegar exaustão emocional e choque, para ver se consigo adiar as grandes perguntas por um ou dois dias, mas vais ter de fazer um depoimento ainda esta noite. Ela vai querer os factos básicos antes de te deixar em paz.

Suspiro, tentando organizar as ideias, mas são demasiadas, e estou muito cansada. A exaustão deixou-me mole, como se as minhas células cinzentas estivessem a nadar em xarope de sorgo. Encosto a cabeça ao banco e fecho os olhos, só por um segundo.

Uma mão quente envolve-me o pulso.

— Iris, ouviste?

— Ouvi. — Abro os olhos e suspiro, levando a mão ao puxador. — Vamos lá acabar com isto.

Quando se sabe o que se procura, detetar uma mentira é bastante fácil. Vê-se pelos gestos inquietos, súbitos movimentos de cabeça, ou, por vezes, quando a pessoa quer compensar demasiado, através da total ausência de movimentos. Na forma como a respiração se altera, ou como a pessoa fornece demasiada informação, repetindo frases ou oferecendo pormenores irrelevantes, sinais físicos de que o corpo não concorda com as palavras que estão a sair pela boca.

Por isso, quando a detetive Johnson me pergunta qual era a minha relação com Corban Hayes, olho-a nos olhos com um rosto perfeitamente calmo.

— Ele era amigo do Will, do ginásio.

Estamos os três na minha estrada de acesso, Evan e eu ombro com ombro, a detetive Johnson a escrever furiosamente num bloco. Os cães acalmaram-se finalmente, mas o ar está gélido e a rua movimentada.

Por esta altura, os meios de comunicação já souberam do drama da noite. As suas carrinhas alinham-se pelo passeio, com os seus pratos de satélite a apontar para as estrelas. Cerca de uma dúzia de jornalistas viraram as câmaras e microfones para o meu relvado. Evan coloca o corpo grande à frente do

meu, fazendo os possíveis para me proteger o rosto dos noticiários matinais.

A detetive Johnson continua como se eles nem ali estivessem.

— A que horas é que ele chegou?

— Por volta das dez, mais ou menos. — Mantenho o tom sereno e a respiração regular, e respondo apenas ao que me é perguntado. Nada mais, nada menos.

— Porque é que ficou tanto tempo?

— Porque tinha a ideia louca de que o meu marido estava vivo. Diz que o Will lhe devia dinheiro.

Ela arqueia as sobrancelhas ao ouvir a palavra *louca*.

— Na sexta-feira passada, quando veio ter comigo para fazer uma queixa, concordava com isso. Quando lhe perguntei se tinha a certeza absoluta de que o seu marido estava naquele avião, disse que não. Também pensava que ele podia estar vivo.

— Têm sido umas semanas muito emotivas.

Dizer a verdade mas de forma equívoca — é *esta* a chave para a mentira.

A detetive Johnson anota a minha resposta no seu bloco, seguida por um grande ponto de interrogação. Sei qual vai ser a pergunta seguinte antes de ela a colocar.

— E agora? Agora acha que o seu marido está vivo?

Moldo o rosto numa careta semidivertida.

— Isso faria de mim tão louca como Corban, não lhe parece?

— Isso não é propriamente uma resposta.

A sua resposta também não é propriamente uma pergunta — e não lhe vou responder.

— Senhora Griffith, o seu marido tem alguma arma?

— Que eu tenha conhecimento, não.

— Ele alguma vez foi caçar ou ao campo de tiro?

— Está a perguntar-me se ele sabia usar uma arma?

— Sim.

— Mais uma vez, que eu saiba, não.

— Por hoje chega. É tarde. — Evan lança um braço em volta do meu ombro. — Eu ligo-lhe de manhã para marcar uma hora para um depoimento completo, assim que a senhora Griffith tiver descansado.

A detetive Johnson não parece muito contente com isto, mas acede. O seu olhar queima-me entre as espáduas quando me volto para o carro de Evan.

Os jornalistas estão a postos, e disparam como cavalos de corrida do portão, correndo pelo relvado com os seus microfones e câmaras aos saltos. Gritam o meu nome e atiram com perguntas que não consigo decifrar.

— Não fazemos comentários — vocifera Evan, contendo-os com um

braço, e a seguir abre-me a porta do seu SUV. Dois segundos depois, o motor troveja por baixo de nós e arrancamos.

— Devias descansar — diz assim que dobramos a esquina. O rádio está ligado, o volume baixo numa estação de música *country*, e o carro cheira a Evan, couro e especiarias. — Acordo-te quando lá chegarmos.

Enterro-me mais fundo no assento com um sonoro bocejo.

— Lá, aonde?

— À minha casa. E, antes que digas uma palavra, não te vou levar para um hotel, por isso nem vale a pena pedires.

Não peço. Estou demasiado cansada para discutir, de qualquer maneira. Fecho os olhos, mal reparando que estou já a adormecer.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Acordo num quarto desconhecido, e levo um segundo ou dois a lembrar-me de onde estou. O quarto de hóspedes de Evan, com a sua casa de banho privativa e fechadura na porta. Ele tinha razão, a cama é ultraconfortável. Espreguiço-me sobre o colchão *king-size*, a perguntar-me como cheguei aqui. A última coisa de que me lembro é Evan a dizer-me para descansar. Quando as minhas pálpebras se fecharam, ainda nem tinha saído do meu bairro.

Os eventos da noite anterior passam na forma de *frames* fixos na minha mente. Um corpo negro a sair das sombras da minha saleta da frente. A voz de Will no meu ouvido, a dizer-me para fugir. O sorriso lascivo de Corban. Os seus miolos espalhados pela parede da minha saleta, o crânio a vazar numa poça espessa e pegajosa para o tapete. Tanto sangue, tanto.

Sem aviso, uma onda de náusea sobe pela minha garganta. Salto da cama e corro para a casa de banho, mal chegando a tempo. A minha última refeição foi há séculos, e tenho muito pouco no estômago, mas vomito tudo, vomito e vomito, até restar apenas bÍlis. Puxo o autoclismo, mas o enjoo não passa.

Will esteve ali, tenho a certeza disso. Estaria a quê, uns sete metros de distância? A sua voz persegue-me: *Iris, sai daí. Estou a caminho*. Apesar das ameaças de Corban e do meu terror, a única coisa que senti quando as palavras de Will viajaram pela linha foi alívio. Alívio por sabê-lo vivo, por ele estar a voltar para mim, por, finalmente, depois de toda a dor e drama, poder vê-lo de novo.

E agora? Agora, a única coisa que sinto é um peso de dez toneladas de desilusão por isso não ter acontecido e uma ameaçadora sensação de receio pelo que virá a seguir.

Lavo os dentes com uma escova nova e um minitubo de pasta na casa de banho, escolho uma *t-shirt* e um par de *leggings* da pilha de roupas de Susanna que Evan deixou na cómoda para mim, e depois saio para o corredor.

A casa de Evan é fabulosa. Tetos altos, sancas generosas, divisões soalheiras e espaçosas decoradas em tons neutros, cada uma mais bonita do que a outra. Demoro-me a percorrer o corredor, virando a cabeça para a esquerda e a direita, admirando o gosto refinado de Susanna, até chegar a uma porta fechada. A última divisão à esquerda, e sei o que é. Se empurrar a porta, tenho a certeza que as paredes lá dentro estarão pintadas de rosa.

Junto às escadas, faço uma pausa diante de uma parede com fotografias emolduradas, retratos de casamento e instantâneos de férias intercalados com mais recentes fotografias de bebé. Uma foto a preto-e-branco de uma fabulosa mulher morena encontra-se mesmo no meio, com um bebé minúsculo ao peito. O meu coração dói por duas pessoas que nunca conheci, mas acima de tudo pelo homem que ouço no andar de baixo. Como consegue ele passar por esta fotografia todos os dias? Será que tapa os olhos? Desvia o olhar? Eu não conseguiria aguentar.

Desço as escadas, onde o cheiro a qualquer queimada faz crescer outra onda de náusea no meu estômago vazio. Espero que passe e depois sigo o cheiro até à cozinha, com armários escuros e eletrodomésticos de inox. Evan está atrás da ilha a cortar um pimento vermelho em tiras longas e finas sobre uma tábua.

— Olá — digo.

Ele ergue o olhar e depois arfa, rápida e subitamente, pelo nariz. É um reflexo, daquelas reações involuntárias à dor, a versão pulmonar de um estremecimento. Sei-o porque também me acontece, quando as memórias me atingem quando menos as espero.

— Desculpa — digo, já a recuar da divisão. — Vou mudar de roupa.

— Não. Não, está tudo bem, eu estou bem. — Ele pigarreja e abana a cabeça. — Pronto, não bem, *bem*, mas vou estar. Em breve.

Era por isto que não queria vir. Porque estaria a pisar memórias que não são minhas, a andar por um território que não me pertence e onde não me sinto bem-vinda.

— Tens a certeza? — Puxo a *t-shirt* de Susanna. — Porque eu não me importo.

— Não, deixa estar. As tuas roupas estão todas sujas. Calculei que deviam ser do mesmo tamanho. — Ele acena-me com a lâmina da faca, indicando um assento no outro lado da ilha. — Anda, senta-te. Estava mesmo a preparar o jantar.

Jantar? Olho em volta à procura de um relógio.

— Que horas são?

— Passa das seis. Dormiste quase dezassete horas.

Os meus olhos dilatam-se de espanto e deixo-me cair num banco.

— Dezassete horas, como é possível? Não dormia tanto tempo desde... desde o décimo primeiro ano, quando o Scott Smith me pegou mononucleose. E isso foi sem um dos comprimidos azuis do meu irmão.

Evan solta um ronco trocista.

— Se há coisa que aprendi nestas duas últimas semanas, é que o luto é extenuante.

— Preciso de ligar ao meu chefe. Ele...

— Não é preciso, já falei com o Ted. E com a tua mãe também. É o máximo, ela. Disse para lhe ligares assim que conseguisses. O Ted disse para tirares o tempo que for preciso.

— E a polícia?

— A detetive Johnson foi muito menos compreensiva. Disse que se não estivesse acordada amanhã de manhã, vinha aqui ver por si própria. Garanti-lhe que não ia ser necessário, que passávamos pela esquadra amanhã de manhã para prestares o teu depoimento.

— Deu alguma novidade?

— Sim. Pensei ir-te contando ao jantar, para depois delinear-mos o nosso plano. — Acena com um polegar por cima do ombro para o fogão, onde vapor preto se ergue de uma panela como uma chaminé. — Estou a fazer *enchiladas*.

— Está bem, mas, hum... — Aponto e Evan vira-se para olhar. Precipita-se para a panela, desligando o gás, mas é demasiado tarde. O conteúdo é já um torrão de cimento queimado.

Ele atira com a panela para o lavatório e liga a torneira.

— Novo plano. De que é que gostas na tua piza?

— Eu quero ir ter contigo — diz a minha mãe ao telefone, e imagino-a já no seu *hall* de entrada com a mala ao lado e as chaves do carro na mão. — Quando é que posso ir?

Estou sentada à mesa da cozinha de Evan, a vê-lo esfregar a panela com palha-d' aço e muito esforço. Não parece estar a fazer qualquer progresso. De cada vez que enxagua o detergente para verificar, tem de começar tudo de novo.

— Assim que me devolverem a casa. — Ao contrário da voz da minha mãe, estridente e a roçar o histerismo, tenho o cuidado de manter a minha calma. — Ainda é um local de crime, e estou na casa do Evan.

Quando ouve o seu nome, ele acena-me com o queixo.

— Esse bom homem — diz a minha mãe. — Dá-lhe um grande abraço meu, está bem? Diz-lhe que não tenho palavras para lhe agradecer. Diz-lhe já.

Uma calorosa onda de afeição provoca-me um sorriso no rosto, porque a minha mãe tem razão. Evan Sheffield é uma joia. É um dos bons. Apesar da horrível calamidade que fez os nossos mundos colidirem, sinto que ganhei algo.

— A minha mãe diz que não tem palavras para te agradecer.

Evan ergue o olhar do lavatório com um sorriso e depois desliga a

torneira e atira a panela para o lixo.

— Diz-lhe que gosto de tarte. Especialmente de cereja.

Faço isso e a minha mãe promete fazer-lhe uma muito em breve. Suspira, um longo suspiro de alívio.

— Estou tão contente por estares bem.

Conversamos mais um pouco, mas não lhe conto que falei com Will. Não estou pronta para isso. Primeiro, preciso de estabelecer um plano com Evan, e, até ter a certeza do que vou dizer à detetive Johnson, não quero envolver mais ninguém, e muito menos a minha mãe, em mentiras e meias-verdades. Alego exaustão, prometo uma chamada mais longa no dia seguinte e desligo.

Evan passa-me uma garrafa de cerveja gelada por cima da mesa e senta-se numa cadeira.

— A polícia encontrou o dinheiro da AppSec desaparecido.

— Todo?

— Quase todo. Parece que faltam algumas centenas de milhares. — Faz uma pausa para beber um gole. — Encontraram os extratos no computador do Corban.

A compreensão é como o desvelar de uma estátua, quando alguém arranca o pano e é tudo revelado. A minha é tão instantânea quanto isto. Não me pergunto nem por um segundo como o dinheiro lá foi parar, ou porquê.

— O Will. Ele pôs lá o dinheiro para incriminar o Corban.

Evan encolhe os ombros, mas a sua expressão diz que não discorda.

— Corban trabalhava no banco que tratava de todas as transações da AppSec. Ele...

— Transferiu as ações para uma empresa que controlava nas Baamas, depois vendeu-as por mais dinheiro. Eu sei. O Corban contou-me mil vezes. Mas porque é que o Will haveria de largar todo o dinheiro? Se se deu a tanto trabalho para o roubar, porque não deixar só o suficiente para incriminar Corban e ficar com o resto?

— Talvez não quisesse apenas incriminar Corban. Talvez fosse também para eliminar as suspeitas. Recuperado o dinheiro, a polícia já não terá razões para andar à procura dele.

— Só que agora desconfiam que cometeu homicídio.

— Talvez. Mas, tanto quanto consegui apurar, têm muito pouco a que se agarrar, a não ser umas zonas de erva pisada junto ao teu barracão e a bala que o patologista tirou do crânio de Corban. Bastante inútil até encontrarem a arma de onde saiu.

— Coisa que não vai acontecer. — Não sei o que Will lhe fez, mas de uma coisa tenho a certeza: essa arma nunca será encontrada.

Evan bebe um longo gole da sua cerveja e abana a cabeça.

— Antes de ontem à noite, eu teria dito que não havia hipóteses. Não havia hipóteses de alguém cometer este tipo de crime sem cometer um erro. Ninguém é tão inteligente como isso. Mas o teu marido é capaz de ser, porque, enquanto tudo isto está a acontecer por aqui, a Liberty Air recuperou a mala dele do local do acidente. Estava bastante estragada e suja, e tem apanhado com montes de chuva, mas o portátil estava inteiro. Foi enviado para o laboratório para análise, mas quem sabe o que vão conseguir retirar.

Eu sei. Sei o que vão conseguir retirar. Nada. Nem uma ponta de prova de que Will estava envolvido no golpe da AppSec. De facto, estaria disposta a apostar que cada *byte* que conseguirem extrair daquela máquina provará sem sombra de dúvida exatamente o contrário, que Will era um empregado modelo que não sonharia em roubar um cêntimo.

— Olha, eu considero-te uma amiga, o que significa que tenho consciência do teu dilema. Se a polícia encontrar provas de que o Will está vivo, se conseguirem culpá-lo da morte de Corban, ele vai para a prisão. Não há dúvidas acerca disso. Sei que, depois de tudo, ver isso acontecer ia ser devastador.

Anuo, à espera do «mas» que vem na minha direção como um míssil.

— Mas. Como teu advogado, tenho de te aconselhar a não mentires. Perjúrio é crime, e um delito grave. A prerrogativa conjugal diz que não tens de revelar o conteúdo da chamada, mas se te perguntarem se falaste com Will desde o acidente e disseres alguma coisa que sei ser falsa, a nossa confidencialidade continua a aplicar-se, mas não vou poder defender-te.

— Compreendo. E não ia querer colocar-te nessa posição.

— Estiveste muito perto, ontem à noite. — As suas palavras são firmes, mas o tom é suave.

— Não o voltarei a fazer.

— É justo. — Ele acena com a cabeça, batendo com ambas as mãos na mesa como se o assunto estivesse resolvido. — Então, alguma ideia do que vais dizer? Funcionará melhor para ambos se eu souber antes de entrarmos lá amanhã.

Imagino o meu marido nas sombras junto ao barracão, o rosto duro de fúria, a apontar uma pistola a um homem através da janela. Imagino-o a premir o gatilho sem hesitação, a lançar aquela bala na sua trajetória mortal, e o meu estômago azeda. Sim, ele fê-lo por mim, para me salvar, mas ainda assim. Will matou um homem, abateu-o a tiro, e, no fim de contas, por causa de dinheiro.

E depois vejo o meu marido a levar um joelho ao chão naquele corredor do Kroger, o rosto num misto de nervosismo e esperança, quando disse aquelas três palavrinhas que eu estivera ansiosa por ouvir. Queres casar

comigo? Lembro-me da alegria que desencadeou por dentro, as lágrimas que senti descerem pelas minhas faces sorridentes quando lhe disse sim. *Sim, sim, sim.*

Conseguirei mesmo fazer isto? Conseguirei dizer à polícia que o meu marido está vivo? Que é um assassino?

Fecho os olhos.

— Não faço ideia.

A campainha toca, anunciando a chegada do jantar.

— Pensa no assunto e depois diz-me, está bem? — diz Evan, envolvendo-me a mão com a sua antes de se levantar. — Faz o que precisares de fazer. Se não puder ser teu advogado, posso sempre ser teu amigo.

Planto o último vaso de arbustos flox do tabuleiro na terra junto à minha caixa de correio e primo bem a terra em volta. Está uma gloriosa manhã de domingo, e a primavera de Atlanta fez uma aparição espetacular. Sol brilhante, humidade baixa e flores por todo o lado — em vasos nas janelas, a alinhar as ruas, em grandes explosões de branco e rosa de cornisos e cerejeiras. Os botões cobrem a cidade com uma camada de pólen amarelo, sufocando-me de alergias tão densas como o meu receio.

É o dia 34, não que esteja a contar, e ainda não houve sinal de Will.

— Há mais de doze mil câmaras de vigilância na cidade, e esse número continua a crescer — disse-me a detetive Johnson não há muitos dias. — Não consegue passar um dia sem ser filmada em algum lado.

As suas palavras são tanto uma promessa como um aviso. Para a Liberty Airlines e o Departamento de Saúde Pública da Georgia, William Matthew Griffith está morto. Para a detetive Johnson e o Departamento da Polícia de Atlanta, porém, a questão não é assim tão clara. O assassino de Corban não foi encontrado. E o ADN de Will não foi descoberto nos destroços.

Mas uma vez que há uma certidão de óbito, dá-se um corruپیo de cartas entre a companhia de seguros e a firma de Evan, e, na semana passada, ele entregou-me um trio de cheques com longas linhas de zeros. Fiz o que me aconselhou e depusitei-os numa conta a prazo até termos a certeza — coisa que, claro, eu já tenho.

Mas, até hoje, sou a única.

Will cobriu bem o seu rasto. A polícia não conseguiu fazer a ligação entre ele e qualquer um dos números de telefone. Nem do meu telemóvel nem do de Corban. Não encontraram um único indício no computador recuperado que implicasse Will no desvio de fundos. A única razão que têm para desconfiar que ele está vivo sou eu — porque contei à detetive Johnson a verdade. Aquela manhã em que fiz o meu depoimento foi como uma desintoxicação, um expulsar de todas as impurezas. Contei-lhe tudo, a começar pela manhã do acidente. Não pareceu surpreendida, mas, até encontrar provas de qualquer um dos casos — vivo ou morto —, disse que era melhor não tocar num cêntimo do dinheiro.

— Olá, Iris — cumprimenta-me Celeste do outro lado da estrada. Acena para as flores que acabei de plantar para substituir os arbustos que a polícia e a

imprensa tinham pisado. — Está bonito.

Sacudo as mãos e levanto-me.

— Obrigada. Estou só a tentar dar um jeito antes de pôr a casa à venda, amanhã.

Enquanto digo as palavras, uma dor aguda atinge-me o centro do peito. Apesar dos milhões a ganhar pó numa conta bancária, vou vender a casa. Não consigo pagar a hipoteca sozinha, e os meus cartões de crédito já atingiram o limite máximo pelo pagamento dos cuidados do pai de Will. Tirei-o daquela instituição horrível para o colocar num centro de cuidados privado, um bonito edifício com quartos soalheiros e pessoal simpático. As contas mensais matam-me, e embora Evan me garanta que o dinheiro não vai ser problema quando ele tiver acabado o assunto com a Liberty Air — a história de Tiffany confirmou-se e ela até apresentou algumas fotografias condenatórias da festa de despedida de solteiro no seu auge para a fundamentar —, a investigação levará meses ou anos até chegar ao seu término. A agente imobiliária garantiu-me que esta é a melhor altura para vender — «É primavera num mercado imobiliário em crescimento, Iris. Vai conseguir bom dinheiro por ela» — e dá-me vontade de a esganar.

Não estou a vender a casa pelo lucro, idiota. Estou a vendê-la porque preciso do dinheiro.

Digo a mim mesma que é só uma casa, uma coisa inconsequente e inanimada, e perdê-la não conseguirá apagar as recordações que aqui criei, mas mesmo assim é doloroso. Apesar da minha cama meio vazia, apesar do sangue que aqui foi derramado, não me quero ir embora. Há apenas um mês, o Will e eu estávamos a tentar encher este espaço de bebés.

— Oh, não. Vai mudar-se? — Celeste faz uma cara de *que-pena*, e os seus olhos dardejам em volta como um peixe vermelho. Consigo praticamente ouvi-la pensar: *De que é que vamos falar quando se for embora?*

Faço um aceno afirmativo.

— Esta casa é demasiado grande para mim.

Outro baque, tão agudo como o primeiro. Na manhã do acidente, eu queria tanto estar grávida, e estive, oficialmente, durante quase uma semana. Descobri que era uma estatística, das uma em cada dez gravidezes que termina em aborto espontâneo, e a crise de choro durou quase o mesmo tempo. Digo a mim mesma que é melhor assim, que um bebé ter-me-ia unido a Will, inextricável e eternamente, num laço muito mais complicado do que o casamento. Mas ainda me magoa pensar no que poderia ter sido.

Celeste faz-me um alegre sorriso.

— Vamos ter saudades de a ter por aqui.

Aposto que sim. A imprensa parece ter finalmente perdido o interesse na

minha história, mas os meus vizinhos não. Tocam-me à campainha o dia todo, aparecendo com empadões e lasanhas, bombardeando-me com perguntas sobre Aquela Noite, esperando que partilhe algum pormenor sangrento que ainda não tenham ouvido nas notícias. Os meus quinze minutos de fama tornaram-me a residente mais popular de Inman Park.

Mas, tal como faço agora com Celeste, eu sorrio, agradeço educadamente e continuo o que estava a fazer.

Evan liga-me para o telemóvel quando estou a entrar em casa.

— Olá.

— Olá — digo, e já estou a sorrir. Evan e eu falamos várias vezes por dia, e as nossas conversas começam sempre assim. — Que se passa?

— Atlanta contra os Cards às duas, é isso que se passa. E tenho lugares atrás dos bancos. Queres ir lá ter comigo?

Mais uma coisa que Evan e eu temos em comum, uma saudável obsessão por ver desporto. Descobrimos ao longo das últimas semanas que há muito mais interesses e traços que partilhamos, coisas mais felizes e relevantes a unir-nos do que o facto de ambos termos perdido os nossos cônjuges. É estranho quando se pensa nisso, como uma coisa que une duas pessoas pode ser exatamente a mesma que as mantém separadas. Talvez um dia, daqui a muito, muito tempo, as coisas entre mim e Evan evoluam para algo mais, mas não ainda. Nem tão cedo. Tanto um como o outro ainda temos um grande caminho de luto a percorrer.

— Combinado — digo. — Mas é a tua vez de comprar os ca... — Entro na minha cozinha e ali está ele, ali está o Will. O ar escapa-se dos meus pulmões.

Está desgrenhado, e perdeu peso desde a última vez que o vi. As linhas no seu rosto também estão mais profundas, cortando-lhe a testa e envolvendo-lhe os lados da boca como parênteses. Até o cabelo, o curto cabelo castanho-escuro, se tornou grisalho nas têmporas. Mas continua atraente como sempre. O meu corpo perde as forças ao vê-lo.

— O que foi? — diz Evan para o telefone, o tom a tornar-se sério. — Estás bem?

— Sim. — Tenho a garganta estrangulada, e a palavra não sai como deve ser. Sai confusa e disforme, até para os meus próprios ouvidos.

A linha fica em silêncio.

— Ele está aí?

— Sim.

— Telefona-me mais tarde — diz Evan, e desliga.

Largo o telefone na bancada com ruído, e os meus olhos nunca deixam os de Will. Agarro-me ao mármore e espero pelo violento espasmo de ódio e

fúria ao voltar a vê-lo. Preparo-me para isso, mas o espasmo não chega. O que chega é o alívio, rápido e súbito, e amor, como uma quente camada de mel em volta do meu coração. Ainda amo este homem, raios. Ainda estou apaixonada por ele. Apesar de todas as mentiras e traições, provavelmente sempre estarei.

— Céus, tive tantas saudades tuas — sussurra.

Corro para ele, atirando-me aos seus braços com um salto.

Ele não estava à espera. Recua sobre um pé, mas apanha-me com um sonoro grunhido. As mãos dele envolvem-me o traseiro, as minhas fecham-se à volta do seu pescoço, e depois disso perco noção de quem faz o quê. A única coisa que sei é que ele me está a beijar, e eu estou a beijá-lo. Trinta e quatro dias é o maior intervalo em que alguma vez estivemos separados.

E depois recupero a razão.

Debato-me e solto-me, ergo um braço e esbofeteio-o no rosto com toda a minha força. O som de carne contra carne é forte, quase ensurdecador no silêncio da cozinha.

Will não se mexe.

Volto a erguer o braço e bato-lhe de novo, outra dura bofetada no mesmo sítio onde a sua face já está de um rosa-vivo, com a marca perfeita da minha mão.

Will estremece um pouco com o contacto, mas ergue o queixo e espera por outra bofetada. É quase como se quisesse outro golpe. Como se desejasse a dor.

Quando não volto a erguer o braço para uma terceira vez, o seu rosto descai.

— Não devias ter vindo à minha procura. Nunca devias ter descoberto a verdade.

— Qual verdade? Porque, depois do último mês, estou a pensar que, basicamente, cada palavra da tua boca era mentira.

Ele abana a cabeça.

— Nunca menti sobre os meus sentimentos por ti. Nunca. Essa parte é cem por cento verdade.

Uma espinhosa bola de dor aloja-se atrás do meu coração. Olho em volta da cozinha, familiar e estranha, ao mesmo tempo, as notas no frigorífico e as fotografias no balcão e as bancadas de mármore que escolhemos numa viagem de fim de semana à Carolina do Sul, e pestanejo para tentar conter as lágrimas.

— Mas escolheste ficar com o dinheiro, não comigo.

Ele não anui, mas também não abana a cabeça.

— Devolvi o dinheiro. Lembras-te?

— Não o devolveste. Plantaste-o no computador do Corban, e para quê? Para a polícia parar de te procurar, para pensarem que estavas morto?

— Fiz isso por ti. Matei o Huck por ti. A polícia não ia fazê-lo, não enquanto não vissem uma arma, mas o Huck era um sacana doentio, e era capaz de te partir o pescoço sem pestanejar, só porque sabia que eu estava a ver. Não lhe podia dar essa oportunidade.

O Huck? Franzo o sobrolho.

— Pensei que o Huck vivia na Costa Rica.

— O Huck é o Corban. O nome dele é Corban Huck, não Hayes.

E, de repente, tudo faz sentido. O miúdo que vivia ao fundo do corredor em Rainier Vista, o filho de uma mulher que testemunhara que tinha ouvido vozes a discutir na noite do incêndio, é Corban. Corban é Huck. O melhor amigo de Will, que supostamente tinha uma escola de surf na Costa Rica, quando estava ali, em Atlanta, o tempo todo.

As mentiras continuam.

Cruzo os braços sobre o peito, encosto uma anca à bancada e acalmo-me.

— Conta-me, Will. Conta-me a verdade, desta vez. Preciso que me contes tudo.

Acabamos no sofá na sala, onde nunca, nem por uma única vez durante a pior das nossas discussões, houve tanto ar entre nós. Apenas um mês antes, teríamos conversado no centro do sofá, Will instalado no canto comigo aninhada debaixo de um braço. Teríamos dado as mãos só porque os nossos dedos estavam próximos, teríamos adoçado as nossas palavras mais duras com uma carícia ou um beijo. Mas hoje há quatro almofadas do sofá e uma mesa de centro a separar-nos como uma cratera impenetrável.

Will inclina-se para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos, e endireita uma pilha de revistas sobre a mesa. Ocupa-se com esse trabalho enquanto pensa nas suas palavras. Ao lado da pilha, duas garrafas de água gelada suam para as suas bases numa tira de sol do entardecer. Vejo uma gota formar-se numa delas, tornando-se cada vez mais gorda e pesada ao fundo, e sigo o rasto da sua descida.

— Disse a mim mesmo que não interessava que não soubesses toda a verdade a meu respeito — diz Will, ainda de olhos baixos. — Sobre aquela parte da minha vida, quero eu dizer. Rainier Vista. Os meus pais. Pensei que não fazia mal esconder-te tudo isso porque eu saí de lá. Pus tudo para trás das costas. — Consulta a minha expressão, tentando calibrar a minha reação e não deve gostar do que vê, porque franze o sobrolho. — Tens de saber, eu já não sou aquela pessoa.

Mantenho o rosto e o tom de voz inexpressivo.

— Quem causou o incêndio?

— Eu não tive nada a ver com o incêndio. O incêndio foi só o Huck. — Quando não respondo, Will desvia o olhar, parando como que para se fazer a si próprio um discurso de encorajamento. — Mas, *okay*, tudo bem. Eu sabia o que ele andava a tramar. Sabia e não o tentei impedir. Também não fui bater às portas, a avisar as pessoas para saírem.

— Oh, Will... — A minha voz quebra-se num longo silêncio.

Ele observa-me, e há culpa na sua expressão.

— Eu sei. *Eu sei*, está bem? E vou ouvir os gritos daquela mãe durante o resto da minha vida. Vou ver aqueles dois miúdos a saírem em sacos fechados. Mas, juro por Deus, não fui eu que acendi o fósforo.

— A tua mãe também morreu naquela noite.

— Aquela mulher não merece as minhas lágrimas, depois do que ela fez. — Não soa zangado nem amargo, apenas resignado ao facto de a sua mãe não ter sido uma grande mãe. — O mesmo para o homem com quem casou.

— Eu vi-o em Seattle, Will. O teu pai não está bem.

— Queres ouvir-me dizer que me sinto mal por ele? Porque não sinto, e tu também não devias sentir. E não devias pagar os seus cuidados. Qualquer homem que acorda o filho a meio da noite só para lhe rebentar a boca não merece um cêntimo do teu dinheiro. Lavei dele as minhas mãos, de toda a gente em Rainier Vista.

— Toda a gente exceto Huck.

Will abana a cabeça e inclina-se para a frente no sofá, enterrando os cotovelos nas coxas.

— Não. Não sei como ele me encontrou, mas o nosso reencontro não foi alegre. Ele não me deu muita escolha. Disse-me que tinha de lhe transferir aquelas ações, senão contava-te tudo. Era um filho da mãe doido, mas era brilhante a detetar o calcanhar de Aquiles de uma pessoa. Ele sabia que tu eras minha, e como significavas tudo para mim.

Vejo brevemente os olhos dele, as palavras a chegarem-me numa vaga de náusea. *Vamos fazer o rato sair da toca, o que me dizes?* Pode ter sido Corban a puxar os cordelinhos, mas foi Will quem cometeu o crime. Primeiro quando roubou a AppSec, e depois novamente quando premiu o gatilho. Só porque alguém o estava a ameaçar, o meu marido não está isento de culpa.

Uma velha dor familiar desabrocha no meu peito, mas engulo-a.

— Continua — digo, abrindo os olhos. — Então, o que aconteceu?

— Já sabes o resto. O Nick descobriu. Eu fui-me embora.

— Não, referia-me ao que julgavas que ia acontecer depois de transferires aquelas ações? Não há um felizes para sempre se tens cinco milhões de dólares roubados na tua conta bancária, Will.

— Eu sei, mas... Eu tinha de transferir as ações. Não havia outra opção.

— Podias ter dito a verdade.

— Não. Não podia. — Ele abana a cabeça, rápida e furiosamente. — Tu não compreendes. Nunca tinha estado com uma rapariga como tu. Tão inteligente, divertida e bondosa. E tão linda. — Ele olha para mim, e o seu rosto ilumina-se. — Como podia não me apaixonar por ti? Se não fosse por outra razão, só pela maneira como olhavas para mim.

— Como é que olhava para ti?

— Como se eu fosse bom. Como se fosse digno.

Faço um aceno de assentimento, porque é verdade. Eu *pensava* que ele era bom. Pensava que era digno. Nunca me ocorreu que fosse um ladrão ou um mentiroso ou assassino. Que parte do homem que eu amava era real? Que parte de nós?

Estou agora a chorar, as lágrimas a caírem, rápidas e fortes. Aguentei-me durante tempo suficiente, e estamos aqui sozinhos. Não há razão para as conter por mais tempo.

— O Huck enviou-me mensagens a fazer-se passar por ti.

— Eu sei. Foi assim que soube que ele estava a ficar descontrolado. Foi por isso que voltei.

— Não enviaste nenhuma delas?

— Só as primeiras, quando vi que tu e o Dave tinham ido para Seattle. Sabia o que estavam a fazer e precisava que parasses. Quando não paraste, quando descobri o que o Huck estava a tramar, pus aquele bilhete na tua gaveta porque fiquei preocupado, mas, de resto... — Ele abana a cabeça. — Foi tudo ele.

— Mas porquê?

— Para te lixar a cabeça ou para ficar a perceber quanto sabias, quem sabe? Muito provavelmente uma combinação das duas coisas. Ele não era propriamente a pessoa mais racional no planeta.

— E o acidente?

Perante a acusação no meu tom, Will endireita-se um pouco mais no assento.

— Não tive nada a ver com o acidente.

— Então como é que o teu nome foi parar naquele manifesto?

— Eu ia para Orlando, lembras-te? Eu...

Interrompo-o com uma mão.

— Eu falei com a Jessica. Não havia conferência nenhuma.

— Não, mas havia um tipo. — Will faz uma careta. — Por cinquenta mil dólares, ele ia dar-me uma nova identidade e fazer-me desaparecer. Ia encontrar-me com ele em Key West.

Penso naquela manhã na cama, a forma como ele me surpreendeu com o

anel, a expressão no seu rosto quando mo enfiou no dedo, e as lágrimas voltam a correr.

Faço-lhe sinal para continuar.

Will inspira longa e profundamente, e despeja tudo.

— Seja como for, perdi o meu voo, e estava à espera na porta de embarque pelo voo seguinte quando o avião da Liberty caiu. Era quase demasiado fácil. Ficarias surpreendida se soubesses quantas falhas existem na *firewall* da Liberty, como foi fácil comprar um bilhete e pôr o meu nome na lista de passageiros. Só mais tarde percebi que um avião a caminho de Seattle abriria toda uma caixa de Pandora.

Penso em Susanna, a comprimir Emma contra o peito enquanto aquele avião caía do céu, penso nos olhos desesperados de Evan na cerimónia fúnebre.

— Aquelas pobres pessoas! As pobres famílias. E, durante duas semanas inteiras, pensei que eras uma delas, espalhado num milhão de pedaços num campo de milho. Sabes o que isso me fez?

— Sei, e lamento muito. Nem consigo dizer-te quanto.

Baixo o olhar para as minhas mãos contorcidas no colo, para os dois anéis que o meu marido me pôs nos dedos. E depois comprimo uma delas contra o peito, onde ainda trago a aliança dele numa corrente por baixo da camisa.

— E a tua aliança? E a tua mala e computador?

— Foram lá colocados. — Ele estremece. — Há pessoas que fazem basicamente qualquer coisa por dinheiro.

Pessoas como tu, penso, e a dor aloja-se como uma pedra no meu peito. Eu exigi a verdade, mas agora quero pôr as mãos nos ouvidos e deixar de ouvir as suas palavras. Quero carregar em *control-alt-delete* e reiniciar à força. A verdade é excessiva. O meu marido é um monstro.

— Estás a ver? — diz ele. — Já começaste.

— Comecei o quê?

— A olhar para mim de maneira diferente. Como se estivesses a perguntar-te como pudeste algum dia amar-me.

Fico em silêncio, porque é verdade. Era exatamente o que eu estava a pensar.

Will desvia o olhar, prendendo-o na fotografia emoldurada dos Rolling Stones que lhe dei o ano passado pelo seu aniversário.

— Fazes sermões acerca de natureza e educação, e aqueles pobres meninos ricos para quem trabalhas, e no entanto não consegues pôr-te na minha pele. Não imaginas como é quando o teu pai está demasiado ocupado a espancar-te para manter um emprego e a tua mãe demasiado bêbada para se

preocupar. Ou a sensação de comeres uma sanduíche de maionese estragada e pão bolorento e sentires alívio por teres qualquer coisa a forrar-te o estômago. A tua vida é tão distante desse tipo de inferno que nem o consegues imaginar.

As suas palavras pesam duramente no meu coração, ao mesmo tempo que o endurecem. Sim, a experiência ensinou-me a não culpar a criança pelo comportamento questionável dos seus pais. As crianças são o produto dos seus pais, e competências parentais fracas ou inexistentes carregam uma criança com bagagem pela qual não é responsável. Já o disse vezes suficientes para Will acreditar que isto é verdade. Ele sabe que não o vou ter em menor consideração por causa dos erros dos seus pais.

Mas também sabe que ensino aos meus alunos que têm de superar essa bagagem e tornar-se responsáveis pelas suas ações e comportamentos. Ensino-os a seguir as regras e exceder expectativas. Também disse a Will esta parte, mas, tal como eu pudera escolher aquilo que queria acreditar a respeito dele, ele também conseguiu escolher aquilo que queria ouvir.

— Não sabia da tua vida porque nunca me contaste. Nem sequer tentaste. Como posso imaginar uma coisa da qual nada sei?

Agora, pela primeira vez hoje, Will torna-se defensivo. Chega-se mais para a ponta do sofá e a sua testa enrugase.

— Vá lá, Iris. A sério. O que é que terias dito se eu te contasse? E se te tivesse levado a tomar um café naquele primeiro dia e te contasse que eu e Huck tínhamos um plano, um brilhante plano à prova de bala para fugir com mais dinheiro do que alguma vez tínhamos julgado possível? Davas-me o teu número? Terias concordado com um segundo encontro? — Ele abana a cabeça. — Não me parece.

— O que tu e o Huck fizeram foi errado, Will. Para os teus pais, para aqueles pobres miúdos e a sua mãe, para a AppSec, para mim. Para o nosso casamento. E se aquele avião não tivesse caído? Ias simplesmente voar para a Florida e desaparecer? Paraste por um segundo para pensar em como isso seria para mim?

— Eu só pensei em ti. Era só em ti que eu pensava, mesmo depois de me ir embora. Queria fazer bebés e envelhecer contigo, Iris. Queria que durássemos para sempre. Mas não podia voltar atrás com o Huck. Ele ameaçou contar-te a verdade a meu respeito, e depois o Nick descobriu a história das ações e sabia que tinha sido eu. Não podia ficar.

— Porque querias o dinheiro.

As mãos dele fecham-se com força, os nós dos dedos brancos por cima das suas coxas.

— Não! Não foi por causa do dinheiro. Não tinha nada a ver com a porcaria do dinheiro.

— Então porquê? Porque é que não podias ficar?

O maxilar de Will cerra-se, e ele desvia o olhar.

— Diz-me porquê, raios!

— Porque preferi que pensasses que estava morto, *okay*?

Dispara as palavras como armas, parecendo tão surpreendido por as ter soltado como eu por as ter ouvido. Ele preferia que eu o julgasse morto do que *o quê*? Espero que me explique, e a sua expressão de desafio desfaz-se em angústia. Distorce-lhe as feições como uma máscara demasiado apertada.

— Lixei tantas coisas, mas o meu legado era a única coisa que queria fazer bem. Queria que pensasses que tinha morrido naquele acidente para nunca conheceres a verdade. Queria que tivesses memórias honradas e felizes do homem por quem te apaixonaste, o homem que vias de cada vez que olhavas para mim. Queria *ser* esse homem na tua memória.

As suas palavras partem-me o coração, e agora estou mais confusa do que nunca. Há pessoas mortas. Milhões de dólares desapareceram. O que Will fez é errado em tantos sentidos, e sei que devia estar a ferver de fúria. Sei que devia sentir culpa, raiva, confusão e, sim, ódio, também.

E, no entanto, quando olho para o bonito rosto destroçado do meu marido, não consigo sentir mais do que mágoa. Uma tristeza avassaladora por um homem que preferiu fingir a sua própria morte a revelar a verdade.

Um soluço sobe pela minha garganta, sobressaltando-nos aos dois.

— Devia odiar-te. Eu quero odiar-te. Quero sentir-me fisicamente doente só porque estou sentada na mesma divisão que tu, mas não sinto. Ainda te amo, e desprezo-me por isso.

Will aproxima-se mais. Vai avançando pelo sofá até ficar ao meu lado, sentado ali mesmo, a menos de meio metro de distância.

— Vou amar-te para sempre.

Esta é a única coisa, a única coisa, que sei que é verdade. Todas as pessoas têm uma qualidade redentora. A de Will é ser capaz de amar.

— E agora? — As lágrimas recomeçaram porque já sei a resposta: Agora, ele vai-se embora. Agora, vai desaparecer.

Ele fecha um dedo à volta do meu, passando a ponta do polegar sobre o *Cartier* que ali pôs, um anel que eu devia devolver mas que sei que vou usar até ao dia da minha morte.

— Vem comigo. Vamos viver numa encosta com vista para o mar e dormir debaixo das estrelas. Podemos desaparecer, só tu e eu.

Estou a abanar a cabeça antes de ouvir a última palavra. Não podia deixar o Dave, nunca podia fazer isto aos meus pais. Mal conseguia contemplar mudar-me para o outro lado do país, quanto mais um desaparecimento. Sei melhor do que ninguém o que isso faz às pessoas que ficam para trás.

Ele sorri, e é a coisa mais triste que já vi.

— Valia a pena tentar.

Passa um dedo ao longo do meu braço, e estremeço. Will não está a fazer jogo limpo, e sabe-o. A minha pele sempre foi demasiado sensível.

— Para — sussurro, mas não quero que pare, nem um pouco.

— Não consigo parar e não consigo ir-me embora. — As mãos dele fecham-se em volta da minha cintura, as minhas envolvem-lhe os ombros. O movimento é natural, como se não houvesse mais nenhum outro sítio no mundo onde as nossas mãos deversem estar. — Não sem antes dizer adeus à minha pessoa preferida no planeta.

Então é isto. É um adeus. Lembrei-me de todas as razões por que deveria estar contente por ele se ir embora. O dinheiro. As mentiras e as farsas. O pai moribundo e a mãe morta. Corban e os dois miúdos mortos. Especialmente os miúdos. Ele não é o homem com quem casei. Quero detestá-lo pelo que fez.

Mas depois olho-o nos olhos e ele parece de novo o meu marido, o homem que dançou um *slow* comigo no topo da Stone Mountain, com uma dúzia de turistas a olhar, que me enfiou anéis nos dedos e agradeceu quando eu disse «sim», que, na última vez que o vi, me pediu uma menina igualzinha a mim. Vejo-o e lembro-me de como ele era, de como nós éramos, e o meu coração parte-se novamente.

Beija-me e eu deixo. Não — é mais do que isso. Ele beija-me e eu ponho 34 dias de coração partido, confusão e alívio na maneira como retribuo o seu beijo. É como um primeiro beijo e um último beijo, e todos os beijos pelo meio, e, de repente, não consigo lembrar-me de uma única razão para resistir, para resistir a este último adeus entre mim e Will. Não consigo evocar sequer a mais pequena ponta deste retorcido e doloroso último mês. Ele deseja-me. Eu desejo-o. Não resta em mim qualquer luta.

Dou-lhe a mão, puxo-o do sofá e levo-o para cima. Perdemos as nossas roupas pelo caminho, deixando pilhas de algodão e ganga pelas escadas, o patamar, o chão junto à cama — a nossa cama.

Quando estamos ambos nus, ele deita-me no colchão, tocando-me com ternura, com reverência, com amor. Passa a ponta de um dedo sobre a aliança — a sua aliança — num fio no meu peito.

— Menina linda.

Estendo os braços numa resposta, num convite.

Fazemos amor, e parece a coisa mais natural do mundo, e também a mais arrasadora. Quantas vezes estivemos ali deitados daquela maneira doce, salgada e familiar? Mil ou duas mil, pelo menos.

E, no entanto, agora vai ser a última.

A boca dele está em movimento, a viajar pela minha pele. A depositar

beijos no meu pescoço, nos meus seios, a amar cada centímetro de mim. Sinto o orgasmo a desenvolver-se, a girar, próximo mas fora do alcance. Fecho os olhos, cerro as duas mãos e espero que chegue.

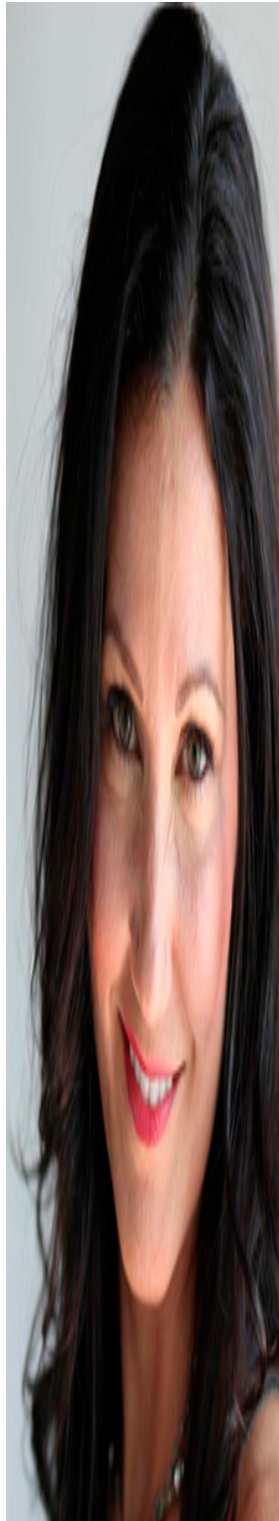
Talvez tenha a ver com vingança, com querer magoar Will da mesma maneira que ele me magoou, com pagar a sua traição com a minha própria traição. Talvez tenha a ver com justiça, pura e simples, com responsabilizar Will pelo incêndio, o dinheiro e as vidas inocentes destruídas. Ou talvez seja uma combinação das duas coisas. As minhas razões podem ser confusas, mas o meu gesto seguinte é claro como a água. Não duvido por um segundo de que seja a coisa certa.

Abro os olhos e o meu marido está a mover-se em cima de mim. Tem a cabeça inclinada para trás, as faces relaxadas e os olhos cerrados com força de prazer, e sei, por todas as vezes antes, que este é um momento crucial. O *seu* momento crucial. Vai durar mais uma mão-cheia de movimentos, pelo menos.

Estendo a mão para a parte de trás da minha mesa de cabeceira, primo o botão de pânico e mantenho-o premido.

Três segundos, nada mais.

BIOGRAFIA



KIMBERLY BELLE cresceu no Tennessee oriental, numa pequena cidade aninhada no sopé dos Apalaches. É também autora dos romances *The Last Breath* e *The Ones We Trust*. Trabalhou na área de marketing e de angariação de fundos para organizações não-lucrativas antes de se dedicar à escrita de ficção.

Viveu durante mais de uma década na Holanda e atualmente divide o seu tempo entre Atlanta e Amesterdão.

Mais informações em
www.sde.pt

A MULHER NO EXPRESSO DO ORIENTE

Lindsay Jayne Ashford

A
MULHER
NO
EXPRESSO
DO
ORIENTE

Um romance inspirado
sobre Agatha Christie
e uma viagem cheia
de segredos e mistérios

LINDSAY JAYNE ASHFORD

*Um romance inesquecível sobre Agatha Christie
e uma viagem cheia de segredos e mistérios*

Depois de um divórcio difícil, Agatha Christie embarca incógnita no famoso Expresso do Oriente. Mas, ao contrário da sua personagem Hercule Poirot, ela não consegue desvendar com clareza os mistérios com que se depara nessa viagem fatal.

Agatha não é a única pessoa a bordo com segredos. O casamento da sua companheira de cabine acabou em tragédia, levando-a a uma segunda relação envolta em engano. Outra, recém-casada mas grávida de um estranho, tenta desesperadamente esconder essa gravidez. Cada mulher oculta ferozmente o seu passado, mas, à medida que o comboio para o Médio Oriente avança, as suas vidas acabam por se cruzar e as repercussões irão mudá-las para sempre.

Recheado de imagens evocativas, suspense e complexidade emocional, *A Mulher no Expresso do Oriente* explora o laço de irmãs forjado pela partilha da dor e dos segredos.

Mais informações em
www.sde.pt